#1 *NEW YORK TIMES* BESTSELLING AUTHOR

JODI ELLEN MALPAS

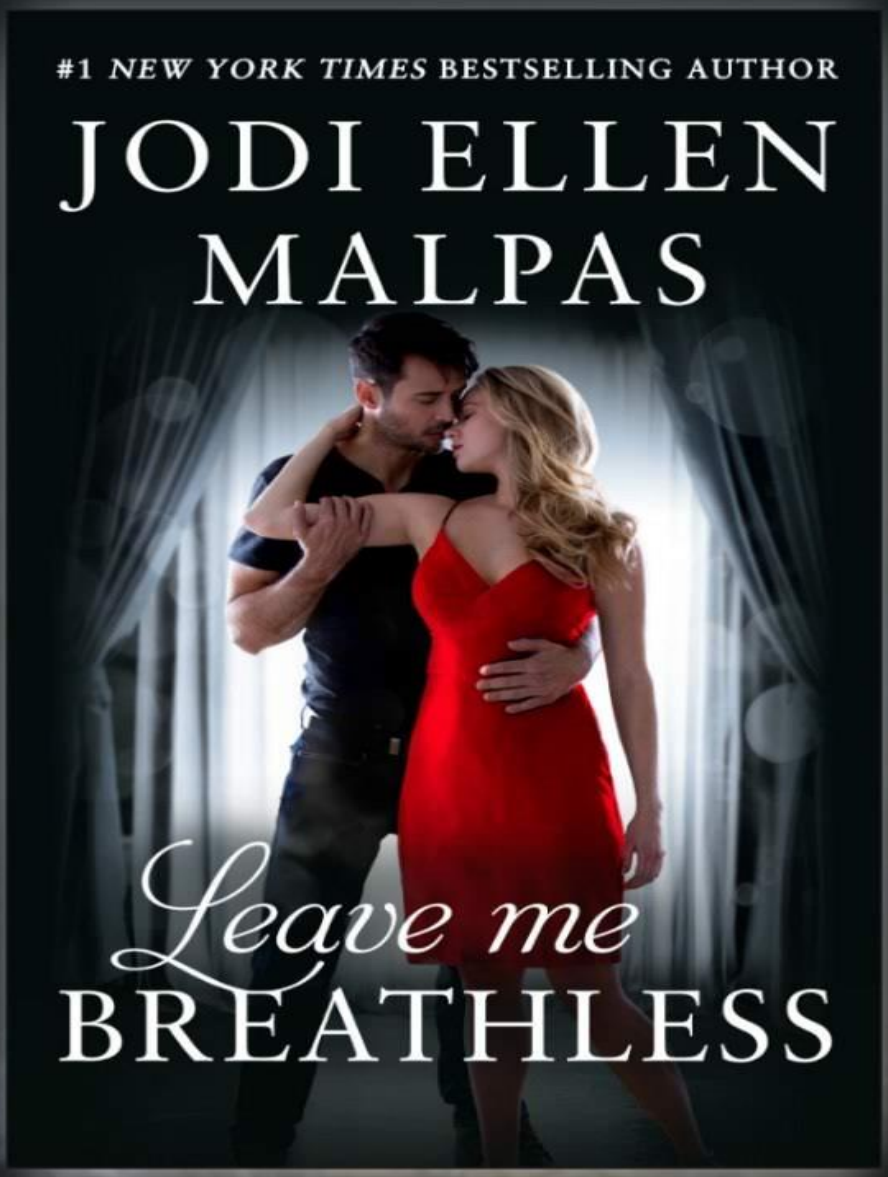


Leave me BREATHLESS


1 Ano
Wicked
Lady

WICKED LADY
1 ANO

Lançamento



Único

Sinopse

Ryan Willis passou anos no ramo de proteção, um trabalho que requer vigilância constante e raciocínio rápido. Sua única chance de realmente relaxar, é em sua cabana isolada em uma pequena cidade onde nunca há surpresas.

Então, quando Ryan retorna após uma missão e encontra uma bela estranha, ele não está apenas surpreso, ele também fica intrigado instantaneamente.

Hannah Bright é uma lufada de ar fresco, e Ryan logo está completamente consumido, incapaz de parar de se apaixonar por ela. Conforme os dois se aproximam, seu instinto lhe diz que algo está errado.

No entanto, nada pode prepará-lo para o que ele descobre quando começa a cavar em seu passado.

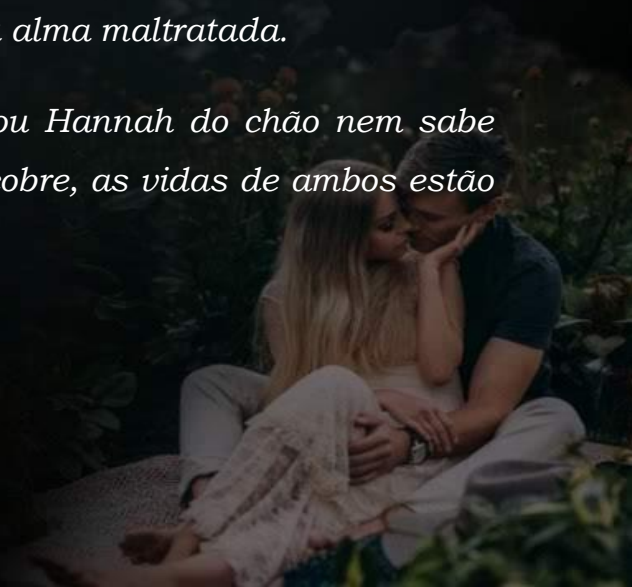
Hannah passa seus dias pintando, administrando sua loja de artes e artesanato... e escondendo muitos segredos.

É por isso que ela não deixa o guarda-costas robusto e bonito chegar muito perto. Mas a química deles é inegável, e Hannah rapidamente se vê envolvida em um romance turbulento com Ryan.

Ele é a paz personificada, um bálsamo para sua alma maltratada.

No entanto, o homem lindo e cativante que tirou Hannah do chão nem sabe quem ela realmente é. E no momento em que ele descobre, as vidas de ambos estão em risco.

Leave me BREATHLESS
JODI ELLEN MALPAS



Dedicatória

Para meus leitores.

Sem vocês, sou apenas uma mulher com uma louca e hiperativa imaginação.

Obrigada por estarem no meu mundo.

JEM x

1

Ryan

Algo não está certo. Eu deixei o MI5 há dez anos, mas meu sexto sentido ainda é tão forte como nunca, uma espécie de detector de perigo, e estou detectando perigo agora. Minha pele está formigando. A adrenalina começando a bombear através das minhas veias.

Examino a vizinhança do lado de fora da casa de nossa cliente, sem ver nada incomum. Não houve nada fora do normal desde que nossa agência de segurança pessoal aceitou o contrato há duas semanas. Nossa cliente, uma modelo canadense com um stalker dedicado partirá para o aeroporto a qualquer momento com sua filha de seis anos. Seria uma tragédia da porra a essa altura se deparar com uma ameaça.

Meu parceiro, Jake, também está tenso, com seus grandes ombros erguidos, enquanto inspeciona a rua além do portão de ferro que separa esta casa do resto de Londres. Ele está quieto. Eu estou quieto.

— Ei. Jake — eu chamo, observando o grandalhão lentamente dar alguns passos para longe do portão até estar na porta comigo.

— Há um Audi preto do outro lado da rua. — Ele olha para o telefone. — Janelas escurecidas. Está lá há mais de uma hora e o motorista não saiu.

Eu sabia disso. — Você checou com Lucinda? — Vou até os portões para dar uma olhada, vendo o RS 7 estacionado na estrada, a janela do passageiro abre uma fresta.

— A placa é clonada. — Jake confirma o que eu temia.

Verifico a esquerda e direita casualmente. — E aqui estava eu pensando quão fácil esse trabalho estava sendo. — Afasto-me, sentindo o peso da minha Heckler pressionando a base da minha espinha. Porra, eu não tenho que sacar minha arma há anos. Sim, esse trabalho tem sido chato como a merda, assim como todos os outros nos dez anos que servi na agência, mas o chato é seguro. Chato significa que eu chego vivo em casa nos Hamptons.

Jake olha por cima do ombro quando a porta da frente se abre e nossa cliente emerge com a filha. — Warren, vamos ter que pedir para você voltar para dentro por alguns minutos, — meu parceiro diz friamente.

Ela pisca surpresa. — Mas meu avião sai em duas horas. — Há pânico em sua voz, e ela examina a rua. — Existe algum problema?

— Vamos levar você de volta para dentro. — Jake diz suavemente, caminhando em sua direção e pegando a mão da garotinha, levando-a de volta para casa com a mãe.

Os olhos da senhorita Warren passam entre os meus e os de Jake, claramente tentando encontrar uma resposta para sua pergunta. Então ela abre a boca para falar, mas rapidamente pensa melhor, virando-se para a filha e agachando-se. — Querida, acho que deixei Paddington no sofá. Por que você não vai buscá-lo?

— Ok. — A garotinha volta correndo para a sala, e a Srta. Warren se levanta, virando-se para nós. — Por favor, me diga o que está acontecendo.

— Há um veículo não identificado do outro lado da rua que precisamos conferir, — explico.

Seus olhos se arregalam imediatamente, ela inspira alto. — Oh meu Deus, é ele. — Olho para Jake, me perguntando se ele está sentindo o que eu estou sentindo.

— Ele, seu stalker? — Ele pergunta, confirmando também suas suspeitas.

Ela começa a piscar rapidamente, as mãos tremendo enquanto coloca o cabelo atrás da orelha. — Sim. — Ela desvia o olhar e não consigo mais guardar meus pensamentos para mim.

— Senhorita Warren, há mais alguma coisa que devemos saber?

— Eu não tenho um stalker, — ela sussurra mais ou menos, com os olhos nublados ao encontrar coragem em si mesma para olhar para nós. — Eu tenho um ex-namorado que é um indivíduo inconveniente e faria qualquer coisa para me machucar.

Eu recuo. — Por quê?

— Porque eu o deixei.

— Nome? — Jake exige indo direto para o telefone. Observo enquanto ela respira como se estivesse se preparando para nos dizer. Nada sobre isso parece bom.

— Corey Felton.

— O que? — Eu deixo escapar, torcendo para ter ouvido errado. Jake amaldiçoa baixinho, batendo no telefone com o polegar. — O narcotraficante?

Ela só consegue assentir, e eu vejo um milhão de desculpas em seus olhos. Jesus Cristo, Corey Felton é

procurado em dez países por vários crimes. Mas ele é ilusório. Intocável. E, a julgar pelo medo que vejo nos olhos da senhorita Warren, ele é tão desagradável quanto os boatos sugerem. — A polícia não me ajudaria, a menos que eu ajudasse nas investigações, — ela se apressa a explicar. — Só preciso voltar para o Canadá e sei que ele fará qualquer coisa para me impedir. — Warren volta a espiar por nós até os portões.

— Vamos levar você e sua filha ao aeroporto em segurança, não se preocupe. — Dou-lhe o meu melhor sorriso tranquilizador, e ela assente, recuando e fechando a porta.

— Qual é o problema? — Eu pergunto quando Jake olha para o telefone.

— O backup está a caminho. Se for ele, precisaremos.

Se for ele? — Claro que é ele. — Meu sangue queima com adrenalina. — Você está pronto para a ação? — Eu pergunto enquanto caminhamos de volta para o portão.

— Se eu não chegar a casa para Cami e Charlotte inteiro, ela virá atrás do seu sangue, você sabe disso, certo?

— Eu sei, — digo baixinho, meus olhos fixos no Audi preto do outro lado da rua. Jake e eu somos como velhos amigos, embora trabalhássemos juntos apenas nos últimos dois anos. Jake ter um parceiro era uma condição estabelecida por sua

esposa, se ele quisesse permanecer no negócio. Eu era o homem perfeito para o trabalho.

Deslizo para a calçada - no momento em que nosso caminhão reserva derrapa para a rua. — Sutil, — murmuro.

— Ele está no submundo há anos, — diz Jake, juntando-se a mim. — Toda força policial daqui até os Estados Unidos o quer.

Assim que começo a andar em direção ao RS 7, estendendo a mão para puxar minha Heckler, o grunhido do motor da Audi começa. Um zumbido de excitação que eu não sinto há anos vem sobre mim, não importa o quanto eu tente empurrá-lo de volta. Ele está prestes a fazer sua fuga.

Apenas deixe o backup lidar com isso, digo a mim mesmo. *Não há necessidade de dar uma de Jason Bourne no meio de Londres.* Mas minhas pernas se movem mais rapidamente por vontade própria, minha corrida leve se transformando em uma corrida completa. Corro pela rua em direção ao Audi, ouvindo as buzinas dos carros e o ruído dos pneus, enquanto ele tenta se afastar do meio-fio para o tráfego que se aproxima. Não chega muito longe, forçando uma colisão entre um ônibus e um BMW. Mas o ônibus começa a dar marcha à ré para liberar espaço para o Audi sair. Escapar. *Foda-se, não.*

O maldito terno que eles insistem que eu vista me atrapalha, corro para a estrada, avistando um táxi preto vindo

direto em minha direção. O motorista se joga de volta em seu assento, se preparando para o impacto. — Merda, merda, merda.

— Ryan, que porra você está fazendo? — Jake ressoa atrás de mim. Eu mantenho meus olhos à frente, observando enquanto o táxi se aproxima cada vez mais, o estridente som de seus pneus ensurdecendo. — Ryan!

No último segundo, o motorista gira o volante e um estrondo mais alto explode quando bate no Audi, assim que ele se liberta na linha de tráfego, bloqueando-o novamente entre a BMW e o ônibus. Sem sequer parar para pensar, abro a porta traseira do táxi e deslizo para o outro lado, ignorando o rosto atordoado de um empresário no banco de trás, com o telefone no ouvido.

O Audi começa a dar ré, batendo no carro estacionado atrás dele, mas para quando a equipe de apoio para ao nosso lado. — Indo para algum lugar? — Abro a porta, pego o motorista e o levo para fora, minha arma imediatamente enfiada sob seu queixo.

— Foda-se, — ouço Jake dizer atrás de mim, assim que registro que o homem que prendi na lateral do Audi mutilado não é Corey Felton.

Percepção me bate como um tijolo. — É uma distração! — Eu grito, liberando-o e me jogando por cima do capô do carro.

No momento em que eu fico de pé, começo a correr, meu foco definido. *Filho da puta.*

Estou de volta a casa em segundos, chutando a porta da frente aberta, meus braços completamente à minha frente, minha arma firme em minhas mãos.

Senhorita Warren corre para o corredor, frenética. — O que está acontecendo? — Ela para de repente quando me vê. Ela está inteira. Ainda aqui. Então...

— Onde está sua filha? — Eu pergunto.

— Oh meu Deus. — As mãos dela vão para a boca, os olhos arregalados. — Ele a levará. Ele a usará para me manter.

Meu queixo fica tenso quando Jake aparece, e eu aceno com a cabeça, dizendo-lhe para tirar Senhorita Warren daqui, assim que o barulho de uma porta se fechando soa nos fundos da casa. Estou voando pelo corredor e, no momento em que entro na cozinha, sinto algo pressionar minha têmpora. Eu congelo.

— Largue a arma, — ele diz calmamente, e eu imediatamente abaixo a arma para o meu lado, vendo a garotinha pelo canto do olho, sendo segurada na frente dele. Meu cérebro trabalha rápido, observando a posição dela, a posição dele, a força dele, o medo dela.

É agora ou nunca. *Largue a arma, Ryan!* Mas eu sei que no segundo em que minha arma estiver fora do meu alcance, eu estou fora do jogo, e a menininha desaparecerá. Sinto meus músculos tremerem. Minha frequência cardíaca aumentar. Meus olhos voltam a se concentrar. *Agora ou nunca.*

Meu braço voa rápido, engatando para trás e derrubando a arma enquanto me viro e agarro seu braço, libertando a garota antes de empurrá-lo contra a parede, batendo sua mão no gesso e ele solta a arma. Deus, não há nada que eu adoraria mais do que rasgá-lo, o idiota... mas há a garota. Então eu relutantemente chuto seus pés e o levo para frente, imobilizando-o com os braços nas costas. Ele choraminga como um bebê, enquanto eu olho para a menina, dando-lhe o meu sorriso mais arrojado. — Os bandidos sempre são pegos, — sussurro e ela sorri me enchendo de alívio quando olho para a porta, desejando que o backup se apresse, porra. — Ele machucou você, querida?

Sua cabecinha balança de um lado para o outro e ela me apresenta um urso. — Mas ele pisou em Paddington.

— Ele fez? — Estremeço por coincidência no momento em que Jake entra na sala, parecendo pronto para atacar. Ele logo me encontra no chão. — Oi, — eu digo, sorrindo para ele. — Tem algemas?

Ele visivelmente relaxa e grita pelo corredor em busca de apoio, e rapidamente nos juntamos a mais seis homens, todos de coletes a prova de balas, todos armados. — Por que demorou tanto? — Eu pergunto secamente, deixando que reivindiquem minha presa. Me levanto, limpo a poeira das roupas e enfio a arma na cintura da calça. — Vamos lá, você. — Pego a garotinha nos meus braços. — Vamos levar você e Paddington de volta à mamãe. — Ando pela cozinha e ouço a senhorita Warren antes de vê-la, chorando.

— Oh! Graças a Deus! — Ela dispara na minha direção e agarra sua filha, apertando-a com força.

— Ela está bem.

Ela sorri para mim com os olhos vidrados. — Obrigada.

— Só um dia normal de trabalho, — minto, dirigindo-me à multidão para encontrar um pouco de ar. Eu chego lá fora, ouvindo os gritos furiosos de Corey Felton enquanto vou, e me apoio contra uma cerca, meu coração ainda está louco no meu peito.

— Que porra você estava pensando? — Jake grita, pisando em minha direção, e assim minha adrenalina drena do meu corpo e eu pisco algumas vezes, me controlando. — Você deveria ter deixado o backup lidar com isso, pelo amor de Deus, Ryan.

— Sim, sim, — eu respondo, não precisando que Jake chutasse minha bunda. De repente, eu mesmo estou fazendo um ótimo trabalho. Porra, o que eu *estava* pensando?

Jake deve notar meu súbito tremor, porque ele envolve um braço em volta do meu ombro em um suspiro e começa a nos levar até os portões. — Você é um maldito rebelde.

Ele está certo, eu sou. — Acho que isso nunca te deixa, huh?

— E estúpido. Você poderia ter sido morto.

— Estou respirando, não estou?

— Sim. E agora você vai sentir uma forte dor de cabeça.

Eu bufo. Vindo de Jake Sharp, isso é divertido 'pra' caralho. Além disso, não é minha culpa que não tenhamos recebido toda a história. — Eu posso lidar com uma dor de cabeça. — Estou lutando para lidar com o quão estúpido eu acabei de ser. Maldito instinto. Eu preciso de uma bebida.

— Você mais do que todas as pessoas sabem que, quando você se importa com alguma merda, cuida de si mesmo, — Jake me lembra.

— Tudo bem, você pode parar de me dar sermão agora.

Ele me libera quando chegamos aos portões. — Não é só você que está se colocando em perigo, — ele murmura de mau humor.

Culpa. Mais disso me atinge como um soco no estômago. A esposa de Jake está muito grávida e agora ela se preocupa ainda mais toda vez que ele sai para o trabalho. — Como está Cami?

— Pronta para parir. — Suas bochechas inflamam, e eu rio um pouco. — Faltam três semanas.

— Animado?

Ele fica quieto por um segundo, e eu sei o porquê. Ele era um lobo solitário por tanto tempo, inundado por seus demônios. Ele teve um tempo difícil. Passei tanto tempo com Jake nos últimos dois anos que não tivemos escolha a não ser nos dar bem. Ele falou. Eu escutei. Ele merece sua felicidade. — Sim, — ele finalmente diz, olhando para mim. — Estou ansioso para fazer isso direito desta vez.

E aqui estou eu nos colocando em perigo desnecessário. Eu levanto e dou um tapa em seu ombro, todo viril, como sempre faço quando as coisas ficam um pouco profundas de tempos em tempos. — Cerveja depois? — Eu pergunto, acenando para o pub do outro lado da estrada.

— Estou dentro.

Nós dois paramos quando vemos o carro de Lucinda virar na esquina. Foda-se, esse carro soa irritado. Eu olho para Jake do mesmo jeito que Jake olha para mim. — Cerveja agora? — Eu pergunto me afastando da nossa supervisora ardente que está prestes a ficar impetuosa na minha bunda.

Jake está comigo, nós dois nos afastamos. Ninguém quer estar perto de Lucinda quando ela está atrás de sangue, e ela está atualmente atrás do meu. Então, eu estou correndo assustado.

Entramos em um espaço calmo, com apenas alguns clientes espalhados. — Duas Buds, obrigado. — Jogo uma nota no bar e puxo dois banquinhos. Nós dois estamos em silêncio enquanto o barman entrega nossas bebidas, refletimos, e brindamos com as garrafas e bebemos juntos, soltando suspiros apreciativos ao mesmo tempo. Eu nem sequer coloquei minha garrafa para baixo antes de Lucinda entrar e examinar o bar. Oh garoto. Ela nos encontra, e eu recuo um pouco, seu olhar implacável me fazendo encolher.

— Eu deveria saber. — Ela passa por nós em direção ao fundo do pub. — Venham.

Olho para Jake, que está no meio de um revirar de olhos épico. — Se eu não gostasse tanto dela, diria para ela se foder pelo menos dez vezes por dia. — Ele desce do banco e eu sigo com uma risada leve.

Pegando um lugar no lado oposto da cabine dela, sentamos como bons garotinhos e esperamos que ela arranque nossas bolas. Afinal, nós merecemos. Ou pelo menos, eu sim. Jake não tem nada a ver com o meu lapso momentâneo em foco.

Dois minutos depois, nossa supervisora ainda está fazendo algo no seu telefone, Jake e eu ainda temos nossas bolas. Eu olho para Jake. Jake olha para mim. Eu dou de ombros. — Bebida? — Eu pergunto a ela.

Lucinda me lança um olhar imundo, e lá se vão minhas bolas. — Não me teste, Ryan, — ela retruca. — Você já me deu uma puta dor de cabeça hoje.

Sento-me, ficando a uma distância mais segura quando ouço Jake rir. — Só perguntei se você queria uma bebida. Além disso, quem sabe onde aquela garota estaria agora. Eu tive que agir rápido.

— O que? — Lucinda diz com uma risada. — Fazendo um alvoroço nas ruas de Londres ostentando sua arma de fogo?

— Tenho certeza de que os chefões da polícia serão bonzinhos com você, já que um de seus homens pegou um homem que eles perseguem há anos. — Eu sorrio docemente, e ela atira seu olhar de fogo na minha forma murcha de um metro e oitenta e três, segurando a mão no ar pela atenção do barman.

— Um latte. — Ela pede. E então o silêncio cai, nem Jake nem eu dispostos a preenchê-lo, enquanto eu giro minha garrafa lentamente sobre a mesa.

Lucinda finalmente empurra um arquivo sobre a mesa e eu olho para ela. — O que é isso? — Eu pergunto.

— Seu próximo contrato.

— Tempo livre, — eu a lembro. — Estou indo para casa por algumas semanas.

— Casa? É no meio do nada. — Ela ri. — Chato como uma merda. Duzentos moradores, algumas lojas, um pub e uma escola. Por que diabos você gostaria de voltar para lá? O que você vai fazer?

— Isso não é da sua conta, — cuspo, sentindo os olhos de Jake caírem no meu perfil. Ele sabe o que eu farei. E ele é o único. É o que acontece quando você passa tanto tempo com uma pessoa. Você diz a eles merda. — Estou indo para casa, e é isso, — digo com final feroz, e Lucinda cai de volta no assento enquanto o café pousa na mesa.

Sem agradecer ao garçom, ela derrama uma dose saudável de leite, pega-a e engole de uma só vez, nunca tirando seu olhar letal de mim. Ela pode ir para o inferno. Estou indo para casa em Hampton e é isso. Ela pode encontrar alguém para fazer o

próximo contrato. E nesse exato momento, ela vira os olhos para Jake.

Ele imediatamente começa a sacudir a cabeça. — Esqueça. Tenho um bebê para daqui a algumas semanas.

— É um contrato de duas semanas.

— Não. — Ele bebe sua garrafa de cerveja. — Prometi a Cami que este era o último trabalho.

— E se eu disser que vou dar um chute na sua bunda idiota?

— Você fez isso anos atrás. Agora tenho mais medo da ira de Cami do que da sua, então vá para o inferno, Luce. — Jake brinda com um sorriso sarcástico enquanto ela bufa seu desgosto. Eu me pego sorrindo. Lucinda ama Cami. A esposa de Jake é a única mulher no planeta que nossa supervisora realmente gosta.

— Acho que você terá que encontrar outra pessoa, — penso, tocando minha garrafa com a de Jake. — Nós estamos fora. — Eu assisto enquanto ela respira, seus olhos se estreitando para fendas assustadoras e lentamente se arrastando para mim. Meu sorriso cai quando ela me entrega outro arquivo. — O que é isso?

— Você disse que vai voltar para casa por algumas semanas. Este é o seu trabalho quando você voltar a Londres. É um caso agradável, chato e de baixo risco.

— Você disse que a senhorita Warren era de baixo risco, — aponto enquanto olho para o arquivo em papel, minha mente repetindo a última hora. Estremeço quando meu coração bate um pouco mais rápido. Estremeço mais quando vejo o rosto de Alexandra em meus olhos. — Estou passando, — declaro, olhando para Lucinda. Como eu esperava, o rosto dela é uma imagem de choque. — Estou fazendo uma pausa na carreira.

— O que?

Também posso sentir o olhar atordoado de Jake em mim. — Eu terminei com este jogo, — digo a ela. Não importa o quão cuidadoso eu seja. Hoje foi a prova de que o perigo tem uma capacidade estranha de me encontrar, e claramente meu instinto de brigar com ele não me deixou. Estou ciente de que este contrato poderia ter terminado de maneira muito diferente.

As narinas de Lucinda se alargam enquanto ela retira o arquivo. — Ligo quando você estiver pensando direito. — Ela se levanta e sai do bar, e ainda sinto os olhos de Jake em mim.

— O que? — Eu pergunto sem olhar para ele.

— Você está falando sério?

— Mortalmente sério. — Eu tomo um gole da minha cerveja.

— O que você vai fazer?

— Trabalhar na minha casa. Talvez construa mais um pouco. — Eu dou de ombros para mim mesmo. Sou bom com minhas mãos. Construí meu próprio lugar na floresta a partir do zero. Eu sempre pensei em comprar um terreno e construir uma coleção de propriedades. Agora é a hora de fazê-lo. Eu trabalhei em alguma forma de proteção por quase vinte anos. Terminei.

— Parece bom, — diz Jake quando o telefone toca e ele atende. — Ei. — Eu posso dizer pelo tom de sua voz quem é, e sorrio para mim mesmo. Ele é um desgraçado no trabalho, mal-humorado e difícil de ler para a maioria, mas é mole quando lida com a esposa e a filha. — Não, você não pode estar. — A bunda de Jake levanta da cadeira rapidamente. — Cami, estou do outro lado de Londres. Estou tomando uma cerveja e é muito cedo, porra! Nós deveríamos estar indo para o campo.

— Desculpe. — Eu a ouço respirar. — Vou dizer a esse bebê que espere até que papai termine sua cerveja, devo? — Alguns movimentos apressados. — A parteira chega em cinco minutos.

— Foda-se, — ele amaldiçoa, virando-se e saindo correndo do bar.

— Jake! — Eu grito, indo atrás dele, abandonando as duas cervejas que quase terminamos. — Jake, espera.

— Cami está em trabalho de parto, — ele grita por cima do ombro, saindo em disparada pela estrada. — Eu tenho que chegar em casa.

— Eu vou te levar. Você será morto no estado em que está.

Ele me lança um olhar indignado. — Estou bem.

— Sua testa não concorda. — Eu aponto, e ele chega para limpar o suor. — Entre na caminhonete. Eu sou um motorista melhor que você, mesmo.

— Vai se foder.

Eu rio, caindo no banco do motorista. — Tem alguém com ela? — Saio do acostamento rapidamente e dou uma acelerada pela rua, entrando e saindo do trânsito.

— Uma amiga. Heather. — Ele vai direto para o telefone e, alguns segundos depois está falando novamente. — Estou a caminho. Como ela está? — Jake fica quieto por alguns momentos, e minha atenção se divide entre ele e a estrada. O cara sempre foi tenso, mas está fora do normal no momento. — Devo demorar meia hora, dependendo do trânsito. Ela pode esperar tanto?

Viro à direita e navego através de um sinal vermelho.

— Na verdade, vinte minutos, — acrescenta Jake. — Coloque-a no telefone.

Outro grito agudo, e Jake acena para outro semáforo que estão atualmente no amarelo. Pego a dica dele e desvio de alguns carros na frente, colocando o pé no acelerador.

— Ei, anjo, — ele respira, e eu sorrio, a suavidade em sua voz fazendo meu grande corpo derreter um pouco. — Ryan está dirigindo perfeitamente, — ele assegura, virando os olhos para mim. — Sim, eu direi a ele. Apenas respire como praticamos, ok? Você consegue. Cadê a Charlotte? — Seu sorriso é épico enquanto ele ouve Cami. — Parece que você está em boas mãos. — Ele pula na cadeira quando o som de um grande grito enche o caminhão, e eu olho para ele, olhos arregalados. — Concentre-se na estrada, — ele resmunga, colocando o telefone no viva voz. O som do lamento de Cami desaparece, e eu a ouço começar a ofegar.

— Ooh, esse foi cruel, — ela suspira.

— Papai! — A voz de uma garotinha aparece no telefone, soando excitada em vez de ansiosa.

— Ei, princesa. — O tom de Jake ficou ainda mais suave, e seu corpo praticamente se dissolve no assento ao meu lado. — Você está cuidando de Cami por mim?

— Sim. Ela está suando muito, no entanto. E ela está realmente vermelha.

— Ela ficará bem. Estarei aí o mais rápido possível, ok?

— É melhor você se apressar, pai.

— Estou apressado, princesa. — Ele bate na porta quando eu deslizo pela esquina, xingando quando bate a cabeça no vidro. — Confie em mim, estou correndo. Te vejo em breve. — Jake desliga a ligação e esfrega a testa, apoiando a outra mão no painel. — Vá mais rápido, Ryan, — ele murmura sarcasticamente, enquanto eu passo por uma Ferrari sofisticada, o motorista me mostrando o dedo. Bato minha buzina em resposta e me concentro em levar meu companheiro para sua esposa antes que seu bebê chegue.

Não posso afirmar que Jake não está traumatizado no momento em que paro do lado de fora da casa deles no oeste de Londres, mas sei que ele não perdeu o nascimento. Jake sai depois de me dar seu habitual tapa de apreciação no ombro. — Obrigado, companheiro.

— Me liga! — Eu grito quando a porta bate e ele corre pelo caminho. — E boa sorte, amigo, — digo para mim mesmo, observando-o entrar pela porta da frente.

Sento-me lá por alguns momentos, ocioso no meio-fio, apenas refletindo sobre algumas coisas em minha própria vida.

Não que haja muito em que refletir. Só uma coisa. Eu sorrio e me afasto, pronto para tirar minha bunda do apartamento de merda em que estou dormindo por muito tempo e ir para casa.

2

Hannah

Raios de luzes dançam pela pista de terra diante de mim, pulando enquanto o vento sussurra acima do dossel das árvores. Eu olho para cima, apertando os olhos, deixando o som da brisa nas copas das árvores me hipnotizar. O balanço dos galhos, o rangido da madeira velha, o brilho amarelo-alaranjado tentando abrir caminho pelas folhas. É tudo tão perfeito.

É casa. Pelo menos por enquanto.

Eu caminho em direção à ponta da colina, empurrando minha bicicleta junto com meus pés até que a roda dianteira afunda levemente. Então, chutando minhas pernas para os lados, jogo a cabeça para trás e deixo a gravidade assumir o controle, acelerando na colina com uma risada, os sons da minha alegria ecoando pela floresta. O vento no meu rosto é glorioso, o zumbido de ar passando por mim purificando.

Estou me aproximando do final da encosta muito mais rápido do que gostaria, levantando nuvens de poeira no meu

caminho. A cesta na frente da minha bicicleta pula quando a estrada de terra encontra a seção pavimentada, enviando algumas das framboesas que peguei a catapultar no ar. — Ah, merda. — Uma me bate na testa, as pontas do meu lenço na cabeça chicoteando nas minhas bochechas. Eu rapidamente puxo-o para fora, colocando-o no bolso antes que o vento o leve embora.

— Boa tarde, Hannah, — chama a Sra. Hatt, enquanto passo por ela em direção à pequena ponte que atravessa o rio em direção à cidade. Gatos circulam seus pés enquanto ela caminha pelo caminho de tijolos até a porta da frente de sua casa, cheia de sacolas de compras.

— Boa tarde! — Eu grito, recuperando rapidamente o guidão com as duas mãos quando deslizo por um pedaço de grama com terra, fazendo-me balançar. Perco um pouco de velocidade ao subir a ligeira inclinação da velha ponte de pedra, mas a recupero depois de ultrapassar o topo. Passando pela igreja da cidade, vejo o padre Fitzroy no pequeno cemitério que circunda o edifício antigo, espanando as lápides com uma vassoura. — Boa tarde, padre.

Ele gira, se virando para me seguir na minha bicicleta enquanto passo. — Boa tarde, Senhorita Bright. — Ele segura sua vassoura antes de voltar à sua tarefa.

Sou forçada a usar os freios quando me aproximo de um grupo de crianças em idade escolar que esperam para atravessar a rua e diminuo a velocidade, sorrindo, enquanto elas são levadas para o outro lado pela professora. — Boa tarde, — ela canta, puxando uma criança de volta para a fila.

— Oi. — Eu aceno, rindo quando o garoto perdido se perde novamente. Há apenas dez crianças, e isso representa vinte por cento dos alunos da escola. É o que eu amo nesta cidade. É pequena. Também é aconchegante, amigável e segura.

Assim que as crianças atravessam, eu paro e começo a pedalar vagarosamente mais uma vez em direção ao enorme lago que marca o início da rua principal. O pub é o primeiro edifício à esquerda, seguido por uma fileira de pequenos chalés e depois um posto de gasolina ao final. À direita, uma fileira de lojas, começando pela loja da cidade – que vende de tudo, de leite a chaves de fenda – e terminando em uma agência dos correios. E no meio, o café da Sra. Heaven e, finalmente, minha loja. Minha linda, pequenina loja de artesanato.

Eu paro do lado de fora e jogo minha perna sobre a bicicleta, encostando-a em um poste de luz próximo, e encaro a nova placa que foi instalada recentemente. Eu sorrio.

— Não há muita necessidade de arte nessas regiões, amor, — alguém diz por trás, e me viro para encontrar um velho de cabelos grisalhos e barba longa. Sua camisa quadriculada verde

está pendurada nas cordas marrons, as mãos apoiadas nas alças de um carrinho. Ele está olhando para o novo letreiro da minha loja.

— Sinto muito, acho que não nos conhecemos, — digo, aproximando-me dele.

— O nome é Cyrus. — Ele tira o palito da boca e aponta para minha loja. — Espero que você não esteja planejando ganhar milhões.

— Não milhões, — eu lhe asseguro. — Apenas o suficiente para viver. — Ficarei bem por mais um ano ou dois, mas o dinheiro que me resta está acabando. Então é hora de começar a fazer alguns para mim.

Cyrus me encara, me olhando de cima a baixo algumas vezes. — Você parece o tipo criativa.

Eu rio. — E como é o tipo criativa?

— Bagunçada. — Colocando o palito entre os dentes, ele puxa uma vassoura do carrinho e começa a escovar na calçada. Franzo a testa e olho para os meus jeans, vendo algumas gotas de tinta. E então eu puxo minha camiseta branca. Mais manchas de tinta. — Está até nas suas chinelas. — Cyrus ri, deslizando a vassoura de volta para o carrinho e pegando as alças.

— Você quer dizer chinelos?

— Quero dizer o que quero dizer. — Ele começa a empurrar seu carrinho pela rua, as rodas rangendo enquanto ele anda, e eu puxo meu cachecol vermelho do bolso da minha calça, estendendo a mão para colocá-lo novamente, amarrando um grande laço com força em cima.

— Ei, senhora Heaven, — chamo quando a vejo sair de seu café.

— Olá, Hannah. — Ela me segue até minha loja. — Trouxe um bolinho para você.

— Você vai me engordar, — digo enquanto ela me entrega, e dou uma mordida, gemendo um pouco. Os muffins de mirtilo da Sra. Heaven são realmente o paraíso.

Ela ri e limpa as mãos no avental. — Você poderia ter um pouco de carne nesses seus ossos.

— Você está de brincadeira? — Eu digo através da minha boca cheia. Estou mais curvilínea do que já estive. Estão longe os dias em que eu cuidava do que comia. Ou me dissessem o que eu podia comer.

— Alguns quilos não vão machucá-la. — Ela pisca com um sorriso travesso. — Como você está se ajustando?

Eu ando até a última das minhas caixas de estoque e pego a borda da fita. — Ótima, obrigada. Só mais algumas caixas para desfazer antes de eu abrir oficialmente. — Começo a puxar

os pincéis, colocando-os em vasos na prateleira próxima, em ordem de tamanho e tipo.

— Que emocionante para você, Hannah, — ela diz. — Me certificarei de contar a todos os meus amigos sobre o seu trabalho. — A Sra. Heaven caminha pelo comprimento de uma parede, onde muitas das minhas pinturas de paisagens estão penduradas. — Uma jovem talentosa. Você sempre pintou?

Eu desço do banquinho. — Sim, — eu digo, porque é a resposta mais fácil de dar.

Ela cantarola, inclinando a cabeça de um lado para o outro. — Eu amo este. — Dou a volta na mesa do caixa enquanto ela estuda minha última criação, um óleo sobre tela de um vale próximo que pintei na semana passada.

— Ficaria lindo na parede do seu café, — insisto, não tão sutilmente.

— Bem, quando eu tiver dinheiro sobrando, posso comprar de você.

— Farei um acordo especial para você, — digo enquanto a sigo até a porta e a abro para ela. Ela ri enquanto cutuca minha bochecha. Ela está sempre rindo ou sorrindo. Ela é a dama mais doce. — Até mais, senhora Heaven.

— Tchau, Hannah.

Dirijo-me ao sol com ela e enfio as mãos nos bolsos, observando enquanto ela se abaixa e pega uma embalagem de doces. — Eu não sei, — ela suspira, colocando-a em uma lixeira próxima. — Por que as pessoas insistem em desarrumar nossa adorável cidadezinha?

Ela está certa. É realmente uma cidade encantadora. É quase uma pena não poder ficar aqui para sempre. Respiro o ar limpo da primavera, abro a porta e volto a desfazer as malas.

Às cinco horas, terminei e fico olhando para os salpicos de cor em todos os espaços disponíveis. Está confuso, um tipo charmoso de bagunçado, exatamente como planejado. Como eu sempre sonhei que minha própria loja de arte seria. — Perfeito.

Pensando em comemorar minha conquista, tranco a porta da loja e vou para a cozinha para pegar a garrafa de vinho que comprei, antes de subir para o meu apartamento e relaxar. Abrindo o frigobar, pego a garrafa de vinho branco barato... e quase largo a maldita coisa quando um estrondo faz com que eu pule.

Eu giro. O que é que foi isso? — Olá? — Eu ligo, colocando cegamente minha garrafa de vinho em um balcão próximo. Ninguém responde, e eu amaldiçoo meu coração por bater tão forte. Contornando a porta que leva de volta para a loja, eu engulo e espio cautelosamente ao virar da esquina.

Ninguém.

Passo pela caixa, examinando todos os cantos da minha loja e paro de me mexer quando vejo uma pilha de mini tintas espalhadas pelo chão, caídas da prateleira que eu apenas meticulosamente empilhei. — Merda! — Minha mão dispara em direção à parede, derrubando uma pintura, meu coração batendo no peito.

Miau.

— Jesus, — respiro quando um gato malhado monstro pula sobre a mesa de exibição no centro da loja, derrubando alguns potes de pincéis. Os barulhos se misturam com o sangue batendo nos meus ouvidos, e eu cambaleio para trás, minha mão descansando sobre o meu coração acelerado. Apenas um gato. É apenas um gato. Eu forço meus músculos a relaxarem enquanto repito o mantra repetidamente em voz alta. — De onde você veio? — Eu expiro, ao mesmo tempo com que um estrondo todo-poderoso soa atrás de mim.

Estou pulando assustada novamente, mais potes de pincéis tombando sobre a mesa enquanto o gato, obviamente assustado, também pula e corre em direção à porta. Olho para o outro lado e vejo uma mulher do outro lado, espiando, a mão na maçaneta.

Estou segura, digo a mim mesma. *Ninguém sabe que estou aqui. Ninguém sabe que eu estou em qualquer lugar.*

Corro e abro a porta para ela, ao mesmo tempo deixando o enorme gato malhado sair. — Oi, — digo enquanto nossos olhares seguem a fuga rápida do gato.

— Desculpe, eu assustei você?

Eu rio baixinho enquanto me viro e abaixo para recolher os pincéis espalhados por todo o chão. — O gato me assustou mais do que você, — eu digo, repreendendo-me novamente por ser tão irracionalmente nervosa.

A senhora vem se juntar a mim no chão, me ajudando. — Esse é o Timmy. — Ela sorri para o meu cenho franzido enquanto nós dois levantamos, nossas mãos cheias de vários pincéis. — O gato, — ela confirma, acenando com a cabeça em direção à porta. — Pertence à senhora Hatt. Se uma porta estiver aberta, ele se convidará a entrar.

— Vou me lembrar disso, — respondo com um sorriso.

Descansando os pincéis na mesa, ela me oferece sua mão. — Sou Molly. Eu ensino história na escola local. — Deixando meus pincéis, aperto a mão dela com um sorriso. — Bem, eu ensino inglês e matemática também. — Ela encolhe os ombros. — Escola pequena.

— Prazer em conhecê-la, Molly. Eu sou Hannah.

— Eu pretendia me apresentar desde que vi você se mudando há algumas semanas. — Molly dá uma olhada ao redor, parecendo impressionada. — Como está indo?

— Ótimo, obrigada. — Vou para as prateleiras e pego os potes de tinta que Timmy derrubou. — Mostrei alguns dos meus trabalhos em um show ontem e minha loja on-line também está funcionando agora.

— Oh, boa sorte com isso! Há alguns lugares bonitos por aqui para pintar.

— Há, — eu concordo. — É uma cidade adorável. Você mora aqui há muito tempo?

— Oh, eu sou uma prisioneira perpétua. — Molly ri quando ela se aproxima, me ajudando a arrumar os potes de tinta. — Eu amo isso aqui. — Seus olhos castanhos são grandes e redondos, um brilho amigável neles, e sua figura de ampulheta deve ser a inveja de mulheres próximas e distantes. Ela tem que ser alguns anos mais nova que eu, talvez vinte e tantos anos, e seu cabelo castanho-avermelhado está preso em um rabo de cavalo baixo e solto. — Você nunca vai querer sair.

Eu sorrio, certificando-me de que não está muito tenso. Talvez eu nunca queira ir embora, mas terei que ir, eventualmente. — Eu já não quero.

— De onde você veio? — Molly pergunta casualmente quando terminamos de arrumar a prateleira juntos.

Eu me calo automaticamente, mas rapidamente trabalho para me livrar do meu constrangimento. Não posso me transformar em uma pilha de nervos toda vez que alguém pergunta algo sobre mim. — Eu moro no exterior há anos. Decidi que era hora de voltar para casa. — Uma imagem da minha mãe passa pela minha mente e um nó se forma na minha garganta. *Sábado,* digo a mim mesma. *Eu posso vê-la novamente no sábado.* Eu pisco e olho para Molly.

— Bem-vinda de volta à Inglaterra.

— Obrigada.

Não sei se ela sente que não deveria me pressionar por mais, ou se está alheia à minha luta, mas sou grata da mesma forma por sua falta de bisbilhotice. Vagando pela parede oposta, ela examina as pinturas. — Então, espero que você possa me ajudar.

— Vou tentar.

— A professora de artes está doente, então eu vou cobrir a aula dela amanhã. Mas nunca recebemos os suprimentos que esperávamos esta semana. — Ela se vira para mim. — As crianças ficarão tão decepcionadas se não conseguirem pintar seus modelos de papel machê.

— Você precisa de tinta? — Eu pergunto, e ela assente.

— O suficiente para pintar vários planetas gigantes para o seu projeto de sistema solar. — Ela encolhe os ombros quando eu franzo a testa. — A professora de artes também é professora de ciências. Escola pequena. Fui à loja local e tudo o que eles têm são vários tons de creme e branco. São os anéis de Júpiter cobertos. — Sua expressão fica um pouco estranha quando eu rio.

— Realmente só guardo óleos e aquarelas, — digo enquanto gesticulo para a prateleira. — Eles são caros e você precisaria de muito para se espalhar pelo sistema solar.

— Porcaria. Estou com orçamento limitado. — Molly esvazia. — Não importa, eu vou apenas...

— Espere, eu tenho uma ideia que pode funcionar. — Vou para a cozinha e Molly me segue. Abrindo o armário superior, começo a vasculhar, puxando várias garrafas de corante alimentar. — Você me passaria aquela tigela? — Eu pergunto enquanto pego a farinha e o sal de outro armário.

— Estou intrigada, — diz Molly, enquanto me observa colocar duas xícaras de cada uma na tigela, seguidas por duas xícaras de água. Eu adiciono algumas gotas de corante vermelho e misturo tudo com uma colher de pau. — Isso é uma espécie de Marte. — Pego um recipiente e jogo na tinta caseira.

— Sua gênia, — Molly canta em suas palmas. — Onde você aprendeu isso?

— Quando eu era estudante, o dinheiro era pouco. — Deus, aqueles dias eram tão despreocupados. Eu estava tão feliz. E agora eu posso ser feliz novamente. — Você só precisa de muita farinha, sal e tempo, mas é barato.

Ela olha para o relógio e vejo um pequeno sobressalto passar por seu rosto. — Eu tenho que ir ao veterinário para pegar meu cachorro. A loja da cidade estará fechada quando eu terminar.

— Não me importo de ir à loja. — Eu ofereço mais do que feliz em ajudar. — E eu misturarei o resto das cores, se tiver pouco tempo.

— Oh meu Deus, você faria? Eu ficaria eternamente agradecida.

— Claro. — Eu dou de ombros para sua apreciação. — Não vai demorar muito. Espero que seu cachorro esteja bem.

— Oh, nada importante. Bem, eu digo isso. Tenho certeza de que Archie não concordaria quando ele acabou de cortar as bolas.

Eu rio, estremecendo por efeito. — Qual raça?

— Um labrador. Você prefere cachorros, ou gatos?

— Sou uma pessoa de cachorro. — Meu sorriso vacila quando vou para a pia e lavo a tigela de tinta vermelha. — Eu costumava ter uma cockapoo.

— Oh não, ela morreu?

Concordo, porque, novamente, é mais fácil. Ela não morreu. Disseram-me que minha vida não era adequada para um cachorro. Então ela foi levada para um abrigo de animais. — Doce. Ela era uma personagem astuta. Mas leal ao osso. E essa lealdade acabou sendo a causa dela ter que me deixar.

Coloco a tigela limpa no escorredor e seco minhas mãos com uma toalha de chá enquanto encaro Molly, sorrindo do nada. A simpatia estampada em seu rosto apunhala meu coração. — Sinto muito, Hannah. Só posso imaginar como você se sentiu. Eles se tornam parte da família tão rapidamente.

Aposto que ela não pode imaginar. — De qualquer forma. — Jogo a toalha de chá de lado. — É melhor eu ir até a loja antes que ela feche. Gostaria que eu deixasse as tintas assim que terminar?

— Você iria?

— Claro. Tenho certeza que você terá as mãos cheias com Archie. — Pego minhas chaves no balcão. — Onde você mora? — Saímos juntas da loja e tranco a porta atrás de mim.

— Se você passar pela escola, passar pela igreja e pela Sra. Hatt's e atravessar a ponte, verá uma pequena cabana afastada da estrada. Isso é meu. — Molly me surpreende com um abraço impulsivo. — Muito obrigada, Hannah. Nós vamos ter que tomar uma bebida juntas. Por minha conta.

— Isso seria adorável. — Não me lembro de uma época em que bebi com amigas. Não tenho amigos há anos.

Molly se afasta e vai para o carro, acenando enquanto caminha. Sentindo-me feliz e útil, vou para a loja para estocar farinha e sal e passo a próxima hora misturando tinta até ter uma pilha de banheiras de várias cores para cobrir todos os planetas. Também tenho manchas de tinta caseira de várias cores em todo o meu rosto. Eu olho no espelho e sorrio. Em seguida, empilho os recipientes cuidadosamente em uma caixa, coloco na cesta da minha bicicleta e sigo em frente, deixando minhas bochechas exibindo todas as cores do arco-íris. Porque ter que ser perfeita não é mais um problema.

3

Ryan

Com o cotovelo apoiado na janela, giro o volante com uma mão enquanto atravesso as conhecidas estradas ventosas do Peak District. O sol está baixo, o brilho brutal, mas é glorioso 'pra' caralho. Inspiro o cheiro da natureza e do ar livre.

Casa.

Estendo a mão para frente e ligo o rádio, e All Shin — Pure Shores— se junta a mim. Sorrio e relaxo, batendo no volante enquanto navego as estradas serpenteando pelos campos. Agora, esse sou eu. Natureza. Ar puro. Vida simples. É bom estar de volta.

Quando eu violo o limite da cidade, tiro o pé do acelerador e passeio devagar, surpreso por ver algo desconhecido. — Bright arte? — Minha caminhonete diminui quando paro na nova loja onde costumava estar uma floricultura. Eu rio ironicamente. — Boa sorte com isso por aqui.

Ponho o pé no acelerador e continuo subindo a rua e, enquanto atravesso a ponte sobre o rio, vejo a Sra. Hatt cortando suas cercas vivas. Eu aperto minha buzina, e ela gira com sua tesoura de jardim, seu rosto uma imagem de prazer. — Ryan! — Ela canta.

— Ei, senhora Hatt, — eu digo enquanto passo devagar novamente. — Alguma novidade para me dizer?

Ela ri, mergulhando e enxotando um de seus gatos. — Oh, você conhece Hampton. Nada muda.

Sim, nada muda. O que significa que Darcy Hampton ainda é a mega vadia do inferno. Mal posso esperar para esbarrar nela.

Eu buzino em despedida e viro a próxima à direita na estrada de terra que leva ao meu santuário, e mais uma vez me pego respirando o ar fresco do campo, meus olhos se fechando brevemente em êxtase enquanto deixo minha satisfação brotar por um longo expiro. — Perfeito 'pra' caralho.

Eu abro meus olhos.

E sinto a alma saindo do corpo.

— Merda! — Desvio para a esquerda, sentindo algo bater na lateral da minha caminhonete. — Que porra é essa? — Luto para ganhar controle, puxando o volante para a direita

enquanto me aproximo em direção a um gigantesco tronco de árvore. — Oh, seu filho da puta.

Bang.

O impacto me sacode no lugar, o capô do meu caminhão voando, o airbag inflando com um estrondo. Leva alguns segundos para eu entender meu paradeiro, minhas mãos lutando com o balão na minha cara. — Merda. — Que raio foi aquilo?

Saindo, ignoro o vapor que sobe do motor e corro para a traseira, examinando a área. Nada. Foi um coelho? Não, grande demais. — Um cervo? — Eu digo em voz alta, ao mesmo tempo que o ar é perfurado por uma maldição estridente.

— Maldito inferno!

Eu giro e vejo os arbustos do outro lado da estrada farfalhando, e então uma mulher cambaleia. — Seu idiota! — ela grita, caindo em sua bunda e esfregando o joelho. — Você deveria olhar para onde está indo.

Uau! — Você está bem? — Eu pergunto, um pouco cauteloso, me aproximando devagar.

Ela olha para mim, com a mão parada no machucado do joelho. Seu rosto fica paralisado por um segundo enquanto ela me olha de cima para baixo, antes que sua carranca retorne. —

Não. — Ela puxa a perna da calça e assobia com o que encontra. Um enorme arranhão sangrando. — Ai.

Eu pisco, um pouco surpreso, mas agora por outras razões. Com o rosto manchado de arco-íris, ela é a coisa mais adorável que eu já vi. Dos seus macacões ao cachecol fofo que ela deu um nó na cabeça, ela é incrivelmente bonita, mesmo com galhos e folhas grudados em cima dela. De onde ela veio?

Observo, sem me mexer, enquanto ela se levanta e manca a alguns passos de mim. — Oh Deus, isso dói.

Eu ganhei vida, entro em ação com sua voz dolorida. Me movendo rapidamente, pego o braço dela. — Você veio do nada, — explico. — Nunca há ninguém nessa estrada.

Ela encolhe os ombros, irritada e tenta se endireitar. — Saia, seu idiota.

Caramba. Ela está seriamente chateada. Eu levanto minhas mãos em sinal de rendição, recuando quando seu olhar duro cai lentamente, sendo substituído por...

Ah, merda. Os olhos dela lacrimejam. Os lábios dela tremem. Seu rosto coberto de tinta torce um pouco. — Ai, — ela resmunga novamente, revirando o ombro e sibilando de dor. Porra, eu já me senti como um idiota?

Eu me movo rapidamente, incapaz de me conter. — Aqui, deixe-me ajudar.

— Eu não quero sua ajuda.

Revirando os olhos e desconsiderando o fato de que eu estou prestes a ser manchado com tinta de arco-íris também, eu a agarro e a levanto antes que ela tente algum movimento heroico para recusar minha ajuda novamente. Eu a carrego para um tronco próximo caído, segurando-a mais apertado enquanto ela luta nos meus braços, sibilando de dor entre protestos.

— Pare de se contorcer, — ordeno com firmeza, tentando não perder a paciência. Ela finalmente se submete e fica parada em meus braços, e eu espio pelo canto do olho para encontrá-la olhando para mim, seus olhos um pouco arregalados. — Dia ruim? — Eu pergunto categoricamente.

Sua expressão muda em um piscar de olhos, passando de atordoada para zangada. — Tudo bem até você me atropelar. — Ela desvia o olhar, um pouco esnobe, e eu vejo seus dentes afundarem no lábio inferior. Ela não está somente quieta agora, ela está tensa, e quando ela me olha de novo rapidamente, descobrindo que estou estudando ela, bufa e desvia o olhar.

— Então sinto muito por estragar tudo, — digo baixinho.

— Você deveria sentir.

Eu a abaixo para o tronco da árvore e me ajoelho diante dela, respirando com paciência enquanto ela luta para se

concentrar em algo que não seja eu. Ela lutará; Não sou um cara pequeno e estou agachado na frente dela.

— Sério, você está bem? — Eu suavizo minha voz e me abaixo para entrar em sua visão abatida, forçando um pequeno sorriso que espero que a faça se sentir melhor.

Ela levanta os olhos, mas não a cabeça, como se tivesse medo de me olhar nos olhos. Sua expressão de raiva forçada suaviza um pouco, e eu tomo um momento para me maravilhar com o quão azuis seus olhos são. — Bem? — Eu indico, percebendo que estou encarando há tempo demais.

Ela encolhe os ombros, mais serena agora. Com a mão no ombro, ela movimenta um pouco. — Um pouco dolorido.

— Posso dar uma olhada no seu joelho? — Eu aceno para a área onde a perna de sua calça folgada está puxada para o alto de sua adorável coxa, expondo a bagunça arranhada e sangrando.

— Você pode ver, não pode? — Ela pergunta um pouco ironicamente, e meus lábios se endireitam em um desgosto natural sem pensar. Ela continuará sendo difícil por causa disso? Notando meu aborrecimento, ela acena com a mão com desdém. — Vá em frente.

Caindo de joelhos, eu pego seu tornozelo esbelto e descanso o pé na minha coxa. — Relaxe, — ordeno gentilmente,

sentindo-a endurecer com o meu toque. — Eu não sou um assassino em série. — Eu olho para cima e, por razões que não posso explicar, saboreio a visão dela tentando muito segurar seu sorriso.

— Como eu iria saber? — ela pergunta.

— Bem, se eu quisesse matá-la, poderia ter feito isso um segundo depois de vê-la. — Eu inspeciono seu joelho, vendo pedaços de terra e cascalho nos cortes.

— O que você é, um assassino de aluguel?

Eu rio levemente e puxo minha camiseta por cima da cabeça, depois a uso para secar os rastros de sangue em sua perna. — Na verdade não. Ex-MI5. Agora eu sou segurança particular. Ou era. — Eu me corrijo, vendo espanto em seu rosto, mas ela não diz nada. Não tenho certeza se ela está chocada com a informação ou com o meu peito. Podem ser os dois. Eu não sei, mas algo me diz para agir rapidamente. Ela parece estar um pouco em transe. — Isso precisa ser limpo. — Ela apenas assente, subitamente muda. — Meu lugar fica no topo da trilha. Você está bem em ir para lá? — Ela balança a cabeça. — Perdeu sua voz?

Desviando o olhar enquanto ela pisca repetidamente, ela limpa a garganta. — Eu posso me limpar quando chegar em casa.

Ela é cautelosa. Não posso culpá-la, sério. Sou um homem de um metro e oitenta e três com uma cicatriz no lábio e um nariz torto por causa de incontáveis quebras. Dificilmente uma visão reconfortante. De repente, incomodado com isso, forço um sorriso novamente, sabendo que está torto devido a cicatriz. Seus olhos caem para a minha boca e ela engole. A atmosfera muda. O silêncio é estranho. Minha pele formiga sem parar.

— Minha... — Ela parece perder a voz enquanto balança a cabeça, olhando para mim, e eu a sigo olhando para os arbustos, vendo o volante de uma bicicleta cutucando os galhos.

Oh!

Eu rapidamente me levanto, dando-nos espaço e passo para puxar a bicicleta, mantendo a bagunça esmagada na estrada. O mato é uma mistura vibrante de todas as cores sob o sol, e noto vários recipientes espalhados por toda parte. Pintura. Vou perguntar para que serve, mas quando olho para trás, encontro-a fazendo beicinho solenemente para sua bicicleta arruinada. Ela não deveria fazer beicinho. Ela definitivamente não deveria fazer beicinho. Aqueles lábios...

— Adorava aquela bicicleta, — ela murmura.

Minha admiração é interrompida, e eu rapidamente me sinto ainda mais idiota. Ser um cavaleiro de armadura brilhante geralmente não é o meu estilo. Por outro lado, nunca quase

matei uma mulher. Embora não possa negar, imaginei estrangular algumas. Ou *uma* em particular.

— Sinto muito, — digo sinceramente, me sentindo um merda total. — Eu vou substituí-la.

— Você não precisa fazer isso.

— Mas eu quero.

Sua cabeça se mexe enquanto ela me estuda como se estivesse tentando me entender. E o silêncio cai novamente. Estranho, *novamente*. Deito a bicicleta dela - que certamente está morta - no chão e vou até minha caminhonete para escapar da atmosfera estranha. A fumaça se acalmou, não saindo mais do motor.

— É ruim? — Ela pergunta, se juntando a mim. Estou tenso, seu braço quase tocando o meu, onde ela está ao meu lado.

— Apenas uma válvula estourada. — Abro o capô, fazendo uma careta no amassado do para-choque. — Acho que a árvore levou a pior. — Pego a bicicleta dela, coloco na parte de trás e abro a porta do passageiro. — Entre.

Ela está hesitante, olhando de volta para o caminho. — Não, está tudo bem, eu vou andar. — Aproximando-se da minha caminhonete, ela pega sua bicicleta e eu imediatamente passo

para ajudar. E rapidamente recuo quando ela pula para fora do meu caminho como um gatinho nervoso.

Eu aceno para a bicicleta e lentamente a alcanço. — Eu só estava indo para ajudá-la a baixar. — Enquanto eu coloco no chão para ela, ela fecha os olhos brevemente, exalando, e tenho certeza que é para se recompor.

— Obrigada, — ela respira, pegando sua bicicleta. Ela me oferece um pequeno sorriso, que eu posso dizer que é forçado.

Isso não está bem para mim. Ela está sangrando, claramente machucou o ombro, a bicicleta está destruída e está escurecendo. Hampton pode muito bem ser o lugar mais seguro do mundo, mas uma mulher ferida não deve andar sozinha por aí. Em nenhum lugar. E especialmente quando me ofereci para dar uma carona. E especialmente quando eu sou a maldita causa dela ter que voltar para casa andando em primeiro lugar. Eu avanço, mas paro abruptamente quando ela dá um passo para trás.

— Eu me sentiria muito melhor se você me deixasse levá-la para casa, — digo a ela.

— Honestamente, eu estou muito bem.

— Seu joelho não concorda. — Aponto para a bagunça ensanguentada, e ela espia. — Deixe-me pelo menos limpá-lo.

Ela não responde desta vez e, em vez disso, vira-se rapidamente e empurra sua bicicleta pela pista um pouco apressadamente para o meu gosto. — Eu vou ficar bem, — ela grita enquanto caminha.

Dou um passo à frente, meu instinto dizendo para ir atrás dela e insistir em cuidar desse joelho e levá-la para casa, mas eu me paro. Ela não quer minha ajuda, e eu não sou o tipo de homem que me forço a ninguém.

Tão relutantemente, eu a deixo ir, observando enquanto ela tenta fracamente disfarçar a mancada na tentativa de me convencer de que ela está bem. — Prazer em conhecê-la— digo baixinho, invertendo lentamente meus passos e afastando meu olhar de sua forma fugaz.

Deixe ela ir.

Vou para minha caminhonete, olhando por cima do ombro algumas vezes, vendo-a se afastar, até olhar pela última vez e descobrir que ela se foi. Eu paro, rindo baixinho. Bem, isso foi... esquisito.

Balançando minha cabeça, realinho meu foco, fazendo uma careta quando percebo o dano. — Filho da puta, — respiro, chutando o pneu. — Bem-vindo ao lar, Ryan. — Entro e o levo firmemente pelo resto da estrada de terra, tentando ignorar meus pensamentos rodopiantes. *Deixe-a ir. Deixe-a ir.* Aperto o freio e paro, meus dedos batendo no volante, minha mente

emaranhada. Mas está escurecendo. Ela está machucada. — Foda-se. — Eu rapidamente viro minha caminhonete e corro pela estrada para encontrá-la, decidido a levá-la para onde quer que esteja indo. Para onde ela estava indo? E inferno, de onde ela veio?

Olho a estrada escura à minha frente enquanto dirijo, procurando por ela. Nada. — Para onde você foi, querida? — Eu reflito, parando quando chego ao cruzamento que me leva de volta à estrada principal da cidade. Eu olho para cima e para baixo. Está vazio. E fico ali sentado por alguns minutos, pensando. *Quem é ela?*

— Por que você se importa? — Eu digo baixinho, colocando minha caminhonete em marcha à ré e virando, voltando para casa.

Estaciono embaixo da árvore e, assim que chego à minha cabana, abro todas as janelas e vou direto para a geladeira, encontrando uma cerveja e arrancando a tampa, saboreando o assobio do gás. Esse primeiro gole é como nenhum outro. Volto para o quintal e vou direto para a rede, entrando, pondo meus pés para cima e relaxando, olhando para as copas das árvores.

Casa.

Enquanto eu deito, balançando levemente, bebendo minha Bud, me pergunto como Jake está, mas a mulher misteriosa que eu quase esmaguei rapidamente ocupa a primeira posição

da minha mente. Ela chegou em casa bem? Falando nisso, onde ela mora? E novamente, quem diabos é ela? Eu vivi aqui a vida toda; não há uma pessoa que eu não conheça em Hampton. Ou não havia. Fecho os olhos e vejo um arco-íris de cores dançando na minha escuridão, e ouço a nitidez de sua boca esperta.

E eu estou sorrindo de novo. *Quem é você?*

4

Hannah

Demoro muito tempo para chegar em casa. Meu joelho dói, meu ombro dói, meu ego dói. Estou xingando baixinho enquanto puxo minha bicicleta quebrada pela porta da frente da loja, as rodas rangendo quando a empurro pela loja. Abro a porta dos fundos, destranco e abro, mais ou menos, jogando minha bicicleta no pequeno pátio. — Estúpido, — faço beicinho enquanto mexo os dedos dos pés nas minhas sandálias, sentindo as bolhas. Deus, eu sou um desastre ambulante.

Depois de fechar as persianas, subo as escadas para tomar um banho. E quando me vejo no espelho do banheiro, fico totalmente chocada. — Oh, Hannah, — suspiro. Não há uma polegada do meu corpo sem tinta. Todas as cores que você poderia imaginar, e algumas novas tonalidades também, para não mencionar todas as folhas e galhos secos grudados em mim. Eu sou uma bagunça multicolorida de mulher. Franzindo o nariz, estendo a mão e puxo meu lenço deixando a cabeça

livre, cutucando sem sentido os pedaços de cabelo saindo por toda parte. — Uma bagunça sangrenta.

Depois de me despir, pulo no chuveiro e mando o dia inteiro pelo ralo. Também me depilo, algo que deixei escapar recentemente. E deixo um condicionador profundo no cabelo por três minutos enquanto esfrego minhas unhas com toda a sujeira por baixo delas. Depois de limpa e fresca, coloco um curativo no joelho esfolado, assobiando e estremecendo enquanto o faço, antes de me deitar na cama.

É claro que meus pensamentos logo voltam à estrada de terra em que eu estava perdida, e me repreendo por ser tão rude com um homem que estava apenas tentando me ajudar, mesmo que ele fosse culpado pela minha destruição. Mas pelo menos foi um acidente. Pelo menos ele não me machucou de propósito. E pelo menos ele estava genuinamente arrependido.

Quem é ele?

Eu acordo com um sobressalto, rolando na minha cama. O suor escorre da minha testa, minha mente trabalha rapidamente para me lembrar onde estou. *Você está segura, Hannah.* Engulo e passo alguns momentos me recompondo. *Respire, respire, respire.* Uma vez que minhas mãos estúpidas não estão tremendo muito, pego meu iPad, carrego o Facebook e digito o nome da minha irmã. Não poderei ver nenhum status dela, já que não somos amigas do Facebook - nunca poderemos

ser amigas -, mas posso ver uma fotografia dela. Eu posso olhar para o rosto dela. Eu *preciso* ver o rosto dela.

— Oh meu Deus, — sussurro quando vejo que ela postou uma nova foto de perfil. — Oh meu Deus, oh meu Deus, oh meu Deus. — Eu sorrio como uma louca enquanto olho para minha irmã mais velha, Pippa. Isso é um prazer, porque não só eu vejo minha irmã mais velha, mas também minha sobrinha. A garotinha aconchegada no colo da minha irmã se parece mais com a mãe dela toda vez que vejo uma foto. Cabelos escuros, olhos azuis, um lindo rosto em forma de coração. Ela é a imagem cuspida. — Olhe para você, Bella, — eu digo, traçando a borda do queixo fofo dela. — Você ficou tão grande. — Ela tem sete anos agora e nesta fotografia elas estão em algum tipo de festa. Eu posso ver um castelo inflado ao fundo e uma barraca de cachorro-quente. O rosto da minha sobrinha também está pintado, lindas asas de borboleta em cada bochecha.

Pintura.

— Oh merda, — eu deixo escapar, jogando meu iPad na cama e pulando. Eu me atiro no banheiro. — Merda, merda, merda. — Escovo os dentes, visto um vestido longo preto solto, enfio os pés em alguns chinelos e corro as escadas. Eu parei no espelho perto da porta, prendendo rápida e desajeitadamente meu cabelo em cima da minha cabeça. Então eu saio pela porta e subo correndo a rua até a loja geral. Meu coração afunda quando vejo que não está aberta.

Olho pelo vidro, esperando ver o Sr. Chaps, dono da loja. Nada. — Sua placa diz que você abre às seis e meia— - murmuro para a janela. — São seis e trinta e dois, pelo amor de Deus. — Descansando minha testa no vidro, me xingo para o inferno e de volta. Molly estava dependendo de mim para pintar, a tinta que agora está espalhada sobre um adorável arbusto de azaleias, graças a um homem enorme em um caminhão enorme.

Todo o meu corpo fica pesado e pulo um metro no ar quando algo cai com um estrondo aos meus pés. — Jesus, — respiro, vendo uma pilha de jornais no chão. As pessoas não param de me fazer pular de susto?

— Bom dia, — um homem gorjeia enquanto volta para sua van.

— Bom dia, — murmuro com a palma da mão no peito, olhando de volta para a loja. Meu medo é esquecido, e quase beijo o vidro quando vejo o velho Sr. Chaps balançando em minha direção. — Oh! Graças a Deus.

Mal deixei o pobre homem sair do meu caminho antes de atravessar a porta. — Bom dia, senhor Chaps— grito por cima do ombro enquanto corro para localizar meus desejos e empilhá-los em meus braços até meu queixo descansar em cima dos sacos de farinha.

— Bom dia, senhorita Bright. Você está bonita e adiantada hoje. — Ele passa por mim com sua pilha de jornais, indo para o caixa.

— Eu tenho uma emergência, — eu digo, correndo para o próximo corredor para encontrar sal.

— Aqui. — Eu me viro e o encontro segurando uma cesta para mim. — Você vai deixar cair tudo isso e fazer uma bagunça na minha loja.

— Obrigada. — Deixei que ele me ajudasse a transferir minhas sacolas de farinha para a cesta antes de continuar meu caminho. Encontro o sal e pego alguns pacotes, e depois estou na seção de padarias. Pego um croissant da prateleira e começo a beliscar na esquina enquanto vou para o final do corredor e viro à esquerda para o caixa. E paro exausta no meu caminho, meu croissant saindo da minha boca, minha indelicadeza fazendo com que a pesada cesta de compras se encoste nas minhas canelas. Eu nem sinto a dor.

Eu sinto...

Engulo minha boca cheia, largando a massa meio comida na cesta e limpando rapidamente os flocos da minha boca. Não sei o nome dele, mas ele está de pé em frente à geladeira. E ele está sem camisa. *Sem camisa?* Eu faço uma careta, não porque não é uma visão adorável – é uma visão *muito* adorável – mas porque todos os momentos humilhantes da noite passada

acabaram de voltar para mim. A tinta, meu constrangimento, minha grosseria, meu olhar inadequado. Estou olhando agora, o peso da minha cesta de compras transbordado esquecido. Ele está suado. Seu peito está brilhando. Ele tem fones de ouvido. O que ele está ouvindo? Que tipo de música ele gosta? Ele corre todas as manhãs? Como está a caminhonete dele? Devo falar com ele? Agradecê-lo? O que, por me tirar da estrada? Não, boba, por tentar cuidar de mim depois. Por obviamente se forçar a sorrir na tentativa de me aliviar. Ele não sorri com frequência. Eu posso dizer. Ele não tem rugas nos cantos dos olhos, e todo homem maduro as tem. Quantos anos ele tem?

Meu cérebro se contrai e eu rio alto. *O que há com todas as perguntas, Hannah?*

Então ele se afasta da geladeira e seus olhos pousam em mim. Fecho a boca, abaixo a cabeça e me afasto, provavelmente andando como se estivesse abrigando dez quilos de batata na minha calcinha. E mais uma vez, estou mortificada. Coloco minha cesta no caixa e dou um sorriso manso a Brianna, a assistente de loja. Ela parece muito mais acordada e alegre do que eu, e quando noto que a atenção dela não está em mim, viro e vejo que o cara no final do corredor está se afastando em direção aos congeladores.

— Ele sempre anda de bermuda? — Eu pergunto, voltando meus olhos para a frente e puxando algum dinheiro do meu bolso.

Brianna agora está examinando meus itens, seus olhos preocupados, alheios ao que ela está realmente examinando. — Sim, — ela suspira sonhadora.

Pego uma sacola e começo a arrumar minhas compras. Então, eu deveria esperar me tornar estúpida com frequência, então? Ótimo.

Brianna termina, eu lhe entrego meu dinheiro e ela me dá meu troco, tudo sem me olhar. — Ele é um pouco velho para você, não é? — Eu digo provavelmente de maneira inadequada, enquanto coloco meu troco no bolso.

— Eu tenho dezenove.

— E quantos anos ele tem? — Eu deveria ter vergonha de mim mesma.

— Uns trinta, eu acho. Mas ele parece melhor cada vez que volta à cidade.

Eu tento não ficar curiosa. Eu realmente tento. — Quando ele volta para a cidade?

— Ele se foi há um mês. — E agora ele voltou. Os olhos dela dançam. — Tenho que cobiçá-lo o máximo que puder, *quando* puder. Quem sabe quando ele vai embora e quando volta?

— Cobiçá-lo? — Eu digo rindo um pouco, ignorando o fato de que eu também definitivamente tenho olhado. Ele é bastante fácil de olhar. E há muito o que pensar também. — Ele deveria usar uma camiseta quando estiver comprando mantimentos — murmuro estupidamente, ganhando um merecido bufo de nojo de Brianna. — Quem é ele afinal?

— Ryan Willis. E ele é a única coisa bonita por essas partes, então não diga coisas tolas como para ele usar uma camiseta quando estiver fazendo compras. — De repente, seus olhos se arregalam e ela está olhando para mim pela primeira vez desde que cheguei ao caixa.

Estou prestes a perguntar a ela o que está acontecendo quando uma cesta cai no balcão ao meu lado com um baque. Tomo um susto e fecho a boca, vendo Brianna praticamente derreter por todo o corpo.

— Oi, Ryan, — ela murmura, a cabeça inclinada, os cílios tremulando. Ele está um passo atrás de mim, e eu não consigo vê-lo, não importa o quanto eu force a minha visão periférica. Então, confiro a cesta dele. Água com gás. Cervejas. Leite. Pão. Minha testa está enrugada. Sorvete? Sua mão grande envolve a embalagem de Chunky Monkey[1], e eu o vejo avançar. Incapaz de me conter, eu espio, tendo que passar por seu peito suado. Nossos olhos se encontram. O rosto dele é estoico. Meu sangue esquenta.

[1] Sabor de sorvete, da marca Ben&Jerry's, de banana com flocos sabor chocolate e nozes.

— Oi, — ele diz, sua voz tão áspera quanto eu me lembro. Grave. Baixa. Viril.

Eu o encaro como uma aberração, presa por palavras. E impressionada com a pura magnificência do homem diante de mim. Eu pisco e rapidamente dirijo meus olhos para Brianna. — Obrigada, — eu grito, arrastando minha bolsa do balcão e fazendo uma saída rápida. Também estou suada agora, e puxo a frente do meu vestido para circular um pouco de ar. Pelo amor de Deus.

— Você esqueceu o seu croissant, — ele grita, e eu congelo perto da porta, apertando a maçaneta enquanto fecho os olhos e luto para obter alguma estabilidade em minha voz.

— Você pode ficar. — Puxando a porta, saio da loja e corro de volta para a minha loja, amaldiçoando-me o caminho todo. *Você pode ficar?* O que diabos ele vai fazer com um croissant meio comido? — Urhhh. — Eu largo minha cabeça para trás enquanto ando pela rua. Eu sou patética. Dizer olá. Era tudo o que eu precisava fazer. Sorrir. Ser educada.

Tendo uma conversa severa comigo mesma, entro na minha loja, indo direto para a cozinha para misturar mais tinta. *Você pode ter?* Bato com força a porta do armário e bato a palma da mão na testa. *Sem graça, Hannah. Tão malditamente chato.* O homem deve pensar que eu sou totalmente estranha. E eu odeio isso.

Não sei como, mas chego à Molly antes que ela saia para trabalhar as oito e, felizmente, todas as tintas ainda estão em seus recipientes. A Sra. Hatt teve a gentileza de apontar o caminho quando passei a pé, e encontrei a casinha de Molly afastada da estrada com facilidade. Ela fica eternamente grata quando eu empilho as tintas ao seu lado enquanto ela veste o casaco, mostrando todas as cores antes de pedir desculpas por deixá-las tão tarde.

— Oh, por favor, Hannah. Você salvou minha pele. — Ela joga os braços em volta de mim e aperta, e não posso negar que é bom. Há algo tão quente em Molly. — Nós devemos tomar bebidas amanhã à noite.

— Certo. — Eu aceito facilmente. Porque... Por que não? — Eu adoraria.

— Me dê seu número.

— Oh sim. — Pego meu telefone do bolso.

— Jesus! — Molly deixa escapar. — Você planeja matar alguém com essa coisa?

— Que coisa?

Ela ri e pega meu celular do meu alcance, virando-o na mão. É um tijolo.

— Faz chamadas e recebe mensagens de texto. — Eu dou de ombros. — É para isso que preciso.

— E poderia ser usado como uma arma letal.

Eu rio, porque ela está certa e pago de volta de brincadeira. — Vá com calma com o telefone. Qual é seu número? — Ela pergunta, e eu ligo para ela para que ela tenha o meu. — Feito.

— Sete amanhã no pub?

Perfeito. Eu sei que vou precisar de uma bebida amanhã à noite, algo para tirar minha mente do previsível mau humor em que estarei depois da minha habitual manhã de sábado desde que me mudei para Hampton há três semanas. — Vejo você lá. — Depois de verificar se o cachorro está bem, deixo Molly procurando sua bolsa de trabalho e ando pela calçada até a rua. Fecho o portão atrás de mim e olho a rua, vendo o começo da estrada de terra ao longe. Aquela estrada me levou a algum lugar desconhecido na noite passada. Não apenas ambientes desconhecidos, mas sentimentos desconhecidos.

Faz anos desde que eu olhei para um homem dessa maneira. Mas algo sobre Ryan Willis não me deu muita escolha. Ele estava preocupado comigo - uma mulher que ele não conhece. Ele se importava que eu estivesse machucada. Ele tentou ajudar, me fazer melhorar. E enquanto me enganava

com sua atenção, ele me golpeou com sua beleza áspera também. Ele é um cara legal. Um homem decente.

Meus pés se movem sem que eu diga, e de repente estou na estrada de terra, olhando pelas árvores baixas até a curva em que fui levada por seu caminhão. As árvores balançam. Os pássaros piam. O sol da manhã bate entre as brechas no dossel denso. *Paz.* Sinto, vejo e ouço apenas paz. Ele disse que morava lá. Ele mora na floresta?

Dou mais um passo à frente e paro bruscamente quando um coelho corre pela estrada.

Afaste-se, Hannah.

Mordiscando meu lábio inferior, me viro com esforço e começo minha caminhada de volta à cidade. Mas estou constantemente olhando por cima do ombro enquanto vou. Curiosa. Pensando nele.

Quando chego em casa, tomo o banho que pulei com a pressa dessa manhã, antes de vestir um vestido vermelho e amarrar um lenço azul brilhante no cabelo. Ponho minhas Birkenstocks[2] de prata e desço um pouco antes das nove e meia, destrancando a porta da minha loja e abrindo-a com uma estátua de pedra de um terrier das montanhas. Então me coloco atrás do balcão.

[2] É um modelo de sandálias de uma marca alemã (Birkenstock) notavél por suas solas, que coincidem com o formato dos pés de seus usuários.

E eu sento lá. E eu torço meus polegares. Uma hora depois, arrumo uma prateleira de pincéis que não precisa ser arrumada. E uma hora depois disso, varro o chão que já está limpo. Vejo pessoas passando, pessoas que reconheço da cidade - algumas pelo nome, outras pelo rosto - mas nenhuma delas entra. Não deixo que isso me desanime.

Quando chega ao meio-dia, vou ao café da Sra. Heaven ao lado para comprar um sanduíche e um de seus famosos bolos de mirtilo. Enquanto volto, noto Molly perto do poste de luz da minha loja. — Oi, — digo quando me aproximo, esticando o pescoço para ver o que ela está fazendo. Ela tem um rolo de fita adesiva na boca, as mãos no poste.

Ela sorri através do rolo e termina de colar um pedaço de papel nele. — Ei. — Enfiando alguns pedaços na bolsa, ela acena em direção à porta da minha loja. — Como estão os negócios?

— Calmos, — respondo, embora suspeite que ela tenha visto isso por si mesma. Todo mundo por aqui deve ter. — Espero que minha loja online atraia os amantes da arte.

Molly sorri e tira a fita da boca. — Muito obrigada por me ajudar esta manhã.

— O prazer é meu. — Jogo os restos do meu sanduíche em uma lixeira próxima. — Como está o sistema solar?

— Colorido. — Ela ri, mas então ela está estremecendo rapidamente, olhando para as minhas pernas. — O que aconteceu com o seu joelho?

— Oh. — Eu aceno minha mão levianamente. — Caí da bicicleta ontem à noite. — Não vou entrar em detalhes. — É apenas um ralado. — Desviando minha atenção para o pôster que ela está grudando no poste de luz, faço uma rápida mudança no assunto. — O que é isso?

— Festa anual da cidade. — Ela se aproxima e dá um tapinha na fita. — Uma espécie de celebração da fundação de Hampton. Fechamos a rua principal e fazemos uma festa.

— Parece bom.

— Sim, é muito divertido. A Sra. Heaven vende seus famosos bolos, o proprietário do pub traz barris de sidra para a rua, e o Sr. Chaps monta uma barraca de maçã com caramelo. Dança do campo, um concurso de beleza, esse tipo de coisa.

Eu li o pôster. — Realizado por lorde e lady Hampton? — Eu digo enquanto volto minha atenção para Molly. Eu apenas pego o revirar de olhos dela antes que ela possa esconder. Ainda não tive o prazer de conhecê-los, mas ouvi tudo sobre a família mais rica da cidade que mora na mansão em Hampton Estate.

— Os ancestrais deles fundaram Hampton séculos atrás. Este evento anual é realmente apenas para que eles possam

desfrutar da glória da cidade tão maravilhosa em que vivemos, graças a eles. — Outro rolar de olhos imensamente sarcástico. — Só precisamos acariciar seus egos por um dia. Não é difícil, e todo mundo se diverte. — Os olhos dela de repente se iluminam. — Ei, você é boa com tinta, certo? Quero dizer, usá-la, não fazê-la.

Eu rio um pouco — Por que você pergunta?

— Precisamos de algo mais para as crianças. Temos apenas os jogos de sempre e o concurso de beleza.

— Como uma competição de pintura? — Eu não sei de onde isso veio, mas Molly parece amar a ideia se seu sorriso brilhante é algo para se pensar.

— Sim! Na verdade, eu estava pensando em mais pintura de rosto, mas uma competição de pintura parece perfeita.

Dou de ombros, afastando a imagem das bochechas de borboleta da minha sobrinha. Como eu adoraria ser a pessoa que pintou aquelas asas em seu rostinho fofo. Mas isso não pode acontecer. Nunca.

O sorriso de Molly se ilumina um pouco mais. — Posso escrever seu nome?

— Claro, — eu respondo, feliz em ajudar. Eu amo esta cidade mais e mais a cada dia - a comunidade, a simpatia, a beleza do campo. Embora eu realmente não deva me acostumar

com isso. Só tornará mais difícil sair quando chegar a hora. Este é um pit stop. Um lar temporário até que eu possa me mudar para um lugar ainda mais distante de Londres. Talvez a Irlanda. A Irlanda é bonita. Também haverá muito para eu pintar. A Inglaterra é arriscada. Estar aqui é arriscado; eu sei disso. Mas preciso ver minha mãe.

Eu sorrio quando Molly começa a se afastar, pegando outro pôster de sua bolsa. — É melhor eu ir, tenho mais dez desses para colocar antes do fim do almoço. Obrigada, Hannah.

— Não há problema algum. Estou ansiosa para isso. — Enfio a chave na fechadura da minha porta. — E se você precisar de ajuda com o planejamento sabe onde estou.

— Você é uma joia rara. Vejo você no pub amanhã. Podemos conversar mais então.

Tão simples quanto nossos planos são para uma bebida juntas, estou animada. Estou fazendo meus próprios planos com alguém com quem realmente quero passar um tempo. Eu posso ser eu mesma. Beber vinho de acordo com o meu coração sem me preocupar que posso dizer a coisa errada ou chatear alguém.

No dia seguinte, faço o que faço todos os sábados desde que cheguei em Hampton. Pego um táxi até Grange Town e visito o parque. Sento no meu banco habitual e espero, sentindo algo entre excitação e apreensão.

São exatamente dez e cinco quando os vejo, e meu coração acelera, meu espírito se eleva. — Ei, mãe — sussurro, vendo Pippa empurrá-la pelo caminho em direção ao lago. Eles param no lugar de sempre, onde os cisnes sempre parecem se reunir, e eu rio um pouco quando Pippa pega um saco de sementes e o deixa cair, derrubando a comida de passarinho espalhando-a por toda parte a seus pés.

— Sempre tão desajeitada, — eu penso, lembrando de todos os momentos quando criança, quando costumávamos causar estragos com nosso caos propenso a acidentes. Naquela época, minha mãe pediu a Pippa para lavar o macarrão e ela deixou cair a panela na pia depois de tropeçar em nada. Eu ri muito até meu estômago doer. Então Pippa riu também. Então ela escorregou em um pedaço de macarrão e me derrubou com ela. Mamãe gritou, papai sorriu com carinho, sem levantar os olhos do jornal, e Pippa e eu rolamos no chão. Comemos feijão na torrada de jantar naquela noite.

E houve um tempo em que éramos adolescentes e eu estava trabalhando na minha peça final para o exame de arte. Pippa chutou a perna do meu cavalete quando ela passou, enviando minha tela de cara para o tapete da sala de jantar. Lembro-me de encará-lo, meu pincel pairando no ar. Pippa amaldiçoou. Vomitou suas desculpas rapidamente quando ela pegou minha peça do tapete. Olhou horrorizada. E eu ri porque estava uma porcaria, de qualquer maneira, e eu estava

começando do zero. Pippa pensou que eu tinha enlouquecido. Mamãe nos disse que odiava aquele tapete. E papai estava sorrindo de novo. Papai estava sempre sorrindo. Estávamos *todos* sempre sorrindo.

Então eu fui para a universidade, consegui um emprego em uma galeria e conheci...

Eu rapidamente afasto meus pensamentos e me concentro na minha mãe e irmã, começando a rir novamente quando mamãe, hoje bastante lúcida, aponta em torno de sua cadeira de rodas, onde todos os patos e cisnes desceram, bicando a ração. É o caos, asas batendo, Pippa gritando, mamãe rindo. É um bom dia para ela. Ela parece tão bonita quando sorri, sempre sorriu, embora seus sorrisos não sejam tão frequentes nos dias de hoje.

Meu estômago começa a doer de tanto rir quando Pippa agita os braços como uma louca, tentando assustar os pássaros. É uma dor que me lembro com carinho. Porque Pippa e eu sempre tínhamos problemas e ríamos por eles. E mamãe e papai sempre pareciam ter prazer com isso. Minha irmã e eu éramos as melhores amigas, apenas dois anos entre nós. Éramos inseparáveis. Melhores amigas.

Eu suspiro, e a inevitável onda de tristeza que eu estava tentando evitar vem sobre mim. Eu gostaria de estar lá com eles. Eu gostaria que eles soubessem que eu estou aqui. Eu

gostaria de poder rir com eles. E mais do que isso, eu gostaria de poder mais uma vez ser a causa do riso deles. Quando saí de casa, não os fiz rir mais. Eu fiz eles se preocuparem. E então eu quebrei seus corações.

Uma lágrima cai, e corro para limpá-la enquanto vejo minha irmã empurrar mamãe para fora do parque, de volta à casa de repouso. Eu não queria deixar o parque triste, e ainda assim meu humor está calmo quando volto para a estrada principal para pegar um táxi de volta para Hampton. — Vejo vocês duas na próxima semana, — digo, olhando para trás. Mas elas se foram.

Mais uma semana para esperar. Outra vida. Quanto tempo vai demorar até eu ficar sentada no banco, esperando vê-las, e elas não aparecerem para o passeio de sábado de manhã pelo parque? O que acontecerá quando mamãe estiver doente demais para sair?

Não suporto pensar nisso.

Quando volto para Hampton, abro a loja por algumas horas, apenas para tentar ocupar minha mente com algo que não seja a minha tristeza implacável. Verifico minha loja on-line, vendo que as pessoas estão começando a ver meu trabalho. Isso me anima, mas apenas uma fração. Há apenas uma coisa que vai ajudar.

Quando você se sentir triste, pegue sua paleta e deixe sua imaginação correr solta. A pintura era a resposta da mamãe para tudo. Triste? Então pinte. Irritado? Então pinte. Entediado? Então pinte. *Quando as coisas parecem sombrias, se perca no colorido,* ela sempre me dizia. *Perca-se no que você ama.* Ela me ensinou tudo o que sei.

Pego uma tela em branco, um cavalete, minhas tintas e pincéis e saio. Eu preciso me perder naquilo que sempre me estabilizou. Por tanto tempo, fiquei sem esse sentimento de paz. Por tanto tempo, fiquei longe da minha paixão. É engraçado que durante esses anos sombrios eu precisei ainda mais da minha fuga. Mas ele não me deixou tê-la.

Fecho a loja às cinco e subo para tomar banho, lavando a tinta das minhas mãos, meu rosto, meu... em toda parte. Eu seco meu cabelo, o escovo e adiciono um lenço de cabeça cor de pêssego que não combina muito com o meu vestido laranja. Eu não ligo. Não há ninguém para me dizer o que posso e o que não posso usar. Vou para minha sala pegar meu telefone, franzindo a testa quando vejo que não está onde eu o deixei. Ou onde eu *pensei* que tinha deixado. Os próximos dez minutos são gastos puxando todas as almofadas do sofá e vasculhando meu apartamento. Sem telefone. Olho para o relógio. — Merda. — Eu encontro depois. Não é como se eu precisasse. Quem vai me ligar?

Às sete e quinze, faço minha entrada no pub da cidade. O padre Fitzroy está apoiado no final do bar, uma caneca em uma mão, um jornal na outra, e ele inclina a cabeça quando eu passo por ele. Sorrio um olá e vejo Molly na mesa na janela.

Corro e me sento no banco de madeira ao lado dela, aceitando o copo de vinho que ela segura. — Ei, desculpe, estou atrasada. Não encontrei meu telefone.

— Você quer dizer que perdeu o tijolo?

Reviro os olhos em um sorriso. — Teve um dia bom?

— Sim, e o comitê da escola *adorou* a sua ideia de ter um concurso de pintura para as crianças. — Molly brinda o ar e bebe um gole. — Você precisa de alguma coisa de nós?

— Talvez bancos para as crianças sentarem? — Tomando meu primeiro gole de vinho, sorrio enquanto engulo e fico confortável.

— Vou trazer banquetas. O que eles vão pintar?

Olho para trás, pela janela e do outro lado da rua, onde me sentei esta tarde do lado de fora da minha loja e pintei uma cena adorável de rua. — Parece certo que pintem Hampton quando estamos homenageando a cidade. E a rua principal? É tão bonita.

— Perfeito! E haverá bandeirinhas em zigue-zague nos postes, carrinhos de comida e barracas. A vista perfeita. — Pegando a garrafa do meio da mesa, ela encara nossos dois copos. — Agora, chega de negócios. Conte-me sobre você, Hannah.

Seu sorriso amigável torna ainda mais difícil para eu mentir. Eu me perco no meu vinho enquanto tento me lembrar da história que ensaiei cem vezes. — Tive um término conturbado com meu namorado e estava cansada da agitação da cidade. — Simples assim. — Então eu saí enquanto podia. — Eu sorrio brilhantemente, embora forçado. — Mudei para o exterior por alguns anos, mas não me agradou. Você não pode vencer o interior da Inglaterra, então eu voltei. — Molly parece comprar meu pacote de mentiras facilmente, e é um alívio.

— Então brindemos a novos começos.

Tocamos os copos e bebemos exatamente a isso.

Uma hora depois, estamos quase terminando toda a garrafa de vinho e não nos calamos. Nós rimos muito, e sou levada de volta no tempo, quando eu ria constantemente com minha irmã.

Molly é um pouco como Pippa, pulando de um tópico para o outro em uma grande confusão. É fácil amá-la. E foi um prazer conversar porque eu só quero... conversar. Não porque eu sinto que preciso. Falando de coração sobre a minha paixão

pela pintura, em vez de me esconder, isso me emociona. Molly está ouvindo porque está interessada no que tenho a dizer. É uma novidade. Nos últimos quatro anos fiquei bastante solitária, mantendo todos distantes. Não os deixando chegar muito perto. Estou me sentindo mais como a minha antiga eu, a jovem despreocupada e risonha que eu costumava ser antes de minha vida ficar feia. Antes de me tornar uma mulher completamente diferente.

— Mais? — Eu pergunto, pegando a garrafa vazia da mesa e em pé.

— Por que diabos não? — Molly drena a última polegada de seu copo. — E pegue alguns amendoins também.

Eu rio e caminho até o bar, onde o proprietário, Bob, está encostado no balcão, conversando com o padre Fitzroy, outra cerveja na mão. — O mesmo novamente, por favor. — Coloquei o vazio no bar.

— E uma Budweiser, — diz uma voz ao meu lado. Eu o reconheço imediatamente, e meu sorriso despreocupado cai como uma pedra. Ryan Willis. Minha mão congela no ar quando solto a garrafa vazia, meu peito pulsando imediatamente. — Oi, — ele diz, mas eu mantenho meus olhos em Bob, procurando no cérebro uma resposta simples e não encontrando nada. Sem palavras, sem instruções, sem nada sangrento.

Bob desliza uma garrafa de Bud pelo bar quando ele pega minha garrafa de vinho. — Você está bem senhorita Bright? Ele pergunta, um pouco preocupado. Eu também estou preocupada. Perco a capacidade de funcionar como um ser humano normal, de ter pensamentos racionais, toda vez que estou na presença de Ryan. O que diabos está errado comigo?

— Estou bem — murmuro enquanto pego nossa nova garrafa de vinho e jogo o dinheiro no balcão. — Obrigada. — Fujo apressadamente de volta para a mesa, me encolhendo o tempo todo.

— Você está bem? — Molly pergunta, segurando seu copo para eu encher.

Eu forço um sorriso e aceno com a cabeça quando me sento, tentando desesperadamente não olhar em direção ao bar enquanto Molly começa a conversar novamente. Eu vejo sua boca se movendo, suas mãos gesticulando, embora eu não tenha ideia do que ela está dizendo. Estou muito ocupada lutando para manter meus olhos à frente. Mas quando ela repentinamente declara que precisa ir ao banheiro, eu fico sem ninguém para focar. Olho para o meu joelho arranhado. E, caramba, espio por cima do ombro.

Ele está sentado no bar assistindo a uma partida de futebol na TV. Sua cerveja sobe esporadicamente aos lábios e sua garganta se estica cada vez que ele bebe. Ele está sozinho,

quieto, aparentemente feliz com sua própria companhia. Então ele olha para trás, e eu voo na cadeira e me concentro no meu vinho.

Bom Deus, eu sou uma perdedora. Diga oi. Sorria para ele. Ele está apenas sendo amigável, pelo amor de Deus. Mas não importa o quanto eu tente, simplesmente não consigo me forçar a encará-lo.

Eu engulo e olho quando Molly volta do banheiro. — Ei, você comprou amendoins? — Ela pergunta enquanto examina a mesa.

Levanto-me do banquinho rapidamente, sendo presenteada com a oportunidade perfeita para consertar meus erros recentes e, com sorte, mostrar ao Sr. Cool que não sou totalmente esquisita. — Eu vou buscá-los. — Vou ao bar rapidamente antes que Molly possa se oferecer. — Esqueci os amendoins, — digo a Bob enquanto me viro para Ryan, puxando um sorriso do nada.

Sua garrafa faz uma pausa nos lábios, seus olhos se voltam para mim, mas a cabeça. Eu tenho toda a intenção de me apresentar oficialmente, de estender minha mão e colocar meu constrangimento bobo atrás de mim, mas então ele abaixa a garrafa e vira uma fração em minha direção em seu banquinho. Ele inclina a cabeça. Seus olhos brilham, só um pouco, e ele me dá um meio sorriso torto.

E meu plano vira merda, meu sorriso diminui e estou muda mais uma vez. Meu corpo estúpido responde de uma maneira que *nunca* respondeu, me pegando desprevenida. Deus, eu estou *realmente* atraída por ele. Gosto da magnitude absoluta de suas calças, na verdade. Ele é áspero, bruto e bonito, mesmo com o nariz torto e o sorriso sujo. Eu alcanço meu próprio nariz, sentindo a pequena saliência na ponte. Ele quebrou o nariz também? Ou é naturalmente curvado?

Ele me observa enquanto eu acaricio o caroço, seu sorriso ficando fraco. Eu rapidamente tiro minha mão do meu rosto. De repente, cautelosa com as reações do meu corpo, e sinceramente sem saber o que fazer com elas, me afasto, agarrando cegamente os amendoins do balcão.

— Isso é uma libra, por favor, Hannah, — diz Bob, e eu olho para ele como se ele tivesse me pedido um milhão.

— Eu pago. — Ryan coloca uma moeda na barra, e eu estou morrendo positivamente por dentro enquanto ele me vê recuar, seu sorriso agora suave.

— Obrigada, — sussurro mais ou menos, virando-me e voltando para Molly. Eu deveria evitá-lo para sempre, já que não sou eu mesma quando estou perto dele. Mas há algo sobre ele. Ele me deixa devastada. Ele é meio quente, sem realmente ser quente. Ele é meio fofo, sem realmente ser fofo. E ele é meio familiar, sem ser familiar.

O que está acontecendo?

Deus, eu não sei, mas eu sei que ele deve pensar que eu sou totalmente louca. Talvez eu seja. Ou talvez eu esteja quebrada além do reparo. Talvez eu simplesmente não saiba mais como agir na frente de um homem.

Eu me contorço de volta para a mesa e me refúgio no meu vinho.

— Você está com calor? — Molly pergunta, apontando seu copo para minhas bochechas coradas. Eu alcanço e dou um tapinha nelas.

Sim, eu estou queimando. Quente e incomodada.

Mas obviamente ainda quebrada.

5

Ryan

Meu chuveiro externo é uma das coisas que mais amo em estar em casa. As manhãs são frescas nesta época do ano, mas esse ar frio misturado com o calor do spray é uma sensação inacreditavelmente incrível na minha pele. Vapor do frio se reunindo com o quente. Revigorante.

Pego uma toalha e a envolvo em volta da minha cintura enquanto volto para dentro da minha cabana para fazer um café. Sentado à minha mesa, verifico meus e-mails, excluindo a maioria e envio uma mensagem a Jake para uma atualização. Meu telefone toca quase imediatamente após clicar em ENVIAR.

— Ei, — respondo, recostando-me na cadeira. — Suponho que o bebê chegou.

— Oh, ele chegou bem. — Jake ri, embora esteja cansado, e de repente ouço o choro penetrante de um recém-nascido. — Caleb Sharp está definitivamente aqui. — Ele suspira, agora soando extremamente exausto.

Não posso evitar meu pequeno sorriso. — Parabéns, companheiro.

— Obrigado. Como estão as coisas por ai?

— Pacíficas. — Levanto-me e vou até o freezer, pegando o Chunky Monkey e abrindo a tampa.

— Eu posso entender. Estou me preparando para levar Cami e as crianças para minha casa de campo. Sem vizinhos. Sem barulho. Só eu e eles no meio do nada.

Eu sorrio. Hampton está no meio do nada. Ninguém vem aqui. Ninguém sai daqui. Reflito momentaneamente sobre o tempo em que saí da cidade anos atrás, sem planos de voltar além de visitar mamãe. Logo voltei, no entanto. Cavalos selvagens não poderiam ter me mantido longe. E então estou pensando novamente sobre aquela mulher toda respingada de tinta. Ninguém vem aqui. Mas ela veio.

— De qualquer forma... — Pego uma colher e seguro o celular no ouvido com o ombro enquanto cavo o sorvete. — Aproveite suas noites sem dormir. — Eu sorrio quando ele bufa, ouvindo um som do lado de fora. Olho para a minha porta aberta. — Eu tenho que ir. Alguém está aqui. Dê lembranças a família.

— Certo. Mantenha contato, amigo. — Jake desliga, eu jogo meu telefone no sofá e vou para a janela, olhando para fora

enquanto encho a boca com meu vício. É silencioso, perfeitamente silencioso... até ouvir o som de galhos quebrando. Dou alguns passos para a porta da frente, alerta, mas de maneira alguma preocupado com os sons de alguém em minha propriedade. Estou em Hampton. Nada acontece em Hampton.

Apoiando meu ombro no batente da porta, espero quem quer que seja se mostrar, meus olhos treinados na trilha que desaparece na esquina. E enquanto espero, continuo lentamente colocando um pouco de sorvete na boca.

Então eu vejo alguma coisa.

— Olha só, — digo para mim mesmo, engolindo lentamente. Ela vira a esquina, e mesmo daqui posso dizer que ela está lutando com seu instinto de fugir. Toda vez que encontrei essa mulher, ela foi como um coelho preso numa armadilha. A primeira vez, eu entendi. Eu a tirei da estrada. Ela deve ter ficado chocada. Mas na loja? E no pub na outra noite? Ela é uma coisinha arisca. Ou é outra coisa? Eu levanto minhas sobrancelhas para mim mesmo. Eu quero que seja outra coisa?

Ela está olhando em volta, sua admiração óbvia, quando começo a mastigar meu Chunky Monkey novamente. Não posso culpá-la por estar tão encantada. Meu lugar é muito fascinante.

Então ela me vê na porta e para de repente. Seus olhos estão colados no meu peito, e eu espio com a colher pendurada na boca, lembrando a mim mesmo que acabei de sair do

chuveiro e só tenho uma toalha minúscula cobrindo minhas partes. — Você vai fugir de novo? — Eu digo baixinho, cavando minha colher de volta no pote.

Ela pisca e olha para o meu torso nu. — Perdão?

Sorrio e desço os três degraus da varanda para o gramado. — Você tem o hábito de correr na outra direção sempre que eu te vejo.

Seus olhos se fecham, vergonha tingindo suas bochechas. Ou talvez o calor seja causado por outra coisa. Um pequeno lampejo de satisfação percorre minhas veias.

— Esse foi o motivo pelo qual eu vim, — diz ela. — Normalmente não sou tão esquisita. — Ela não pode olhar para mim agora e está brincando com um pedaço de tecido desgastado na parte inferior do short jeans. O suéter largo de mangas compridas que ela veste encanta seu corpo pequeno e o lenço azul no cabelo quase cobre toda a cabeça. Ela é chique, de uma maneira fofa.

Eu me aproximo dela, mas lentamente, consciente de que foi preciso toda a sua coragem para vir aqui. Sua timidez, embora quase dolorosa, é bastante cativante. — Eu não acho que você é esquisita. — Jogo uma grande colher de sorvete na boca e saboreio o pequeno sorriso que ela dá para o pote na minha mão.

— Chunky Monkey no café da manhã?

Eu mostro a ela o interior da vasilha. — Qual o problema?

A pequena risada que ela permite escapar ilumina seu rosto, e é realmente uma visão de se ver. — Bem, eu só queria quebrar o gelo. — Ela acena uma mão entre nós. — Não quis ser grosseira na quinta à noite ou na loja na sexta de manhã. — Ela faz uma careta. — Ou no pub no sábado à noite.

— Não achei que você fosse rude. Tímida, talvez.

— Eu não sou tímida, — ela retruca, muito rapidamente. Defensivamente.

— Ok. — Mergulho minha colher no recipiente e o coloco na mesa de piquenique ao meu lado. Ela é definitivamente tímida. E talvez estranha. — Como está seu joelho? — Meus olhos caem para a perna dela e encontro um curativo bem patético cobrindo-o.

— Bem. — Seu olhar está de volta no meu peito, seus dedos nervosos girando.

Então... silêncio. E começa a ficar estranho novamente.

Então eu intervenho. — Olá?

— Oi, — diz ela, olhando para mim enquanto pisca rapidamente. — Acho que preciso de um tanquinho.

Eu engasgo com nada. — Desculpe?

— Água! — Ela grita, dando um passo cego para trás enquanto começa a rir, um pouco perturbada.

Ela não está olhando para onde está indo. Ela está confusa. Envergonhada. Eu posso ver o que está prestes a acontecer, tudo muito claramente. — Ei, cuidado com-

É muito tarde. Seu pé pousa no galho, seus braços começam a se agitar e ela começa a cair para trás. Porra, ela se machucará novamente, e mais uma vez será minha culpa.

— Merda, — ela grita. Eu vou adiante e pego a mão dela na hora certa, puxando-a para frente com um pouco de força demais.

Erro.

Agora ela está voando em minha direção e, quando seu corpo colide com o meu, cambaleio, prendendo meu próprio pé em um galho e caindo de costas na terra. Estremeço com o impacto, folhas e poeira flutuando ao meu redor, galhos cavando em minha pele.

— Porra, — eu xingo, meus olhos fechados. E quando os abro, encontro-a caindo de frente para mim. Ah merda. Meus músculos travam naturalmente, preparando-se para o impacto.

Eu noto seus olhos arregalados. Percebo a mortificação em seu rosto. Percebo meu sangue esquentando.

Ela cai em cima de mim com um baque, e eu grunho antes de me forçar a ficar quieto, consciente de que há apenas uma toalha minúscula em volta da minha cintura. Bom Deus. Eu engulo e respiro, lenta e controladamente, enquanto ela permanece com o rosto apertado no meu peito.

— Água, — ela murmura eventualmente. — Eu quis dizer que preciso de um pouco de água. — Colocando as palmas das mãos nos meus peitorais, ela se levanta e olha para mim, seu rosto vermelho, seus dedos flexionando um pouco em minha carne.

E eu me pego rindo por dentro, embora eu mantenha meu rosto sério. — Você está me tocando e eu nem sei o seu nome.

Encolhendo-se em cima de mim, ela rapidamente remove as mãos e senta-se. Ela se encolhe mais. — E agora estou montando em você, — ela suspira, com os ombros caídos, embora eu tenha a sensação de que ela já passou de vergonha. — Meu nome é Hannah, — ela murmura.

— Eu sou Ryan.

— Eu sei. — Ela encolhe os ombros quando eu levanto minha cabeça em questionamento. — A garota da loja me contou.

Interessante. Isso é porque ela perguntou? Inesperadamente, meus pensamentos se exaltam, pensando em como ela está bonita me montando. Adorável, bagunçada e boa. Levanto meus braços dobrando-os sob a cabeça enquanto a admiro. — Prazer em conhecê-la, Hannah, — digo sem rodeios, e ela revira os olhos dramaticamente.

— Eu diria o mesmo, mas... — Ela se afasta enquanto seus olhos vagam também, percorrendo o comprimento dos meus braços até encontrar meus olhos. — Prazer conhecê-lo também. — E ela ri, com a cabeça tremendo de desânimo. O som é limpo, puro, e se eu não me retirar agora, ela descobrirá que também fez meu sangue bombear. Relutantemente, contraio meus músculos e ela pega a dica, levantando a bunda do meu estômago. Embora ela vacile enquanto se levanta, me levando a correr para ajudá-la com a mão que não está segurando minha toalha no lugar.

— Tudo ok? — Eu pergunto, correndo meus olhos sobre seu corpo maravilhosamente lamacento.

Ela assente e se afasta. — Eu bati meu joelho na queda.

Eu rapidamente encontro o ralado, notando que o curativo está pendurado e o arranhão está sangrando novamente. Ela se abaixa e dá um tapinha nas bordas do curativo, tentando recolocá-lo. — Droga. — Desistindo, ela deixa o curativo cair e eu estremeço quando a ferida aparece.

— Você limpou? — Eu pergunto, pegando seu braço e levando-a a um tronco próximo.

— Sim. — Sua bunda cai na madeira e ela olha para mim.

Seus olhos azuis impressionantemente grandes se alargam de surpresa quando eu me ajoelho diante dela, olhando melhor. — Com o que você limpou? — Eu chego à frente e bato na borda, não gostando da visão de carne crua.

— Água morna.

— Só isso? — Não conseguindo ocultar minha preocupação. — Somente água?

Ela parece tímida agora enquanto concorda com a confirmação.

Irritado, eu me levanto. — Espere aí, — ordeno, voltando para casa para buscar minha caixa de primeiros socorros. — Precisa de cuidados antes de infeccionar. — Abro minha toalha e coloco um jeans antes de abrir alguns armários em busca dos meus suprimentos. Assim que coloco as mãos na caixa, encho uma tigela com água morna e líquido antibacteriano e volto para fora. Ela ainda está empoleirada no tronco, olhando ao redor, e eu tenho que tomar um momento para admirar como ela é adorável.

Organizo minhas coisas enquanto ela ajeita o joelho machucado. — Como está seu ombro? — Eu pergunto. — Você

estava girando na outra noite. — Dobro e torço o pano, levando-o para o esfolado e esfregando suavemente enquanto envolvo minha mão na parte de trás do joelho dela para segurá-la imóvel. A perna dela está tensa.

— Duro, — ela sussurra.

Duro. Eu mudo minha posição agachada, tentando em vão abrir espaço na minha calça jeans, meus olhos firmemente enraizados em seu joelho. Até que não estejam, meu olhar desce pelo comprimento de sua perna bem torneada. Minhas mãos tremem, assim como meu pau. Estou suando. — Fique quieta, — ordeno, soando um pouco mais duro do que pretendia.

— Eu não movi um músculo. *Você* se mexeu. — Suas mãos empurram o tronco de árvore em ambos os lados do corpo enquanto realinho meu foco e continuo limpando sua ferida. — Ai, ai, ai.

— Você tem pedaços de cascalho nela. — Pego a pinça e me aproximo, irracionalmente irritado. Eu não deveria ter deixado ela recusar minha ajuda na outra noite. Eu teria removido toda a sujeira e colocado um curativo adequado, e já estaria se recuperando. — Não se mexa.

— Merda, merda, merda.

— Shh, — eu a silencio, pegando as pequenas pedras e jogando-as para longe.

— Fica quieto você, — ela retruca com os dentes cerrados, e eu não posso deixar de sorrir para o joelho dela, tentando me concentrar. — Eu não vi você por aqui, — diz ela, cerrando os dentes enquanto trabalho no ferimento. — Não antes de você me atropelar.

Eu ignoro a alfinetada dela, pois suspeito que não será a última cutucada que eu recebo sobre isso. — Acabei de voltar para a cidade depois de terminar um trabalho. — Eu levanto uma pequena ponta de pele para obter um pedaço maior de areia.

Sua perna estremece, e eu a forço ainda mais. — Youch!

— Tirei. — Jogo as pinças de lado e pego o pano, limpando o resto do sangue.

— Você disse que trabalha protegendo pessoas.

— Eu disse que *trabalhava* na área de proteção, — eu respondo.

— E você não trabalha mais?

— Não.

— Por quê?

Eu olho para ela com um sorriso. — Alguém pode pensar que você quer me conhecer. — Ela quer? Eu quero conhecê-la?

Suas bochechas coram novamente. — Só estou tentando conversar.

Intrigado com o aparente interesse dela, decido alimentar sua curiosidade. — Entrei para o exército aos dezoito anos. Fui retirado da patente aos dezenove anos e submetido a um árduo processo de recrutamento. Quando completei vinte anos, estava trabalhando para o MI5.

— Oh meu Deus, você era um espião?

Eu rio um pouco — Não, eu não era um espião. — Eu não estou mentindo. Eu não era. Eu era um agente secreto. E daí que é tecnicamente a mesma coisa? — Eu trabalhei protegendo pessoas. — Não estou mentindo de novo. Eu estava protegendo a segurança nacional.

— Então, por que você largou?

— Mudança nas circunstâncias, — digo, olhando para ela, sem sentir a necessidade de contar sobre Alex. Deus, mal posso esperar para vê-la. — Comecei a trabalhar para uma agência de proteção privada.

— E agora você saiu de lá? — Ela pergunta, e eu aceno, vendo o desespero nela de perguntar por que isso também aconteceu.

Mas antes que ela possa, aponto para o joelho dela. — Dói?

— Não muito.

— Você é tão corajosa. — Eu olho para ela, vendo seu nariz enrugar. Isso também é fofo. Ela é muito fofa. — Então eu também não *te* vi por aqui antes. — Eu jogo as palavras dela de volta para ela.

— Eu me mudei para a cidade há algumas semanas. — Ela cuidadosamente flexiona o joelho quando eu solicito. — Tenho uma loja de arte na cidade. É como uma galeria, mas também vendo artesanato.

Ah, a nova loja. Ela se parece com o tipo criativa. Mas se alguém fosse montar um novo negócio, especialmente em um segmento de mercado, por que diabos faria isso em Hampton? Estamos à milhas da civilização.

Mas não tenho coragem de estragar seus planos. Não depois de detectar o brilho extra em seu rosto quando ela mencionou sua loja. — Eu me perguntava de onde aquela loja tinha vindo, — digo, pegando um curativo. — Qual é a sua área de especialização?

Ela ri um pouco e, caramba, isso mexe meu pau ao ponto de me encolher com a reação do meu corpo. — Não diria que tenho uma área específica de especialização. Eu só tenho uma paixão pela pintura. Vou pintar qualquer coisa.

Eu sorrio enquanto retiro um curativo, lembrando as manchas de tinta por ela toda na outra noite. — Então me diga, qual é a sua coisa favorita para pintar?

— Adoro o ar livre. Cor, natureza. — Ela sorri, iluminando o rosto um pouco mais. — Então paisagens, principalmente. Coisas de beleza natural. — Ouví-la falar sobre algo que ela claramente ama é... divertido.

Os olhos de Hannah brilham quando ela me olha, e de repente a atmosfera fácil muda, o ar fica mais denso. O curativo fica na minha mão inútil, seu pé no meu joelho, e eu esqueci completamente o que estava fazendo. A língua dela molha seus lábios. Ah merda. Adorável e naturalmente sexy. O desejo corre através de mim com uma vingança. — Coisas de beleza natural, — digo baixinho, e ela assente lentamente. — Então você quer me pintar, certo?

Um sorriso se forma lentamente, e ela começa a rir, com a cabeça jogada para trás. Meus olhos travam na garganta dela, as linhas suaves implorando para que eu coloque minha boca lá. *Porra, Ryan. Organize sua merda.*

Eu bato um pouco no curativo do joelho dela, e ela grita, sua risada desapareceu em um segundo. Hannah olha para mim, assustada, e apesar de saber que eu deveria me desculpar, eu não faço. Coloco seu pé no chão, depois me levanto. Fico desconfortável com o quão confortável essa mulher

me faz sentir. Ela é como uma preciosa caixa de fofura. Seu cabelo loiro é uma massa de ondas bagunçadas presas ao acaso, suas raízes escuras atrevidas como sem dúvida deveriam ser, e o cachecol atado na cabeça é o azul mais brilhante que você poderia encontrar. E não me deixe começar a falar de seus grandes olhos de safira. Eles estão me hipnotizando. Ela é tão magra, eu quero alimentá-la. Ela come? Cuida de si mesma? Eu deveria cozinhar um hambúrguer para ela. Um grande. E vê-la comer. *Uau!* Eu limpo minha garganta e me afasto.

— Então você mora aqui? — Hannah se levanta consciente da minha repentina retirada.

— Lar doce lar, — digo baixinho enquanto ela olha em volta. Ela está impressionada e não sei por que isso me agrada. A única outra mulher que já toquei em Hampton odeia esse lugar. Hannah não é como ela. *Nada* como ela. Afasto os pensamentos da mulher que é o epítome da alta manutenção. Uma mulher que tem uma capacidade excepcional de fazer com que todos se sintam abaixo dela. Uma mulher que tentou tirar a única coisa neste mundo que eu adoro. Uma mulher que eu odeio.

— Aquilo é um chuveiro externo? — A pergunta de Hannah me puxa de volta ao aqui e agora, onde uma mulher está diante de mim olhando para o meu santuário como se fosse a coisa mais incrível que ela já viu. Ela não está nem um pouco horrorizada. Apenas admirada. — Parece... legal.

— Sim, ele é.

— E uma rede?

Eu aceno enquanto ela continua a se mover pela minha terra, da churrasqueira à varanda que circunda minha cabine. Ela se vira e caminha até o chuveiro e espia pelas ripas de madeira, até o jato. — Estamos na Inglaterra. Deve ficar congelante a maior parte do tempo.

— É aquecido, — explico, juntando-me a ela e apertando a alavanca. — Conectado ao sistema de aquecimento central da cabana. — A água bate nas lajes de concreto polido e espirra em nossas pernas, e ela assente com um sorriso pensativo, olhando ao redor novamente enquanto desligo o chuveiro, vagando aqui e ali, olhando para mim de vez em quando.

— Você construiu tudo isso, não foi? — ela pergunta, e eu aceno confirmando. — Então você é bom com as mãos? — Minhas sobrancelhas se erguem sem pensar e ela ri um pouco. Foda-se, esse som. — É maravilhoso aqui, — diz ela. — Eu amo isso. — E por que isso me deixa tão feliz? Desde quando me importo com o que uma mulher pensa de mim e do meu modo de vida? Minha mente está saindo pela tangente e olho para o meu chuveiro ao ar livre. Uma mulher nunca esteve naquele chuveiro. Como seria Hannah? Eu me sacudo, chutando-me mentalmente, descobrindo que Hannah se sentou na minha rede. Ela está balançando para frente e para trás, olhando para

as copas das árvores. Eu a deixei ter seu momento, não preparado para interrompê-la quando ela está claramente tão serena. Pacífica combina com ela. E ela parece muito boa na minha rede. Agora ela está cantarolando também. Sorrio para mim mesmo, achando curioso, e a assisto por um tempo, minha cabeça girando.

— Confortável ai? — Eu pergunto enquanto ela levanta a cabeça e aperta os olhos para me ver.

— Estou me mudando.

Eu rio baixinho, incapaz de me conter. — Você com certeza se move rápido. Você só me montou dez minutos atrás.

Seus olhos caem para o meu peito, lembrando-me que ainda está nu. — Sim, — ela quase respira, lutando para se sentar. A rede oscila precariamente, e ela grita, forçando-me a ir para frente e a firmar. Embora eu tenha certeza de que não vamos acabar em uma pilha de corpos bagunçada dessa vez. — Geralmente não sou tão desajeitada — ela solta, segurando meus braços e jogando as pernas para o lado.

Sua falta de jeito é muito cativante, mas eu me abstenho de dizer isso a ela.

Eu a ajudo a descer, garantindo sua estabilidade antes de soltá-la, embora seja apenas quando tento dar um passo para trás que percebo que é ela que se prende a mim. Ela está

olhando para mim de novo, seus olhos azuis ridiculamente grandes e bonitos.

Eu olho para longe. Eu preciso de um pouco de espaço para respirar. Merdas estranhas estão acontecendo comigo, no meu coração, na minha cabeça. — Com licença, — eu digo, me forçando a soltá-la e voltando para minha cabana, esfrego as mãos no rosto e expiro. Para um homem que está contente em estar sozinho, um homem que não está interessado em se envolver com uma mulher, esta com certeza faz meu sangue ferver. Nenhuma mulher jamais fez isso comigo. Agitou meu interesse. Me deixou tão curioso. Me fez rir. Atiçou meu desejo.

Eu jogo água fria no meu rosto, apenas para me recuperar disso... estranho. Apenas quando me recomponho volto para fora. E paro dormente meu caminho quando não vejo sinal de Hannah. Para onde ela foi? — Hannah, — eu chamo, dando passos e examinando a área.

— Sim?

Ela aparece por trás de uma árvore e meus músculos relaxam. Isso é muito estranho também. — Eu pensei que você tinha ido. — E daí se ela tivesse?

Ela tira uma mecha de cabelo do rosto, caminhando na minha direção. — Você terá que me dizer como sair daqui. — Ela gesticula para o meu santuário escondido. — Eu apenas segui meus instintos.

Seguiu seus instintos hein? Devo ler mais sobre isso? Provavelmente não. — Então hoje você veio me ver para me dizer que não é estranha, — digo, inclinando a cabeça. — O que você estava fazendo por aqui na outra noite?

— Procurando a casa da Molly. — Ela encolhe os ombros. — Eu estava entregando tinta e me perdi completamente.

— Então estou feliz por ter encontrado você. — As palavras vêm do nada, fazendo-a recuar um pouco. — Quero dizer... — *Que porra é essa, Ryan?*

— Estou feliz também, — diz ela com um sussurro. — Ou então eu poderia ter sido comida por um urso ou algo assim, — acrescenta ela, atrevida, como se estivesse se arrependendo do que disse.

— Não há ursos nessas regiões. — Mulher boba.

— Lobos?

Balanço a cabeça. — Você está no Peak District, não no Alasca.

— Cães selvagens?

— Não. Não há monstros devoradores de homens por aqui, querida. — Pego meu machado de seu lugar de descanso junto à pilha de toras, balançando-o casualmente enquanto chuto o

pé em um tronco próximo e me inclino para a frente, apoiando o cotovelo no joelho. — Só eu.

Ela revira os olhos em busca de efeito, se aproximando e reivindicando o meu machado. — Sem ofensa, mas você não é nem um pouco assustador, — diz ela casualmente.

— Eu não estava tentando ser.

Seus dentes afundam no lábio inferior enquanto ela me olha com cuidado. O que ela está pensando? — É mais pesado do que parece. — Ela tira os olhos dos meus e inspeciona meu machado. Agora eu sei que ela não estava pensando isso. — Você cortou toda essa lenha?

— Sim. Eu amo a primavera. Faz calor durante o dia, mas as madrugadas e a noite ainda estão frias o suficiente para acender uma fogueira. — Chuto alguns troncos enquanto Hannah estuda o cabo, as duas mãos flexionando em torno da madeira. — Quer tentar? — Eu pergunto. De onde vêm essas palavras? E isso é sábio, dado que ela é tão desajeitada? Ela poderia tirar minha cabeça.

Hannah olha para mim. — Cortar madeira?

— Sim. — Por que diabos não. Brincar com perigo parece estar no meu sangue. Faço uma pausa nesse momento. Hannah? Perigosa? Ela parece tão mortal quanto um coelho bebê. Me curvo e pego um tronco pré-cortado, colocando-o na

vertical sobre o tronco. Então, algo vem a minha mente. — Seu ombro.

— Meu ombro está bem. — Ela revira os olhos, dá um passo à frente e levanta o machado. Pelo menos, ela tenta. Ele mal passa da cintura.

— Quer ajuda? — Eu pergunto. Ajuda? Isso significaria estar perto dela. Tocando-a? Essa é uma boa ideia?

Ela olha para mim, em silêncio por alguns instantes, antes de responder calmamente: — Claro.

Esfrego a nuca, lutando para encontrar um motivo para *não* ajudá-la. Afinal, eu ofereci. E ela aceitou. Eu posso fazer isso. E, na verdade, algo dentro de mim está satisfeito com o que ela quer, especialmente porque ela não conseguiu nem olhar para mim antes de hoje. Então, diminuo a distância entre nós, mas asseguro que nossos corpos não se toquem, mas é claro que quando eu me inclino, meu plano vai por água abaixo e minha frente encosta em suas costas. Eu engulo e agarro o cabo do machado, logo abaixo do aperto de Hannah. Ela para, ficando quieta.

— Você ganha mais potência se segurar o cabo mais perto do fim, — digo baixinho, minha voz naturalmente áspera. — Mas você perde um pouco de precisão.

— Tudo bem, — ela sussurra. — Então, seguro aqui? — Suas mãos se movem para as minhas.

— Sim. — Encontro meus olhos se fechando quando ela muda de posição, se esfregando um pouco em mim. Senhor Jesus, o que ela está tentando fazer comigo? — Você acha que estamos prontos? — Eu pergunto incapaz de me controlar.

— Acho que sim.

Abro meus olhos e amplio minha postura, meu nariz praticamente em seus cabelos. Ela cheira a framboesas. Framboesas doces, suculentas e deliciosas.

Trago meu rosto para frente e descanso o queixo em seu ombro, e sua cabeça vira, de repente ficamos cara a cara. Ela está tensa, como se ela soubesse de todos os pensamentos que correm desenfreados na minha cabeça. É loucura que eu tenha vontade de beijá-la? Agora seria a oportunidade perfeita, e o jeito que ela está olhando para mim diz que quer que eu faça. Nossos lábios estão a uma polegada de distância. Eu posso sentir o hálito dela.

Olho o rosto dela, procurando o sinal que preciso. Ela pisca lentamente, sua respiração palpitando.

Aí está.

Começo a abaixar minha boca, incapaz de me parar, desesperado pela sensação de seus lábios contra os meus.

Mas ela rapidamente se afasta, e eu a sinto tremendo de repente quando ela solta o machado e se esquiva do meu braço, afastando-se furtivamente. — Sinto muito, — ela deixa escapar, parecendo em pânico, recusando-se a olhar para mim.

Merda. Engulo minha decepção e me recomponho. O que eu estava pensando? — Sou eu quem deve se desculpar. Não quis fazer você se sentir desconfortável.

— Você não fez. — Ela balança a cabeça furiosamente, e vejo imediatamente que ela está brava consigo mesma. *Por quê?* — É apenas... só...

— Hannah, você não precisa se explicar. — Eu definitivamente odeio que ela esteja se desculpando comigo. Que porra é essa? Eu coloco o machado no chão e me aproximo dela, completamente pego de surpresa quando ela recua rapidamente. Eu paro. Os olhos dela estão arregalados.

Ela aperta as mãos na frente dela, os dedos girando loucamente. — Eu não sou muito boa, — ela agita uma mão nervosa na minha frente — nisso.

— O que? — Eu pergunto. — Cortar madeira?

Ela me dá um olhar cansado. — Não, flertar.

— Flertar? — Eu pergunto, tentando tanto aliviar o clima. — É isso que estamos fazendo, porque tenho certeza de que estávamos prestes a cortar um pouco de madeira? — Há algo

profundo e avassalador dentro de mim que está determinado a fazê-la se sentir melhor sobre o que quer que a tenha deixado nervosa. Há também uma apreciação imparável fluindo através de mim porque ela reconheceu a atração entre nós. Eu não estou ficando louco. Ela gosta de mim. Bom, porque neste momento eu admiti para mim mesmo que também gosto dela. Muito.

— Muito engraçado. — Ela estende a mão e bate levemente no meu bíceps. — É só que... faz muito tempo desde que...

— Você flertou?

Ela suspira em um sorriso. — Desde que alguém me beijou.

Oh meu Deus, já existiu uma mulher mais doce? Ela não é como ninguém que eu já tenha conhecido antes, mas não posso deixar de pensar que existem muitas camadas nela, e estou apenas descolando a de cima. — Bem, *alguém* claramente tem maior força de vontade do que eu. — Apenas quando eu acho que ela não podia ser mais linda, suas bochechas coram e os cílios tremem quando ela olha para longe. Pego o cabo do machado. — Vamos seguir adiante. Vamos cortar este pedaço de madeira ou não?

Seu sorriso é de fora deste mundo, e ela não pensa duas vezes antes de colocar seu corpo na frente do meu novamente. Tomando o cabo e firmando sua posição, ela se concentra na

madeira. — Hannah? — Eu digo enquanto me movo ligeiramente para o lado e levanto o machado com ela.

— Sim?

Eu coloquei minha boca perto de sua orelha, e ela respira lentamente. — Eu sou um cara legal, — eu sussurro.

Não consigo ver o rosto dela, mas sei que o sorriso dela se alargou. Bom, porque eu gosto do sorriso dela. Ela abaixa o machado com força e precisão, e em um grito alto demais para seu pequeno corpo. A madeira se divide perfeitamente, e ela pula de emoção na minha frente, olhando para ela. — Oh meu Deus, isso foi *tão* bom.

— Soou também. — Se eu não a conhecesse melhor, diria que ela acabou de canalizar uma merda de raiva naquele golpe. E pela primeira vez desde que conheci essa mulher, me pergunto qual seria a história dela.

Afasto-me do corpo dela, mas ela não está muito disposta a soltar o machado, forçando-me a puxá-lo gentilmente, mas com firmeza, até que ela atire os olhos em minha direção. — Calma, querida.

— Desculpe. — Ela me dá um sorriso travesso. Mais fofura. — Eu deveria ir.

Coloco o machado de lado e aceno para minha caminhonete, reprimindo minha decepção. — Você quer que eu

te dê uma carona até a cidade? Eu vou para aquele lado mesmo.

— Não, mas obrigada, — diz ela, embora eu detecte hesitação. — Eu poderia fazer bom uso do ar fresco.

Ela poderia? Por quê? Limpar a cabeça? Novamente, por quê? Por minha causa? *Foda-se, as perguntas.* — Foi bom ver você, — eu digo, e me odeio no segundo em que profiro as palavras patéticas. Bom? Porra, bom*?*

— Prazer em te ver também.

— Sinta-se livre para parar a qualquer momento. — O que diabos aconteceu comigo?

As sobrancelhas dela se erguem. — Se eu tiver vontade de ser atropelada, sei onde vir. — O sorriso dela infla minhas bolas.

E algo profundo e desconhecido se agita dentro de mim.

Desejo.

Depois de vestir um jeans e uma camiseta, pego minhas chaves e vou para a minha caminhonete. E caramba, estou animado. É evidente no meu ritmo apressado pelo gramado. Meu refúgio idílico estará completo com mais uma adição.

A sujeira surge atrás de mim enquanto corro pela pista, mas desacelero sem pensar. Então meus olhos começam a

escanear a estrada. E antes que eu perceba, estou dirigindo no ritmo de um caracol, para o caso de alguma mulher decidir se jogar embaixo da minha caminhonete.

Saio da floresta para o sol e ganho velocidade, indo para a cidade. A mudança de terreno do Hampton Estate está logo à vista, e a contração familiar dos meus músculos segue logo depois. Eu dirijo mais rápido pela calçada do que deveria, mas... fodam-se eles. Eu garanto a parada numa derrapagem na fonte exagerada e garanto que — Ressurreição — do Stone Roses está soando no meu aparelho de som por alguns segundos antes de desligar o motor. Como previsto, Lady Hampton aparece na janela da sala de estar, praticamente derretendo o vidro com sua raiva. Sorrio por dentro enquanto saio, indo para a porta da frente da ala oeste. Levanto o punho, pronto para martelar a madeira como o animal que aparentemente sou, mas ela se abre antes que eu possa reafirmar o que esses idiotas pensam de mim.

É tudo o que posso fazer para não mostrar os dentes quando Darcy aparece preparada e arrumada tão perfeitamente quanto o normal, – sua sombra nos olhos está pesada, os lábios pintados com arte, seus cabelos pretos ásperos contra a pele pálida. Darcy Hampton do caralho. Mega cadela.

Os olhos dela se estreitam. — Você chegou cedo.

— Quinze minutos.

— Você terá que aguardar. Ela não está em casa e não terminou de desfazer as malas. — Darcy tenta fechar a porta em mim. Ah não.

— Peça a um de seus muitos mordomos para fazer isso, Darcy. — Eu impulsiono meu pé e a madeira bate no meu dedo do pé.

— Ryan! — Ela grita. — Você vai sujar a pintura.

Eu a ignoro e sua preciosa pintura e grito passando por ela. — Ei, repolho!

— Ryan, pelo amor de Deus! — Darcy luta com a porta contra o meu pé, sua trança francesa lisa perdendo alguns fios de cabelo. — E não a chame de repolho.

— Foda-se, Darcy — murmuro baixinho, meus olhos se iluminando quando ouço uma briga atrás dela. São os sons da minha garota lutando contra as mãos que tentam fazê-la ficar perfeita também. E então ela aparece no topo da escada, vestida com uma coisa floral com babados, seus longos cabelos castanhos em um rabo de cavalo alto. Que porra eles fizeram com ela? Eu desconsidero o estado da minha filha, meu sorriso raro, mas natural.

— Ei, linda. — Eu a vejo construindo um grito, praticamente tremendo de emoção.

— Papai! — Os olhos dela caem no corrimão. E meu sorriso se amplia. *Continue, minha garota. Domine esse corrimão.*

— Não se atreva, Alexandra— Darcy adverte, marchando para o pé da escada. — Você... não... ouse.

Os olhos da minha filha encontram os meus. Eu pisco. Ela sorri. E então ela joga a perna por cima do corrimão e desliza como uma profissional, aterrissando de pé no final. Darcy é forçada a sair do seu caminho para evitar cair de seus sapatos de salto alto.

— Pelo amor de Deus! — Ela grita, correndo para se endireitar.

— Calma, mãe — Alex grita enquanto ela pula. Eu rapidamente me viro, pronto, e ela mergulha nas minhas costas. Ainda posso ouvir Darcy assobiando e cuspindo ao fundo.

— Senti sua falta, — murmura Alex, trazendo uma ponta de culpa.

—Também senti sua falta. — Eu ando até o caminhão com ela presa nas minhas costas. — Que diabos você está vestindo? — Eu a deixo de pé, apontando para a monstruosidade de um vestido. Ela tem dez anos, pelo amor de Deus. E ela não é uma boneca de merda.

— Vovó comprou. — Seu rosto se contrai de nojo enquanto ela agarra a saia do vestido e gira.

— Sorte sua.

— Ei, o que aconteceu com sua caminhonete? — Ela aponta para o para-choque. — Você teve um acidente?

Balanço a cabeça. — Algo correu na minha frente.

— O que?

Eu paro, sabendo que, se eu contar a verdade, só haverá mais perguntas. E não sei exatamente o que diria a ela sobre a senhorita Hannah Bright. — Uma doninha, — digo rapidamente. *Uma doninha?* Não um gracioso cervo ou um coelhinho fofo. Uma doninha?

— Oh meu Deus, você a matou? — O olhar de horror em seu rosto está pronto.

— Não, eu desviei e bati em uma árvore.

Seus ombros caem de alívio. — Coitadinha. Deve ter ficado atordoada.

Atordoada? Fui eu quem estava atordoado. — Pareceu ter escapado muito bem. — Abro a porta da minha caminhonete para ela, e ela pula, imediatamente pegando um dos meus bonés de beisebol e puxando seu rabo de cavalo. Pego o boné da mão dela e coloco-o na cabeça, batendo na aba. — Perfeito.

Enquanto ando pela frente da minha caminhonete, Darcy atravessa o cascalho com uma sacola. — Alexandra, querida, suas coisas.

Alex abaixa a janela e descansa os antebraços na borda, o queixo nos braços. — Eu tenho coisas na casa do papai.

— Você tem trapos no barraco do seu pai, — retruca Darcy, lançando-me um olhar imundo.

— É uma cabana, mãe.

— Seja como for, você tem dever de casa aqui que precisa ser feito.

Oh, pelo amor de Deus, dê um tempo a garota, mulher. Minha garota está escondida naquele internato esnobe há meses sendo trabalhada até os ossos. — Ela acabou de chegar em casa para as férias de primavera, Darcy. Ela tem semanas para fazer a lição de casa.

— É claro que você seria irresponsável, — ela diz furtivamente enquanto me segue até a porta do motorista, passando por baixo do cinto, como sempre.

Mas cerro os dentes e forço um sorriso, não preparado para entrar em uma discussão na frente de Alex. — A lição de casa dela estará pronta pontualmente. Ela precisa de um tempo para recarregar.

Alex se puxa de volta para a caminhonete quando eu entro. — Podemos ir para casa e nos trocar? — Ela me pergunta.

— Não, temos coisas a fazer.

Darcy aparece na janela. — *Esta* é a sua casa.

— Jogue a bolsa dela na caçamba. — Eu aponto por cima do ombro e saboreio o olhar de horror no rosto da mãe de Alex.

— Está imundo.

— Então não jogue. — Afasto-me rapidamente, me certificando de levantar a poeira, e ouço os gritos de descontentamento de Darcy desaparecer enquanto avançamos rapidamente. Me chame de imaturo, me chame de malvado, mas essa mulher traz à tona o pior de mim. Alex começa a rir e, apesar de querer rir com ela, eu coloco meu papel de pai e me dou uma bronca antes de repreender minha filha. — Não ria da sua mãe.

— Desculpe. — Ela arranca suas sapatilhas rosa e joga os pés no painel. — Onde estamos indo?

— Cidade. Coloque o cinto de segurança — ordeno, estendendo o corpo para agarrá-lo.

Ela luta comigo. — Eu não preciso do meu cinto de segurança.

Eu dou a ela *o* olhar, aquele que ela sabe que não deve desrespeitar. — Agora. — Destemida. Essa é a minha garota. Às vezes há uma falha.

— Está bem, está bem. — Em um suspiro dramático, ela pega o cinto. — O que precisamos da cidade?

— Suprimentos. — Saio da estrada particular para a rua principal. — Precisamos terminar nossa ponte.

— Você quer dizer que não terminou?

— Você me disse para não tocá-la até que chegasse em casa, — eu a lembro. — Então eu não fiz.

— Bom garoto, — ela brinca, ganhando um aperto no joelho que a faz gritar e se contorcer no banco. — Pai, pare!

— Pare você com as piadas.

— Ok! — Ela ri, se acomodando quando eu a solto. — Ei, você viu a nova loja de artesanato na cidade? Vi quando o motorista da vovó dirigiu pela cidade mais cedo.

— Não. — Por que eu diria que não? E as perguntas no meu cérebro começam a girar novamente. De onde Hannah veio? Quem é ela?

— Papai?

Eu pulo no meu assento e olho através do caminhão. Alex está me olhando com um pouco de preocupação. — Desculpe, eu estava pensando. — *Idiota.*

— A respeito?

— Quanto eu senti falta das suas calças atrevidas. — Eu sorrio quando ela sorri.

— Quanto tempo até você voltar a Londres?

— Eu não vou voltar.

— Hã?

— Eu larguei o meu emprego. — Olho para ela pelo canto do olho, vendo espanto e emoção estampados em seu rosto. — Eu vou construir algumas casas, eu acho. Quer me ajudar?

— Oh meu Deus! — Ela grita, me fazendo estremecer. — Tipo, de verdade?

— Sério.

— Posso sair da escola?

Eu rio para mim mesmo quando paro em uma área de estacionamento do lado de fora da loja da cidade. — Não.

— Bom, isso não é justo. — Alex solta o cinto e pula nos assentos de trás. — Tenho algum Vans na sua caminhonete?

— Embaixo do meu banco. — Lembro-me de ter visto o tênis xadrez preto algumas semanas atrás, quando deixei meu celular cair na lateral do meu assento. Eu pulo e abro a porta dos fundos, encontrando Alex em uma pilha no chão da minha caminhonete, com o rosto contra o encosto do banco e a mão embaixo. A mãe dela teria uma hérnia.

— Acho que achei um, — diz ela, mostrando-me um par do Vans. — Meus olhos quase saltam da minha cabeça quando vejo algo pendurado na ponta e Repolho franze a testa enquanto eu sigo para frente, arrancando a calcinha vermelha de renda e as colocando no bolso rapidamente. — O que é que foi isso? — Ela pergunta.

— Nada. — Eu me faço útil e chego embaixo do assento para encontrar o outro sapato.

— Era uma calcinha?

Eu rio e isso soa cem por cento louco. — Por que eu teria uma calcinha na minha caminhonete?

— Me diz você.

Eu amo o quão inteligente minha garota é. Dez anos de idade e deixando outros alunos da mesma idade comendo poeira no departamento de notas, mas além disso, ela é inteligente em relação à vida. Observadora. Atenta. A educação particular é graças à família esnobe de sua mãe. O

conhecimento e as habilidades da vida são graças a mim. Neste momento, lamento que ela seja tão inteligente. Nada passa por ela. — Não era uma calcinha. — Eu não tenho mais nada.

— Você está mentindo, — ela murmura. — Você tem uma namorada?

Eu rio, respondendo sem responder. — Só preciso de uma mulher na minha vida.

— Sério, pai? — Alex encosta o ombro na lateral da caminhonete enquanto eu continuo remexendo cegamente a procura do outro sapato. — Você está ficando velho.

Eu tusso com nada. — Tenho trinta e nove anos, pelo amor de Deus. Ainda há anos em mim.

— E você vai gastá-los sozinho nesse ritmo.

Ponho minha mão em algo que parece um sapato e rezo para todo deus que não haja calcinhas presas a este enquanto o puxo. Não há. — Eu não vou ficar sozinho porque eu tenho você.

— O que acontece quando eu crescer e conhecer um garoto? E se eu me mudar?

— Uau, calma, garota. — Eu a encaro horrorizado. Ela pensou nisso? Porque eu com certeza não pensei. — Você me

deixaria? — Eu separo meu corpo da traseira da caminhonete e me junto a ela na beira da estrada.

Alex revira os olhos dramaticamente. — Você precisa de alguém para amar além de mim.

De onde diabos isso está vindo? — Eu gosto de ficar sozinho. Além disso, sou muito ranzinza e me ponho no caminho. Os relacionamentos exigem compromisso. — Eu largo o Vans dela no chão. — Eles dificilmente combinam com o vestido encantador. — Vamos redirecionar a conversa rapidamente.

Ela coloca os pés nos sapatos e ajeita o boné de beisebol, os cabelos compridos espalhados sobre os ombros e minha mente vagueia mais uma vez. Para quão impressionada Hannah estava com minha cabana. O quão brilhante seu rosto estava quando ela sorriu, absorvendo tudo. Ela não estava horrorizada. Muito pelo contrário, de fato. O que ela estava pensando quando saiu da minha casa? O que ela estaria fazendo pelo resto do dia?

— Pai, você parece perturbado.

Eu pisco e encontro minha filha franzindo a testa para mim. — Eu estou. — Eu passo meu braço em volta do ombro dela e caminho até a loja. — Meu Repolho está crescendo rápido demais.

Ela esbarra no meu lado e pega uma cesta. — O que nós precisamos?

— Um cinzel.

— Temos um cinzel.

— Um formão maior. — Vou para o corredor das ferragens e observo a seção de ferramentas. — Você vai encontrar algo para o jantar. Hambúrgueres?

— Sim! — Ela dança, e eu a vejo caminhar naquele vestido estúpido com Vans e um boné. Minha garotinha de dez anos. Como diabos isso aconteceu? Eu sorrio e volto a encontrar suprimentos.

Meia hora depois, tenho uma cesta cheia de tudo o que precisamos e estou andando pelos corredores, procurando minha filha rebelde. — Repolho, — eu chamo.

— Segundo corredor à esquerda, — diz o Sr. Chaps de trás do balcão, então vou nessa direção. Mas não encontro minha filha, apenas uma montanha de vegetais de folhas verdes. — Não quis dizer repolho, quis dizer... — Eu desapareço, balançando a cabeça. — Deixa 'pra' lá. Você viu Alex?

— Somente quando você entrou — o Sr. Chaps me diz, começando a vasculhar a cesta de itens que foram colocados na frente dele pelo padre Fitzroy.

— Alex, — eu chamo, seguindo o corredor de ferragens. Nem um sinal de Alex. A pontada de preocupação não para, embora boba. Ela não fala com estranhos. Ela é da rua. Eu a ensinei a ser, não que exista muita demanda em Hampton, nem naquele internato esquecido por Deus em que ela é mantida prisioneira. Mas ainda assim... — Onde diabos ela está? — Eu murmuro, percorrendo todos os corredores até me encontrar de volta no caixa. Ainda sem Alex. Jogando minha cesta no balcão, saio da loja, minha preocupação me superando. — Alex, — eu grito, olhando para cima e para baixo na rua principal.

— Ela foi por esse caminho. — Brianna, a assistente de loja, aponta para a rua, sorrindo para mim timidamente enquanto coloca a lenha no carrinho do lado de fora da loja.

— Obrigado, — eu digo com uma careta, seguindo meus pés na rua. — Alex?

— Eu a vi entrar na loja de artesanato, — Bob chama do lado de fora de seu pub, rolando um barril de cerveja em direção à escotilha do porão.

Meus olhos se voltam para a pequena loja de Hannah.

E alguma merda estranha acontece no meu peito.

6

Hannah

Estou verificando minha loja on-line quando ouço a porta se abrir e levanto os olhos do meu lugar atrás do balcão, sorrindo ao ver uma garota que está usando o mais hediondo vestido com babados junto com um boné de beisebol e um par de Vans xadrez. Eu fecho meu laptop, observando enquanto ela caminha lentamente pela minha loja.

— Oi, — digo, levantando-me do banquinho.

Ela gira, com um pincel na mão e sorri. — Oi.

— Eu sou Hannah.

— Alexandra, — ela praticamente geme. — Mas a maioria das pessoas me chama de Alex, exceto a família de minha mãe, que insiste em usar meu nome completo. Meu pai às vezes me chama de Repolho. — Ela encolhe os ombros. — Acho que ele faz isso para irritar minha mãe. Ela odeia.

Eu ando até ela. — Por que ele iria querer irritar sua mãe?

— Eles não estão juntos. — Ela desliza o pincel de volta para o pote e começa a pentear o comprimento dos cabelos com os dedos, enquanto caminha pelas prateleiras empilhadas com tintas. — Eles eram incompatíveis. E eu fui um erro bonito.

Eu rio baixinho com a indiferença dela. Eu acho que é uma coisa boa. — Você estava procurando algo em particular?

— Não. — Ela dá alguns passos para o lado e se inclina para frente, olhando atentamente para uma das minhas pinturas. — Você fez isso?

— Eu fiz.

— É realmente bom. — Ela olha para trás e sorri.

— Obrigada.

— Eu amo seu lenço na cabeça.

Estendo a mão e sinto, me lembrando de qual deles estou usando hoje. Azul com corações brancos. — Obrigada. Você gosta de pintar?

Ela encolhe os ombros. — Mamãe não gosta que eu faça coisas que me deixam bagunçada e estragam minhas roupas. Mas papai ama quando fico bagunçada. Ficamos bagunçados o tempo todo.

Vou até uma tela em branco, apoiando-a em um cavalete sobressalente. — Então talvez você possa pintar algo para o seu

pai sem ficar bagunçada, para não incomodar sua mãe. — Pego um pincel de um pote e uma paleta de tintas na prateleira, depois me viro para ela e as seguro.

Os olhos dela brilham. — Legal! — Ela se arremessa e reivindica suas ferramentas. — O que devo pintar?

— O que seu coração desejar. — Pego minha própria tela e um pincel, girando-o em um recipiente de água. — Ou apenas vá em frente. — Enfio meu pincel em tinta vermelha e bato na tela. — Às vezes só... acontece.

Com um sorriso, Alex me imita e começa a sacudir tinta, rindo enquanto ela faz. — Oh, olha, isso parece um coração.

Eu dou uma olhada, assentindo. — Eu amo arte acidental. Algumas das minhas melhores peças foram acidentes. — Eu puxo dois bancos e faço sinal para ela se sentar, e nós duas nos acomodamos, sacudindo e cantarolando, vendo o que acontece em nossas telas.

— Oh merda, — ela amaldiçoa do nada, e eu olho para vê-la limpando a testa com as costas da mão. — Eu pintei o boné do papai.

Coloco meu pincel para baixo e pego o boné dela, puxando-o. — Vai sair, — asseguro-lhe, vendo seu vestido. — Oh Deus, olhe para você. Como você ficou tão bagunçada tão rápido?

Olhando para baixo, ela encolhe os ombros. — Papai diz que é um talento.

— Bem, você com certeza é boa nisso. — Eu rio. — Eu pensei que era a pessoa mais bagunçada do mundo. — Faço um sinal na minha frente, onde a tinta está salpicada, velha e nova. — Você se parece comigo.

Ela aponta para a minha cabeça. — Eu não tenho um lenço na cabeça.

Eu sorrio para a dica dela e a puxo da minha cabeça, amarrando-o nos cabelos dela, deixando o arco em cima grande. — Perfeito, — declaro.

Ela alcança e sente. — Mamãe dirá que é desarrumado.

Espera. Falando em sua mãe, ela está sentada na minha loja há vinte minutos. — Onde estão sua mãe e seu pai?

Uma tosse soa atrás de mim, me fazendo girar. E eu quase caio de bunda do meu banquinho. — Ryan! — Eu grito, encontrando-o encostado confortavelmente no batente da porta. Fico em pé desajeitadamente, é claro, e começo a esfregar minhas bochechas, onde sei que estou exibindo várias gotas de tinta.

— Oi. — Seu sorriso torto segura meus olhos por muito tempo, e todo o meu ser se torna mais perturbado. Aceso. Vivo. Lembro-me do nosso quase beijo. Lembro como foi bom quando

ele estava me tocando. Eu lembro... todos os pequenos detalhes da minha visita a sua casa hoje de manhã.

— Encontrou uma nova amiga? — Ele pergunta, empurrando seu peso para fora da porta e caminhando casualmente para a minha loja. Seu corpo grande, vestido com jeans escuro e camiseta preta, parece deslocado, cercado por toda a minha desordem colorida.

Afastando os olhos dele, olho por cima do ombro para Alex, que se virou para encarar Ryan também. Ela está sorrindo. Por que ela está sorrindo? Olho para Ryan. Ele está sorrindo também. — Amei o lenço na cabeça. — Ele aponta para a cabeça de Alex, e ela estica a mão para ajustar o arco.

— Hannah me deu. — Dei a ela? Eu fiz?

— Eu estava preocupado, — Ryan diz rispidamente. — E olhe para o seu estado.

Eu me vejo olhando para baixo, para toda a tinta lá, minha testa franzida com linhas de confusão.

— Calma, papai— Alex grita, completamente não afetada pela ira no tom de Ryan. — Eu estava com Hannah. Ela gosta de pintar.

— Oi, Hannah, — diz Ryan, e ouço suas botas batendo no chão, chegando mais perto. Isso me leva a olhar para cima, meus olhos arrastando por seus jeans e camiseta.

— Oi, — murmuro, parando em seu pescoço e a barba escura e bagunçada cobrindo-o. — Ryan, esta é Alex, — eu digo, um pouco atordoada. — Alex, este é... — Meu cérebro dá espasmos. — Espere o quê? — Eu viro meu pescoço enquanto olho para ele, agora apenas a alguns metros de distância. — Ela te chamou de pai?

O sorriso de Ryan é pequeno e estranho. — Este sou eu. — Ele olha para a... filha? — Você está com problemas, Repolho.

— Sim, sim. — Ela pula do banquinho e caminha casualmente até Ryan, esticando o pescoço para trás para olhá-lo. — Você conhece Hannah?

Seus olhos se voltam para os meus rapidamente antes de voltar para sua filha. — Nós já nos conhecemos.

— Mas quando perguntei sobre a nova loja de arte da cidade, você não sabia.

As bochechas de Ryan ficam vermelhas, sua mandíbula aperta e ele limpa a garganta. — Como eu disse, nos encontramos. Não nos falamos. — Ele alterna o peso dos pés olhando para qualquer lugar da minha loja, exceto para mim. — É melhor irmos embora. Eu preciso verificar minha caminhonete.

— Mas eu estou pintando, — Alex lamenta, voltando ao banquinho e sentando-se, pegando o pincel. Meus olhos a

seguem e observo enquanto ela mergulha na tinta e começa a sacudir novamente. — Você faz o que tem que fazer e me pega no caminho de volta.

— Isso não é uma boa ideia. — Ele vai até ela e a levanta do banquinho, colocando-a gentilmente em pé.

— Por quê?

— Porque preciso da sua ajuda.

— Para ver sua caminhonete?

Meus olhos viajam de um lado para o outro entre eles, ouvindo enquanto discutem se Alex está indo com Ryan ou não. Isso me faz sorrir quando me levo ao balcão e continuo a observá-la de pé contra seu pai de um metro e oitenta.

— Você vem, — Ryan ralhou, claramente perdendo a paciência enquanto descanso os cotovelos na bancada e o queixo nas mãos. — Não te vejo há dois meses.

— Se você não tivesse atropelado uma doninha, seu carro estaria bem.

Meu queixo desliza da minha mão. — Doninha? — Eu deixo escapar, olhando para ele. Seu grande corpo para e de repente ele fica quieto, obviamente preso sem qualquer resposta para sua filha *e* eu. Uma maldita doninha? O cara de pau. —

Como uma criatura parecida com um rato? — Eu pergunto, me juntando a Alex e sentando novamente.

— Não se preocupe, a coitada não foi ferida, — Alex abre a boca ao meu lado, mantendo sua atenção na tinta que está passando. — Papai desviou e bateu em uma árvore.

Não foi ferida? Meu pé sobe e descansa no banquinho, e eu abraço minha perna dobrada, meu queixo no joelho, apenas com o curativo. — Coitadinha, — digo baixinho enquanto os olhos de Ryan caem na minha perna machucada. Seu grande corpo esvazia quando seus olhos apologéticos se erguem para os meus. Eu olho para ele com expectativa, estranhamente saboreando seu claro remorso. — Espero que tenha se recuperado do choque.

Seus olhos agora se estreitam, e eu não posso evitar meu pequeno sorriso, e só se estica quando vejo que ele está se esforçando muito para segurar seu próprio sorriso. — Algo me diz que sim.

— Não tenha tanta certeza, — digo baixinho.

A cabeça de Ryan torce uma fração, seu sorriso fraco. — Quanto custa a tela e as tintas? — Ele pergunta, cavando no bolso enquanto Alex expõem sua alegria e bate palmas. — Ela pode terminar em casa.

— Para você? — Eu pergunto, levantando-me e me colocando atrás do balcão novamente.

— Sim, para mim.

Eu sorrio docemente. — Cinquenta libras.

Em uma careta mal escondida, Ryan tira três notas de vinte e caminha até mim, colocando-os no balcão e mantendo-os no lugar. — Você está me enganando, — ele sussurra.

Coloco minha mão nas notas também, nunca tirando os olhos dos dele. — Chame de compensação por me chamar de doninha, — sussurro de volta, puxando o dinheiro debaixo da ponta dos dedos. — Eu vou ficar com o troco também. — Aqueles olhos, eles estreitam mais, embora ele ainda esteja reprimindo sua diversão enquanto eu dobro as notas de vinte organizadamente e deslizo na minha gaveta superior, fechando-a com um estrondo. E ele apenas olha para mim, e eu seguro seu olhar, até que o silêncio rapidamente se torna desconfortável e seu olhar muito intenso. Desvio o olhar, minha pele queima subitamente. — Por que você está olhando assim para mim? — Eu pergunto baixinho.

— O que, como se eu quisesse te estrangular?

Quebro. Sua pergunta desencadeia algo dentro de mim, e eu fecho meus olhos, me afastando, sentindo duas palmas grandes envolvidas em volta da minha garganta. Eu me vejo na

escuridão lutando, lutando contra a força, ofegando. Abro os olhos em uma expiração descontrolada, pegando meu pescoço e me sentindo lá, afastando o flashback que me pegou de surpresa. Eu não tenho um há anos. Porque agora? Meu peito se agita. Minha pele fica úmida. Eu vejo o rosto dele, não importa o quanto eu tente piscar.

— Hannah?

Dou um passo para trás, meu olhar disparando loucamente, tentando desesperadamente me lembrar de onde estou. Quem eu sou. — Sinto muito, — chio, sacudindo a cabeça e as lembranças. Leva muito tempo para eu me recompor, mas quando o faço, pinto um sorriso fraco e encontro Ryan. Sua cabeça se retraiu no pescoço, seus olhos procurando os meus. Não posso enfrentar as perguntas neles, então volto minha atenção para Alex para escapar. — Deixe eu ver quando você terminar, — eu grito, por cima com entusiasmo.

— Você está bem? — Ela pergunta, meu pequeno colapso também não foi despercebido por ela. Ela levanta a tela do cavalete.

— Sim. — Correndo para as prateleiras, pego alguns tubos de tinta a óleo e um pincel, enfiando-os em um saco de papel. — Aqui.

Seu rosto se ilumina, e embora eu esteja aliviada por ter desviado sua preocupação, tenho certeza de que ainda tenho a

de Ryan. — Obrigada. — Pegando a sacola, Alex olha para o pai. Eu, no entanto não, arrumo as prateleiras já arrumadas. — Ei, Hannah pode vir e nos ajudar com a ponte. Ela pode pintar.

Eu paro. *O que?* — Temo que...

— Tenho certeza que ela tem coisas melhores para fazer — Ryan me interrompe, e me viro para ele, irracionalmente ferida. Não importa que eu fosse dar minhas desculpas. Mas importa que Ryan tenha. E eu não sei por quê. — Vá colocar essas coisas no carro. — Ele acena com a cabeça para os braços cheios da filha sem olhar para ela. — Eu vou sair em um minuto.

Sem perguntas, Alex vai para fora da minha loja, deixando-me à mercê da curiosa fúria de seu pai. — Até mais, Alex, — eu digo enquanto caminho para a cozinha nos fundos. Acabo de ouví-la responder ao mesmo tempo em que coloco uma caneca no balcão com um baque, e olho para a porta, esperando que ele viesse me encontrar.

Ligo a chaleira, pego o leite na geladeira e carrego minha caneca com um saquinho de chá e açúcar, o tempo todo ficando cada vez mais tensa. Ryan não saiu da loja. Então, onde ele está? Olho para a porta novamente, me excitando, sabendo que ele está lá fora esperando por mim. Esperando para perguntar se estou bem. Ou talvez esperando para perguntar o que há de errado.

O som dos meus dedos batendo no balcão me fazem companhia até que a chaleira fervendo assobia. E quando ela faz, eu a levanto, a coisa maldita treme a caminho da caneca. — Deus, droga, — murmuro, sentindo minhas emoções me vencendo.

— Dê aqui. — Ryan aparece, pegando a chaleira da minha mão, deixando minhas mãos livres para esfregar meu rosto. — O que aconteceu lá?

— Nada. — Afasto-me dele, sua proximidade me deixa desconfortável de repente. E eu odeio essa noção. Porque, na verdade, Ryan nunca me fez sentir desconfortável. Apenas relaxada. E talvez seja por isso que tenho estado tão tensa, por causa de como é fácil estar com ele. Eu não estou acostumada a isso.

— Vamos lá, Hannah. — A chaleira bate forte no balcão, e eu me sobressalto, me castigando rapidamente por isso. — Olhe para você.

— Eu estou. Bem — eu chio. Não estou brava com ele, mais comigo mesma por deixar algo tão estúpido me afetar, especialmente na frente de Ryan. — Eu não preciso de um interrogatório. — Encontro a força que preciso para olhar para ele. — Alex vai estar se perguntando onde você se meteu.

Seu peito sobe respirando fundo, um sinal dele lutando para manter a paciência. — Faça do seu jeito. — Movendo-se

em direção à porta da cozinha, ele revira os ombros enquanto eu o vejo sair.

— Eu vou, — murmuro, não pretendendo que ele me ouça. Embora ele faça, e ele para na porta abruptamente, lentamente se virando em minha direção. É um impasse, ele passando os olhos por cada centímetro do meu rosto, eu fazendo o mesmo com ele. E eu suavizo. Porque vejo preocupação, e isso não é algo que estou acostumada a ver em um homem. E sinto coisas, coisas estranhas, mas bem-vindas. Eu me sinto atraída por ele. Seu rosto desgastado é duro, mas sua personalidade é suave. — Você estava indo embora, — lembro-o, sentindo a atmosfera mudar, a energia chiando entre nós.

Ele dá um passo à frente. E respiro. — De onde você veio Hannah?

Balanço a cabeça, sua pergunta diminuindo a eletricidade, e eu não quero isso. Quero toda a eletricidade e nenhuma das perguntas. — Não, — eu aviso.

— Não o quê? — Outro passo à frente, e desta vez eu dou um passo para trás. Ele para, alerta para a minha retraída. — Faça perguntas? — Um passo adiante dele e um passo para trás de mim. Minha bunda bate no balcão, e eu volto para sentí-lo, minha cabeça levantando enquanto ele me alcança até que seu peito toque o meu. Ele respira em mim. — Ou não te beije?

Eu respiro, e nossos peitos pressionam juntos como resultado. Aquelas perguntas em seu olhar desapareceram, e foram substituídas por... desejo. Isso apenas alimenta minha própria fome inesperada. A distância entre nossas bocas se fecha, e eu sinto o calor da respiração dele se espalhando pelo meu rosto, meu corpo esquentando com isso. Eu engulo. Eu baixo meu olhar para seus lábios e volto para seus olhos. Cada parte de mim está se preparando para ser beijada, uma corrente emocionante varrendo através de mim.

— Definitivamente não é a última coisa, — ele sussurra, seus lábios encontrando os meus e descansando lá. Faíscas surgem, apenas com o simples toque de nossas bocas, e desta vez não tenho intenção de me afastar.

— Papai!

Ryan se afasta com uma maldição, parecendo tão desorientado quanto eu. — Merda. — Limpando a boca com as costas da mão, ele rapidamente se recompõe antes de olhar para a porta quando Alex aparece. Ela olha entre nós algumas vezes quieta e definitivamente desconfiada.

Oh Deus. Eu procuro a chaleira e sirvo, meus tremores não estão melhores do que antes, mas agora por uma razão completamente diferente. — O que você está fazendo? — Ela pergunta, me fazendo estremecer.

Ryan encontra sua voz mais rápido do que eu. — Eu estava pegando a bicicleta de Hannah.

— A bicicleta dela? Por quê?

— Sim, porquê? — Eu me viro e inclino minha cabeça, e Ryan desvia o olhar, me evitando.

— Está quebrada. — Ele vai até a porta dos fundos e olha para mim para confirmar que está seguindo o caminho certo. Eu concordo. — Imaginei que, como íamos à garagem ver minha caminhonete, poderíamos levá-la conosco. — Tomando a maçaneta, ele começa a puxar a porta trancada. — Vá me esperar no caminhão.

Alex me lança um olhar de quem sabe o que está acontecendo, e eu dou de ombros antes que ela gire e se afaste.

— Como você abre essa maldita porta? — Ryan estala, girando violentamente. Eu me afasto e ele fecha os olhos. — Eu sinto muito. — Seu braço levanta em direção à madeira. — Onde está a chave?

— Você não precisa consertar minha bicicleta, — eu digo, mas enfio a mão no bolso para pegar a chave.

— Eu gostaria de consertar.

Eu não brigo e, em vez disso, avanço, destrancando a porta para ele enquanto sinto seu olhar examinador em mim.

Afasto-me, a tensão insuportavelmente grossa. — Obrigada, — eu digo, sentindo o desejo em mim desaparecendo sob seu olhar interrogativo persistente. Não posso deixar de me ressentir por agir tão irracionalmente por algo tão bobo.

— Sem problemas. — Ryan sai e eu me mantenho ocupada na cozinha terminando meu chá, deixando-o. Enquanto coloco o leite de volta na geladeira, algo chama minha atenção do outro lado da sala, e eu franzo a testa quando fecho a porta da geladeira. Meu telefone? Eu ando até ele e o pego na borda da janela. Está desaparecido há dias, e eu não o vi lá em negrito como bronze?

— Cadê? — Eu ouço Ryan gritar.

Afasto meus devaneios e pego meu chá. — Você não pode perder, Ryan. Contra a cerca. — É um pátio de dois por três metros, por isso não há muito espaço para procurar.

Ele aparece na porta, sua expressão cansada. — Hannah, sua bicicleta não está aqui.

— O que? — Franzo o cenho e dou um passo à frente, colocando minha caneca de chá para o lado enquanto passo. E quando chego à porta, não há bicicleta. — Eu mesma a coloquei aqui, — digo para o espaço vazio. — Na noite em que você quase me matou.

Ele ignora meu ataque não intencional e passa por mim. — Ela estava aqui desde então?

Balanço a cabeça, levantando a mão e apontando. — Eu joguei ali mesmo.

— Tem certeza?

Sinto raiva passando por minha perplexidade. — Sim, tenho certeza, — eu digo. — Eu não sou louca, Ryan. — Eu sei o que fiz.

Suas mãos se levantam, seu rosto se acalma. — Ei, não fique chateada.

— Eu não estou chateada. — Não tenho certeza do que estou. Irritada? Puta da vida? Preocupada? Examino as paredes do pátio, depois vou até o portão e verifico o trinco. Tudo seguro. Não pode ter desaparecido no ar.

— Talvez uma das crianças da cidade tenha levado para um passeio, — ele sugere, e eu suspiro. Foi mutilada. Por que qualquer criança iria querer uma bicicleta quebrada?

Eu lentamente me viro e descanso as costas no portão. — Eu realmente amava essa bicicleta.

— Parecia muito antiga para mim.

— Era. Comprei numa loja de segunda mão em Grange. Mas era... — Eu paro de falar.

— Velha, — diz Ryan, e eu reviro os olhos.

— Eu gostava. — Volto para dentro, engolindo em seco quando passo por Ryan.

Recupero meu chá e olho para a parede enquanto o saboreio, minha mente disparando em círculos, meu corpo cantando novamente com apenas uma minúscula encostada do meu corpo contra o dele. — Obrigada pelo pensamento, no entanto, — eu digo, me virando com um sorriso. Mas cai quando percebo que estou sozinha.

7

Ryan

Enquanto caminho de volta para minha caminhonete, não consigo deixar de pensar que há algo errado com Hannah, e com toda a vontade do mundo, não consigo deixar de me perguntar o que. Ela estava bem, brincalhona mesmo, e então do nada ela desligou. E se calou. O último me incomoda mais do que deveria. Olho por cima do ombro para a loja dela, mas me certifico de manter meus pés em movimento. *Qual é a sua história, Hannah Bright?*

— Não a conhece, hein? — Alex diz, sua pergunta tingida com muito sarcasmo. Volto minha atenção para frente, encontrando-a casualmente encostada na lateral da minha caminhonete com uma perna dobrada, a sola de um Vans apoiada na pintura.

Eu chego à porta e a abro. — Eu não disse que não a conhecia, — aponto por cima do teto da minha caminhonete. — Eu disse que não conhecia a loja.

— Você mentiu, — ela acusa, e o que eu faço? Eu a encaro. É a única defesa que tenho. O que importa, afinal? — Por que você mentiria?

— Eu não menti. — Eu me jogo no meu lugar e ligo o motor. — Entre.

Ela está ao meu lado um segundo depois, examinando a cabine. — Onde estão as compras?

Estou confuso por um segundo, procurando na cabine com ela. — Hã?

— Eu deixei você na loja. Então, onde estão as compras?

— Eu as abandonei para procurar por você.

Jogando-se de volta no banco dramaticamente, ela chuta seus Vans no painel. — Não posso deixar você fazer nada, — ela suspira. — Hannah deve ter deixado você realmente distraído.

— O que? — Eu pergunto.

— Você gosta dela.

Coloquei minha caminhonete em marcha à ré e saio. — Eu não gosto dela. — Eu não gosto de ninguém.

— Tanto faz. — Ela puxa um pirulito do porta-luvas, o desembrulha e dá uma chupada. — Apenas dizendo, isso é uma mudança.

— O que?

— Bem, todo mundo gosta de você. Você gostar de alguém que é novo.

O que é toda essa conversa sobre gostar? Pego a curva no final da rua principal e sigo a pista de terra que leva à oficina de Len. — Alex, eu não gosto de Hannah. Não gosto de ning...

— Oh meu Deus, se ela gosta de você, então vocês dois vão se pegar totalmente.

Eu engasgo com nada e desvio, atingindo um buraco enorme. — Se pegar? — Qual é o idioma que ela está falando?

— Sim, você sabe. — Ela sorri para mim e franze os lábios. — Mwah!

Oh Senhor, alguém me ajude. — Chega, — eu digo, mais severamente do que pretendo. Embora funcione. Ela se encolhe no assento e se fecha. Bom. Paz. Chega dessa conversa maluca.

Hannah gosta de mim?

Depois que minha caminhonete foi examinada pelo mecânico local, me disseram que ela precisa ser repintada e a garagem mais próxima fica em Grange, por isso ligo e providencio para recebê-la no sábado.

Ver Alex voar pelo gramado para a varanda me enche de alegria como nenhuma outra. — Não bata na...

Bang!

— Porta, — suspiro, seguindo por trás com os braços cheios de bolsas. Entro na cabana e encontro Alex com a cabeça no freezer. Ela gira armada com o nosso vício, e bate a porta fechada com a coxa.

Jogo as compras no balcão e pego duas colheres da gaveta. — Compartilhe, — eu exijo. Ela se aproxima, pula no balcão e pega uma das colheres. Nós dois mergulhamos, e há silêncio por alguns momentos, enquanto resolvemos o problema. O tempo quieto faz minha mente vagar novamente...

O som do meu telefone me salva dos pensamentos iminentes, embora eu não possa deixar de ser menos do que agradecido. *Darcy.* Pego a colher da mão de Alex e a jogo na pia com a minha. — Vá buscar um pouco de carvão para o churrasco. — Eu a levanto e a envio a caminho. Não perco o rápido vislumbre da tela do meu telefone que ela pega antes de ir embora. — Darcy, — respondo assim que Alex se foi, recolocando a tampa do Chunky Monkey e levando-o de volta ao freezer.

— Meu irmão está visitando. Minha mãe e meu pai organizaram um jantar especial em família para recebê-lo. Preciso de Alexandra em casa às seis amanhã.

— Acabei de pegá-la, Darcy.

— Você pode tê-la de volta quarta-feira.

Começo a andar pela cabana na tentativa de sair da piora do meu humor. — Não.

— Ela não o vê há mais de seis meses. O primo dela estará aqui. Pare de ser egoísta, Ryan. Nem sempre é sobre você.

Essa mulher não é real. — Nunca é sobre mim, Darcy. É sobre Repolho.

— Você vai parar de se referir à minha filha como vegetal.

— *Nossa* filha. Ela é *nossa* filha. Sempre foi *nossa* filha, apesar de você ter tentado dizer ao mundo outra coisa quando ela nasceu. — Estou fervendo, o que é padrão quando se lida com Darcy Hampton. — Vou parar de chamá-la de Repolho quando você falar para aquele idiota que você casou para parar de pedir que ela o chame de pai. — Meu punho aperta, e eu o empurro firmemente no painel de madeira. — Ele não é o pai dela.

— Ele é uma boa influência, — ela assobia. — Um chefe de família.

Um provedor? Me dá um tempo. Eu ganho dinheiro e ganho bem, mas não esfrego minha bunda com notas de cinquenta libras, e isso me faz uma má influência. Ah, e a cabana. Aparentemente, esse é um motivo suficientemente bom

para tentar me banir da vida da minha filha também. — Sempre cuidei dela, Darcy, e não apenas falando de dinheiro.

— Casper é um homem estável em sua vida.

— Ele é um esnobe idiota, é isso que ele é. — O homem é um idiota tenso. Quão perfeitos eles fingem ser, uma pequena família feliz. Casper assumindo o mundo das corridas de cavalos e ganhando uma fortuna, Darcy interpretando a esposa mimada e arrogante, e minha filha mandada embora para o internato para aprender a ser uma pequena dama enquanto eles vivem a vida da alta sociedade. Eu sou um espinho ao lado deles. Um defeito em seu mundo impecável. — E para ser claro, Alex é minha prioridade. Ela tem sido desde que eu descobri que você mentiu para mim sobre de quem ela era filha.

Nunca esquecerei aquele dia, o dia em que ganhei o direito a um teste de paternidade. O rosto de Darcy disse tudo. Eu realmente ferrei seus planos de viver feliz para sempre com *minha* filha e Casper Rochester. Alex tinha acabado de fazer um ano. Casper e Darcy estavam casados há mais de um ano. Ele estava dentro. Não havia saída sem perder a pose. Perdi o primeiro ano de vida da minha filha por causa daquela cadela arrogante, então me perdoe por me sentir amargo.

Eu ouço Darcy respirar com irritação. — Bem, se ela é sua prioridade, você deve ficar feliz em trazê-la para casa, para que ela possa ver seu tio e prima. Não vejo qual é o problema.

— O problema é que eu não a vejo há dois meses porque ela está escondida na escola para a qual você a envia. Este é o meu tempo, Darcy. É precioso.

Ela suspira e, por um momento, acho que estou conseguindo chegar ao seu lado razoável. Mas então, esta é Darcy Hampton. Ela não tem um lado razoável. — Acho que devo insistir.

A mulher me esgota. Caio onde estou, minhas costas batendo na parede atrás de mim, e levanto os olhos para ver Alex parada na porta com uma cesta de carvão nos braços. Seu rosto está pensativo, e eu odeio que ela tenha acabado de me ouvir reclamando ao telefone com a mãe. Puxo meu celular da orelha e o empurro no peito. — Sua avó e seu avô estão dando um jantar amanhã à noite para o seu tio.

— Minha prima estará lá? — Ela pergunta calmamente. Nervosamente. Porra, ela quer ir. Eu a ouvi falar sobre sua prima frequentemente. Ela é muito divertida, aparentemente. Quem sou eu para impedí-la de se divertir sem mim? Então, deixando de lado minha necessidade de mantê-la só para mim, eu aceno e dou um pequeno sorriso para aliviar sua culpa. E ela sorri de volta. Eu levanto meu telefone no ouvido. — Vou deixá-la amanhã. — Me irrita quando Darcy responde com uma fungada satisfeita. Ela acha que ganhou. Deixe-a pensar. Não se trata de ganhar. É sobre Alex.

Desligo e aceno para o carvão em seus braços. — Sua mãe teria uma hérnia se visse o seu estado.

Olhando para frente, para os montes de tinta e as manchas de preto do carvão, Alex encolhe os ombros antes de voltar os olhos para mim. — Vocês realmente se odeiam tanto? — Ela pergunta, e eu cedo com culpa.

— Eu não odeio sua mãe. — *Mentindo para sua filha, Ryan. Você devia se envergonhar.* — Eu a amo porque ela me deu você. — Eventualmente. Depois que eu lutei com unhas e dentes no tribunal para provar que Alex era minha. Eu sabia como era crescer sem um pai por perto. O meu deixou mamãe grávida e sem um centavo. Sou o homem que sou hoje por causa da minha mãe, e fazê-la orgulhosa sempre foi tão importante para mim. Ser um bom pai a deixaria orgulhosa. Eu engulo e olho para o céu, ouvindo-a mentalmente me dizendo para me tranquilizar. *Mais fácil falar do que fazer, mãe.*

Afasto as costas da parede e vou para a geladeira. Eu preciso de uma cerveja. Padrão depois de lidar com Darcy.

— Posso pegar uma? — Alex pergunta.

— Não. — Tirando a tampa, dou um giro e vou até Alex. — Que tal irmos dar uma olhada na ponte?

— Certo. — Ela sai e deixa cair a cesta de carvão na varanda, depois desliza o braço em volta da minha cintura e

abraça ao meu lado enquanto descemos os degraus. — Amo você, pai.

Eu sorrio e balanço meu braço sobre o ombro dela. — Também te amo, Repolho fedido.

Ela ri e me cutuca, e meu sorriso se amplia.

— O que você vai fazer? — Alex pergunta quando chegamos à propriedade na noite seguinte. Vejo um Rolls-Royce reluzente sob a calçada coberta e reviro os olhos quando o motorista aparece, polindo na lateral da porta do passageiro.

— Chorar, — brinco, parando.

— Muito engraçado. — Soltando o cinto, ela mergulha na cabine e dá um beijo molhado na minha bochecha. — Seja bom.

— Sim, sim. — Eu a empurrei sem entusiasmo. — Limpar.

Olho para cima quando ouço alguém gritar o nome da minha filha, vendo uma menina dançando na entrada principal. — Hazel! — O Repolho grita no meu ouvido, me fazendo estremecer, antes de sair do carro. Ela voa pela calçada e nos braços de sua prima, e elas passam a dançar juntas em círculos.

— Deus do céu, olhe para o seu estado. — Darcy lança um olhar para mim e se aproxima da caminhonete, aproximando-se

para garantir que suas palavras não sejam ouvidas pelas meninas. — Ela parece uma vadia sem teto.

— Ela parece uma criança que se divertiu, — respondo em voz baixa. — Há mais na vida do que aparências.

Ela me olha de cima a baixo em um lábio enrolado. — Obviamente.

— Oh, vamos lá, Darcy — eu murmuro, saindo da minha caminhonete e pegando sua mão. Ela para e eu sei que é porque ela está se lembrando da última vez que a toquei. Aposto que em meio a essa vida perfeita e cheia de luxo, faltam algumas coisas. — Você me caçou como um lobo onze anos atrás. — E ela me pegou. Ok, então eu estava sob a influência de álcool e minhas bolas estavam azuis depois de uma seca particularmente longa, mas não posso negar, ela é uma mulher bonita do lado de fora. Mesmo que ela seja feia como pecado por dentro.

Seus olhos estreitam, mas ela não se afasta do meu toque. — Isso foi um erro. EU... EU...

— Adorei cada segundo, — finalizo para ela com confiança, porque estou certo. Ela ronronou como uma gatinha a noite toda. E então entrei em pânico pela manhã, porque Deus me livre se Lord e Lady Hampton descobrissem que sua filha preciosa havia alojado um animal como eu. — Aposto que é papai e mamãe o tempo todo com Casper, certo? Ele toma

banho logo depois? — Eu deixei escapar um pequeno suspiro. — Ele faz você tomar banho antes?

— Foda-se, Ryan.

— Esse não é o jeito adequado de uma dama falar, Darcy. O que mamãe e papai diriam se ouvissem uma linguagem tão vulgar saindo da boca de sua preciosa filha?

Seus lábios rosados se endireitam. — Você é nojento.

— E você, querida Darcy, precisa de uma boa merda para relaxar. Boa sorte com isso.

— Foda-se.

— Mãe?

Eu rapidamente tiro minha mão do rosto de Darcy, dando-lhe uma piscadela atrevida, e ela começa a se recompor. É bem divertido. Ela está perturbada. Ainda afetada por mim, mesmo tendo certeza de que ela me odeia. Bom. O sentimento é mútuo. Malditas sejam minhas bolas azuis. Mas então Alex aparece, parecendo um pouco preocupada, e eu retiro meu pensamento anterior. Não posso condenar minhas bolas azuis. Eles são a razão pela qual agora tenho meu Repolho.

— Ei, preciosa, — canta Darcy, com a voz trêmula. Com uma engolida e um movimento de seus olhos nos meus, ela se vira para a nossa filha. — Eu estava conversando com Ryan.

— Você quer dizer meu pai, — Alex corrige, e eu sorrio. — Ele é meu pai, mãe.

— Sim, seu pai. — Ela poderia muito bem ter cuspido.

— A respeito?

— Oh, apenas isso e aquilo. — Reivindicando Alex, ela a leva pelo caminho de cascalho. — Vamos limpá-la e deixa-la pronta para o jantar. — Olhando por cima do ombro, Darcy me atira com outro olhar, tentando recuperar alguma dignidade. Isto é hilário. Toco minha buzina e me afasto.

Então... o que vou fazer comigo agora? Mais uma vez, sinto que meu braço direito está faltando. Chego ao final da entrada e fico parado por alguns minutos. Eu poderia virar à esquerda e ir para casa. O amanhã virá mais rápido se eu cair na cama. Ou posso virar à direita e ir ao pub para tomar uma cerveja.

Eu viro a direita e acelero.

8

Hannah

Karaokê. O que eu estava pensando? Mas quando Molly apareceu e me perguntou se eu topava uma bebida, eu realmente fazia. Ou precisava de uma. Ela deixou de mencionar que hoje à noite é noite de karaokê, uma das noites mais populares do pub. Está lotado e o barulho é cortante quando o melhor de Hampton sobe ao palco. A Sra. Hatt está atualmente monopolizando o microfone, entregando sua versão de 'What's New Pussycat'. Na verdade, ela também parece um gato. Um que está sendo estrangulado.

Eu me encolho e me refúgio no meu vinho. — Ela está passando muito tempo com seus bichanos, — murmuro em torno da borda do meu copo. — Bom Deus, me mate agora.

Molly começa a rir enquanto abre nossa segunda garrafa. — Bem, você sabe o que eles dizem.

— O que eles dizem?

— Se você não pode vencê-los...

— Não se junte a eles, — eu estendo meu copo para ela encher. — Não há uma chance no inferno que você me coloque nesse palco. — Inspeciono a plataforma improvisada que parece algo que Bob juntou em uma emergência. — E não apenas porque eu não quero cantar. Parece que esse palco pode entrar em colapso a qualquer segundo. — A Sra. Hatt não está ajudando, jogando seu velho corpo em torno dele com gosto.

— Seguro como uma casa, — diz Molly. — Tem sido por anos. — Virando-se para mim, ela se aproxima para que eu possa ouví-la falar em um volume normal sobre os sons dolorosos da senhora Hatt. Os olhos dela estão dançando. — Um passarinho me disse que um certo morador estava em sua loja, — diz ela.

Oh. Agora, deve ser fácil adivinhar de que certo residente Molly está falando, já que ele é uma das únicas pessoas na cidade que se aventurou em minha loja, mas eu ainda me vejo me fazendo de boba. — E quem é esse passarinho? — Eu olho para Molly enquanto ela olha para mim, esperando pela minha resposta. Eu não tenho uma, ou não estou preparada para alimentar a curiosidade dela, já que não há nada para se ter curiosidade.

— Oh, vamos lá, Hannah.

Suspiro e tomo mais vinho, sentindo uma adorável sensação entorpecida tomar conta. — Você deve estar falando sobre Ryan.

— Não, não, não. — Molly balança a cabeça e levanta o dedo, e meus olhos caem nela, seguindo-a de um lado para o outro como um pêndulo. — Estou falando de Ryan, que é todo quente ao ar livre e, sem dúvida, uma incrível transa.

— Oh, esse é o nome completo dele? Eu me perguntei qual era. — Reviro os olhos e dou uma gargalhada quando Molly bufa e o vinho sai de suas narinas. — Oh Deus, — eu engasgo, batendo meu copo para baixo para arrancar um lenço de papel do meu bolso.

— Não fique toda chateada comigo, — diz ela, dando um tapinha em seu rosto. — O que ele estava fazendo lá?

— Buscando a filha dele, — digo casualmente. — Ela entrou e fomos desviadas para uma pintura acidental. — A carranca que aparece na cabeça de Molly me leva a continuar. — Pintura acidental. É quando...

— Dane-se a pintura acidental. Me diga mais.

— Não há nada para contar. — Sem atrito. Sem brincadeiras engraçadas. Não houve colapso quando o pobre homem disse algo bastante inocente. — Realmente, nada a

dizer, — reitero quando Molly me lança um olhar duvidoso. — Realmente.

— Bem.

— Qual é o problema com ele, afinal? — Deus amaldiçoe minha boca grande. Eu faço uma careta para mim mesma e tomo um gole.

— Ryan Willis. — Ela suspira. — Acho que ele era um espião ou algo assim.

— MI5, — digo sem pensar. E faço cara feia novamente, desta vez para Molly, quando ela levanta as sobrancelhas interessadas para mim. Eu dou de ombros.

— Nada a dizer, — ela reflete. — Só que você claramente conversou um pouco com ele.

— Foi breve, — digo baixinho, afastando-me dela enquanto a sra. Hatt faz uma reverência. Eu posso sentir os olhos da minha nova amiga me perfurando, e uma parte tão grande de mim quer satisfazer sua curiosidade. Como as meninas fazem. Como eu teria feito com Pippa. Com esse pensamento... — Tivemos um... encontro.

Molly fica instantaneamente intrigada, aproximando-se ainda mais, embora os tons doces da Sra. Hatt tenham cessado. — Hannah, por favor, tire uma mulher de sua miséria.

— De qualquer forma, a culpa é sua, — murmuro, terminando outro copo e enchendo-o imediatamente.

— Eu assumo total responsabilidade. Agora me diga como é minha culpa.

Olhando para o meu copo, penso por alguns momentos. E penso. Isto é o que minha irmã teria feito. Me cutucado e me cutucado até eu ceder e alimentar sua necessidade de informação. Talvez seja a bebida, ou talvez seja apenas a necessidade natural de uma mulher querer compartilhar. Afinal, ter uma verdadeira amiga é estranho para mim. Eu deveria aproveitar a única que tenho. Sorte da Molly. Ou talvez seja porque sinto falta da minha irmã e de nossas conversas e brincadeiras intermináveis.

Eu encaro Molly e me aproximo. — Eu o conheci algumas noites atrás, quando ele atropelou minha bicicleta na pista que leva à cabana dele.

— O que você estava fazendo naquela pista? Espere, ele atropelou você? — Os olhos dela caem para as minhas pernas. — Foi assim que você conseguiu...

— Sim. E eu estava naquela estrada procurando sua casa para entregar a tinta. O que acabou se derramando sobre mim. Por isso me atrasei para entregá-las. Eu tive que fazer tudo de novo. — Oh meu Deus, é tão bom conversar. Compartilhar.

Deixar escapar tudo isso e sentir o peso levantando dos meus ombros.

— Merda, — diz Molly. — É realmente tudo culpa minha. Mas, Deus, que idiota por atropelar você.

— Ele não quis. E, na verdade, ele sentiu muito. — Eu respiro fundo e pulo primeiro. — Ele quase me beijou.

— Oh meu Deus!

— Eu sei.

— Mas *quase*?

— Eu parei.

Sua indignação é óbvia e provavelmente justificada. — Sério, por quê?

Isso eu não posso compartilhar. — Eu não sei. Eu fiquei em choque. Fui pega de surpresa. Enfim, foi isso, e então sua filha entrou na loja. Conversamos um pouco mais e quase nos beijamos novamente.

— Oh meu Deus!

— Eu sei.

— Mas quase de *novo*?

— A filha dele nos interrompeu.

— Oh, pelo amor de Deus.

Concordo com a cabeça e me pergunto, pela primeira vez, se eu teria escapado dele novamente se sua filha não tivesse entrado primeiro. Eu quero dizer não. Eu fui inflexível no momento em que não o faria. Eu quero pensar que eu o teria beijado à luz do dia, teria sido o melhor beijo que ele já teve. Eu também quero pensar que teria sido o melhor beijo *que eu* já tive. Um que teria limpado todos os beijos anteriores. Um que teria me consumido tanto, que não haveria espaço para outra coisa senão esse sentimento. — Mais vinho? — Eu seguro a garrafa em um sorriso preguiçoso.

Molly apresenta seu copo para mim. — Essa é a fofoca mais suculenta que já ouvi em Hampton. Não espera. Darcy Hampton e o que ela fez com Ryan não pode ser derrotado. Não por dois *quase* beijos, pelo menos.

Oh? — O que aconteceu?

— Agora, isso foi um escândalo como nenhum outro. — Nossos rostos estão tão perto que nós duas temos que recuar para tomar nossas bebidas. — Para encurtar a história, Ryan teve uma noite de bebedeira com a filha de Lord e Lady Hampton, ele seguiu o seu caminho e ela seguiu o dela, conheceu um homem mais velho rico, descobriu que estava grávida e disse ao mundo que era dele.

Eu vacilo. — Ai.

— Sim, você acredita nisso? A bruxa nunca diria a Ryan que ele tinha uma filha.

— Então, como ele descobriu?

— Ele não estava na cidade há meses. Eu acho que ele estava trabalhando no exterior ou algo assim, eu não sei. De qualquer forma, ele viu Darcy Hampton na loja. — Molly sopra as bochechas. — Grávida. Fez as contas, eu acho.

— Uau. Muitos homens teriam corrido uma milha.

— Ryan não é assim. Sua mãe era uma pessoa maravilhosa. Ela teria garantido que ele fizesse a coisa certa, mesmo que não quisesse.

— A mãe dele mora aqui?

O rosto de Molly cai, e eu me sento, cautelosa com a tristeza dela. — Ela morou aqui. Ela morreu no dia em que Ryan descobriu que o bebê era dele depois de uma batalha judicial de um ano. Derrame.

— Oh meu Deus, então ela nunca conheceu Alex?

Molly balança a cabeça. — É tão triste. Ele perdeu a mãe no dia em que ganhou a filha.

Meu coração afunda por ele. — Isso é terrível.

— Eu sei. Então você pode entender por que Ryan odeia Darcy Hampton e quer vingança. Primeiro, ela o enganou, depois lutou com ele por um teste de paternidade, obviamente porque sabia qual seria o resultado. E, ao fazer isso, Ryan perdeu o primeiro ano da vida de sua filha. A mãe dele seria uma avó incrível.

— Que puta. — Não conheço a mulher, mas já a odeio.

— Sim, mas para ser justo, ela é obrigada pelos pais. Se Darcy não joga conforme o jogo, ela é cortada pelo lorde e pela lady. Ela é muito materialista para se despedir desse tipo de dinheiro e status.

Eu zombei. Que tipo de ser humano é ela? Quem faz isso? Faço uma pausa para pensar. Por que diabos eu estou me fazendo essas perguntas? Eu sei do que as pessoas são capazes. — Ainda uma puta, — murmuro humildemente. — Ninguém deve ficar longe do filho. — E nenhuma filha deve ser mantida longe do pai. Jesus, sinto minha boa e nebulosa embriaguez sendo substituída por algo muito menos atraente. Dor. Nenhuma filha deve ser mantida de sua mãe também. — Mais vinho? — Eu pergunto, pulando desajeitadamente e batendo meu joelho na mesa. — Merda!

— Cuidado, — Molly chora, sibilando quando vê que eu bati na minha ferida. Mais sangue. Ótimo. — Bob! — ela grita.

— Temos uma lesão! — E todo o pub congela e olha na minha direção.

Sorrio, pequena e desajeitadamente, e começo a mancar passando a multidão para o banheiro. — Um pouco de papel higiênico e tudo vai ficar bem, — asseguro a todos. — Estarei de volta em um piscar de olhos. — Eu caio em direção as portas e volto com o início repentino de tontura. — Oh garoto, — murmuro, indo para a pia. Tenho que fechar um olho para me concentrar e, quando o faço, pareço tão bêbada quanto de repente me sinto. Uma bebida tranquila, ela disse. — Você é uma má influência, Molly. — E eu a amo por isso.

— Não fui eu quem te forçou a beber.

Eu giro e agarro a pia firmemente. — Você está no banheiro feminino, — grito em choque. — Espere, onde você estava sentado? Onde você estava sentado?

— No final do bar. — Ryan me olha de cima a baixo, um olhar bastante desaprovador no rosto. — Você bebe vinho mais rápido do que qualquer mulher que eu já conheci.

Bem, talvez porque seja uma novidade beber no meu próprio ritmo, quando eu quisesse, e sem me preocupar, de me meter em problemas. — Quantas mulheres você conheceu? — Eu digo em vez disso, assustada com o som da minha própria pergunta. — Eu não quis dizer isso.

— Não? — Ele pergunta, inclinando a cabeça. — Então o que você quis dizer?

Eu me encolho por todo o banheiro feminino. — Tem um curativo?

Ele sorri aquele sorriso torto e se aproxima. — Deixe-me ver.

— Ainda se sentindo culpado? — Eu pergunto levemente.

— Algo parecido. — Sem aviso, ele me leva por baixo das axilas e me levanta sobre a velha mesa próxima, onde Bob tem uma exposição abrangente de cosméticos femininos, além de pirulitos e chicletes. Eu tento tanto não endurecer, mas quando um homem como Ryan levanta você de seus pés como se você não fosse nada, eu desafiava qualquer mulher a não parecer um pouco... tensa. Sem pensar, estendo a mão e pego um pedaço de chiclete, colocando-o na boca e mastigando. Ryan olha para mim. Minha mastigação diminui. E ele sorri um pequeno sorriso enquanto lentamente olha para o meu joelho. — Você bateu e tirou a casquinha.

— Droga. Eu gosto de arrancar as casquinhas.

Ele olha para mim de sua posição curvada. — Você é nojenta, sabia disso?

— Fui chamada de coisa pior. — *Como prostituta. Vadia. Cadela. Um constrangimento. Sem utilidade. Estúpida.* E eu rio,

por que motivo, eu não sei. Talvez porque agora eu possa. Embora minha vida seja tudo menos engraçada. Minha *vida* é uma desculpa ruim para uma vida. Mas pelo menos ainda é uma vida. E pelo menos estou segura.

Ciente de que Ryan está me estudando, me afasto da mesa, evitando seu olhar. Ele não facilita, não se mexendo de volta para me dar espaço. O que significa um toque de contato entre nós que faz com que ambos inalemos audivelmente. — Com o lenço de papel vai ficar bem, — murmuro.

— O lenço de papel vai grudar nele.

Eu o ignoro, mesmo sabendo que ele está certo, e puxo um pouco do rolo no cubículo mais próximo. Qualquer coisa para colocar espaço entre nós. As coisas ficam estranhas quando ele está por perto. Minha mente não é minha. Meus pensamentos estão fora de controle. Meu corpo se comporta como bem entender. Nunca, durante o planejamento do meu período em Hampton, considerei um homem parte dele. Sinceramente, o Sr. Ryan, Will, quente ao ar livre e sem dúvida uma incrível transa, me deixou sem equilíbrio. Ele deveria ter me deixado rastejar para casa depois que ele me atropelou, não ser todo atencioso, gentil e preocupado. Não combina com ele. Ou... sou eu quem não combina com esse tipo de devoção? Eu afasto porque não é familiar? Porque eu esqueci como é o carinho genuíno?

Eu bufo para mim mesma. Não é de se admirar? Eu me viro e dou um tapa na porta. — Oh! — Minhas mãos voam automaticamente, e é só quando elas descansam que eu percebo que não é uma porta, mas um peito. E então o calor me atinge, e eu praticamente derreto onde estou.

Eu não pulo para trás.

Eu não endureço.

Eu não suspiro.

Em vez disso, eu suavizo. Cada parte de mim amolece. Não tenho apreensão me atormentando. Eu assisto meus dedos enquanto eles se flexionam contra a camiseta dele, explorando lentamente a sensação dele. E ele parece bom. Estranho, mas bom. Desconhecido, mas bom.

Ryan permanece em silêncio e parado, exceto pelo constante aumento e queda de seu peito. Olho para a gola da camiseta dele, estudando a direção do fio e o ligeiro desbotamento da cor azul marinho na borda. E então estou examinando a densa cobertura de desalinhamento, mas até da barba no pescoço. Perfeita barba por fazer. Um pescoço perfeito. Ele engole, me levando a olhar mais longe. Seus lábios. No momento, eles estão retos e pressionados firmemente, a cicatriz no canto superior direito fraca.

— Mais alguns centímetros e você estará me olhando nos olhos, — ele sussurra, sua boca se movendo lentamente. Então suas mãos na minha parte inferior das costas mudam uma fração, aplicando uma leve pressão que gentilmente me empurra para mais perto dele. — Você acha que pode lidar com isso, Hannah? Você acha que pode lidar com o que pode ler lá? Ou você vai correr de novo?

Eu fecho meus olhos. — Eu não vou correr.

— Então olhe para mim. — Ele move uma mão entre nós e coloca a ponta do dedo sob o meu queixo. Mas ele não faz mais do que isso. Ele apenas coloca lá, e eu levanto meu rosto por vontade própria. É como se ele sentisse que eu precisava disso. Para levar o meu tempo. Estar no controle.

Abro os olhos e, no segundo em que encontro seu olhar preguiçoso, sinto que sou sugada por um vórtice de desejo. A onda de desejo me deixa tonta, meu corpo rolando com os sentimentos mais incríveis. — Eu não sou quem você pensa que sou. — Minha mente está embaralhada, chegando palavras que eu não pretendo dizer.

— Eu não ligo para quem você é.

— Então me beije.

Espero que ele siga meu pedido sem hesitar. Eu posso sentir o desejo dele vibrando contra mim, mas ele se retém, o

peso de seu olhar examinador se tornando demais. Estou a um piscar de olhos de me render à força tentando fechar o espaço entre nossas bocas, mas Ryan se rende primeiro, lentamente deixando cair o rosto, procurando meus olhos... que?

O calor da respiração dele aquece meu rosto, meu coração está batendo uma milha por minuto, e meus dedos arranham o material de sua camiseta e a agarram.

Tão perto.

Eu quase posso prová-lo.

Quase lá.

E aquele primeiro pouquinho de nossos lábios me bate como um raio. Eu balanço em seus braços, minhas mãos voando até sua cabeça quando ele me puxa para ele.

Bang!

— Hannah, você está bem? — O barulho alto de Molly atravessa a atmosfera como uma faca, e eu me atiro de volta para a baia atordoada quando Ryan sai, tornando sua presença conhecida por Molly. — Oh, — ela diz abruptamente. — Onde está Hannah?

Ele limpa a garganta e olha para mim, e alguns segundos depois Molly o empurrou no caminho para me encontrar.

— Eu estava apenas ajudando a limpar o joelho, — diz Ryan, indo para a pia e pegando uma toalha.

Sei que pareço ter visto um fantasma e sei que não escapou à atenção de Molly, embora ela pareça mais preocupada do que intrigada. — *Você está bem?* — Ela articula com os lábios e eu aceno.

— Eu vou sair daqui a pouco. — De alguma forma, saio da baia firmemente, apesar de ser uma bagunça quente - tremendo, lutando para respirar.

— Não tenha pressa, — Molly responde timidamente, e eu abaixo para inspecionar meu joelho para evitar as perguntas crescentes em seus olhos. Eu fico lá até ouvir a porta se fechar atrás dela.

Sinto a atmosfera engrossar no segundo em que estamos sozinhos novamente. — Eu sou tão desajeitada, — eu tagarelo para preencher o difícil silêncio. — Eu mesma posso resolver. Não quero prender você.

Ryan está ajoelhado na minha frente um segundo depois, passando a mão no meu ferimento com o pano. — Você não está me impedindo de nada. — Ele parece afiado agora, quase irritado, e o silêncio miserável cresce mais uma vez.

É desconfortável, e de repente estou ansiosa para me afastar das vibrações estranhas que saltam ao redor do pequeno espaço. — Eu posso fazer isso...

— O que você quis dizer quando disse que não é quem eu penso que é? — Ele olha para mim e eu endureço da cabeça aos pés, imobilizada pela maravilha furiosa que olha para mim. Como eu pude ser tão estúpida? Dar a ele um pedaço de uma pista dessas e não esperar que ele me pressione? Ou talvez eu quisesse que ele me pressionasse naquele momento, quando minha mente não era minha. Talvez um desespero que eu não sabia que tinha fosse desenterrado por sua ternura. Talvez eu quisesse contar todos os meus segredos para ele e deixá-lo me envolver e me dizer que me manteria a salvo. Que idiota da minha parte.

Eu preciso evitá-lo no futuro. Ignorar a atração, porque isso só vai me levar muito fundo. Eu devo ter enlouquecido. Em breve vou partir de Hampton. Já estou me apegando à pitoresca cidadezinha. Melhor não me apegar aos seus moradores também.

Desvio o olhar e passo por ele, deixando-o ajoelhado atrás de mim. Eu lavo minhas mãos, as seco e faço a minha fuga, apenas o pegando no espelho quando me viro. Ele está subindo lentamente de seus joelhos. Ainda me observando. Eu odeio imaginar no que ele está pensando. Eu preciso fugir.

Puxo a porta, mas a mão dele aparece por cima do meu ombro, fechando-a rapidamente novamente. Eu olho para a madeira. — Deixe-me ir, — ordeno, minha voz tremendo terrivelmente.

Ryan remove seu domínio em um instante, e eu corro, ouvindo-o xingar enquanto eu vou. Molly está me procurando quando eu dobro a esquina para o bar e me preparo para o interrogatório com o qual estou prestes a ser atingida. Não sei o que vou dizer, então me perco no vinho, parando. Eu não deveria ter compartilhado nada com ela. Eu deveria ter mantido minha boca estúpida fechada. Porque agora estou vendo sentido, e me envolver com um homem é completamente impossível. Também seria egoísta. E irresponsável. E cruel. Eu olho para Molly. Minha nova amiga. Eu também não deveria me apegar a ela. Minha vida nova e segura longe de Londres não parece tão libertadora neste momento. De repente, parece muito solitária. Não posso me apegar a ninguém. Eu nunca posso compartilhar meus segredos e minhas angústias com ninguém. Tudo o que posso fazer é fingir ser Hannah Bright.

— Você vai mesmo ficar sentada aí sem dizer nada? — Molly finalmente diz.

Minha mente está uma bagunça emaranhada, mas antes que eu possa desvendar meus pensamentos, algo chama minha atenção pelo canto do olho, e olho para ela e vejo Ryan andando pelo pub. Ele não olha para mim, e eu não sei por que isso me

incomoda. Olho para o meu copo de vinho. O líquido quieto e calmo contrasta com os sentimentos caóticos e redemoinhos dentro de mim. — Tem algo estranho que me puxa na direção dele, e eu não consigo parar. — Olho pelo canto do olho e encontro Molly extasiada. — Mas eu meio que *quero* parar com isso. — Eu *preciso* parar com isso.

— Por quê?

Eu falei demais. Não posso dizer a Molly que não pretendo ficar na cidade para sempre. Que este é apenas um lar temporário para mim até que eu tenha que sair. — Eu vim aqui para fugir. — Uma mentira. Eu vim aqui para me aproximar de alguém. Minha mãe.

— Depois do seu término? — Molly coloca a mão sobre a minha.

Eu aceno e bebo para afogar minha culpa. É muito cedo para eu seguir em frente. Tenho muito mais trabalho a fazer comigo mesma primeiro. Sorrio, embora saiba que é triste, e Molly o reflete. Isso não era mentira. — Não posso depender de outra pessoa para me consertar. — A oscilação na minha voz é inevitável, e eu realmente odeio não poder falar sobre a minha história, ainda que vagamente, sem emoção controlando minhas palavras. Eu não deveria ser tão dura comigo mesma, mas não posso deixar de me sentir ressentida por ainda estar presa ao meu passado. Porque me bateu tão forte que as cicatrizes

mentais me impedirão de ser feliz e relaxada em um relacionamento com um homem bom. Eu estou arruinada. É irônico, realmente. Estou livre, mas longe disso.

— O tempo é um curandeiro incrível. — Molly pega minha mão e empurra meu copo para meus lábios. — E o vinho também. Beba.

Eu rio - é genuíno - e é exatamente o que é necessário neste momento. E mais uma vez penso na minha irmã. Ela era especialista em me distrair de qualquer coisa que me deixasse triste, não que houvesse muito para me fazer ficar triste naquela época. E quando havia algo, muitas coisas, para me deixar triste, Pippa não estava lá. Porque eu a deixei para trás.

— Para novos começos e novas amizades. — Molly brinda comigo e imediatamente completa nossos copos assim que terminamos nossas bebidas. — Certo. Você consegue.

Meus olhos se levantam com Molly, meu rosto em branco. — O que?

— Vamos mostrar a este pub como é feito. — Ela pega minha mão sobressalente e luta contra a minha resistência instantânea.

— Ah não. — Eu rio, olhando ao redor do bar, onde dezenas de pessoas estão bebendo e conversando. Eles parecem

estar se divertindo muito. Melhor não estragar. — Molly, eu não sei cantar nada.

— Nem eu. — Ela pisca. — Apoie sua sista, irmã.

Irmã. Eu pisco, vendo o rosto de Pippa. O sorriso dela. Suas lágrimas rindo de mim. Eu gostaria de poder fazê-la rir de novo.

Molly para de lutar comigo e começa a voltar para o palco improvisado. — O que a velha Hannah faria? — Ela pergunta, e eu franzo a testa em meu sorriso. Isso é fácil. A velha Hannah nunca estaria em um lugar que tivesse karaokê em primeiro lugar – oh não. Mas e a Hannah antes da velha Hannah? A velha Hannah? A garota que passou seus dias longe pintando e rindo. A garota que estava tão bagunçada, que mamãe desistiu de arrumar as coisas dela. A garota que dançaria naquele palco com a irmã e mostraria ao mundo o quão criativa ela era. *O que a velha Hannah faria?*

Pego a garrafa de vinho e a levo, tomando um gole da garrafa antes de plantá-la em um alto-falante próximo. Junto-me a Molly no palco e tiro um microfone da mão dela. — Vamos fazer isso. — Eu limpo minha garganta e flexiono meu pescoço. A velha Hannah seria dona desse momento. E então a introdução começa e eu lanço um olhar atordoado para Molly. Ela apenas dá de ombros.

E as primeiras palavras de 'Survivor' de Destiny's Child surgem na tela na minha frente. Toda atenção é apontada para nós dessa maneira.

— Foda-se, — eu digo, pegando a garrafa e bebendo mais vinho. E eu canto. Molly canta. Cantamos como se nossas vidas dependessem disso, e acho que é muito bom que elas não dependam. Mas continuo dizendo a mim mesma que nada poderia superar os gritos aguçados da sra. Hatt e sua terrível versão de — What's New Pussycat. — O mais perto que cheguei de me expressar de forma criativa desde que cheguei à cidade está na minha pintura. Silenciosamente, mas confusa. E particular. Não há nada de particular nisso.

Olá Hampton. Eu sou Hannah Bright. Estou prestes a fazer seus ouvidos sangrarem e não dou a mínima. Felicidades.

Enquanto Molly e eu injetamos um pouco de entusiasmo em nossa apresentação, praticamente toda a cidade está assistindo. Mas neste momento, agora estou no meu ritmo, alheia a todos, minha energia e foco fixados apenas nas palavras que estou gritando na tela com Molly e o estranho giro entre nossas linhas.

Nós. Estamos. Em. Fogo.

Pelo menos, em nossa imaginação distorcida, estamos. Não sei se o resto da cidade pensa assim - quem está aqui e quem não está, porque tenho certeza de que todo mundo que ficou em

casa hoje à noite também pode nos ouvir. Volto minha atenção para Molly e canto para ela, dobrando a cintura enquanto ela ri. E então seus movimentos são lentos, e encontro o rosto dela se transformando no de Pippa, e sou jogada de volta quinze anos para o momento em que ela me visitou na universidade e passamos a noite virando doses e monopolizando o karaokê no bar local. Nós dançamos naquele palco. Ela era Elton John, eu era Kiki Dee. Ela era Gary Barlow, eu era Lulu. Ela era Michael Jackson, eu era Janet. Limpamos o bar. Nós rimos até nossas barrigas doerem. Nós cambaleamos para casa juntas, abraçadas. Nenhuma de nós poderia conversar no dia seguinte. Mas ainda podíamos rir, mesmo com nossas ressacas assassinas, quando ambas acordamos na minha cama de solteiro com os microfones ainda em nossas mãos. Pippa os enviou de volta para o bar. Eu nunca fui lá novamente.

Logo depois, me formei. Então, logo depois disso, mudei-me para Londres. E logo depois disso, foi o começo do fim da minha vida.

Eu pisco e encontro Molly, percebendo que ainda estou cantando enquanto ela segura minha mão, de frente para mim.

E então os aplausos começam, e eu rio. Coloco o microfone no chão e jogo meus braços em volta da minha amiga, agradecendo silenciosamente por me convencer a fazer isso. Sim, trouxe de volta memórias, mas são lembranças felizes. E

são uma das únicas coisas que me restam. — Eu precisava disso, — digo, me afastando.

— Eu também, mas acho que o resto da cidade não.

Eu rio enquanto sigo cuidadosamente Molly até a beira do palco, meu olhar naturalmente seguindo a linha do bar até o fim. Ryan está lá, mas ao contrário de todos os outros no pub, ele ainda está sentado e não está sorrindo. Mas ele está olhando para mim e sinto aborrecimento. Ou é desaprovação?

Ele não gosta que eu tenha me mostrado. Bem, acho que provavelmente é o melhor. Dane-se ele. Essa é quem eu sou.

— Isso foi épico! — Molly cai em seu assento e limpa a testa, e eu me junto a ela, um pouco sem fôlego.

— Eu não sei sobre épico. — Estendo a mão para apertar minha cabeça. Preciso ir antes de passar o ponto de embriaguez e cair nos reinos da embriaguez total. Empurrando minhas mãos na mesa, eu me levanto. — Todo esse canto foi para minha cabeça. — Junto com o álcool, e está se misturando com minhas emoções.

Ryan olhou para mim em desaprovação. Ninguém tem esse direito. Estou a um segundo de marchar até lá e dizer a ele onde colocar sua desaprovação.

— Vou ficar e ter mais uma com a sra. Hatt, — diz Molly. — Nós vamos voltar para casa juntas.

— Não ande por conta própria.

— Não vou, — Molly canta, ligando meu braço ao dela. — Vou acompanhá-la pela estrada.

— Você pode literalmente ver minha porta da frente da janela. Apenas me observe. — Eu desvinculo-nos e aponto, e Molly assume uma posição agradável. Eu atravesso o pub me despedindo e, eventualmente, saio para o ar livre. Há um calafrio, e cruzo os braços firmemente sobre o peito enquanto corro pela estrada.

Enfio a chave na fechadura e paro antes de girá-la, olhando por cima do ombro para a janela do bar. Eu vejo Molly lá, me observando, e ela acena antes de desaparecer de vista.

— Hannah?

Eu pego uma inspiração rápida, mas rapidamente vejo Ryan perto de sua caminhonete do outro lado da rua. — Jesus, Ryan, você me assustou.

— Eu nunca quero que você tenha medo de mim.

Eu endireito meus lábios quando ele passa pela porta do motorista, puxando as chaves do bolso da calça. — Não tenho, — respondo suavemente, voltando para a minha porta e girando a chave. — Boa noite.

— Boa noite, Hannah, — ele diz calmamente, e alguns segundos depois eu ouço a porta da caminhonete abrir e fechar. Entro na minha loja, olhando do outro lado da rua.

Mas Ryan não está em sua caminhonete. Ele está andando na minha direção com um propósito, e as luzes da rua iluminam seu rosto, sua expressão tão determinada quanto seu passo. Eu prendo a respiração, esperando... para quê?

Eu dou um passo para trás quando ele se aproxima meu foco colado a ele. Seu ritmo não vacila, e ele entra na loja, deixando a porta aberta atrás dele. Ele me agarra com uma força gentil, mas possessiva, uma mão na minha nuca e a outra no meu quadril. E ele me olha diretamente nos olhos, respirando fundo.

Então ele deixa sua boca cair na minha e me dá o mais terno dos beijos. Sem língua. Sem gemidos. Nenhum movimento em qualquer lugar, exceto por seus lábios viajando suavemente pelos meus. Minhas mãos inúteis permanecem ao meu lado. Eu esqueço meu nome, quem eu sou. O mundo como o conheço deixa de existir e é muito bem-vindo. Então... diferente de tudo que eu já experimentei. É o menor dos gestos, mas também colossal. Ryan sabe disso? Ele percebe o que está fazendo? Ele não está tentando aprofundar o beijo; suas mãos não estão se movendo ou explorando. Ele está apenas pontilhando meus lábios com os dele, repetidamente, preguiçosamente e suavemente. É estonteante. E, apesar de sua aparente falta de

desejo de levá-lo ao próximo nível, há uma paixão saindo dele, o ar que nos rodeia elétrico.

Minha mente apaga e eu permaneço imóvel em seu abraço, meus olhos fechados, meus sentidos sequestrados, enquanto saboreio a leve pressão que se move pela minha boca. Só me lembro do meu coração disparado de medo e apreensão, mas desde que conheci Ryan, ele está cheio de vida e antecipação. Todo quase beijo que tivemos. Todo momento de silêncio quando olhamos nos olhos um do outro e a tensão sexual entre nós aumenta um outro nível.

Toda vez que estamos em contato físico.

Todo motivo para evitá-lo é subitamente negado pela minha fome por ele. E então ele quebra nosso beijo, respirando superficialmente, enquanto me mantém em seu abraço. Eu olho para ele, perdida por palavras, e ele solta um beijinho final no canto da minha boca antes de voltar. Eu rapidamente me sinto muito perdida. A ponta do seu dedo desenha uma linha delicada na ponte do meu nariz, diminuindo a velocidade quando ele passa por cima da pequena protuberância. Então ele puxa uma respiração e sai, fechando a porta atrás de si.

E olho para frente para o nada por um longo tempo. Fui beijada até o transe. Atravesso minha loja para me sentar na cadeira de vime no canto, as pontas dos meus dedos descansando nos meus lábios enquanto olho para a porta. Eu

ouço a caminhonete dele ligar. Eu a ouço se afastar. E depois... silêncio.

Ele apenas me beijou e depois saiu. Sério, que porra é essa?

Ele não disse nada.

Além de tudo que eu precisava ouvir.

E agora estou sozinha com apenas meus pensamentos gritantes. Fique longe dele. Corra para ele. Sei o que quero fazer, mas devo? Eu posso? Levanto-me e começo a andar pela minha loja, torcendo as mãos. Paro, sentindo meus lábios e depois meu nariz. Eu olho para a porta. Eu ouço as palavras dele.

Eu nunca quero te assustar. Não tenho medo dele, não desse jeito. Estou com medo porque ele me deixa completamente sem fôlego.

9

Cinco anos atrás

Katrina podia ouví-lo tomando banho no banheiro adjacente, de onde estava encolhida na cama. Ela sabia que ele terminaria em breve. Ela sabia que ele voltaria a qualquer momento, se perguntando por que ela não estava acordada. E ela sabia que ele ficaria decepcionado. No entanto, sua energia se esgotou completamente após o dia de viagem às Bahamas, onde o iate estava ancorado no mar. Ela se sentiu doente e tinha certeza de que os frutos do mar que haviam comido no almoço eram os responsáveis. Com cada pequeno movimento que ela fazia, sua barriga se contorcia, ameaçando derramar o conteúdo por toda parte. Ela também estava suando. Mais importante, ela se sentiu pálida.

Quando o som do chuveiro parou, ela tentou em vão se levantar na cama, pelo menos para mostrar *alguma* vontade de se preparar para o jantar ao pôr do sol no convés com os amigos. Mas depois de alguns segundos lutando contra seu corpo não cooperativo, ela desistiu e caiu de volta no colchão em um gemido.

— Por que você não está pronta?

Katrina olhou para a porta do banheiro onde estava o marido, esfregando os cabelos pretos molhados com uma toalha. Seu corpo bem afiado parecia brilhar sob a iluminação sombria do quarto no iate. — Eu me sinto mal. — Suas palavras eram mansas, silenciosas e carregadas de um apelo que ela sabia que ele podia ouvir.

Jarrad fez beicinho em simpatia e caminhou até a cama, abaixando-se até a beira e alcançando a testa de sua esposa. Um toque da palma da mão em sua carne úmida confirmou que seu corpo era uma fornalha. — Oh, querida, — ele murmurou, pegando a garrafa de Evian na mesa de cabeceira. — Um pouco de água vai ajudar. — Abrindo a tampa, ele entregou a ela. — Aqui, beba.

Forçando-se a sentar-se com a ajuda dele, ela aceitou a garrafa com um pequeno sorriso e a levou aos lábios. E no segundo em que ela engoliu a menor gota, seu estômago revirou, e ela voou da cama, correndo para o banheiro. Ela chegou bem a tempo de vomitar, esvaziando o estômago de todos os frutos do mar em que se entregou. — Oh Deus— ela respirou, sentindo cegamente um pouco de papel higiênico enquanto caía de bunda na frente do vaso.

— Katrina, querida, — sussurrou Jarrad, preocupado, enquanto se agachava ao lado dela e a esfregava nas costas. — Vem aqui.

— Acho que preciso de um médico. — Gotas de suor escorreram de sua testa quando Jarrad a pegou pelo braço e a levantou. Ele a acompanhou até o espelho e ficou atrás dela, estudando-a no reflexo enquanto fechava a torneira e molhava uma toalha.

— Você não precisa de um médico. — Afagando seu rosto com o material frio, ele a segurou firmemente no lugar enquanto se observava cuidar dela. — Você só precisa de mim. — Soltando um beijo suave em seu ombro, ele sorriu através de sua carne enquanto levantava os olhos para ela no espelho.

Seus lábios se curvaram naturalmente em resposta. — Só você, Jarrad.

Isso o agradou. Sua boca se esticou mais, sua felicidade genuína. Ela sabia o quão feliz ela fez seu marido. — Sente-se melhor?

— Muito obrigada. — Ela apoiou a palma da mão no antebraço dele, onde estava enrolado em volta do estômago. — Eu deveria me arrumar. Não quero deixar nossos convidados esperando. — O show deve continuar, não importa o quão doente ela se sinta, e ela se sentia tão doente quanto um

maldito cachorro. Mas era tudo sobre imagem. Eles eram o casal perfeito.

Jarrad sorriu e pegou a escova de cabelo na penteadeira, levando-a ao cabelo de Katrina e passando meticulosamente suas longas ondas escuras. Ela o deixou fazer suas coisas em paz por alguns minutos, o silêncio confortável. Ele só parou quando o couro cabeludo dela começou a entorpecer com os golpes constantes. — Perfeito— ele murmurou, pousando a escova. — Não sei por que você queria cortar tudo.

Não importava o que ela queria. Ela raramente conseguia o que queria, mas há muito aprendera que, se o marido era feliz, ela também era. — Vou demorar vinte minutos, — disse ela calmamente.

— Boa menina. — Alcançando a mão dela, ele levantou o braço dela até a boca e beijou o hematoma logo após o cotovelo. Ela podia ver o desespero nos olhos dele, assim como a raiva. Ela tinha sido imprudente com seu bem-estar, e ele ainda não estava feliz com isso. — Gostaria que você deixasse de ser tão desajeitada, Katrina. Você sabe como isso me chateia. Eu odeio vê-la ferida assim.

Ela baixou os olhos, envergonhada. — Eu sei. Foi impulsivo e estúpido, me desculpe. — Ela certamente não estaria fazendo um truque como esse novamente. O que ela estava pensando?

Jarrad agarrou sua mandíbula gentilmente, mas com firmeza, e ergueu o rosto novamente para que ela o encarasse no espelho. — Você sabe o quanto você é preciosa para mim, — ele disse suavemente, e ela assentiu, provocando um sorriso antes que seus olhos caíssem no pulso dela novamente. Ele franziu a testa. — Onde está o seu relógio?

A pergunta dele a fez sentir o pulso. A peça de platina incrustada de diamantes que ele comprou para o seu quinto aniversário de casamento não estava no pulso dela desde que deixaram a casa em Belgrado. Ela entrou em pânico. — Acho que deixei em casa. — Ela mordeu o lábio nervosamente. — Na penteadeira da suíte.

— Você acha?

— Tenho certeza. — Ela se corrigiu rapidamente.

— Devemos ligar para a governanta e pedir para ela checar. — Ele fez a volta em direção ao quarto para pegar seu telefone, e Katrina foi rápida em impedí-lo. Jarrad parou e ela sorriu, pequena e se desculpando. — Tenho certeza de que está lá. Não vamos deixar nossos convidados esperando, querido.

Jarrad cedeu facilmente, o sorriso suave de sua esposa derretendo-o como sempre. — Você está certa, — ele murmurou, abraçando-a. — Seria rude, me perdoe.

— Nada a perdoar.

Sempre tão atencioso. Descansando os lábios nos cabelos dela, ele a respirou com um suspiro contente. — Você deve usar mangas compridas hoje à noite, — disse ele, acariciando seu braço. — Está frio. E preto, sim? — Virando as costas para o espelho sem esperar pela confirmação, Jarrad deixou Katrina para se preparar para o jantar ao pôr do sol.

10

Ryan

Dirijo devagar pela rua longe da loja dela, completamente perdido em meus pensamentos. Extraordinariamente, porém, minha mente não está girando com perguntas sobre Hannah, está girando com perguntas que estou me fazendo. Por que eu fiz aquilo? E como diabos eu me impedi de ir mais longe? Eu nunca soube que tinha isso em mim. Talvez fosse porque eu sei que ela bebeu muito hoje à noite. Eu odeio o pensamento dela acordando se sentindo arrependida ou pensando que eu tirei vantagem dela. Ou talvez seja porque eu senti que eu preciso lidar com ela com cuidado. Ou talvez seja um pouco dos dois.

— Maldito inferno, — eu respiro, mudando de posição, minha cabeça começando a doer com o peso das minhas perguntas. — No que você se meteu Ryan? — Eu indico exatamente quando me aproximo da estrada que leva à minha cabana. — E agora você está falando sozinho. — Rindo baixinho, dou a volta, mas algo na beira da estrada chama minha atenção e eu paro. — Que diabos?

Eu deixo o motor ligado e pulo para fora, andando alguns metros no mato que é iluminado pelos meus faróis. Olho para o volante de uma bicicleta. Uma bicicleta que eu reconheço. Franzindo a testa, puxo a coisa mutilada dos arbustos e a olho, antes de examinar a escuridão ao meu redor. Esses bosques são familiares para mim. Os sons, as árvores, todas as espécies de animais que vivem aqui. A coruja que está chamando atualmente e os morcegos que voam no ar acima de mim nunca costumam me custar um pensamento. No entanto, hoje à noite, eles causam uma estranha lambida de mal-estar na minha espinha.

Pegando a bicicleta de Hannah na barra transversal, afasto-me, instintivamente examinando a escuridão enquanto vou para o meu carro e carrego a bicicleta na traseira. Quando eu fecho a porta traseira, o barulho ecoa, ricocheteando nas árvores ao meu redor. — Crianças, — digo, voltando à minha caminhonete e continuando a caminho da cabine, meus olhos atentos o resto do caminho.

Quando eu paro do lado de fora, as luzes do detector acendem, tomando meu lugar sob luz forte. Eu pulo e coloco a bicicleta de Hannah no galpão antes de entrar. O vazio que me atinge é palpável. Sem Repolho.

Pego uma cerveja na geladeira, tiro minhas botas e acendo a lâmpada antes de acender a lareira e afundar na poltrona. Minha garrafa repousa no braço da cadeira e estudo as chamas

dançando diante de mim. Uma mulher nunca me teve em tal emaranhado. Eu a quero. Não sei explicar, mas é preocupante, porque tenho uma sensação horrível de que Hannah não está disponível. Não apenas para mim, mas para qualquer homem. Embora eu apostasse minha vida no fato de que nenhum homem a quer mais do que eu.

Eu gemo para mim mesmo e tomo minha cerveja, desconfortável com minha linha de pensamento. Eu nunca conheci uma mulher tão fascinante. Ela é determinada, mas essa determinação é cercada por uma vulnerabilidade que a torna ainda mais atraente. Ela é gentil. Doce. Engraçada à sua maneira espirituosa. — Jesus. — Esfrego a testa com as pontas dos dedos e descanso a cabeça para trás. Estou exausto.

Meus olhos ficam pesados.

As chamas do fogo começam a se apagar e se misturar.

Meu cérebro cansado começa a se desligar.

Eu cochilo com visões de Hannah Bright enchendo minha mente. Ela está dançando perto do fogo. Ela está dançando com o perigo.

Sou puxado do sono por uma sensação fria e úmida no peito e pelo cheiro de cerveja. *Merda.* Eu pulo da cadeira, enviando a garrafa agora vazia para o chão de madeira e puxo minha camiseta encharcada para longe do meu peito. O som da

chuva batendo nas janelas logo se registra na minha sonolência.

Bocejando, pego a garrafa e a coloco na lareira, então tiro minha camiseta molhada e a jogo no cesto de roupa enquanto vou para o meu quarto. Mas não chego à minha cama gloriosa. Um barulho do lado de fora me para no limiar, e olho para a porta da frente enquanto dou alguns passos para trás, meus movimentos cautelosos, meus músculos agora *muito* acordados e *muito* tensos.

Meu foco é levado a porta da frente enquanto eu ando com os pés leves pelo corredor de volta ao espaço aberto da minha cabana. É muito tarde para os visitantes, não que eu receba muitos.

Sinto cegamente o machado dobrado ao lado do freezer e agarro firmemente a maçaneta. Meu ritmo vacila quando ouço algo novamente. Algo alto o suficiente para ser ouvido durante a tempestade. Que porra é essa?

Contornando a janela, puxo a cortina uma fração e olho para fora. Lençóis de chuva dificultam minha capacidade de ver além da varanda, as árvores balançando violentamente sob a força do vento uivante chicoteando através dos galhos. Um raio ziguezagueia pelo céu, fazendo brilhar as bordas das nuvens negras. — Deus amaldiçoe você, mãe natureza, — digo baixinho enquanto um trovão perverso atravessa o ar. Alguém poderia ter

acendido uma lâmpada de megawatt, pois tudo lá fora é subitamente tomado por uma luz ofuscante.

É então que eu a vejo, cercada por botijões de gás vazios que ela derrubou perto da churrasqueira. — Hannah? — Largo o machado e corro para a porta da frente, abrindo-a e correndo para a varanda. Vestindo apenas o que ela usava no pub - um frágil vestido vermelho - ela corre pelo gramado em minha direção, encharcada, com os cabelos pesados e grudados no rosto, o tecido do vestido grudado no corpo.

Quando ela chega ao pé dos degraus da varanda, ela olha para cima e me vê e para bruscamente, ainda exposta aos elementos. A chuva continua a atacá-la, não que ela pareça ciente disso. Seus incrivelmente grandes olhos azuis se arregalam, como se ela estivesse surpresa em me ver. Algo me diz para me afastar, então eu pairo no topo da escada, olhando para ela sendo espancada pela chuva.

Ela finalmente arrasta as costas da mão pelo rosto, limpando bruscamente o molhado, tirando o excesso. — Por que você me beijou? — Ela grita sobre a tempestade ensurdecedora.

Sua pergunta me leva automaticamente a dar o primeiro passo, embora sua mão rapidamente suba me avisando para parar. É o que faço, porque parece natural obedecer. Eu a vejo engolir quando ela registra que estou ouvindo, e ela segue com

um pequeno aceno de cabeça para si mesma. — Entre, Hannah, — imploro. — Você está encharcada.

— Diga-me, Ryan, — ela chama, me ignorando. Ela vai morrer, pelo amor de Deus. Sem mencionar a mim mesmo. Estou de pé aqui de calça jeans, nada no peito, pés descalços.

— Eu... — Desapareço quando algo vem a mim. — Espere, como você chegou aqui?

— Eu andei. Agora me diga.

Ela andou? No escuro e na chuva? O conhecimento me irrita sem fim, meu desejo de repreendê-la esmagador. Demasiado esmagador para segurar. — Isso me irrita, Hannah.

Ela sorri. Ela sorri, porra. Está além de mim o porquê, e eu me pego rindo em descrença. — Diga-me por que você me beijou, — ela grita.

Eu a encaro, meu sorriso inseguro. Onde ela está indo com isso? E, na verdade, por que eu a beijei? É uma pergunta boba com uma resposta simples. Porque eu não conseguia me conter. Porque eu a quero.

— As constantes falhas quase estavam ficando ridículas, — eu grito de volta. — As interrupções por um motivo ou outro. — Faço uma pausa, estudando sua forma maravilhosamente enlameada. — E, — continuo desta vez não tão alto — o mais importante, — dou mais um passo em sua direção, sabendo que

ela não vai me parar desta vez. — Eu queria que você visse como era bom.

O peso da chuva em seus cílios a faz piscar de surpresa lentamente. — Como você sabia que seria bom? — Ela sussurra.

Eu sorrio. — Não tenho muitas coisas na vida. Tenho certeza de que amo minha filha com tudo o que tenho. Tenho certeza de que vou viver minha vida e tenho certeza de que acabarei morrendo. E depois que te conheci, Hannah, tive certeza de que você viraria meu mundo de cabeça para baixo quando eu te beijasse. — Mais um passo. — E você fez. — Seu olhar me segue pelos degraus restantes até eu estar diante dela, agora sendo encharcado pela chuva também. — E agora tenho certeza de que quero beijar você de novo. — Um último passo, e estamos no mesmo nível.

— Tenho certeza que quero que você faça. — Ela vem a mim, a cabeça inclinada para trás em convite. Então ela coloca as mãos no meu peito nu e molhado. — E tenho certeza de que será tão incrível quanto o primeiro.

Minha cabeça mergulha, pegando seus lábios, sem vontade e incapaz de me atrasar. Eu gosto de chuva. Eu gosto de aceitação. Eu gosto de *Hannah.* É incompreensível, e como nada que experimentei nos meus trinta e nove anos. Eu mantenho minha boca ainda na dela, mas lentamente deslizo

minhas mãos na parte inferior das costas e a puxo para mais perto. E então ela inclina a cabeça uma fração, seus lábios se separam, e eu gemo baixinho, seguindo sua liderança. No momento em que nossas línguas se tocam, meu mundo de cabeça para baixo começa a girar, a chuva caindo sobre nós, o trovão retumbando e o relâmpago estalando, tudo abafado pelo doce sentimento de aquiescência.

Meu Deus. Por um milhão de milhas, este é sem dúvida o mais consumido que eu já senti. Não há motivo por trás do meu beijo. Não tenho vontade de arrancar suas roupas. Meu único desejo neste momento, quando estou sendo engolido por esta mulher doce e inesperada, é garantir que ela se sinta confortável em meus braços. E ela faz. Todos os meus sentidos estão gritando comigo que ela faz.

O estrondo mais forte do trovão sacode o chão sob nossos pés, mas Hannah não reage muito perdida em mim, e isso é além de satisfatório. Supera a felicidade.

Através da minha total embriaguez, consigo convencer minhas pernas a se mover e nos levar para dentro. Mas eu não paro de beijá-la. Nada me faria parar de beijá-la, e se o aperto firme da minha cabeça é uma medida, ela não quer que eu pare. Nossos lábios continuam escorregando, e nossas línguas continuam se mexendo suavemente enquanto eu a aperto e a levanto, abrindo meus olhos para encontrar o primeiro passo e

tomá-los sem pressa. Eu estou rapidamente perdido na visão dela, que claramente se perdeu.

Eu chuto a porta fechada atrás de nós e a coloco gentilmente no chão. Os olhos dela permanecem fechados. Sua boca permanece selada contra a minha. Ela está encharcada até os ossos e agora que estamos no calor, posso sentir como ela está com frio. Ela ficará doente.

É sem dúvida uma das coisas mais difíceis que já tive que fazer, mas quebro nosso beijo e seus olhos se abrem. Ela sorri um sorriso que só pode ser definido como sereno enquanto olha para as mãos que estão de volta no meu peito.

— Você está com frio, — digo baixinho. — Deixe-me pegar algo seco e quente. — Relutantemente, ela se rende. Eu imediatamente sinto falta disso. O fogo ainda está quente. Eu a viro pelos ombros e a guio. — Quer um chocolate quente ou algo assim? — Nunca na minha vida ofereci a uma mulher um chocolate quente. Minha hospitalidade só se estendeu a uma cerveja, uma transa e uma oferta de carona para casa pela manhã. Eu não sou um idiota, mas certamente não sou um cavalheiro. As mulheres sempre foram uma forma de companhia nas noites solitárias fora de casa, para matar o tempo até que eu pudesse retomar minha vida com Alex.

— Estou bem, obrigada. — Hannah se abaixa cautelosamente na cadeira perto da lareira, as mãos indo direto

para os joelhos. De repente, ela parece pequena e desajeitada, e está olhando em volta da minha cabana, mordendo o lábio. Eu não gosto disso. Eu não deveria ter parado o nosso beijo. Ela está se perguntando por que ela veio? Ela gosta da minha casa?

Eu me viro e passo para o meu quarto antes que as perguntas caiam da minha boca. Pego uma toalha e esfrego no meu peito, depois tiro meu jeans e cueca, substituindo-os por algumas calças cinza. Pego uma toalha limpa para Hannah e olho o conteúdo do meu guarda-roupa. O que posso dar para ela vestir? Em um encolher de ombros, pego uma das minhas camisas de botão para o trabalho, porque não é uma camisa branca que toda mulher quer ostentar na casa de um homem?

Quando eu volto para ela, ela se moveu da cadeira e está sentada no tapete perto da lareira, com as mãos estendidas na frente dela para se aquecer. Eu posso ver os arrepios em sua pele daqui. — Arranjei algo para você trocar de roupa.

Ela olha por cima do ombro nu para a camisa na minha mão, e eu imediatamente vejo algo em sua expressão mudar antes que ela rapidamente a corrija. O que é que foi isso? — Eu estou bem nisso.

Ela é de verdade? Meu braço cai para o meu lado. — Hannah, você está congelando e molhada.

— Não, honestamente, eu estou bem.

Não gosto de ser firme com ela, mas não posso deixar isso passar. Se ela não quer usar a camisa branca, tudo bem, e eu não me importo por que, mas ela não está nesse vestido saturado. — Você vai pegar um resfriado. — Vou para o sofá e dou um pulo pelas costas. — Que tal agora?

Ela assente, concordando com o cobertor facilmente, sem barulho, e agora de repente me importo por que a camisa é um problema. Então me atinge. Ela acha que outras mulheres a usaram? Merda, elas vestiram? Olho para a camisa na minha mão e me encolho. Sim, elas usaram.

— Obrigada, — diz ela, enquanto se desdobra do chão e vem até mim. Seu sorriso é perturbado, e eu não gosto nada disso. Alguns minutos atrás estávamos completamente à vontade. Agora está difícil. Horrível.

Ela alcança o cobertor, mas não o coloca apenas o segura, e eu não o solto. Ela olha para mim, afundando os dentes no lábio inferior. E a atmosfera muda novamente.

Eu entendo sua exigência muda.

Largo a blusa e solto o cobertor, depois levo minhas mãos à barra do vestido e puxo-o pelas coxas e pela cintura. O cobertor cai no chão, seus braços levantando, seus olhos nunca se afastando dos meus. Eu não olho para baixo. Não me rendo à parte de mim que está desesperada para absorver o resto dela. Porque há uma parte maior de mim que está contente com

minha visão atual do rosto dela. E então ela está apenas de calcinha, e as marés mudam. Eu tenho que apertar meus olhos com força para impedir que eles se desviem, e pela primeira vez reconheço a exigência batendo atrás da minha calça de moletom. O sangue que flui lá é feroz. Quente. Eu tento afastar meus pensamentos, tento diminuir minha necessidade crescente. Meu queixo fica tenso junto com meus músculos, e eu mergulho, cegamente sentindo o chão para pegar o cobertor. Cubra ela. Apenas a cubra. Eu encontro e levanto. E estupidamente, abro meus olhos antes de voltar a ficar de pé, ficando cara a cara com sua barriga. Eu congelo. Fica mais quente. A necessidade em mim se intensifica.

Não.

Afasto minha tentação e me levanto, colocando o cobertor sobre seus ombros e a envolvendo. Mas assim que eu dou um passo para trás, ela revira os ombros e abandona o cobertor no chão, meus olhos seguindo-o para baixo. E enquanto eu olho para a pilha de tecido, outra coisa cai em cima dela. Meu estômago revira. O sutiã dela. Deus me ajude. Eu respiro, assim que a perna dela levanta e suas calcinhas se juntam à pilha. — Hannah, — aviso engolindo em seco, ousando olhar para ela.

— Você não me quer? — Ela pergunta timidamente, com uma incerteza definida entrelaçada em suas palavras.

Sua pergunta é ridícula, mas também me leva a absorver cada pedaço de seu corpo pela primeira vez. Pernas bem torneadas, uma curva suave e uniforme do quadril até a cintura. Seios do tamanho perfeito. Pele impecável, clavículas elegantes. Um pescoço longo e delgado. Eu a quero? Jesus, eu nunca quis mais nada.

Uma onda de sangue zumbe para o sul, e um gemido baixo e quebrado vibra no fundo da minha garganta. Por um segundo, me pergunto por que estou me punindo, por que estou lutando contra isso, por que estou relutante em aceitar o que Hannah está deixando claro que está disposta a dar. A revelação é assustadora: não quero que o sexo com ela seja como todas as outras mulheres com quem dormi. Apressado. Sem significado. Preciso que Hannah saiba o quanto a quero, além dos sinais físicos que meu corpo está irradiando. Meu único objetivo não é fazê-la gozar e depois a mim mesmo. Na verdade, eu só quero estar o mais perto dela possível. Não apenas fisicamente. Puta que pariu.

Mas o que vai acontecer depois, porque tenho certeza que essa mulher não dorme com qualquer um? O que ela vai esperar de mim? Um futuro? Um relacionamento? Claro que ela vai. Eu sou capaz? Sempre fomos apenas eu e Alex. Minha prioridade desde que minha filha nasceu era ser pai. Para trazê-la da melhor maneira possível. As mulheres sempre foram um passatempo. Um pouco de diversão.

As palavras de Alex do outro dia entraram na minha mente: *Você precisa de alguém para amar além de mim.*

Hannah poderia ser aquele alguém? Minha virada de jogo? E o que Alex *realmente* diria? Ela aprecia o significado de outra mulher na minha vida? Ela está acostumada a me receber sozinha.

A dor queima minha cabeça e eu estendo a mão para empurrar a bola da minha mão na minha têmpora.

Como isso aconteceu?

Hannah rapidamente se agacha e recolhe o cobertor, jogando-o em volta de si mesma. Ela não diz nada e corre para a porta, batendo-a atrás dela, deixando-me um pouco perdido e confuso com o fogo. Minha mente leva muito tempo para recuperar o atraso. Meus músculos demoram muito para se envolver. O que acabou de acontecer?

— Hannah. — Corro atrás dela, quase tirando a porta das dobradiças quando a abro. — Hannah! — Desço os degraus e atravesso o gramado, me perguntando como diabos ela ficou tão longe nos poucos segundos que eu era um zumbi. Ela já chegou à pista, o cobertor ondulando atrás dela. A chuva ainda está martelando, a tempestade ainda está furiosa. — Hannah, pelo amor de Deus! — Eu grito com o vento e a chuva. — Hannah, você pode parar de correr? — Tenho certeza que ela realmente acelera. — Jesus Cristo, — eu ofego, disparando enquanto eu

aumento a velocidade da corrida. Eu ganho dela rapidamente, e no momento em que ela está ao meu alcance eu agarro seu braço, o desespero me vencendo. — Hannah, por favor.

Ela para de repente, soltando o esforço. — Me solte Ryan.

Algo no tom de sua voz se recusa a me deixar ignorá-la, então eu a solto, dando-lhe espaço. — Aonde você vai?

— Casa.

— Não, você não vai. Está escuro, está chovendo. Volte para dentro. — Eu aceno de volta para a cabana. — Você está toda molhada de novo. — Olho para do cobertor encharcado até seus pés descalços. Isto é ridículo. — Deus, Hannah, eu deveria pegá-la e carregá-la para dentro.

Seu queixo perfeito pulsa. Ela está zangada. Frustrada. *Bom.* Eu também, 'pra' caralho.

— Porque você fez isso? — Ela pergunta, puxando o cobertor mais apertado, como se fosse um escudo entre nós. Agora é, o que me faz odiar a porra da coisa. — Você entrou na minha loja hoje à noite, me beijou como você fez e depois se afastou. Você sabe quanta coragem me levou para vir aqui? Reconhecer que você acordou meu coração? Admitir para mim mesma que sou loucamente atraída por você e, na verdade, sim, gosto muito de você. — Ela aponta a mão na minha cabana enquanto eu estou como um tolo sem vida diante dela. — E

depois aquele beijo. Eu me ofereci a você, Ryan. Fiquei nua, e você nem podia olhar para mim.

— Hannah, não foi isso...

— Eu sou tão idiota, — ela fala, suas bochechas molhadas brilhando em vermelho com sua raiva crescente. É ruim da minha parte pensar em quanto mais eu fico atraído por ela quando ela está pegando fogo? — Eu nunca deveria ter vindo. — Girando rápido, ela se afasta. — Nunca tente me beijar de novo.

Uau. Eu recuo, tudo o que ela gritou comigo afundando. Eu acordei o coração dela? E agora ela está fugindo. Novamente. — Porra, — eu murmuro, correndo atrás dela, contornando sua forma amontoada e bloqueando-a. — Você vai calar a boca por um segundo?

É a vez de Hannah recuar, e Deus, amo sua fofura, suas pequenas narinas se abrem perigosamente para mim. — Não, eu não vou calar...

Eu dou um passo à frente e ataco sua boca antes que ela possa *me* atacar com sua língua ácida novamente, desta vez reivindicando-a tudo menos gentil e cuidadosamente. Não tenho tempo para ir devagar. Ou a paciência, para esse assunto. E não posso arriscar que ela tente correr novamente. Estou farto.

Meus dedos tecem através de seus cabelos, ficando presos nas madeixas emaranhadas enquanto eu a beijo com força e

com propósito. Se esse beijo não diz tudo, então eu vou alegremente dizer a ela. Mas o som do seu gemido e a força igual da sua língua duelando com a minha me dizem que ela entende. Ela entende. Ela está me deixando entrar, e enquanto eu lentamente rolo minha língua pela boca e sinto as mãos dela se moverem para o meu cabelo, eu sinto o primeiro gosto de seus segredos. Ela está completamente relaxada em meus braços, e eu apenas sei que ela não está acostumada a se render a um homem desse jeito. De boa vontade. Desinibida. Confortavelmente.

Eu expiro quando me afasto, empurrando minha testa na dela. — Claro o suficiente? — Eu pergunto quando ela pisca de volta à vida. Espero até ter toda a atenção dela antes de continuar. — Não fiquei hesitante para te levar para a cama, Hannah. Fiquei imaginando como atenderia às suas expectativas. — E esse medo só aumentou com a admissão dela. Ela é cautelosa. Em relação a mim? Ou aos homens, em geral? Estou lidando com algo frágil. Ela revelou um pedaço de si mesma agora. Uma fraqueza. De repente, é tão óbvio que tudo o que ela é, todos os seus traços maravilhosos e atraentes, são movidos por algo feio. Medo. Ou sua determinação feroz de não deixar que esse medo a retenha. Meu instinto de proteger é tão poderoso quanto minha capacidade de sentir medo. Eu já vi isso em muitos olhos antes de apertar o gatilho. E agora eu vejo isso na Hannah.

— O que? — Ela pergunta calmamente, confusa.

Fecho os olhos e respiro. — Você não é o tipo de mulher que um homem fode, Hannah. — Eu olho para ela para que ela veja minha luta. Com vergonha. — E tudo que eu já fiz foi foder com mulheres.

Seus olhos ficam incompreensíveis. Não tenho certeza se ela está chocada ou emocionada. Ambos? — Uau, — ela respira, e concluo que é o primeiro.

— Sim, — eu digo, um pouco timidamente. — É muito diferente para mim. — Bom Deus estou dizendo muitas coisas, mas todas as palavras erradas. Inspiro e procuro uma maneira de desembaraçar meus pensamentos antes que eles passem pelos meus lábios e ela esteja correndo de novo. Olho para o céu, acolhendo as gordas gotas de chuva que atingem meu rosto. — Desde o momento em que vi você se arrastar para fora dos arbustos coberta de tinta, tive o desejo implacável de beijá-la toda vez que a vi.

— E você tentou me beijar, — ela responde suavemente.

Abro os olhos, mas não abaixo a cabeça. — Você está esperando um pedido de desculpas?

Ela balança a cabeça.

— Bom. — Um relâmpago ilumina o céu e, de repente, a beleza de seu rosto é clara como cristal. É esmagador, e meus

pensamentos estão subitamente saindo da minha boca. — Deus, Hannah, acho que você é a mulher mais impressionante que já conheci.

Um pequeno sorriso envergonhado mexe no canto da boca, os braços puxando o cobertor enquanto ela olha para longe de mim. — A beleza é uma maldição.

Eu não gosto da sua resposta, e odeio especialmente a ideia de que é só isso que ela pensa que me importa. Mas, na verdade, eu não estava me referindo à sua aparência, embora ela seja realmente bonita. Naturalmente sim.

— Eu estava falando da sua alma, — digo pronto para divulgar tudo. — Sua peculiaridade. Sua natureza despreocupada. Sua paixão por tudo é pintada e bagunçada, e sua absoluta indiferença por qualquer coisa materialista. Seu estilo de vida simplista. Seus malditos macacões e aqueles lenços que você amarra no cabelo. Seu rosto sem maquiagem e perfume natural de framboesa. — Hannah Bright desafia a composição de uma mulher em todos os sentidos. Ela é única. Bonita sem tentar. Sexy sem tentar. Tentadora sem tentar. Eu não posso deixar de pensar que ela não está apenas tentando, mas fazendo tudo ao seu alcance para não ser essas coisas. Ser uma pessoa tímida. Para se misturar na multidão. Para viver sua vida sob o radar. Ela falhou. Ela está no *meu* radar, um pontinho enorme, brilhante e intermitente. Mas como se a natureza selvagem dela não me atraísse, os segredos que sinto

que ela está mantendo estão apenas ampliando minha curiosidade.

Ela olha para mim e vejo com perfeita clareza que ela ama o que eu amo nela. Estendo a mão e deslizo minha mão na dela, apertando. — Então, o que você gosta em mim?

Seus lábios se contorcem, um sorriso ameaçador quando seu olhar se arrasta pelo meu rosto. — Seu sorriso é torto.

— Perigo do meu trabalho passado.

— E seu nariz está torto. — O nariz dela se enruga enquanto ela fala.

— Eu briguei com um machado. — Eu dou de ombros, lembrando-me de ensinar Alex a balançar. Não previ a força dela. Ou a velocidade com que ela abaixaria a lâmina, quebrando meu nariz com o cabo enquanto eu saía do caminho dela. Meus olhos caem na ponte do nariz de Hannah e na pequena saliência lá. — E você dificilmente é a senhorita nariz perfeitinho, — digo suavemente.

Seu dedo imediatamente vai para ele, sentindo. — Eu ia consertar.

— Não. É perfeito. — Desloco o aperto da minha mão na dela e amarro os dedos. — Estamos realmente molhados.

Ela olha para o céu, fecha os olhos e sorri. — Eu não tinha notado.

Bom. Ela é tão alheia ao mundo acontecendo quanto eu quando estamos juntos. — Vem para a cama comigo? — Eu pergunto gentilmente, e sua cabeça cai rapidamente. Eu a encaro profundamente, implorando mentalmente que ela concorde. O menor dos acenos de cabeça é tudo o que eu preciso, e recebo. Então, eu nos conduzo de volta para a cabana e para o calor, e a conduzo até o meu quarto. Puxo o cobertor pesado de seus ombros e o deixo cair no chão em uma pilha molhada, então espero que ela me olhe novamente antes de empurrar minha calça de moletom pelas minhas coxas. Ela mantém o olhar nos meus olhos.

Eu a tenho. E é uma revelação para mim, mas estou silenciosamente me perguntando como posso mantê-la. Não gosto da pontada de dor que apunhala meu coração.

Porque mais uma vez, algo profundo e inabalável está me dizendo que ela não está disponível.

11

Hannah

Ryan não fará o primeiro movimento, eu sei disso, então olho para ele, observando a cicatriz no lábio antes de estender a mão e traçar o comprimento dela. Eu sinto a mão dele deslizar na minha parte inferior das costas e aplicar uma leve pressão, apenas o suficiente para me puxar para ele. Eu expiro a sensação da nossa pele se tocando me tirando o fôlego. Eu o sinto tão quente. Tão firme. Tão forte. Eu olho nos olhos dele. Eles estão preguiçosos. Brilhando com desejo.

Não há mais nada a fazer. Eu empurro minha boca na dele e engulo seu gemido quebrado, entrelaçando meus braços em torno de seu pescoço e nos puxando para perto. E eu estou perdida nele.

Toda a nossa resistência nos últimos dias pica como um elástico sobrecarregado, e de repente ficamos loucos e desajeitados, apressados e frenéticos. Ele me beija com uma forte paixão, nossas cabeças inclinadas, nossas mãos se

atrapalhando nos cabelos um do outro, nossos pés desajeitados enquanto tropeçamos em direção a sua cama. Nós caímos em uma pilha, e ele rapidamente nos rola para ficar embaixo de mim, me dando controle total. Não que eu saiba o que fazer com isso.

Alcançando minhas pernas, ele as guia sobre sua cintura, então eu estou montando nele, e eu recebo o primeiro toque de contato de sua ereção na parte interna da minha coxa. Eu choramingo em sua boca, levantando meus quadris e abaixando minha parte superior do corpo em seu peito. Meus braços emolduram sua cabeça. Meus seios apertam seus peitos. Meu cabelo molhado cai no travesseiro. Suas mãos nas minhas costas. A sensação de sua excitação descansando entre minhas coxas.

É uma sobrecarga de sensações. Eu arranco minha boca da dele, deixando-o ofegante, e me vejo beijando freneticamente cada parte do rosto - seu queixo, suas bochechas, seu nariz, sua testa. Essa fome em mim é nova. Está fora de controle.

É ele.

— Hannah, — Ryan chia, colocando as mãos nos meus cabelos e tentando me puxar para trás. Meu cabelo foi puxado como resultado, mas a dor aguda não me impede, meu apetite louco por Ryan está me superando. — Ei.

De repente, eu estou deitada de costas e presa no colchão pelo corpo dele cobrindo o meu, e eu pisco, colocando-o em foco. A visão dele respirando em mim, seus ombros largos e bíceps grossos me prendendo, não ajuda minha causa. Ele é bem construído, musculoso e alto, mas é gentil. Ele é áspero, mas suave. Ele é simplesmente maravilhoso, e agora está olhando para mim conscientemente com aquele pequeno sorriso torto. Eu forço minhas mãos sobre minha cabeça, com medo de tocá-lo novamente, com medo de perder a cabeça.

— Vamos diminuir o ritmo, certo? — Ele deixa cair os lábios no canto da minha boca e me beija com ternura. — Não há pressa.

Minha fome discorda. Não quero que esses sentimentos acabem. — Você não deveria ser tão irresistível.

Ryan ri levemente enquanto move suas pernas e as usa para espalhar as minhas. — Eu amo o quão franca você está sendo comigo esta noite. — Estabelecendo-se entre as minhas coxas, ele coloca os braços sobre os meus acima da minha cabeça e dá um selinho na ponta do meu nariz. Meu nariz *perfeito.* — Não quero que a nossa primeira vez juntos seja uma corrida desesperada. Embora, para ficar claro, eu esteja muito desesperado por você. — Ele está em melhor controle de si mesmo do que eu. Não sei por que isso dói um pouco. Não é porque é mais fácil ele resistir a mim do que eu a ele. Eu sei que não é esse o caso. É porque ele está acostumado com esses

sentimentos de êxtase? Ele os tem frequentemente, enquanto eu nunca os tenho? Eu estremeço, odiando onde meus pensamentos estão me levando. — O que há de errado? — Ele pergunta, sem perder a minha inquietação interior.

— Nada. — Eu forço um sorriso.

Não cola, e suas sobrancelhas estão subitamente altas. — Hannah, você pode me dizer qualquer coisa.

Ele está errado, mas, em vez de refutá-lo, dou-lhe apenas um pedacinho de mim para apaziguar. E para tirá-lo do meu caso. — Faz muito tempo para mim, — admito, encolhendo-me ao som da minha confissão. Deus, quão patético ele pensa que eu sou? — Cinco anos e dois meses, para ser mais precisa.

— Isso é bem preciso.

Desvio o olhar, totalmente envergonhada. E se ele achar que sou péssima na cama? E se esta for a única vez que eu tiver todos esses sentimentos? Que diabos eu estou pensando? Urghhh, eu não sou boa nisso. — Estou só estou dizendo...

Seus lábios estão subitamente nos meus, efetivamente me silenciando com outro beijo. — Apenas respire. Você já não pode sentir como isso vai ser incrível? — Mordendo meu lábio, ele puxa de brincadeira. — Nós precisamos de proteção?

Balanço a cabeça.

— E suponho que já faz um tempo, você está...

— Limpa, sim.

— Eu também. — Ele sorri com a minha urgência e imediatamente muda seus quadris, caindo na minha entrada. Eu respiro rapidamente, enrijecendo. — Eu disse, respire, Hannah. Relaxe.

Relaxe, relaxe, relaxe. Respire? Então ele deveria parar de roubar meu ar. Eu uso tudo o que tenho para me acalmar, e meu corpo amolece quando sua boca se abre e me convida novamente. Eu vou com facilidade, cantarolando em torno do redemoinho de nossas línguas enquanto Ryan se aproxima um pouquinho, empurrando em mim. Eu flexiono minhas mãos, e ele move as dele, entrelaçando nossos dedos e apertando até que sejam punhos. Eu conheço o plano dele e por mim tudo bem. Ele está bombardeando meus sentidos novamente, tornando impossível me concentrar em apenas uma coisa. Como o fato de que ele está avançando novamente.

Seu beijo se torna mais firme, suas mãos mais apertadas em torno das minhas. Eu posso sentir cada pulso em seu eixo enquanto ele desliza mais fundo. Minhas costas se curvam quando ele empurra a parte final, meu rosto caindo em seu pescoço enquanto eu choro.

E ele para, permitindo que nós dois nos acomodemos no sentimento. — Você está bem? — Ele pergunta baixinho, e eu

aceno incapaz de falar através do meu prazer. Afastando-se me fazendo perder meu esconderijo em seu pescoço, ele olha para minhas bochechas suadas. Sua barba por fazer está brilhando, seu lábio superior molhado. Ele é uma visão, seu cabelo molhado escuro e bagunçado. Deus, ele é tão bonito, tão áspero.

Lentamente, ele se afasta, deslizando livre e, em seguida, volta com cuidado e precisão. Sua respiração é instantaneamente irregular, suas pálpebras pesadas. — Incrível certo?

Oh meu Deus, sim, completamente. Mas eu quero sentí-lo, então flexiono minhas mãos, e ele solta, permitindo que eu as leve a seus ombros. — Beije-me e será ainda melhor. — Eu seguro o cabelo dele e o puxo para a minha boca, e meu prazer desaparece. Estou oscilando de volta à beira do controle perdido, meus movimentos ficando um pouco enlouquecidos novamente, embora dificultados por seu corpo em mim.

Eu jogo minhas pernas para cima, circulando suas costas com força. Seu impulso não vacila, seus impulsos são suaves e exatos, cada um mergulhando melhor que o anterior. Meu sangue começa a queimar, minha audição começa a zumbir e a pressão na minha parte inferior da barriga aumenta e aumenta. Minha garganta está seca, uma bola de emoção se alojando lá. Eu estou sobrecarregada. Espantada com o quão incrível isso é. Quão maravilhoso *ele* é.

Ele está me observando fascinado enquanto me deixa selvagem com seu amor medido. Então seus punhos afundam no colchão e ele empurra o torso para cima, nunca vacilando em seu ritmo. Agora ele está dividindo sua atenção entre meus seios e meu rosto, e o suor está começando a escorrer de sua sobrancelha enquanto ele rola os quadris com cuidado. Ele tem mais influência, mais espaço para me deixar ainda mais louca, e ele tem a expressão em seu rosto cortada com prazer.

Jogo meus braços para trás e agarro a cabeceira de madeira enquanto o observo, seu rosto se contorcendo, e ele cai em um antebraço, levando a mão sobressalente a um dos meus seios e cobrindo-o, massageando. Eu me preparo para a sensação de sua boca lá, vendo a intenção em seus olhos enquanto ele mergulha lentamente e se agarra ao meu mamilo, chupando firmemente com um gemido de felicidade. Fecho os olhos e estou feita, uma escrava de Ryan, sua boca e seus quadris empurrando em um ritmo alucinante.

A pressão continua a aumentar até que eu estou muito ofegante para impedir uma explosão. Ele deve sentir meu controle minguante, porque ele volta para o meu rosto e me enjaula novamente, cutucando minha bochecha com o nariz em silenciosa demanda. Abro os olhos e a visão dele me empurra além do ponto de retorno. Meus músculos travam, reivindicando o prazer, e sou sugada para um vórtice de paz quando sou capturada pelo meu orgasmo.

Ryan nunca desvia o olhar e, embora esteja desesperada para fechar meus olhos, eu não faço. No entanto, tenho que abraçar seus ombros para lidar com o ataque de prazer, alcançando alturas impensáveis.

Ele empurra um grunhido, e seus impulsos se tornam murros que acompanham um longo e prolongado gemido, com a mandíbula apertada quando ele goza. E ele pisca, parecendo atordoado, antes de cair sobre mim em um sopro exausto de ar, me aglomerando, ainda rolando aqueles lindos quadris, ordenhando cada gota de prazer de mim.

Estou exausta.

Ainda explodindo nas costuras com um novo tipo de energia, enquanto nos deitamos em um emaranhado suado e sem fôlego.

No meu torpor, percebo que a tempestade morreu. Pelo menos, do lado de fora. Dentro de mim, está muito viva, e estou preocupada que possa ser prejudicial. Minha dor no coração se foi como se nunca estivesse lá. Ryan poderia ser minha cura? É um pensamento tentador, por tanto tempo eu tive que ser implacavelmente forte, mas também é perigoso. Essa distração, por mais adorável que seja, pode me deixar fraca novamente.

Envolvo meus braços nas costas largas de Ryan, meu nariz enterrado em seu ombro úmido. Ele cheira tão bem quanto parece e tem gosto. Viril e resistente. Inspiro pelo nariz e solto

um suspiro quebrado, armazenando cada segundo da última meia hora na memória. Espero o arrependimento surgir em mim enquanto nossa respiração gradualmente se esvai. É pacífico, mas a tempestade interior continua.

Eventualmente, Ryan encontra energia para se afastar de mim, arrastando-se para baixo da cama e colocando os braços sobre o meu estômago, com o queixo apoiado em cima. Ele olha para mim com aquele sorriso torto, e eu me pego estendendo a mão e traçando uma linha através da cicatriz na esquina. — Como você conseguiu isso? — Eu pergunto.

— Se eu te contar, vou ter que te matar.

Eu sorrio para ele, meio que esperando que ele comece a rir e me diga que ele está brincando. Alguns momentos se passam antes que eu perceba que ele não está brincando. Trago a ponta do meu dedo aos meus lábios e beijo, depois o coloco de volta em sua cicatriz. Ele vira a cabeça, olha para mim e também beija meu dedo. Eu sorrio e arrasto meu toque para o nariz dele, circulando a ponte onde ele dobra levemente. Ele cruza os olhos para ver meu dedo, e eu rio debaixo dele, empurrando-o na minha barriga. — E isto?

— Minha filha quebrou com o cabo de um machado quando eu estava ensinando-a a cortar madeira.

Meu dedo faz uma pausa. — Ai.

— Sangue por toda parte. O Repolho achou que eu ia morrer.

Eu sorrio larga e divertida. — Por que você a chamo de Repolho?

— Porque a mãe dela odeia, — ele diz com facilidade, e sem remorso. — E porque ela fedia quando bebê.

Uma pequena risada me escapa, e eu deito aqui, nua, com um homem nu esparramado em mim, imaginando Ryan com uma menininha. Há algo muito cativante nisso. E muito sexy. Ele é um bom pai. Isso é uma ótima medida para qualquer homem. Lembro-me de tudo o que Molly me contou sobre Ryan e como o Repolho entrou em sua vida. — Você é um bom homem, — eu digo, e ele sorri, seus olhos caindo nos meus seios, um sorriso de lobo se formando antes que ele dê uma mordida atrevida.

Eu grito em uma risada quando ele rasteja para fora de mim e me puxa para o meu lado para espelhá-lo, sua mão no meu quadril me segurando no lugar. — Ela não foi planejada, mas tudo acontece por uma razão.

— Eu odeio esse ditado, — falo antes que eu possa pensar duas vezes. Mas eu odeio isso. São besteiras. A raiva cresce em mim, quente e imparável. — Qual é o motivo do inchaço no meu nariz? — Eu pergunto a Ryan calmamente, minha boca fugindo

do meu controle. — Qual é a razão de eu viver uma vida sob o ra... — Eu me interrompi, por um segundo.

— Radar, — Ryan termina para mim, e eu desvio o olhar, me chutando. — Ei. — Ele agarra meu rosto e me puxa de volta para onde ele me quer. — A razão para o inchaço no seu nariz é porque eu amo isso. — Inclinando-me, ele o beija, e eu pressiono meus lábios, minha mão chegando ao meu rosto para cobrir meu sorriso louco. Ryan logo a afasta. — E a razão para você viver a vida sob o radar é porque você estava destinada a ser encontrada por mim.

Não estou sorrindo agora e também não acho que estou respirando. — Ryan... — Ryan, o que?

— Simples assim. — Agarrando-me, ele rola de costas e me coloca de frente, me empurrando para sentar em cima dele. — Agora, o que você está cozinhando pra mim no café da manhã?

Meu sorriso está de volta, mais brilhante do que antes. É isso aí. Fim de discussão. Ele poderia me pressionar. Perguntar. Exigir respostas. No entanto, ele não vai. Ele nunca saberá o quanto sou grata. — Então eu vou ficar? — Eu pergunto, querendo nada mais do que passar a noite inteira com ele, abraçadinha.

— Sim. — Tomando minhas mãos, ele enfia os dedos. — Porque eu preciso do café da manhã.

Eu suspiro, embora Ryan milagrosamente mantenha uma expressão impassível. — Você deveria *me* fazer o café da manhã. O que aconteceu com o cavalheirismo?

— O que aconteceu com cuidar do seu homem? — Ele responde atrevidamente, seu rosto ainda ereto.

— Meu homem? — Eu pergunto interessada, apesar de amar o som disso.

— Bem, eu não pertenço a mais ninguém. — Seus grandes ombros encolhem no travesseiro. — Apenas colocando isso para fora.

Se a eletricidade funcionasse com sorrisos, o mundo estaria em curto-circuito agora, porque o meu é épico. — Eu também não pertenço a ninguém. — Mordo meu lábio, meu dedo circulando seu umbigo. — Apenas colocando isso para fora.

Ele assente agradavelmente em um pequeno biquinho. — Então é melhor eu fazer minha reivindicação antes que alguém o faça.

— Eu também. — Nossos sorrisos colidem, e Ryan levanta me aproximando do outro lado da cama. Eu grito, desorientada quando vou descansar. Não tenho a chance de me orientar. Seus lábios estão nos meus, me reivindicando.

12

Ryan

Minha cama. Deus, eu amo minha cama. Conheço o cheiro, onde encontrar as manchas frescas, todos os buracos e protuberâncias e quantas vezes posso rolar antes de chegar à borda. Três. Isso é do meio. Eu durmo no meio. Dois travesseiros, penas de ganso, é claro. Uma perna fora das cobertas também.

Sinto-me voltando, acordando lentamente, e rapidamente registro a ausência de tudo familiar sobre minha cama. Cheira diferente. Inspiro o cheiro de framboesas enquanto mudo minha perna. Nenhum pedacinho. Deslizo minha mão por baixo do travesseiro, sentindo que a beira da cama está próxima. De jeito nenhum eu estou rolando três vezes esta manhã. Meu pescoço está dolorido porque só tenho um travesseiro. E não há nenhuma cobertura em mim.

Abrindo os olhos, eu viro minha cabeça no meu *um* travesseiro e esqueço a ausência de tudo familiar. Ela está de

costas, o edredom entrelaçado nas pernas e terminando na cintura, um braço acima da cabeça, o rosto voltado para ele. Ela parece sonhadora. Linda. Tão terrivelmente pacífica.

Eu cuidadosamente viro meu corpo para o meu lado para encará-la, me apoiando em um braço dobrado. Seu peito sobe e desce firmemente, com calma, seus lábios se separam uma fração. Naturalmente, aproveito ao máximo minha oportunidade, estudando-a em cada pedacinho, desde os cabelos da cabeça até as pontas dos dedos dos pés. Cada centímetro dela, por dentro e por fora, é linda.

Estendo a mão e beijo sua barriga e ela se mexe imediatamente. Sinto a mão dela descansando na parte de trás da minha cabeça e acariciando sonolentamente, e sorrio contra sua pele. Ela provavelmente não tem ideia do que está fazendo agora, o que torna seu gesto ainda mais emocionante.

Espero que seus dedos parem antes de me afastar, feliz por ela ter voltado a dormir profundamente. Então eu gentilmente me afasto e visto um moletom, deixando Hannah para seus sonhos. Espero que sejam sonhos felizes. Espero que eu tenha o papel principal.

Viro na porta quando chego lá, olhando de volta para a visão incomum de uma mulher na minha cama. Exceto que não parece incomum. Parece perfeitamente normal.

Meio que... certo.

Sorrio para mim mesmo enquanto vou para a cozinha tomar um café da manhã, verificando o tempo enquanto arrasto a panela. Oito horas. Merda, eu nunca durmo até tão tarde. Eu me sinto energizado. Contente. Olho pelo corredor para o meu quarto enquanto coloco a panela no fogão, incapaz de parar meu sorriso crescente. Há uma mulher na minha cama e não tenho absolutamente nenhum desejo de removê-la.

Certificando-me de não fazer muito barulho, começo a preparar o café da manhã, meu favorito absoluto, assobiando alegremente enquanto faço. Quando o fogão lança um pouco de fumaça, corro para abrir a porta para obter um pouco de ventilação. A dispersão de galhos me lembra a tempestade da noite passada, bem como o cheiro úmido e pesado de sujeira levantada. Mas não domina o cheiro de Hannah que permanece na minha pele. Eu levanto meu braço até o nariz e inspiro. Eu nunca mais quero tomar banho.

Deixando a porta aberta, volto para a cozinha e puxo dois pratos antes de pegar a panela.

— Bom dia.

Olho para cima e encontro Hannah do outro lado da sala, com os olhos sonolentos, mas brilhantes, o corpo coberto por uma das minhas velhas camisas de lenhador. — Uau, — eu respiro, incapaz de segurar minha admiração enquanto a panela está na minha mão flácida.

Ela olha para frente em um sorriso recatado. — Espero que você não se importe. — Ela puxa a barra da coxa enquanto eu coloco a panela no balcão, aproximando-me para esconder a contração muscular que está por trás do meu moletom. Leva tudo em mim para não abandonar o café da manhã, agarrá-la e levá-la de volta para a cama.

— De modo nenhum. — Realinho meu foco e sirvo o café da manhã antes de sucumbir a essa tentação. — Com fome? — Eu vou para o freezer.

— Morrendo de fome. — Ela se move para um dos bancos do lado oposto do balcão, se acomodando enquanto me observa.

Coloco dois pedaços enormes do meu vício nas panquecas e empurro o prato para ela. Ela olha para ele com um sorriso, mas não diz uma palavra, pegando o garfo e espetando. Eu também estou morrendo de fome, mas assistir Hannah comer é inesperadamente agradável. Eu me inclino e descanso meus braços no balcão, ficando confortável. — Boa? — Eu pergunto apesar do pequeno gemido de prazer dela me dizendo o que ela pensa do meu café da manhã favorito. De Alex também.

Com a boca cheia, Hannah assente, apontando o garfo para o meu prato. Ela mastiga e engole rapidamente. — Você não está com fome?

— Morrendo de fome.

— Então coma, — diz ela, rindo um pouco, colocando outra porção na boca, me observando enquanto mastiga. Eu continuo a observá-la até ela comer mais devagar e ela pousa a faca e o garfo. — O que? — ela pergunta, meio sorrindo.

— Como você dormiu?

— Muito bem.

Eu aceno, já sabendo disso. Eu só queria ouvir isso. — Nenhum arrependimento?

Seus lábios pressionam firmemente, seu olhar se afastando de mim. Ela está pensando sobre isso? Eu empurro meu corpo dobrado na posição vertical, não gostando da pequena pontada de dor no meu intestino, e espero com a respiração suspensa por sua resposta. Quando ela olha para mim, vejo uma confiança de aço nos olhos. Também não tenho certeza se gosto disso. A noite passada não foi incrível para ela? Nossa conexão era palpável.

— Hannah? — Eu digo minha voz evidentemente quebrada.

— Não me arrependo de nada, — ela praticamente sussurra. — Foi a melhor noite que já tive na minha vida. — Eu vejo lágrimas nos olhos dela? — Você? — Ela pergunta e depois inspira. Ela está se preparando.

Ansioso para descansar a mente, eu me inclino sobre o balcão e pego a mão dela na minha. — A noite passada foi a melhor coisa que aconteceu comigo desde que Alex entrou na minha vida. — Trazendo a mão dela para a minha boca, eu beijo seus dedos, e ela solta o ar. Ontem à noite a Terra estava em movimento, e suspeito que possa estar mudando a minha vida também. Eu quero vê-la novamente. Mas eu já sabia disso antes de levá-la para a cama. Antes de eu a beijar. Antes de eu fazer amor com ela. Nem uma vez em meus trinta e nove anos eu já pensei nisso com uma mulher. Sempre faltava algo. Não houve mudança de jogo. Não teve... erupções no meu peito. Eu interiormente sorrio. Eu quero mais desse sentimento de doce contentamento.

Soltando a mão de Hannah, dou a volta no balcão e ela vira o banquinho para me encarar. Eu me coloco entre suas coxas e seguro seus braços, direcionando-os pela minha cintura. Ela olha para mim enquanto deslizo meus dedos em seus cabelos, trazendo meu nariz ao dela.

— Apresente sua reivindicação, — sussurro. Seu sorriso me cega, e ela usa o apoio para os pés para se lançar no meu corpo, envolvendo todos os membros em volta de mim e batendo a boca na minha. E apresenta sua reivindicação, me beijando com uma dureza e paixão que eu nunca experimentei antes. Eu me mudo para que minha bunda descanse no balcão, me

firmando, enquanto Hannah me come vivo e eu tento acompanhar.

— Isso vai dar, — eu murmuro, segurando-a perto, e ela ri, o som tão malditamente doce. Sou forçado a pegar o cabelo dela e puxá-lo gentilmente para chamar sua atenção. Se afastando um pouco, ela encontra meus olhos, e passamos os próximos minutos apenas olhando um para o outro, suas mãos se movendo lentamente sobre meus ombros nus, as minhas através de seus cabelos.

Esta requintada e doce mulher em meus braços, não importa o quão feliz ela pareça neste momento, está carregando dor. Eu vi ontem à noite. Ouvi isso em suas palavras. Ela foi ferida. Espero que ela me permita aliviar essa dor. Talvez eu já esteja.

— Acho que quase matar você pode ser uma das melhores coisas que já me aconteceram. — Porra, o que ela fez comigo? Alguns encontros e uma noite com essa mulher atrapalharam tudo. E eu não podia me importar menos, porque aqui agora, com ela em meus braços e um milhão de memórias da noite passada, nunca tive tanta certeza sobre nada na minha vida. Eu tenho que ver como isso cresce.

Ela morde a ponta do meu nariz. — É definitivamente a melhor coisa que já aconteceu comigo.

Estou feliz por termos claro. — Seu sorvete está derretendo. — Bato em seu traseiro para liberar suas pernas em volta da minha cintura e a abaixo para o banquinho, chegando ao meu pescoço para afastar suas mãos. Puxando meu próprio prato, arrasto outro banco e sento ao lado dela. — Coma, — ordeno gentilmente, espetando um pedaço de panqueca e mergulhando no sorvete antes de estendê-lo a ela. Ela abre a boca e pega, depois me imita, me alimentando com seu café da manhã. E é assim que vamos até que nossos dois pratos estejam limpos.

— Seu café da manhã foi muito bom, — digo enquanto recolho a louça e a coloco na máquina de lavar louça.

— Assim como o seu. — Ela desce do banquinho e caminha até a porta aberta, olhando para fora. — Há muito dano?

— Apenas alguns galhos caídos. — Eu passo por ela e desço os degraus para o gramado, coletando alguns e jogando-os na pilha de lenha. Quando olho para cima, Hannah encontrou o caminho para o chuveiro externo e está espiando por cima. Ela está na ponta dos pés. Minha camisa subiu na bunda dela. — Oh garoto, — eu mais ou menos gemo, alcançando a frente do meu moletom para conter meu pau rebelde. Meus olhos estão colados às bochechas de seu traseiro, minha mente em uma tangente. Ela claramente quer tomar banho, e eu realmente quero experimentá-*la* novamente.

Dois pássaros, uma pedra, Ryan.

Deslizo meus polegares na cintura da minha calça e empurro-os pelas minhas pernas, chutando-os. E então eu estou indo em direção a ela, olhando aquela bunda como se fosse minha presa. Ela para quando eu a alcanço, descendo dos dedos dos pés. A camisa cai. Sua bunda se foi. — Braços para cima, — ordeno, e eles imediatamente se levantam. Pego a barra da minha camisa e a puxo para cima e para fora, descartando-a no chão. Ela se vira antes que eu possa comandar. Enganchando um braço em volta de sua cintura, eu a levanto e nos conduzo para o chuveiro, ligando-o enquanto faço. A água está congelando quando nos atinge, e ela suspira, aproximando-se. — Espere alguns segundos e estará quente, — eu digo, cutucando o rosto dela do meu pescoço. Eu a empurro de volta para os painéis de madeira e a seguro no lugar, empurrando seus braços para cima. — Até lá, eu vou mantê-la aquecida.

Tomo sua boca suavemente e decido aqui e agora que esta manhã é o melhor despertar que já tive. Ela está em uma missão novamente, e não é a primeira vez que questiono minha abordagem. *Manuseie com cuidado,* foi o que pensei. Ainda faço. Eu instintivamente quero ser gentil, embora seja difícil 'pra' caralho quando ela está me atacando com tanto desespero e força. Não sei quais são seus segredos e, até que eu saiba, continuarei com o plano de construir sua confiança. Ganhar sua confiança. Mas agora, assim como ontem à noite, ela está

rapidamente perdendo o controle, se empolgando. É como se ela recebesse algo novo e emocionante, e ela queira tirar o máximo proveito disso antes que seja tirado dela. Meu pensamento não dói apenas. Isso me irrita, e eu sinto meu beijo endurecendo por seguir a liderança de Hannah. Eu assobio quando sinto suas unhas curtas afundarem nos meus ombros. Eu gemo quando sinto os dentes dela afundarem nos meus lábios, e embora tudo seja incrível, eu odeio os possíveis motivos por trás de sua ansiedade.

Afasto meus lábios, ofegando, e viro o rosto quando ela vai para a minha boca novamente. Isso não a impede de tentar me puxar de volta. Eu permaneço onde estou e, eventualmente, perdendo a paciência, ela agarra minha mandíbula e me puxa para onde ela me quer, me segurando lá enquanto tenta me beijar novamente. Eu me retiro e Hannah faz uma careta. — O que há de errado? — Ela pergunta baixinho, sua preocupação clara.

— Eu não sei, o que está errado? — Eu jogo de volta para ela, meu aborrecimento fervendo me levando. Porra, estou condenando sua falta de controle e tentando analisá-la, e aqui também estou perdendo o controle. Devo analisar isso? Eu ri. *Você já fez Ryan. Você está apaixonado. Você se importa. São notícias antigas. Mova-se.*

'— Nada. — Sua voz é baixa e vejo com perfeita clareza que ela está começando a desligar. Porra, merda. Eu estou

empurrando-a para longe. Estou desesperado por ela compartilhar suas tristezas. Estou desesperado para aliviar a dor dela. Olho para essa mulher apaixonada e imagino coisas que pensei que estavam além da minha capacidade de imaginar. Como compartilhar minha vida.

Eu luto novamente pelo controle e dou um beijo suave na boca dela. — Você está sempre com tanta pressa, — digo em torno de seus lábios. — Não precisa ter. — A água está quente agora, quente encontrando o ar frio da manhã, vapor subindo, nos cobrindo.

— Desculpe, — ela responde, e foda-se, eu rapidamente me sinto um merda. Eu não deveria condená-la por ser tão ansiosa e desesperada. Eu deveria estar chocado. Se ao menos eu pudesse afastar a noção de que há mais na pressa dela do que uma simples fome por mim. Poderia ser assim tão simples? — Você é irresistível, — ela confessa sem desculpas.

— Eu posso viver com isso. — Eu chego entre nós e seguro meu pau, guiando-me para ela, e ela fica tensa contra mim, trazendo sua testa à minha. Quando eu deslizo com facilidade, nós dois gritamos, meu punho batendo na madeira atrás dela. Foda-se, a sensação dela ao meu redor é impressionante. — Eu preciso de um segundo, — admito, pronto para disparar minha carga a qualquer momento. Meus olhos se cruzam atrás das minhas pálpebras, meus dentes rangem. Eu posso sentir seu

calor pulsando contra o meu eixo. Não está ajudando, porra. — Não se mexa.

— Eu não estou me movendo.

— Oh Jesus, Hannah. — Flexiono meus quadris, deslizando uma fração. — Você parece ser de outro mundo.

Ela geme quando eu entro por completo com um grunhido, meus dentes travando em seu pescoço e mordendo suavemente.

Encontro meu ritmo rapidamente, entrando e saindo dela em unidades pouco controladas. Sinto nossos corpos molhados deslizando e tenho que levantá-la quando ela desliza um pouco pelo meu tronco. O resultado é uma estocada não planejada, e ela grita, seus olhos se abrindo, suas mãos agarrando meu cabelo dolorosamente, como se quisesse retribuir o favor. A crueldade dela só me excita, e eu a encaro, meu rosto tenso. Estou perdendo meu controle rapidamente. Ela puxa minha cabeça para a frente e mergulha sua língua profundamente, e eu engulo cada som de prazer que ela faz quando sou reivindicado por um desejo que está fora de controle. O atrito é debilitante, minhas terminações nervosas pegando fogo.

Eu agarro sua coxa e aperto, nossas línguas colidindo. Meu corpo está queimando, meus impulsos ganhando força automaticamente. Porra, ela está comigo? Abro os olhos e a encontro olhando para mim, e me afasto para ter uma visão melhor, vendo muito claramente que ela está. Então eu também

sinto isso. Ela endurece contra mim, respirando fundo, aperta as coxas e seus olhos brilham loucamente. Foda-me. Só a visão me empurra para o limite, e eu gozo com força, todo o meu corpo entrando em espasmo quando estou dividido ao meio pelo poder do meu clímax. Eu ouço Hannah gritar, o som quebrado e irregular, mas distorcido através do fluxo de sangue na minha cabeça.

Meus joelhos cederam, forçando-me a cair no chão frio de ladrilhos. À mercê de sua própria exaustão, Hannah não tem escolha a não ser cair comigo, aterrissando de frente e meus braços caem acima da cabeça, incapaz de continuar segurando-a.

Eu fecho meus olhos, esgotados.

Ainda mais vivo do que nunca.

Ela cantarola e rola de costas ao meu lado, sugando ar quando sua pele encontra os azulejos de pedra. — Merda, — ela suspira, e eu abaixo minha cabeça para o lado, encontrando energia suficiente para sorrir. Mas eu não posso falar. Não consigo nem encontrar vontade de pensar em algo para dizer. Então, eu apenas pego a mão dela e a seguro enquanto deitamos lado a lado e nos recuperamos, nós dois olhando para o céu.

— Eu gosto do seu chuveiro, — diz ela depois de um tempo, puxando minha mão para o rosto dela e acariciando-o.

— Eu sempre gostei. Agora eu amo isso, porra. — Eu mudo para o meu lado para encará-la. — Você terá que estar aqui todas as manhãs para tomar banho comigo, porque eu não quero mais *gostar.*

Sua resposta é simplesmente sorrir para o céu. — Eu realmente amo isso aqui, — ela diz melancolicamente. — É tão calmo e pacífico. Escondido do mundo.

Escondido. Ela está se escondendo de alguma coisa. Todos os fragmentos de informação que Hannah acidentalmente me mostra estão construindo uma imagem lentamente. Mas a imagem ainda está confusa. Será que algum dia ficará claro? Não sei, mas o que sei é que ela está aqui, escondida, e o que quer que ela esteja escondendo não pode encontrá-la. E se isso acontecer... eu rapidamente afasto esses pensamentos perigosos. É óbvio agora que Hannah está com medo de confiar, e tudo me diz que ela está com medo de sentir. Agora eu só preciso descobrir o porquê. Eu preciso?

— Isso é um carro? — Hannah invade meus pensamentos e eu ainda escuto.

— Parece que sim. — Eu rapidamente pulo de pé e olho por cima do chuveiro. Meus olhos se arregalam. — Merda.

— O que?

Eu voo em pânico e pego uma Hannah assustada do chão, colocando-a de pé e levando-a para fora do chuveiro. Apressando-nos através do gramado, olho por cima do ombro, vendo o Jaguar de Darcy emergindo da escuridão das árvores que cobrem a estrada. O que diabos ela está fazendo aqui? — É a mãe de Alex.

Dirijo Hannah para o quarto e jogo uma camisa para ela. — Ela não pode te ver. — Esforço-me porq alguns moletons e os puxo, espiando rapidamente pela janela do meu quarto. — Oh não, — murmuro, vendo Alex no banco do passageiro.

— Ryan? — Hannah parece razoavelmente irritada.

— É Alex também, e ela *definitivamente* não pode vê-la. — Corro até Hannah e a ajudo a vestir a camisa, puxando as laterais e abotoando-a, embora vacilante, deixando uma cauda mais longa que a outra. Então eu corro para a cozinha e pego minhas chaves do balcão. — Entre na minha caminhonete, — digo quando volto para o quarto, descobrindo que Hannah abandonou minha camisa em favor do vestido da noite passada. Deve estar molhado. Mas, novamente, nós também estamos. Seja como for, não tenho tempo a perder com o que ela está vestindo e por quê.

Enfio as chaves na mão dela e a seguro pelos ombros, virando-a e levando-a para a porta dos fundos. — Se você der a volta nos galpões, elas não verão você. Espere por mim. — Eu a

viro rapidamente, dou um beijo enorme em seus lábios e depois a envio a caminho. Eu bato a porta e viro, correndo para a sala de estar. *Foda-se, foda-se, foda-se.* Vou até a porta, paro um pouco para me recompor e a abro com um sorriso estúpido.

Alex derrapa abruptamente no meio dos degraus da varanda, me levando para dentro, e eu me movo e me contorço com culpa sob seu olhar examinador. — O que você está fazendo aqui? — Eu pergunto.

Ela estreita os olhos. — O que?

— Nada. — Eu rio como um idiota, olhando para ela por Darcy. — Bom dia, — eu gorjeio.

Assim como nossa filha, Darcy para em suas trilhas, me avaliando com desconfiança. Meu sorriso se amplia. Darcy inclina a cabeça. — Você deveria pegar Alexandra às oito.

Merda. Eu devia? Olho para minha garota, que agora está com os braços cruzados sobre o peito. Eu lhe dou olhos tristes. — Sinto muito, Repolho. Acabei de acordar. — Isso é besteira, e ela deve saber disso. Estou correndo às seis todas as manhãs, não importa em que dia, não importa o clima.

— Então por que seu cabelo está molhado? — Ela pergunta.

Eu chego e sinto, me encolhendo. — Porque eu acabei de tomar banho.

— Você disse que acabou de acordar.

— Há dez minutos atrás.

O silêncio cai, e eu permaneço como uma ameixa sendo estudada por dois pares de olhos redondos. Foda-se, elas não vão parar? Eventualmente, Alex passa por mim, embora seus olhos permaneçam colados à minha forma culpada o tempo todo, até que ela esteja na cabana e somos apenas eu e sua mãe.

— Boa noite? — Eu pergunto, dando os passos e coletando mais alguns paus e galhos perdidos.

— E você se importa? — Darcy retruca e eu paro meio curvado, me perguntando exatamente isso. Não dava a mínima para a noite dela. Alex, por outro lado...

Eu me endireito. — Eu não.

— Então por que perguntar?

Reviro os olhos e caminho para a pilha de compostagem, jogando os detritos por cima e coletando mais alguns paus nas proximidades. — Isso é tudo, Darcy? — Eu me viro e a encontro parada imóvel, perdida em um transe. No começo, estou confuso, mas depois noto a direção de seu olhar. Olho para o meu peito nu. Faz anos desde que ela viu esse torso. Naquela época, era definido por um emprego e juventude muito ativos.

Agora ainda está definido, claro, mas tenho que trabalhar muito mais para me manter em forma fisica.

Eu quebro a vara na minha mão, o barulho tirando Darcy diretamente de seu sonho. — Tudo bem por aí? — Eu pergunto com um sorriso malicioso.

Ela se assusta, ficando toda perturbada. — Sim, tudo bem. — Ela cheira e olha em volta com óbvio desdém. Hannah não olhou para o meu refúgio assim. Ela adora aqui. E eu adoro tê-la aqui. Darcy, no entanto, mal posso esperar para me livrar dela.

Ela segue seu caminho de volta ao seu brilhante Jaguar cuidadosamente nos calcanhares, o desgosto nunca a deixando. — Alexandra está no concurso de beleza na festa da cidade uma semana a partir de domingo. — Ela abre a porta e olha para mim. — Quero que ela volte na noite de sábado para prepará-la.

Prepará-la? Pelo amor de Deus. Ela faz nossa filha parecer um peru que precisa ser recheado. A porra do concurso. Todo maldito ano em que minha filha é colocada em uma porcaria com babados, tem maquiagem estampada em todo o rosto e uma tiara colocada sobre uma pilha de cachos enormes. Eu odeio isso. E começo a pensar nisso... — Ela odeia Darcy. Por que você a faz fazer isso?

— Eu não a faço, — ela retruca indignada. — Ela detém o recorde da cidade, vence todos os anos em que entra.

— Nada a ver com o fato de ela ser neta de lorde e lady Hampton, — murmuro.

— Você está dizendo que a única razão pela qual minha filha vence é por causa de sua linhagem? — Darcy nega a mim. — Que pai apoiador *você é.*

— Não me empurre, Darcy. — Típico dessa mulher, pegando minhas palavras e torcendo-as. — Ela venceria se tivesse saído da cama e aparecido de pijama. — Minha garota é chocante. Ela certamente não ganha o concurso todos os anos por causa de suas roupas de palhaço. — E ela é *nossa* filha porra. — Jogo as varas quebradas com força, minha raiva palpável. Deus, essa mulher adora apertar meus botões.

Sem outra palavra, Darcy entra em seu carro e se afasta, e eu rosno quando seu Jag brilhante desaparece. — Urghhh. — Eu caminho de volta para a cabana e vou direto para a geladeira, mas a fecho novamente quando registro a hora. Cedo demais para uma cerveja. — Pelo amor de Deus.

— Oh, papai, — Alex diz da pia. — O que deixou você todo estranho essa manhã? — Sua cabecinha se inclina, e eu sou incapaz de me impedir de fazer uma careta para ela. O que me deixou todo estranho? *Minha manhã foi perfeita. Eu estava felizmente perdido em Hannah. Então sua mãe apareceu e encharcou meu bom humor com uma porção saudável de Darcy Porra Hampton.* — Nada, — resmungo, indo até a pia para lavar

as mãos, empurrando-a para fora do meu caminho com o quadril. — Que diabos você pegou? Parece que você foi atacada por uma fada enlouquecida de glitter.

Alex ri quando ela me passa uma toalha de mão, e eu aceito, secando minhas mãos enquanto ela assiste.

— Eu preciso que você explique algumas coisas, — diz ela, casualmente demais para o meu gosto.

— O que?

Abrindo a porta da máquina de lavar louça, ela aponta para dentro. — Por que existem dois pratos sujos e dois conjuntos de talheres usados?

Porra.

Minha mente se fecha completamente em mim. — Bem... — Eu limpo minha garganta, passando de pés descalços para pés descalços. — Havia um... — *Foda-se, foda-se, foda-se.*

— O que? — Ela pressiona, fazendo beicinho dessa maneira quando sabe que tem meu número.

— Eu esqueci que você não estava aqui, — eu deixo escapar, minha besteira vindo do nada. — Então eu te fiz café da manhã.

— O nosso favorito?

— Claro.

— E você jogou fora?

Eu dou de ombros.

— Que desperdício, pai. — Ela caminha até a lixeira e pisa no pedal, fazendo a tampa se abrir. Ela está procurando as evidências. A danada. Eu rio como um tolo, e ela olha para mim.

— Na verdade, eu comi. — Porra, ela é como uma super detetive. Eu dou um tapinha no estômago com um sorriso ridículo. — Vá se trocar, Repolho. Temos uma ponte para terminar. — Eu me afasto dela e começo a brincar sem nada no balcão, movendo merdas aqui e ali, qualquer coisa para evitar os olhos suspeitos que agora estão pregados nas minhas costas. Parece uma vida inteira, mas eu finalmente ouço a porta do quarto dela fechar, e olho por cima do ombro para ver a costa limpa. Eu caio contra o balcão, exausto.

E então eu penso. Difícil. Quando dizer a Alex sobre Hannah? O que ela vai dizer? Como ela vai reagir? Olho pela janela, entrando em um pensamento mais profundo. Quando Hannah e eu estivermos firmes? É assim que se chama hoje em dia? Merda estou tão fora de contato com os protocolos de relacionamentos. Eu já entrei *em* contato? Estou em um relacionamento? Eu franzo a testa para mim mesmo. Certamente devo estar... certo? Eu rapidamente repito todos os

detalhes da noite passada, a partir do momento em que entrei no banheiro feminino no pub. Eu trabalho o meu caminho através de cada palavra que dissemos um ao outro e todo beijo, todo gemido, todo sorriso. Foda-se, sim, acho que *estou* em um relacionamento. Devo esclarecer isso com Hannah?

Hannah.

— Maldito inferno, — eu xingo correndo para a minha caminhonete para checá-la. Mas paro aos berros quando não encontro Hannah. As chaves, no entanto, estão no capô. Ela não queria esperar?

Volto para a cabana e pego meu telefone para ligar para ela e ter certeza de que ela chegou em casa bem. E talvez faça minha pergunta idiota. Sim, eu deveria fazer isso. *Olá, Hannah, foi o cara que te levou para a cama ontem à noite. Devo te chamar de minha namorada?* Largo o telefone e levo as mãos ao rosto, arrastando-as lentamente. Estou todo nervoso. Nervos nunca me pegam. Nunca. Não sei como contar a Alex, não sei como esclarecer com Hannah exatamente o que somos e, pensando bem, não tenho a menor ideia de como ser um... namorado? Eu ri. Eu tenho trinta e nove anos. Um namorado? Uma namorada? — Não, — digo para mim mesmo. Parceiro? Não, Jake é meu parceiro. Amante? Eu aceno para mim mesmo. Então franzo a testa. Não, ela é mais do que isso. — Oh merda.

Apoiando minhas mãos contra a borda do balcão, respiro através do meu crescente pânico e espero até me recompor antes de recuperar meu celular novamente para fazer a ligação. Talvez eu não pergunte a Hannah por telefone qual é o status do meu relacionamento, mas preciso verificar se ela chegou bem em casa. — Merda. — Eu não tenho o número dela. Como posso ter um relacionamento com uma mulher e nem ter o número dela?

Eu preciso corrigir isso rápido. Então, eu talvez não tenha número de Hannah *ainda*, mas eu tenho alguém que tem. Rolo para baixo e ligo, saindo para a varanda para me certificar de que estou fora do alcance da voz de Alex.

A voz de Jake é familiar, e eu não posso mentir, é bem-vinda. É algo que conheço em um mundo que não conheço. — Ryan, — ele diz, parecendo rouco e sonolento.

— Você está na cama?

— Noite ruim com Caleb.

Merda. Em toda a minha loucura, esqueci a nova adição. — Desculpe amigo. Eu te ligo mais tarde.

— Não, eu levantei agora. E aí?

— Você está na sua fazenda agora? — Eu pergunto, andando pela cabine.

— Sim, por quê?

— Não é muito longe daqui, certo?

— Uma hora. O que há com todas as perguntas?

— Gostaria de vir me ver? Vou fazer churrasco. Vamos tomar uma cerveja. — Eu posso me ouvir. Eu pareço muito diferente de mim.

A pequena pausa antes de Jake falar novamente me diz que ele notou que estou me comportando fora do personagem. — Certo. Um churrasco e uma cerveja. Eu adoraria, mas meio que temos as mãos cheias. Não posso deixar Cami para lidar com os dois tão cedo. Ela está exausta.

Meu coração esquenta. — Eu pretendia que eles viessem também.

— Hã?

— Todos vocês. Aqui. Vai ser legal.

— O que está acontecendo? — Jake pergunta, cheio de suspeitas. É justificado. Nos anos em que conheço Jake, nunca sugeri uma reunião de família. Apenas uma bebida no bar. Hora dos homens. Só nós.

Eu expiro e dou o mergulho. Tempo de confissão. Eu preciso da orelha de um companheiro. — Acho que fui e arranjei uma namorada para mim.

Silêncio.

— Jake? Você está aí? — Puxo meu telefone da orelha para verificar meu sinal. Quatro barras. — Jake?

— Você? — Ele finalmente diz. É isso aí. Nada mais.

— Foi o que eu disse, não foi caralho?

— Eu não sei. Pensei que sim, mas depois pensei que devia ter sido um erro. Você? Ryan Willis? O solteirão eterno?

Encontro um poste e deixo minha testa cair contra ele. Sua reação está apenas cimentando o que todos sabemos. Isso está fora da minha zona de conforto. — Ajude um homem, não é? Estou tendo um colapso aqui.

— Ok, respire.

— Respirei várias vezes. Ainda estou tendo um colapso.

— Quem é ela?

— O nome dela é Hannah. Ela se mudou para a cidade. Abriu uma pequena loja.

— O que faz você pensar que ela é sua namorada?

— Bem, ela passou a noite na noite passada. — Mostro os céus com a palma da mão, como se fosse tão simples assim.

Jake começa a rir histericamente, então ele rapidamente para, e eu o ouço pedir desculpas. Dois segundos depois, um bebê começa a chiar. — Droga, — ele murmura. — Você acordou o bebê.

— Eu?

— Deus, Ryan, acabei de fazê-lo dormir.

— Desculpe, — digo com um encolher de ombros.

— Passar a noite com alguém não a torna sua namorada. — Jake diz, trazendo-nos de volta ao problema em questão.

— Eu sei disso, — respondo indignado. — Mas não estou falando apenas disso. Há as coisas que ela disse, coisas que *eu* disse. Porra, Jake, eu disse algumas coisas sérias. *Pensei em* algumas coisas sérias.

— Há quanto tempo você conhece ela?

— Uma semana.

— E ontem à noite foi a primeira vez que você dormiu com ela?

— Sim.

— Porra, você está relaxando, garoto.

Eu caio onde estou. Meus dentes rangendo de frustração. — Ela não é esse tipo de mulher. Eu não tinha absolutamente

nenhum desejo de ferrar com ela. Foi significativo. Inevitável. Porra foi incrível, e não consigo parar de pensar nela.

Ele bufa uma pequena gargalhada, e eu sei, sem sombra de dúvida, que ele está começando a se relacionar. Eu conheço a história dele. Eu sei que ele entende. — Ela sabe sobre Alex?

— Sim.

— Ela sabe sobre a mãe serpente?

— Sim.

— Então qual é o problema?

— Eu não sei. Sinto que algo não está certo com ela. — Afasto-me da minha caminhonete e começo a andar pelo gramado, chutando alguns galhos enquanto vou. — Acho que ela foi ferrada ou algo assim. Por um homem.

— Ok, então ela pode ter um problema com confiança. Talvez ela só precise de tempo antes de contar tudo para você. Eu, de todas as pessoas, entendo isso.

Eu paro no meu caminho, ouvindo-o, mas lutando para aceitar o que ele está dizendo. — Não é só isso. — Espero que ela acabe me dizendo por que é um pouco cautelosa e desconfiada, mas como isso progride não depende disso. — Estou preocupado com Alex. Ela me teve sozinha desde que se

lembra. Ela diz que quer que eu tenha uma namorada, mas não tenho certeza de que ela entenda as implicações.

— Que implicações?

— Compartilhando o Chunky Monkey, para começar.

Jake ri. — Oh, Ryan. Você me mata às vezes. Diga-me, como você se sentiria se nunca mais visse essa mulher?

— Seria difícil. Você sabe o quão pequena é Hampton?

— Responda a porra da pergunta.

— Horrível, — cuspi forçado a imaginar. — Vazio. Bravo. Difícil de fazer. — *Uau.* Mas é tudo verdade. Eu tive a noite mais incrível que se estendeu até esta manhã. Foi perfeito. Até Darcy aparecer.

— Pare de ser uma merda de boceta e vá falar com ela. Qual é o pior que poderia acontecer?

Qual é o pior que poderia acontecer? Ah, eu não sei. Despedaçando o meu coração? Quebrando o coração de Alex? — Então você acha que eu deveria contar a Alex?

— Sim, se você gosta muito dessa mulher, diga a ela.

— Ok. — Eu vou assim que falar com Hannah. Ela deveria saber que estou dizendo à minha filha sobre ela, eu acho. — Sobre aquele churrasco. Quero que vocês a conheçam.

— Deixe-me falar com Cami. Quando você estava pensando?

— Próximo fim de semana?

— Eu ligo para você. Preciso ir antes que o bebê derrube a porra da casa. — Jake desliga e eu olho para a cabana.

Alex vai ficar bem, eu sei disso no fundo do meu coração. Ela sempre fala sobre eu conhecer alguém e, realmente, eu sei que meu medo não tem nada a ver com como *eu* posso lidar com isso. Ou Alex, a propósito, apesar de contar à minha filha sobre uma mulher ser um grande negócio, um passo enorme, e eu nunca faria isso de ânimo leve. Teria que ser sério, e agora, quando pareço equilibrar meus pensamentos e superar meu estúpido pânico, percebo que minha ansiedade é na verdade o resultado de quão pouco sei sobre Hannah. Eu tenho muito a aprender sobre ela. E meu maior medo é que Alex comece a se apaixonar por ela como eu, e Hannah nos deixe.

13

Hannah

Estou tremendo quando chego em casa. Tremendo e louca. Ryan não poderia ter me tirado de sua cabana mais rápido se ele tivesse empurrado um motor supersônico na minha bunda.

— Idiota, — murmuro, entrando na minha loja e batendo a porta. Estou ferida. Eu entendo que conhecer a filha dele é um grande passo e ela nos encontrar encharcados e aconchegados no chuveiro não seria o ideal, mas o modo como Ryan continuou, sua urgência e pânico, me fez sentir como se estivesse envergonhado. De mim? E qual é o problema com a mãe de Alex? Por que ela não pode saber sobre mim? O que ela tem a ver se Ryan vê uma mulher? Já é ruim o suficiente, mas sua afirmação sobre a filha é o que realmente doeu.

Ela definitivamente *não pode te ver.*

Tanto faz? Eu vou ser uma aventura secreta, uma merda para chamar sempre que ele não estiver brincando de pai? Eu pensei que queria dizer mais do que isso. Eu pensei que Ryan

queria mais do que isso. Tudo o que ele disse sugeriu. Sinto como se tivesse sido enganada. Enrolou e depois jogou fora.

Eu vou até o meu apartamento e vou para o chuveiro, decidida a me limpar de Ryan Willis. Estou furiosa por me deixar levar. Mas, acima de tudo, estou com raiva porque a pontada aguda da realidade me fez lembrar de algo importante: não devo me apegar. Eu não deveria me deixar levar pelos sentimentos de algo adorável. Porque será muito difícil ir embora quando eu precisar. E eu *vou* precisar. Eventualmente, terei que deixar Hampton. E isso não é culpa de Ryan.

Ontem à noite me ensinou algo importante. Ensinou-me que não estou completamente quebrada. Que eu poderia ser consertada. Mas qual é o sentido de ser corrigida se você sabe que sempre terminará do mesmo jeito?

É outro dia tranquilo na loja. Eu tento criar algo, jogando tinta na tela ao acaso, mas nem mesmo algo acidental acontece. Sento-me depois de uma hora tentando perceber pela primeira vez desde que me plantei neste banquinho que todas as cores que usei são opacas. Sombrias. É indicativo de como estou me sentindo. Desisto e saio, puxando meu laptop e carregando minha loja online.

Quase saio da pele quando descobri que fiz uma venda em uma de minhas pinturas. — Oh meu Deus, — eu sussurro, olhando para o óleo da paisagem que está atualmente

pendurado na parede da minha loja. Eu sorrio, voltando minha atenção para os detalhes do comprador. — Escócia, — digo para mim mesma, observando que o endereço é um castelo. A emoção faz cócegas na minha barriga enquanto eu imprimo etiquetas de remessa e as coloco de lado, prontas para quando eu embrulhar a pintura para postar. E então eu me vejo puxando o Facebook.

Quando digito o nome da minha irmã, meu coração afunda e minha emoção desaparece. Ela mudou sua foto de perfil novamente. Minha garganta está entupida de emoção quando olho para minha mãe em sua cama, seus olhos vazios quando ela olha para mim. Ela está segurando o cobertor sobre as pernas com força, seus dedos atormentados por artrite deformados. Minha irmã está sentada na cama ao lado dela, sorrindo, embora seja um sorriso triste. Sinto uma lágrima rolar pela minha bochecha e olho para baixo quando cai, vendo-a espirrar quando bate no balcão. Esta foto foi tirada em um dia ruim. Mamãe parecia animada no sábado. Foi um bom dia. Foram dias ruins desde então? Outra lágrima cai.

— Ei.

Eu pulo e olho para cima, encontrando Molly se aproximando. Rapidamente fecho meu laptop e escovo minhas bochechas. — Ei.

— Você está bem? — Ela coloca a bolsa no balcão, me avaliando preocupada.

Eu fungo e arranco um lenço de papel da caixa próxima, batendo-o casualmente antes de levá-lo ao meu nariz. — Febre dos fenos. — Eu assoo meu nariz com força. — Isso me deixou bem este ano.

O nariz de Molly se torce em simpatia enquanto ela puxa um banquinho e se estaciona na minha frente. — Vamos, então.

— Vamos onde?

Percebo que seu rabo de cavalo geralmente arrumado está torto e suas bochechas rosadas estão mais rosadas do que o normal. — Eu corri para cá da escola no meu horário de almoço, Hannah.

— Por quê? — Eu esfrego meu nariz escorrendo.

— Eu vi você com Ryan ontem à noite.

O tecido para no ar, minha boca formando uma linha reta, culpada. Quanto ela viu? — Ele estava se certificando de que eu chegasse bem em casa.

— E isso também envolve um beijo, hein?

Levanto-me do banquinho rapidamente, indo para a cozinha nos fundos. Mas quando entro, é definitivamente uma conversa que requer chá. Ligo a chaleira e pego duas canecas

enquanto Molly chega ao quarto parecendo um pouco ofegante. — Conte-me tudo.

Encontro-me jogando os saquinhos de chá nas canecas com um pouco mais de força do que o necessário. — Ele me beijou.

— Sim eu vi. E?

— E foi isso.

— Oh vamos lá. Estamos em Hampton. Nada emocionante acontece. Não estrague a minha diversão. — Molly está ao meu lado em um segundo, descansando contra o balcão enquanto despejo a água e mexo. Os olhos dela estão excitados. Eu rio por dentro. Estou prestes a mijar na fogueira dela.

— E eu fui para a casa dele e fizemos sexo e depois saí esta manhã.

— Oh meu Deus!

— Isso foi um erro. — Pego o leite da geladeira e bato a porta, encostada nela. — Não deveria ter acontecido, e estou me chutando por isso.

O rosto dela cai. — Por quê? Ele é maravilhoso. Sem mencionar solteiro.

E ele me expulsou esta manhã como eu esperava que ele expulsasse todas as outras mulheres que ele seduz. Deus, por

que estou deixando isso me incomodar? Eu já me convenci de que era o melhor. Eu estava muito perto de cair muito fundo, e isso seria estúpido. Eu deveria estar agradecendo a ele por me trazer de volta à realidade. Eu disse a Molly na noite passada que não precisava de um homem para me fortalecer novamente. Eu deveria me lembrar disso e definitivamente desconsiderar todos os sentimentos de libertação e liberdade que senti durante o melhor sexo de todos os tempos. Com o homem mais lindo que eu já conheci. Não, ele não é adorável. Ele é um idiota.

Afasto as costas da geladeira e termino o chá, entregando uma xícara a Molly. — Eu estava bêbada. Estúpida. Realmente não estou em posição de me envolver com um homem.

Molly me dá um pequeno sorriso compreensivo, provavelmente se lembrando da nossa conversa no pub na noite passada. Ela pega minha mão e aperta. — Mas um ótimo rebote, sim?

Eu rio um pouco. Suponho que eu poderia ver assim. Um movimento rebote que chegou anos tarde demais. — Sim.

— É melhor eu voltar. — Molly toma alguns goles de seu chá antes de lavar a xícara e colocá-la no escorredor.

— Desculpe, foi uma corrida desperdiçada, — brinco levemente, e ela ri, voltando para a loja e pegando sua bolsa.

Ela olha para mim, seu sorriso mal escondido. — Sinto que esse não é o fim de você e Ryan.

— Confie em mim, é o fim.

— Se você diz... — Ela sai em disparada e eu a sigo, parada na rua, pensando no que fazer com o resto do meu dia. Vejo a Sra. Hatt entrar na loja e o padre Fitzroy andando pela rua principal. Sorrio enquanto o observo, agora familiarizada com sua rotina diária. São uma e meia. Hora de tomar uma cerveja na hora do almoço.

— Cuidado com os pés. — Uma vassoura atinge meus tornozelos, e eu pulo para fora do caminho de Cyrus quando ele passa por mim.

— Tarde, — digo, mergulhando e coletando um embrulho doce que ele perdeu. Coloco na lixeira do carrinho e espano minhas mãos. — Já pensou em pintar, Cyrus?

— E por que eu faria isso?

— Algo diferente.

— Gosto do que gosto. Tenho feito por anos. Não há muita necessidade de mudança nessas partes. — Ele coloca a vassoura no carrinho e a empurra para a estrada. — Bom dia para você, senhorita.

— Bom dia, Cy... — Meu adeus é interrompido quando vejo um caminhão no topo da rua principal. A caminhonete de Ryan. Vindo aqui. — Merda. — Eu mergulho na minha loja e bato a porta, trancando-a rapidamente e saindo correndo pelos fundos. É só quando estou subindo as escadas do meu apartamento que me pergunto o que diabos estou fazendo. Evitando-o? Isso assumindo que eu era seu destino pretendido, e por que eu estaria? Certamente *ele está me* evitando.

Vou até a janela e olho além da cortina, vendo-o entrar em uma das baías do lado de fora da loja. Alex sai primeiro e corre para o café da sra. Heaven e então Ryan aparece. Meu rosto se encolhe de nojo. Basta olhar para ele, todo ao ar livre e quente como o pecado em seus jeans e camisa rasgados. Espere, eu reconheço essa camisa. É pela qual ele lutou comigo esta manhã e abotoou tudo errado. Por que ele está vestindo essa camisa em particular?

Ele anda pela frente de sua caminhonete, indo na direção do café, seguindo sua filha. Então ele para e olha para a minha loja na rua. Meu coração começa a bater forte, ficando mais rápido a cada segundo em que ele permanece uma estátua, olhando assim, até que ele continua até o café e eu começo a respirar novamente. Mas então ele diminui a marcha, inverte os passos e se vira, seguindo a rua. Não consigo ver sua expressão, mas seu ritmo me diz que ele está determinado. Determinado a fazer o que?

Ele alcança a porta da loja e puxa a maçaneta algumas vezes antes de dar um passo para trás e olhar para cima, e eu rapidamente me afasto da janela, meu coração estúpido volta a bater, meu estômago dando voltas. Eu o ouço tentando a porta novamente.

— Estou fechada, — murmuro, avançando um pouco e esticando o pescoço para vê-lo. Ele está lá parado, olhando para frente da loja. — Vá embora, — ordeno em voz baixa e, como se ele tivesse me ouvido, ele começa a subir a rua novamente, olhando para trás algumas vezes.

Eu expiro e me sento no sofá. E agora o que vou fazer comigo mesma?

14

Ryan

Ela está me evitando. Agora é sábado e já faz quase três dias desde que a vi. Eu estive na loja dela todos os dias duas vezes por dia e cada vez estava fechada. Perguntei a Molly quando a vi no café ontem se ela tinha visto Hannah, e tudo o que consegui foi uma sacudida de cabeça antes que ela saísse com seu muffin de mirtilo. Eu não acreditei nela. Tudo sobre o comportamento dela era instável.

O que está acontecendo?

Hannah mudou de ideia? Ela decidiu que um homem com uma filha não é para ela? Ou ela realmente deixará seus problemas de confiança atrapalhar? Não sei, mas não consigo parar de pensar nela. A cada segundo de cada maldito dia, ela está em minha mente.

Alex e eu estivemos ocupados; eu me assegurei disso, mas não ajudou. Nós quase terminamos a ponte; tudo o que resta a fazer é pintar e também consertamos a bicicleta de Hannah. Eu

ouvia Alex falar o tempo todo sobre Hannah e como ela era legal, e tudo que eu pude fazer foi oferecer um zumbido estranho ou uma resposta de uma palavra. Ouvir minha garota cantar os louvores de Hannah em todas as oportunidades apenas consolidou minha preocupação anterior. Não é apenas o meu coração em jogo aqui, e dada a aparente irregularidade de Hannah, é provavelmente uma coisa boa que terminou quando terminou não que eu soubesse que tinha terminado. Eu sou um garoto grande. Eu posso aceitar rejeição. Mas não posso expor Alex a isso.

Minha garota bate no martelo na ponta do prego final em nossa ponte e se afasta, admirando o nosso trabalho. — Deveríamos ir à loja de Hannah para pegar a tinta.

— O que? — Levanto os olhos da minha caixa de ferramentas.

— A tinta, — ela diz novamente. — Para a nossa ponte. — Ela joga o martelo na caixa de ferramentas diante de mim. — Deveríamos ir a Hannah para buscá-la.

Fecho a caixa de ferramentas e fico de pé. — Chaps vende tinta.

— Apenas branco chato. Quero que seja colorido e brilhante. — Alex me segue enquanto eu caminho de volta pela floresta até a cabana. — Nós vamos pegar a tinta de Hannah.

Jogo minha caixa de ferramentas na traseira da minha caminhonete e limpo minhas mãos com um pano velho. Alex encontrou o caminho para a bicicleta de Hannah perto do galpão e está inspecionando nossa obra. Está tão boa quanto uma nova. Tenho certeza de que Hannah ficará satisfeita, não que eu pretenda descobrir. Vou deixar Alex entregar de volta para ela assim que eu colocar o sino bobo que Alex insistiu que comprássemos.

— Vou pegar a tinta de base do Sr. Chaps, você pode pegar a tinta colorida de Hannah. — Se a loja dela estiver aberta. Vamos lá, temos que chegar a Grange para ter meu carro arrumado.

Entro e ligo o motor quando Alex pula, seus jeans arrastando o chão. Eles estão todos desgastados, com manchas de óleo por toda parte, e você não pode ver seus Vans, eles são tão folgados. — Você deve vestir isso no concurso de beleza, — digo quando ela entra. — Vencedora garantida.

Ela bufa e arrasta o cinto. — Você vai rir de mim? — Ela pergunta, tirando o boné de beisebol e colocando-o de trás para frente.

— Claro.

— Obrigada. — Abrindo a janela, ela descansa o cotovelo e chuta seus Vans para o painel. — Você pode trazer um saco de papel para a minha cabeça?

— Você estar no concurso faz sua mãe feliz.

— Nada deixa mamãe feliz, — ela reflete baixinho, olhando para a floresta enquanto rolamos pela pista.

De onde isso veio? Olho para ela, sacudindo meu cotovelo para cutucá-la. — Repolho?

— Ela está chorando muito ultimamente. — Ela encolhe os ombros. — A vovó disse que é porque está deprimida ou algo assim.

— Sobre o que sua mãe está deprimida?

A boca da minha filha torce e ela desvia o olhar, evitando os meus olhos.

— Ei. — Paro o caminhão e me viro para ela. — Fale comigo.

— Prometa que não vai dizer nada, — ela ordena.

Dou a ela meu dedo mindinho e ela o prende. — Promessa de mindinho, — digo, apertando. — Agora, o que houve?

— Casper quer se divorciar. Eu os ouvi discutindo.

Uau. Eu não estava esperando *isso*. — Por quê? — Essa é a pergunta mais estúpida que um homem já fez. Darcy Hampton é insuportável, uma criança mimada e auto importante. Ela é ardilosa, manipuladora, astuta. E Casper não é minha pessoa

favorita no mundo, sem dúvida, mas ele sempre tratou Alex como se fosse sua, e além da minha irritação e aborrecimento, sei que é algo pelo qual devo agradecer. Mas ele ainda não é o pai dela.

— Algo sobre se separar, — diz repolho acenando com a mão em fingida indiferença. — Foi o que Casper disse, pelo menos. Eu acho que é a vida. Você ama alguém, eles te amam de volta, e então um de vocês decide que, na verdade, você não ama a outra pessoa. E uma pessoa sai. Sabe, você está melhor solteiro, pai. Eu nunca vou ter um namorado ou marido. — Ela olha para mim. — Estou feliz que somos só eu e você.

Taco de beisebol, diga olá para o meu estômago.

Volto para frente e olho para o volante, minhas bochechas soprando. — Eu também estou feliz, — respondo calmamente, colocando minha caminhonete em marcha e partindo.

Foda-se.

O 'Here I Go Again' de Whitesnake dispara dos alto-falantes a caminho de Grange, Alex e eu nos balançando nos assentos. Ela canta com o volume máximo de sua voz, batendo na lateral da caminhonete pela janela enquanto avançamos pelo campo. Sua cabeça começa a tremer no ritmo das batidas, minha pequena metaleira, e eu rio, seus cabelos chicoteando em torno de seu rosto enquanto a brisa sopra através do táxi. — Dun-Dun-Dun!

Entro, aumentando ainda mais o volume enquanto bato no volante.

— Woohooo! — Alex ri, batendo os pés repetidamente no painel.

— Este era um dos favoritos da minha mãe, — digo a ela. — Todo domingo de manhã, na repetição enquanto ela aspirava.

Ela ri, estendendo a mão e abaixando o volume. — Gostaria de poder tê-la conhecido. Ela parece tão legal.

Eu sorrio tristemente. Perdi minha mãe apenas dez minutos depois que ganhei a guarda compartilhada de Alex. Ela nem chegou a conhecer minha filha, e isso é algo pelo qual *nunca* vou perdoar Darcy. Minha mãe amaria minha garota. E minha garota foi a única razão pela qual sobrevivi à morte de minha mãe. Se eu não tivesse Alex para cuidar, não sei o que teria feito. — Eu também gostaria, — digo, sorrindo para ela.

— Faz um tempo desde a nossa visita. Deveríamos pegar algumas flores para o túmulo dela quando chegarmos em casa.

— Bom plano. — Paro em uma rotatória, dando seta para à esquerda para a rua principal de Grange. Algo chama minha atenção do outro lado da rua, e eu olho de soslaio, tentando ampliar...

— Papai!

Eu pulo e bato com o pé no freio, parando a tempo na luz vermelha. — Merda, — respiro, imediatamente examinando o outro lado da estrada novamente. Eu pensei ter visto...

— Deus, pai, você assustou a merda fora de mim.

— Ei! — Eu a desdenho, estendendo a mão e batendo na perna dela. — Não me deixe ouvir você falar assim.

— Ei, essa é Hannah?

Sigo o dedo apontado de Alex, encontrando Hannah na frente entrando em um táxi. — Parece, — eu penso baixinho.

— O que ela está fazendo em Grange?

Afasto-me quando a luz fica verde, forçando indiferença. — Eu não sei. — Olho para o espelho retrovisor, vendo o táxi sair e virar à direita. Mas sério, o que ela está fazendo em Grange? E por que eu me importo?

Não sei o que há com Alex ultimamente, desaparecendo constantemente de mim. Ela deveria estar comprando flores na loja do Sr. Chaps, enquanto eu pegava algo para o jantar. Eu ando pelos corredores com minha cesta cheia de coisas, examinando o espaço e, a cada corredor que não a encontro, meu pavor se multiplica. Tenho uma sensação horrível, sei exatamente onde ela está.

Pego alguns buquês de rosas brancas, as favoritas de mamãe, e bato minha cesta no balcão, ignorando os olhos estrelados de Brianna enquanto ela examina minhas coisas. — Você viu Alex sair? — Eu pergunto a ela.

— Sim, ela foi em direção aos correios.

O correio, que fica logo depois da loja de Hannah. — Ótimo, — digo para mim mesmo, jogando algumas notas no balcão e pegando minhas sacolas. — Fique com o troco.

Eu saio e deixo as compras na traseira da minha caminhonete recém-consertada, depois me jogo no banco do motorista, meus olhos raios laser treinados na frente da loja de Hannah. Dez minutos se passam. Sem sinal de Alex. Meus músculos ficam mais tensos a cada minuto, até que sou forçado a me retirar do carro antes de ter uma cãibra. Eu ando para cima e para baixo, constantemente olhando para a loja de Hannah. — Pelo amor de Deus, — eu grito para ninguém, andando pela rua. Qual é o problema, afinal? Hannah é quem está me evitando. Talvez agora eu possa obter a explicação que mereço. Ou talvez um pedido de desculpas. Não que nada disso faça diferença. Eu superei, e as palavras de Alex anteriormente apenas confirmaram que é uma coisa boa.

Meu coração faz alguma coisa estranha e galopante quanto mais perto eu chego da pequena e fofa loja de artesanato. Coração estúpido. Eu chego à porta e as borboletas se juntam

aos meus batimentos cardíacos. Borboletas estúpidas. Abro a porta e sinto o cheiro dela imediatamente. Framboesas estúpidas. Então eu a vejo e todo o meu mundo vira do avesso e de cabeça para baixo. Mundo idiota.

Ela está sentada em um cavalete, sacudindo um pincel carregado de tinta de um lado para o outro. E ela está vestindo o macacão que ela tinha na noite em que a conheci. Seus cabelos estão empilhados, mechas caindo aqui, ali e em toda parte ao redor do enorme lenço vermelho amarrado com um laço na cabeça. As pernas da calça estão enroladas, ela está de camiseta sem mangas, revelando os ombros e os pés adornados com um par de Birkenstocks vermelhos.

Ela é perfeitamente Hannah.

— Um segundo, — ela diz, o som abafado. Eu registro o pincel na boca dela quando ela se aproxima da tela e aponta o pincel que está na mão de um lado para o outro. Então ela se inclina para trás. Inspeciona o trabalho dela. Assentindo para si mesma. Olha para mim.

E a vida como eu conheço termina aqui. Seus olhos se arregalam de surpresa e definitivamente entram em pânico, e ela rapidamente empurra sua paleta de tintas para o lado, tirando o pincel sobressalente entre os dentes. — Oi, — diz ela, levantando-se do banquinho.

— Oi, — respondo, levantando uma mão patética. E então olhamos um para o outro, o silêncio insuportavelmente difícil. Eu dormi com esta mulher. Tive a noite mais incrível com essa mulher. E agora...

Hannah decide quebrar o silêncio constrangedor, o que é um bom trabalho, pois não tenho ideia do que dizer agora que estou aqui. — Você quer alguma coisa?

Sim, tire a roupa e deixe-me ir para o paraíso novamente. — Não, nada. — Enfio minhas mãos nos bolsos. — Na verdade, sim, vim buscar minha filha.

Algumas rugas se estendem pela testa de Hannah, e noto uma gota de tinta acima da sobrancelha. Eu deveria limpá-la. E o pedacinho no braço dela. E o respingo em seu pescoço.

— Sua filha não está aqui, — diz ela, cansada.

— Oh. — Ótimo. Então não apenas pareço ter dado uma desculpa para me aventurar aqui, mas também pareço um pai terrível. Onde diabos ela está, a pequena idiota?

E como num passe de mágica, Alex entra na loja, toda sorridente. — Aí está você, — ela canta. — O que eu te disse sobre sair passeando?

Ouço Hannah começar a rir e, embora o som seja indutor de orgasmo, ainda rosno para minha filha rebelde. — Temos

que ir. — Ando até ela, virando-a e direcionando-a para fora da loja, deixando a porta bater atrás de mim.

— Ei, eu preciso pegar a tinta para a ponte. — Ela luta ao meu lado enquanto eu a levo pela rua, mas não a deixo vencer, empurrando-a 'pra' frente, tendo uma briga mental comigo mesmo.

Eu poderia ter lidado com isso muito melhor. E o que havia naquela atmosfera horrível? Eu tinha Hannah na minha cama apenas alguns dias atrás. Disse coisas que nunca disse a ninguém na minha vida. Pensei coisas que eu sabia que jamais pensaria.

— Foda-se, — eu cuspo, liberando Alex e voltando para a loja. — Entre na caminhonete, — grito por cima do ombro, apenas pegando sua expressão atordoada. Bom. Deixe-a pensar que estou bravo com ela. Vai mantê-la afastada enquanto eu digo o que tenho a dizer para Hannah.

Entro na loja e bato a porta com mais força do que pretendo. — Só para constar, a outra noite foi incrível. — Eu aponto um dedo para Hannah, e ela recua seu rosto já atordoado, atordoando ainda mais. — Não sei por que você está me evitando, mas acho que é uma merda.

— Você é de verdade? — Ela pergunta com sua mandíbula delicada batendo violentamente. — Você me empurrou para fora

da sua cabana tão rápido que tenho sorte de não ter machucados!

Minha mão cai frouxamente, e eu recuo, apontando para a porta atrás de mim. — Alex, — é tudo o que consigo resmungar, como se essa fosse uma explicação perfeitamente razoável. Mas aparentemente não é, a julgar pelo fogo que brota no olhar de Hannah.

— Oh, eu sei. Ela *nunca* poderá me ver. — Virando-se, ela começa a arrumar as coisas, batendo as coisas aqui, jogando as coisas lá. — Tudo bem, mas você terá que encontrar outra pessoa para se ocupar quando sua filha não estiver por perto. Vou fazer o checkout. — Ela gira. — Agora saia.

Foda-se. Ela realmente me excita quando está brava. — Não, — cuspi de volta petulantemente.

— Sim!

— Não!

— Sim, porra!

— Porra, não! — Eu rujo, fazendo a loja tremer. — Eu não disse *nunca,* Hannah. Só disse não naquela manhã em que estávamos nus e acabamos de ter orgasmos no meu maldito chuveiro.

Sua boca se fecha e ela se move para trás, sem fôlego por sua explosão. — O que?

Oh meu Deus, ela interpretou tudo errado? Levo minha mão à minha cabeça e esfrego, apertando meus olhos fechados. Este foi apenas um enorme mal-entendido? — Escute, — eu respiro. — Eu sei que não lidei com isso particularmente bem, mas em meio ao meu pânico, concluí uma coisa.

— O que?

— Quero que minha filha *conheça* você, mas não assim.

— Você quer dizer nua?

— Sim, isso e ainda corada pelo sexo incrível que acabamos de fazer. — E o rubor aparece, suas mãos se juntando e brincando na frente dela. — É por isso que você está me evitando? — Eu pergunto. — Você pensou que eu te expulsei porque aquela noite não significou nada para mim? — Dou um passo à frente, frustrado não apenas com Hannah por sequer pensar que faria isso com ela, mas comigo mesmo por lhe dar uma razão. Estive confuso nos últimos dias, tentando adivinhar tudo, falando sozinho em loop.

— Bem, sim. — Ela olha para longe de mim. Eu não gosto disso.

— Hannah?

— Mas talvez fosse melhor assim mesmo, — diz ela, recusando-se a olhar para mim.

Meu estômago vira. — O que?

Ela engole, e algo me diz que é porque ela está tentando forçar as palavras além do caroço lá. — Não poderia funcionar entre nós. — Ela se vira para ir embora.

Oh não, ela não vai. Eu a pego pelo pulso, puxando-a para frente e para trás, sem lhe dar um momento para protestar ou lutar comigo. E mostro a ela por que seus motivos são patéticos, beijando-a com toda a delicadeza que ela precisa, mas com toda a paixão para lembrá-la.

E. Isso. É. A. Porra. Do. Céu.

Não sei qual é o jogo dela, mas acabei de terminá-lo. — Não é melhor assim, — digo, beliscando a ponta da língua e beijando o canto da boca. — Então não ouse dizer isso de novo. — Tê-la em meus braços resolve a tempestade dentro de mim. — Olhe para mim, — eu exijo, e ela faz. — Você realmente acha que é melhor? — Não vou deixá-la mentir para mim. — Ou você está dizendo isso a si mesma? — De repente, ela parece muito culpada, me dizendo tudo o que preciso saber. — Não mais, Ok?

Hannah escova sob cada olho, assentindo. — E Alex?

Penso no que Alex disse esta manhã. Quão resoluta ela parecia. — Eu vou falar com ela. Eu só preciso encontrar a hora certa.

— Mas quando será isso?

Os olhos de Hannah se arregalam e ela se afasta, voltando ao caixa. — Ei, prometo que vou...

— Papai?

Nãooooooooo!

Olho para Hannah, que está de costas para nós, procurando freneticamente por palavras. Por que estou aqui? O que eu estou fazendo? Tinta*!* — Hannah estava apenas conseguindo o que precisamos.

— Sim, sobre isso, — diz Alex, passeando por mim casualmente e examinando as prateleiras. — Eu não disse o que precisamos. — Ela vira um sorriso doce e doentio para mim, e eu encolho onde estou. Ela sabe? Ela está propositalmente me fazendo suar? E isso significa que suas palavras desta manhã não são de verdade? Ou ela está apenas continuando seu pequeno jogo de provocação boba porque se interessou pelo fato de eu gostar de alguém? Ela está jogando verde sobre isso?

Eu limpo minha garganta. — Eu tomei a iniciativa.

— Então, do que precisamos?

Retornando o sorriso falso de Alex, ando até a prateleira, puxando tubos de tinta aleatórios. Quem diabos sabe se eles estão certos, ou mesmo adequados para o que precisamos, mas eu tenho que manter minhas mãos ocupadas ou correr o risco de estrangular minha filha. — Nós vamos levar isso. — Eu mantenho meu olhar fixo na merda enquanto ando até Hannah e bato-os um por um no balcão, fazendo Hannah se sacudir a cada vez.

— Obrigada, Hannah, — canta Repolho, pulando, sorrindo. Se ela não estava bem comigo namorando, então por que ela está toda animada? Ela disse o que disse esta manhã no calor do momento? — Estamos terminando nossa ponte.

— Você quer essas para pintar uma ponte? — Hannah pergunta.

— Sim.

Ela pega um tubo de óleo. — Você precisará de cerca de cem para pintar um dos postes.

— Realmente? — Alex diz, segurando seu sorriso. Ela sabia disso. Claro que ela sabia disso. Por que eu não pensei nisso? — Ah bem. — Ela suspira. — Nós vamos ter que ir para Grange, pai.

Fecho os olhos e encontro paciência, não sendo capaz de deixar de pensar que Alex armou para mim. Mas então, isso não é uma coisa boa?

— Hannah, — diz Alex, apoiando os cotovelos no balcão.

Os olhos da pobre Hannah disparam brevemente para os meus, nervosos. — Sim?

— Como você se sente sobre Chunky Monkey?

— Nunca provei, — diz ela, rápido demais, com as bochechas cheias de sangue. — Por que a pergunta?

Eu me encolho, vendo Hannah se encolher também, lamentando sua pergunta subsequente. — Você definitivamente deveria tentar, — declara Alex. — Isso vai mudar sua vida. — Ela gira no local, lançando um sorriso de conhecimento para cada um de nós antes de sair da loja. — Encontro você no carro.

Hannah e eu a observamos ir até ela desaparecer na esquina. E então eu rio levemente para mim mesmo, balançando a cabeça.

— Oh meu Deus, ela sabe. — Hannah entra em pânico, caminhando até a janela para olhar.

— Ela não sabe. — Ela sabe porra. Mas a questão é: o que ela *acha* que sabe? Que gostamos um do outro? Que nós nos

beijamos? Que passamos a noite juntos? *Como você se sente sobre o Chunky Monkey?* Ela realmente sabe.

Hannah se arrasta pela janela, a cabeça baixa, o queixo no peito. Eu não gosto de desânimo nela. — Eu sinto muito.

Uau. Desculpe? — Pelo que?

— Eu poderia ter fingido melhor assim. Sido mais convincente.

— Como exatamente? — Eu rio, agora bastante divertido com toda a situação. Subestimei minha filha, mas agora não me importo. Ela não surtou. Ela não me incomodou nem fez eu me sentir culpado. Todos os meus medos foram soprados para fora da minha mente, porque eu conheço minha garota e vi felicidade além da necessidade dela de brincar comigo.

— Eu não sei. — Hannah suspira a mão chegando à testa e esfregando. — Este é um terreno estranho para mim, Ryan. Você, sua filha, meus sentimentos.

Eu não ouço nada do que ela fala, exceto dos *sentimentos*. — Que sentimentos? — Eu pergunto, e ela olha atordoada, como se não pudesse acreditar que disse isso. Eu inclino minha cabeça rapidamente e vejo com perfeita clareza o que está diante de mim. Uma mulher com tanta agitação quanto eu. Nossas razões podem ser diferentes, mas por enquanto eu vou me consolar com o fato de que este é um novo território para

nós dois. Sei o que fará eu me sentir melhor e espero que faça o mesmo para Hannah. Eu vou até ela, seguro o lado do rosto dela e a beijo.

Tudo parece certo em um instante. Os sons que ela está fazendo, a sensação dela, meus pensamentos se equilibrando.

E então a porta da loja se abre e Hannah de repente está fora dos meus braços. Eu me assusto, minha cabeça ainda abaixada para diminuir nossa diferença de altura. Que por...?

Olho para a esquerda e encontro Alex.

Oh Deus.

Constrangimento me atinge quando seus olhos passam entre Hannah e eu, seus lábios pressionados. Eu me endireito. Rolo meus ombros. Limpo minha garganta. E a pobre Hannah fica congelada no local, parecendo tão culpada quanto está.

— Vocês dois são tolos. — Alex suspira, virando-se e olhando pela porta novamente. — Mamãe está vindo para cá.

Isso rapidamente me traz de volta à vida. — O que?

— Mamãe. — Alex aponta para a rua e rapidamente fecha a porta. — Ela está vindo para cá. — Ela guia Hannah para um banquinho, ajudando-a sentar. — Apenas pareça ocupada. — Então ela se vira para mim. — Vá se esconder! — Ela ordena, e eu viro de costas seguindo suas ordens rapidamente, fazendo

conforme solicitado. Só quando paro na cozinha de Hannah é que me pergunto por que diabos estou aqui. Não tenho tempo para perguntar.

A porta se abre e eu ouço Darcy. — Alexandra, querida!

— Mãe! — O jeito de falar da minha garota muda em um instante. — O que você está fazendo aqui?

— Eu estava passando para ir ao correio e vi você entrar.

— Estou apenas batendo um papo com Hannah.

— Você está o que?

— Conversando.

— Ah, eu vejo. Prazer em conhecê-la, Hannah.

— O mesmo! — Hannah praticamente grita. Eu caio contra a parede, cheio desse dia. Por que diabos Alex queria que eu me escondesse? O que minha vida tem a ver com Darcy, afinal? Não é da conta dela quem eu namoro. Namoro? Eu sorrio amplo e satisfeito, enquanto pareço um tolo ouvindo minha filha conversar com a mãe. E o tempo todo, eu estou me perguntando o que diabos Hannah deve estar achando disso. Minha filha astuta. A mãe insuportável. A pobrezinha não pediu por isso.

Quando ouço Darcy se despedir, espio pela porta e a expressão no rosto de Hannah diz tudo. Ela está se

perguntando onde o mundo deu errado. Dou-lhe um sorriso nervoso, e ela revira os olhos para o caixa.

— Sério, pessoal, — Alex murmura, pulando do banquinho. E saindo. Com essa afirmação no ar, ela simplesmente sai, e de repente me preocupo que, na verdade, ela não aprove.

— Você dormiu com *ela?* — Hannah pergunta, jogando o braço para a porta depois que Alex se foi.

Eu deveria ter esperado por isso, suponho. — Você quer dizer que ela é toda arrumada e perfeita, e eu não sou, certo? A princesa com o plebeu. A dama e o vagabundo.

Hannah se retira horrorizada. — Não, eu não quis dizer isso, — ela diz calmamente. Não sinto prazer com o aparente remorso dela. — Ela é horrível, Ryan. E eu me sinto péssima por dizer isso porque ela é a mãe de Alex, mas, falando sério, quem ela pensa que é olhando para mim como se eu fosse suja com seus Manolo Blahniks? Quem usa Manolos por aqui, afinal?

— O que diabos são Milano Blamkets? — O olhar que dispara no meu caminho é uma mistura entre surpresa e... algo que não consigo ler direito. Ela acena com a mão para mim, e eu dou de ombros, porque não tenho mais nada.

— Aquela era Darcy Hampton, — digo exasperado. Mas voltando aos assuntos mais importantes... — Quando posso te ver novamente? — Eu sei que isso realmente depende de mim. Eu preciso ter *a* conversa com Alex. Deixar tudo claro. Seguir em frente. Estou realmente empolgado com isso. Estou? Olho de volta para a porta, lembrando as palavras finais de Alex.

— Você me diz. — Retruca Hannah, fazendo beicinho. Aqueles lábios. Ímãs. Sou puxado para mais perto, primeiro devagar, mas quanto mais me aproximo, mais poderosa é a atração, e logo estou respirando sobre ela. Deslizando minha mão pelas costas dela, eu a puxo para perto e roubo um beijo, tornando-o profundo e duro. Ela é imediatamente minha, suave no meu abraço, uma marionete da paixão. Deus, ela é como uma gota do paraíso.

Eu a solto, embora seja difícil. — Eu direi. — Eu me afasto, abrindo a porta. — Assim que eu der a notícia surpresa para Alex.

— Eu não acho que ela vai ficar chocada. — Hannah está sem fôlego suas palavras são irregulares. Ela está atordoada.

Sorrio e a deixo se recompor, me sentindo o mais leve que já senti em anos. Os últimos dias foram completamente perdidos, nossos fios ficando todos cruzados. Agora que estão desembaraçados e nós dois estamos claros, é hora de seguir adiante. Talvez eu faça um jantar para Hannah. Talvez

tenhamos um encontro no banho. Sim, com velas e todas essas coisas piegas. Hannah merece isso. Eu franzo a testa para mim mesmo. Ryan, o romântico? Bem, isso é uma coisa da qual eu não fui chamado antes. Eu posso ser romântico.

Alex está encostada na caminhonete quando eu chego lá, com as sobrancelhas erguidas. — Precisamos conversar, — digo, entrando no banco do motorista, começando como pretendo continuar. Positivo. Determinado. Confiante.

— Não fode, Sherlock, — ela responde, pulando do outro lado.

Eu rosno para ela. — Lavarei sua boca com sabão se ouvir outra maldição sua.

Levantando os pés no painel, ela ajeita o boné e se vira para mim quando eu ligo o carro. — Há quanto tempo você está namorando com ela?

Namorando. Não sei ao certo se o que Hannah e eu fizemos na outra noite é considerado como *namoro.* Mas pelo bem da inocência da minha filha e dando um bom exemplo... — Eu não sei. Tipo, uma semana ou algo assim.

— Você vai se casar com ela?

Saio da área de estacionamento com uma risada. — Jesus, Repolho, acalme-se, sim?

— Você a ama?

— O que?

— Ela vai se mudar para a cabana?

— Repolho...

— Você vai ter filhos?

— Não!

— Você a beijou?

É isso aí. Eu bato meu pé no freio e viro para encará-la. Que pena, vamos recuar um pouco. — Estamos namorando. É isso aí. Só namorando.

Seu rosto se contorce insatisfeito. — Isso não responde às minhas perguntas.

— Suas perguntas são prematuras demais.

— Até o beijo?

Eu quase engasgo com a língua. — *Especialmente* o beijo, — eu esclareço, nem um pouco arrependido por mentir. A última coisa que eu preciso é de Alex pensando que beijar no primeiro encontro é aceitável. Ou mesmo no primeiro ano.

— Você é um péssimo mentiroso. — Ela ri bastante histérica. — Dois pratos na máquina de lavar louça, pai. Ela ficou naquela noite em que eu estava na casa da minha mãe.

Fodido. O que eu devo fazer com isso? — Nós jogamos Monopoly, — murmuro como um tolo, aumentando sua histeria.

— Pai, — ela suspira quando se controla. — Você esqueceu que eu cresci?

Ela é impossível. — Você tem dez anos. — Eu paro na rua principal. — A última vez que verifiquei isso não faz de você a fonte do conhecimento da vida.

— A última vez que verifiquei trinta e nove não deixa você sem noção quando se trata de mulheres.

— Eu não sou sem noção. — O atrevimento. — O que deu em você? — Eu pergunto quando nos aproximamos da ponte. Aceno para a Sra. Hatt, mas ela não consegue acenar de volta, com as mãos cheias de gatos.

— Só não quero que você estrague tudo.

Olho através da caminhonete, um pouco surpreso. — Você não quer?

— Não. — Alex encolhe os ombros, como se não fosse nada demais. Não é nada. — Eu gosto dela, — ela admite, sem me

dizer nada que eu ainda não saiba, mas ainda me esquenta até os ossos.

Eu sorrio de orelha a orelha, estendendo a mão para pegar a mão dela. — Eu também, Repolho. — Agora, algo que está me incomodando... — Me diz por que você disse para eu me esconder da sua mãe.

Ela fica quieta por alguns momentos, como se pensasse como pronunciar. — Não seria justo. — Com a cabeça apoiada no banco, ela olha para mim. — A vida dela está desmoronando. A sua está se encaixando. — Ela aperta sua mão pequena em torno da minha. — Estou feliz por você, pai. Espero que dê certo.

Acho que minha filha nunca disse nada que significou tanto para mim, e eu a amo muito por isso.

Eu sorrio, o sol rompendo as nuvens bem na hora.

Minha vida está se encaixando. E *vai dar* certo.

15

Hannah

Estou ciente do meu sorriso fixo pelo resto do dia. Só cresce quando estou embrulhando a pintura emoldurada que vendi em plástico bolha. A venda não vai me deixar rica, é apenas uma pintura, afinal, espero mais em breve, mas sou rica em coisas mais importantes nos dias de hoje. Como paz. E felicidade.

Penso na filha de Ryan enquanto colo as bordas do papel de embrulho. Ela é uma garota esperta. Aposto que nada passa por ela. E ela é tão parecida com Ryan, que eu concluo que é uma coisa boa depois de conhecer sua mãe encantadora. Mas embora Darcy Hampton tenha me encarado de maneira errada, não posso deixar de sentir pena dela. Já convivi com mulheres como ela antes, mulheres que se escondem atrás de camadas de maquiagem e roupas de grife. Mulheres que exalam felicidade e confiança, mas estão vazias e perdidas. Eu posso ver mulheres assim a uma milha de distância. Afinal, eu costumava ser uma.

Mas não importa quão profundo meus traumas internos são, eu nunca fui má. Não me levantei abaixando os outros. Eu nunca quis machucar ninguém, apesar de ter boas razões para machucar. Em vez disso, acabei machucando pessoas que não mereciam se machucar. As pessoas boas sofreram. Mas era o único caminho.

Desde que Ryan saiu mais cedo, meu sorriso voltou, mas ele oscila e isso me irrita. Eu tenho algo genuíno e real para sorrir pela primeira vez em muitos anos. Algo para construir esperança. É possível que eu possa construir uma vida aqui? Eu poderia ficar em Hampton?

Eu ignoro a picada nos meus olhos e a pontada de dor no meu intestino enquanto colo a etiqueta de remessa. Depois fecho a loja e vou até os correios para enviar a pintura. Mas antes de voltar para casa, vou para a loja, decidindo que preciso comemorar minha primeira venda.

— Ei, senhor Chaps, — digo, estendo a mão para pegar uma garrafa de vinho.

Ele não desvia o olhar estocando um dos freezers, olhando para um pote em sua mão. — Phish Food, — ele murmura, colocando um pote em cima do outro na prateleira. — Nunca ouvi falar de peixe tomando sorvete. — Ele pega outro pote e eu continuo caminhando, sorrindo para mim mesma. — Chunky Monkey? O que é isso, tem sabor de macaco?

Quando eu o alcanço, pego o pote da mão dele. Vinho e sorvete. Essa será a minha noite. — É delicioso. Você deveria experimentar.

Ele bufa e volta a estocar a prateleira. — Karamel Sutra? Oh, Deus, onde o mundo vai parar?

— Você é mais um cara de baunilha? — Eu pergunto com um sorriso mal escondido que parece ultrapassar a cabeça do Sr. Chaps, junto com a minha pergunta.

— Nada de errado com baunilha. — Ele se levanta com a ajuda de sua bengala. — É o meu favorito. — Ele passa por mim a caminho do caixa e eu me viro para seguí-lo, mas paro abruptamente quando encontro alguém bloqueando meu caminho.

Os olhos de Alex estão em minhas mãos, e eu olho para baixo, lembrando rapidamente o que estou segurando. — Delicioso, hein? — Ela pergunta, fazendo eu me encolher.

Eu não tento falar sobre isso. Alex é inteligente, e eu não deveria tratá-la de outra maneira. Olho por ela, procurando por Ryan, minha barriga tremendo com o aparecimento de borboletas.

— Ele não está aqui, — diz ela, abrindo a porta do freezer. Ela então começa a carregar sua cesta com todos os potes de Chunky Monkey.

— Estocando?

— Bem... — A porta se fecha e Alex se vira. — Alguém comeu meu último pote. — Ela levanta a cesta cheia com as duas mãos, seu sorriso doce.

Sinto minhas bochechas queimando furiosamente. O que eu digo? Ryan já falou com ela? E se sim, o que ele disse a ela? Ela aprova? Ela me odeia? Ryan e eu chegamos ao fim antes de realmente começarmos?

Ela assente com a cabeça para o pote que estou segurando. — Vou deixar você ficar com esse.

— Obrigada, — murmuro humildemente quando Alex passa por mim, seu rosto ilegível. — Seu pai sabe que você está aqui sozinha? — Eu pergunto como uma idiota, por uma razão que eu não posso dizer. Talvez para lembrá-la de que ela é uma criança e eu não.

— Sério, Hannah? Eu tenho dez anos. Eu posso ir à loja sem uma babá. — Ela joga a cesta no balcão. — Como foi o Monopoly?

— Desculpe, o que?

— Monopoly. Papai disse que você jogou Monopoly na outra noite, pouco antes de você comer meu Chunky Monkey de manhã. Você ganhou?

Estou muito constrangida. — Sim. — Eu tusso, e ela ri, a pequena sirigaita. Eu endireito minhas costas, apenas pegando o Sr. Chaps limpando o sorriso do rosto.

— Relaxa, Hannah, — Alex diz em um suspiro. — Eu sou uma mulher do mundo.

Oh, a coisa querida. Me junto a ela no balcão e coloco meu vinho e sorvete enquanto ela carrega sua sacola de compras. — Uma mulher do mundo, não é?

— Sim.

— Bom para você.

Ela paga seu suprimento vitalício de sorvete com cartão de crédito, e o Sr. Chaps não pisca as pálpebras.

— É do seu pai? — Eu pergunto quando Alex puxa o cartão da máquina e o coloca no bolso de sua calça.

Ela puxa a bolsa do balcão. — Considerando que sou jovem demais para um cartão de crédito, isso seria um sim.

— Oh, você, uma mulher do mundo, — provoco um sorriso que é devolvido por ela.

— Estou feliz por ter encontrado você. — Ela deixa suas compras no chão e pula no balcão, chutando as pernas. Mais uma vez, o Sr. Chaps não pisca as pálpebras, apenas continua registrando minhas compras no caixa.

— Por que, para que você pudesse sentir uma emoção doentia ao me fazer corar?

Seu sorriso fica travesso. — Eu sinto muito. Acho hilário ver você e papai fingindo que não gostam um do outro.

Essa garota. — Era tão óbvio? — Eu pergunto, decidindo parar com a enrolação. Além disso, estou curiosa para saber o que ela está achando do pai dando em cima de mim.

— É bom que você goste de pintar e não atuar, porque é péssima nisso.

Ela está errada. Eu fui uma atriz incrível por anos. Eu até me enganei por um tempo. Eu pisco com força, lutando para manter o flashback iminente à distância.

— Hannah, você está bem?

Alex está olhando para mim com preocupação, e eu vasculho meus arredores, lembrando a mim mesma que não estou mais nesse mundo. Aquela mulher está morta. — Sim, desculpe, eu estou bem. — Engulo e forço um sorriso enquanto pago e pego minhas coisas, pegando a bolsa de Alex e entregando-a. — É melhor você ir antes que seu pai comece a se preocupar.

Escorregando, ela pega seus sorvetes e saímos juntas da loja. — Vou levá-la até o fim da rua, — digo a ela, liderando o caminho. Eu preciso de um pouco de ar fresco, de qualquer

maneira, algo para limpar minha mente. Enfio a garrafa de vinho debaixo do braço e tiro a tampa do meu Chunky Monkey, pegando um pouco enquanto passeamos. — Eu estava pensando... — Ofereço a Alex o pote e a colher de plástico, e ela pega, se servindo. Eu devo a ela, suponho. — Você conhece a festa da cidade?

Os olhos dela rolam. — Sim, eu conheço a festa da cidade.

Claro que sim. Eu esqueci; ela é descendente direta dos Hampton. — Então, estou organizando esse concurso de pintura e acho que você deveria entrar.

Ela coloca o pote de volta na minha mão. — Sério? Você acha que eu sou boa o suficiente?

Deus a abençoe. — Claro que você é boa o suficiente. — Eu sorrio em volta da colher. — Mas não será nada acidental. Você tem que pintar a rua principal.

Ela diminui a velocidade e se vira, olhando para a rua e eu me junto a ela, minha cabeça inclinada enquanto continuo a colocar sorvete na boca. É realmente uma adorável rua principal.

— Estou dentro, — declara Alex, pegando o recipiente da minha mão. — Seria bom para mim, pintar algo em vez de alguém me pintar. — Ela coloca uma enorme colher na boca e segue seu caminho.

— O que? — Eu digo, seguindo por trás.

— O concurso de beleza. — Ela me dá um rolo exasperado de seus olhos. — Eu ganho todos os anos desde que mamãe começou a me colocar em vestidos nojentos, colocando muita maquiagem estúpida em mim e me fazendo ficar no palco na frente de todos.

— Você? — Eu rio, mas rapidamente o controlo quando Alex para de andar e me lança um olhar ofendido. — Desculpe, é só... — Eu deixei meus olhos percorrerem o comprimento do corpo dela, do boné de beisebol de trás 'pra' frente, passando pelos macacões grandes, até os velhos Vans surrados nos pés.

Nós seguimos nosso caminho novamente. — Não ria. — Alex entrega o sorvete.

A culpa me agarra. — Eu sinto muito. Por que você faz isso se você odeia tanto?

— Porque isso faz minha mãe feliz.

— Arh, Alex. Você não é responsável pela felicidade de sua mãe. Ela é uma mulher adulta.

— Sim, eu sei. Ela é uma verdadeira dor de cabeça, mas está tendo um momento difícil no momento, então estou tentando não ser difícil. — Passamos pelo cemitério à direita e pela escola à esquerda. Estou desesperada para perguntar do que se trata esse momento difícil, mas me contenho, não

querendo ser curiosa. Realmente não é da minha conta. — Olha só isso, — diz Alex, apontando para o cemitério. — Papai e eu largamos essas flores.

Eu vejo um punhado de rosas brancas. — Esse é o túmulo da mãe do seu pai?

Ela assente. — Eu nunca a conheci. Nanna morreu quando eu era bebê. Não me lembro, mas papai disse que ela pensava que eu era um anjinho.

Meu coração aperta. — Tenho certeza de que ela ficaria muito orgulhosa da adorável jovem que você se tornou.

— Papai diz que eu herdei sua ousadia e beleza. — Ela me dá um sorriso e eu sorrio suavemente, olhando para a rua principal.

— Acho que eu deveria voltar. — Entregando a última colherada do sorvete, começo a me afastar, olhando por cima do ombro. — Minha dívida está paga.

— Por que você não volta para o papai comigo?

Minha fuga é interrompida pela pergunta dela, e me viro, me perguntando se a esperança que vejo nos olhos dela é minha imaginação. — Ah, acho que não, — digo, recuando.

— Por quê?

Sou parada de novo e me pergunto exatamente isso. Por quê? — Você foi à loja para comprar sorvete. Se você aparecer comigo, seu pai pode não ficar feliz. — Ele ficaria feliz?

— Oh, ele ficará *muito* feliz.

Ele ficará? — Como você sabe disso? — Olha para mim, tentando obter segurança da filha de dez anos do homem por quem estou apaixonada. Eu não posso nem me envergonhar, porque, ultimamente, a aprovação dela significa muito para mim. Porque isso significa muito para Ryan.

Alex deixa cair a bolsa de sorvete no chão com um bufo todo-poderoso. — Porque ele te deu meu Chunky Monkey. Papai nunca deu nosso Chunky Monkey antes, e ele definitivamente nunca teve uma mulher que passou a noite.

Minhas costas se endireitam e, embora eu saiba que esse é um sinal óbvio de como estou satisfeita, não posso evitar. Nem quero. Estou *muito* satisfeita. Também estou um pouco surpresa. — Oh, — é tudo que meu cérebro me dá.

— E, você sabe, nós conversamos. Sobre vocês jogando Monopoly e tudo. — Essa garota tem o senso de humor mais seco. — Hannah, — diz ela, aproximando-se de mim. — Não quero que papai fique preocupado que eu não goste que ele tenha uma namorada. Então, se você vier comigo agora, isso mostrará a ele que eu estou bem com isso. Porque eu estou.

Porque você é muito legal. E adoraria que você fosse a mulher com quem papai vive feliz para sempre.

Bom Deus, de onde isso veio? — Essa é a coisa mais legal que alguém já me disse, — digo, sentindo um enorme nó na garganta. Ela quer que seu pai viva feliz para sempre. Comigo? Mas de repente, a gravidade da minha situação me atinge com força no estômago. Se eu tiver que deixar Hampton, não será apenas o *meu* coração que partirá. Também serão o de Ryan e Alex. Deus estou fazendo a coisa certa? Sinceramente, não sei, mas espero poder resolver isso.

Discretamente fungo e levanto meu braço para ela pegar. O sorriso dela é enorme quando ela aceita, e começamos a seguir a pista que me levará a Ryan. E Alex não cala a boca o tempo todo, falando sobre tudo e qualquer coisa.

Estou tão absorta com a nossa conversa fácil que deixo de notar que chegamos à cabana. Até que uma *pancada* aguda rouba minha atenção. Desvio o olhar de Alex e encontro Ryan perto do galpão cortando lenha.

Puta merda.

O machado sobe. Seus músculos ondulam. Seu rosto se torce quando ele coloca todo o seu peso atrás do balanço. E dois pedaços de madeira voam em direções opostas, junto com a minha dignidade. Mamãe sempre me ensinou a não encarar.

Ela certamente não quis dizer quando se deparasse com Ryan Willis.

— Papai! — Alex grita, e ele se vira me dando uma visão daquele peito adorável e áspero. Eu tenho que fechar meus olhos e trabalhar duro para controlar meus sentidos dispersos.

A cabeça do machado bate no chão, forçando meu olhar de volta, e Ryan se inclina sobre ele, limpando sua sobrancelha suada. Sua posição relaxada apenas acentua todos os músculos do seu tronco. — Você está pegando animais abandonados da floresta de novo, Repolho?

— Oh, você é adorável demais, — brinco, forçando meus olhos a meus pés para não encarar o pai de Alex na frente dela.

— Vi Hannah na loja, — ela declara, soltando meu braço e pegando meu vinho da minha mão. — Vou colocar isso na geladeira para você. — Ela sai me deixando sozinha para me segurar.

A pequena calculista. Ela sabe o que está fazendo. Eu permaneço tão imóvel como posso estar, esperando... Eu não sei o que. Um sinal de que ele está feliz em me ver? Ele está? Olho para cima e dou de ombros. — Eu só fui à loja para comprar vinho e sorvete. Ela é muito persuasiva.

— Oh, eu sei. — Ele mexe o cabo do machado, perfurando-o na terra para que fique em pé.

— Espero que você não se importe. — Eu giro em torno de seu adorável retiro. — Comigo invadindo seu santuário.

Seu lábio torce no canto. Ryan Willis tem um daqueles sorrisos memoráveis. Não porque está torto em sua cicatriz, mas mais porque tem um impacto tão grande em mim. É genuíno. Sexy. E não é só isso, parece sempre desencadear um de mim. Só isso faz com que seja o melhor sorriso que eu já encontrei. Sem mencionar o brilho do desejo que rasga através de mim toda vez que ele me lança um. Nunca na minha vida estive tão fora de controle sobre mim mesma. É emocionante. Estimulante. E com esse pensamento, minhas coxas apertam e eu tomo uma longa e estabilizante inalada. Isso não funciona. E realmente, não importa que minhas tentativas de me recompor falhem. Eu não me importo que ele veja o quão perturbada ele me deixa.

Ele dá um passo à frente, suas botas esmagando os escombros. — Eu não me importo. — Seu sorriso completo quebra quando ele se aproxima de mim, aquele peito brilhando de suor. Seu jeans está baixo, a cintura de sua cueca espreitando por cima, as bainhas presas no topo de suas botas. Deus me salve desta tortura. Meus olhos se voltam para a cabana onde Alex simplesmente desapareceu. Preocupada, eu dou um passo para trás, embora minha tentativa de escapar seja patética. Sou capturada por ele, suas mãos grandes praticamente circulando minha cintura.

— Tentando correr de novo? — Ele pergunta, levantando-me dos meus pés, não me deixando outra escolha a não ser agarrar seus ombros nus.

— Ryan, — eu choro, querendo procurar Alex novamente, mas não conseguindo desviar minha atenção dele.

Ele não diz nada, apenas mantém seu sorriso irresistível e relaxa. Então eu deslizo lentamente pela frente até nossas bocas se encontrarem, Ryan mergulha para nos manter conectados quando eu descanso em pé. Toda preocupação me escapa. Todo sofrimento que eu já tive é esquecido. Cada pedacinho da minha alma perdida é encontrado. Ele me beija sem se importar com o mundo, de maneira tão profunda, significativa e com uma pressão que grita devoção.

Perdida completamente, deslizo as mãos sobre os ombros até o pescoço, enrolando-o ao redor, apertando-o com força. E a tempestade mortal que me possui se torna prejudicial por diferentes razões. A paz nunca foi tão tumultuada. Meus braços em volta do pescoço, as palmas das mãos firmes na minha cintura. Minha língua dói, meus lábios estão inchados, estou sem fôlego. Nada disso importa. O mundo derrete, e eu derreto com ele, bem nos braços desse homem de tirar o fôlego e hipnotizante.

— Ryan, o que? — Ele sussurra nos meus lábios, bicando levemente o canto antes de se afastar alguns centímetros para me ver.

Balanço minha cabeça suavemente, dizendo a ele que esqueci o que ia dizer, e arrasto minhas mãos de volta para frente dele, sentindo sem desculpas seu peito enquanto eu observo.

— Você está bem? — Ele pergunta, e eu aceno com a cabeça, ainda um pouco longe de encontrar minha língua. — Alex e eu estávamos indo para o lago. Pronta para isso?

Eu aceno de novo, olhando em seus olhos. Sinto que um milhão de coisas que quero dizer estão presas na minha boca, esperando para sair, mas minha língua grossa está segurando-as. E talvez um pouco de apreensão. É muito cedo para minha imaginação fugir de mim, imaginando o que poderia acontecer. Se Ryan poderia ser o motivo de eu poder parar de correr. Tudo o que sei é que sinto como se estivesse no lugar certo. Mas... eu estou? Posso estar com um homem que está tão no escuro? Isto é Justo? Posso enganá-lo tanto assim?

Deslizando a mão para o lado da minha cabeça no meu cabelo, ele fecha os olhos e me puxa para frente, colocando um beijo acima da minha sobrancelha. — Estou feliz que você esteja aqui, Hannah, — diz ele contra a minha pele. — E espero que você fique um pouco.

Concordo com a cabeça mais uma vez, e neste momento de ternura, mesmo sem vontade, admito que Ryan não merece minhas mentiras. Não quando ele está tão aberto comigo. Posso contar a ele tudo o que há para contar? E o que aconteceria se eu fizesse?

— Aham!

Não disparo para longe de Ryan, não entro em pânico ou temo o que está por vir. Também não me parece que Ryan está preocupado, com o corpo parado, os batimentos cardíacos nivelados e calmos sob a palma da minha mão. Eu olho para ele, descobrindo que ele tem um sorriso irônico, enquanto ele vira a cabeça uma fração para a esquerda, permanecendo perto de mim. — Pronta? — Ele pergunta a Alex, tão casualmente.

— Estou pronta há uns cinco minutos, — ela responde, e por acaso olho em sua direção, encontrando-a descendo os degraus da varanda. Ela pega um machado ao lado da pilha de toras, um machado menor, e o levanta sobre a cabeça, nos observando. — Eram vocês dois que estavam ocupados. — Desce, partindo o pedaço de madeira com precisão. — Vocês terminaram?

Eu deveria estar corando, mas, em vez disso, estou olhando para o machado que ela agora está balançando casualmente enquanto nos olha com interesse. — Esse é um machado pequeno e agradável, — digo, movendo-me na frente

de Ryan e apontando para a ferramenta bem arrumada e manejável em sua mão.

Ela olha para baixo, claramente confusa com o meu interesse. — Não deixe o tamanho enganar você. Isso é letal.

Eu ouço Ryan rindo atrás de mim. — Foi com esse machado que eu ensinei a Alex a cortar lenha quando ela era pequena, — diz ele, parecendo melancólico. — Ela se apegou bastante a isso.

Eu me viro para encará-lo. — Então, por que, quando você tentou *me* ensinar, não me deixou usar esse? Parece muito mais leve, muito mais controlável para um iniciante.

— Porque, — ele se abaixa e aproxima o rosto do meu — você não precisaria de ajuda. — Ele balança as sobrancelhas.

— Astuto, — murmuro.

— Ou inteligente. — Ele me agarra e me puxa por cima do ombro, e eu grito como uma garota. Pegando seu machado grande e viril, ele marcha pelo gramado. Comigo envolvida em seu ombro.

— Sério, pai! — Alex nos chama. — Ponha ela no chão.

— Sim, me coloque no chão.

Ryan para, joga o machado de lado e se vira, marchando de volta para a filha. — Há espaço para você também, Repolho.

— Ele se inclina e a pega, jogando-a por cima do outro ombro, e eu rio, vendo-a cair sobre as costas musculosas como um saco de batatas, com o boné caindo da cabeça. O grito de Alex é muito menos feminino que o meu, mas ainda soa chocado.

— Oh meu Deus, pai! — Ela coloca as palmas das mãos na parte inferior das costas dele, enquanto Ryan caminha conosco cada uma envolta em um ombro, como se ele não estivesse carregando nada, indo para uma abertura próxima através de algumas árvores. Uma vez que Alex tirou o cabelo com sucesso do rosto, ela olha para mim, nossos rostos apenas a alguns centímetros de distância, enquanto saltamos para cima e para baixo no ritmo dos passos de Ryan. Não consigo parar de sorrir e, graças a Deus, Alex também está radiante.

— Como vocês estão aí atrás? — Ele grita, e eu congelo quando sinto sua mão deslizar na minha bunda e apertar, meus olhos se arregalando sem parar. *O que ele está fazendo?*

— Tudo bem, — eu grito, dando a Alex um sorriso constrangedor e uma risada patética e nervosa quando ela franze a testa para mim.

Esticando a cabeça, ela tenta olhar para cima e imediatamente revira os olhos. Ela cai de volta e sorri para mim. — Então, meu pai já te beijou? — Ela finge vomitar nas costas de Ryan enquanto eu a encaro com total espanto. Quero dizer, é ótimo que ela esteja sendo tão receptiva, mas isso significa

ataques constantes de vergonha da minha parte? Sou uma mulher de 33 anos. Ela tem 10.

— Nunca dê beijos a um garoto até que ele os ganhe. — *De volta para você, Repolho.* Preciso equilibrar isso antes de me desintegrar sob as coradas constantes.

Sinto a palma da mão de Ryan apertar minha perna. — Hannah está certa.

— Bem, — Alex diz casualmente. — Eu já beijei um garoto antes.

Ryan para em sua trilha, e nós duas trememos como resultado. — O que foi isso?

Dou a Alex olhos arregalados antes de me contorcer para Ryan me soltar. Ele faz, embora mantenha Alex onde ela está desamparada e à mercê do que está por vir. Garota boba. — Ei, por que Hannah fica livre e eu não? — Ela finge inutilmente estar confusa. — Papai!

— *Eu já beijei um garoto antes,* — imita Ryan, carrancudo. — Quando? Onde? Quem?

— Tudo bem, eu menti! — Ela bufa e fica frouxa no ombro dele. — Mas minha amiga já.

— O que eu te disse sobre mentir?

— Que a cada mentira que eu digo, um pedacinho de você morre.

Eu não posso evitar meu pequeno desmaio. Ryan abaixa Alex no chão e ela faz tudo o que pode para evitar encará-lo. — Ei. — Ele aperta as bochechas dela com uma mão, forçando-a a olhá-lo nos olhos. — Pare de querer aparecer. Não é engraçado nem inteligente.

— Pare de agir como um Romeu, então, — ela murmura de volta por entre os lábios franzidos antes de bater na mão dele. — Não é legal e não é... legal.''

— Quem disse? — Eu me mexo e me aconchego ao lado de Ryan, aninhando meu rosto sob o pescoço dele. — Eu gosto dele atuando como Romeu. — Seus braços me envolvem, e o rosto de Alex se torce terrivelmente, com nojo, mas posso ver claro como o dia o brilho em seus olhos.

Erguendo o queixo, ela gira e se afasta. — Nada de amassos no lago, — ela chama por cima do ombro.

— Lago? — Eu questiono, olhando para Ryan. Ele apenas acena com a cabeça e eu o solto, seguindo Alex através da folhagem, muito intrigada. Quando eu abro a clareira, o que encontro me deixa sem fôlego.

— Bem-vinda ao lago Coca-Cola, — Alex chama de uma árvore próxima, olhando para os galhos. — Acho que isso pode

funcionar, pai. — Ela aponta para alguma coisa, não sei o que, e Ryan se aproxima dela e inspeciona o que quer que seja que encontrou.

Eu me viro em direção ao lago e tiro meus sapatos, caminhando até a pequena margem. Estou completamente deslumbrada. A água está tão quieta, não há ondulações em nenhum lugar, e quando olho em volta, vejo um pequeno cais com um barco. O lago inteiro está escondido por árvores, árvores enormes, todas se elevando no céu, guardando essa pequena joia.

— Oculto o suficiente para você? — Ryan sussurra no meu ouvido, ficando atrás de mim.

— Sim, — é tudo o que digo, estendendo a mão para trás para agarrar sua cabeça, aproximando-o. Eu olho para o meu lado para encontrá-lo, e algo em seus olhos fala comigo. Exceto que eu não sei o que ele está dizendo. — Por que se chama Lago Coca-Cola? — Eu pergunto.

— Quando Alex era pequena eu a ensinei a nadar aqui. Ela pensou que as bolhas debaixo d'água pareciam o gás da Coca.

Eu sorrio. Tão bonitinho. — Você ainda nada?

— O tempo todo. — Ryan olha para a árvore onde Alex está, e eu sigo seu olhar, encontrando-a sacudindo o tronco. — Ela está crescendo. Eu não gosto muito disso.

— Mas ela é uma garota muito completa. Engraçada, inteligente, cheia de personalidade. Você deveria estar orgulhoso.

— Ela é a minha maior realização da vida. — Aninhando-se no meu pescoço, Ryan me morde com um rosnado baixo, e eu me contorço em seu abraço. — Vou precisar de outra pessoa para concentrar toda a minha atenção quando Alex não precisar mais de mim.

— Ah é? — Eu pergunto, gostando bastante do som e ignorando a pequena pontada de culpa por encorajá-lo.

Ele ri na minha pele, plantando um beijo casto lá, e formigamentos rolam através de mim. Nós dois nos distraímos do nosso momento quando o estalo de um galho quebra o silêncio. Alex amaldiçoa, observando de sua posição alguns metros acima do tronco enquanto um braço da árvore cai. — É melhor eu ir ajudá-la antes que ela derrube toda a maldita árvore. — Ryan me libera e faz o seu caminho.

— Acho que está morto, — diz Alex, começando a arrastar o tronco. — Não podemos colocar isso aqui.

Juntando-me a Ryan ao pé da árvore, olho para os galhos. — Colocar o que nisso aqui?

— O balanço dela. — Ryan inspeciona a extremidade irregular do galho, franzindo a testa quando ele cutuca o meio.

— Doente, — ele murmura, limpando as mãos. — Você vai pegar as ferramentas, eu vou encontrar outra árvore.

Alex pula os últimos metros do tronco e corre para pegar o equipamento, enquanto Ryan vagueia de árvore em árvore, inspecionando cada uma.

Volto para a margem e afundo, mexendo os dedos dos pés na terra, respirando o ar puro e absorvendo a paisagem deslumbrante. Eu poderia me acostumar com isso aqui. É quase celestial, tão quieto e silencioso. Maravilhosamente misterioso. — Isso é propriedade privada? — Eu pergunto.

— Depende de quem está perguntando.

Olho por cima do ombro, vendo Ryan sorrir para alguns galhos. Eu estreito meus olhos um pouco. — *Eu estou* perguntando.

Ele lança seu sorriso em minha direção. — É todo seu, — diz ele, sabendo o que estou pensando. Volto assim que puder com minhas tintas e uma tela em branco.

Alex aparece carregada de madeira, cordas e uma caixa de ferramentas. — Estou de volta!

— Você mede a corda. Estamos usando esse galho. — Ryan aponta e Alex confirma. — Vou fazer os furos no assento.

— Posso furar? — Ela pergunta, totalmente anestesiada.

— Parece que vou subir naquela árvore, Repolho?

Eu rio e dou alguns passos para a terra seca, me sentando e me acomodando. Observá-los juntos é além de prazeroso, seus bate papos, suas brincadeiras, a óbvia adoração de um pelo outro. O jeito de Ryan com a filha é tão cativante, como ele a guia e a instrui, sempre paciente. Ele nunca tenta assumir uma tarefa, mesmo que isso provavelmente fosse feito na metade do tempo, se ele o fizesse. Ele tem todo o tempo do mundo para ela. E ela para ele. Eu acho que ela sempre precisará dele; ele não precisa se preocupar com isso. O vínculo deles é muito forte. Inquebrável. E estudando-os aqui, perdidos em algo que eles adoram fazer juntos, eu me pergunto pela primeira vez com algum tipo de positividade se algum dia vou ter a chance de ser mãe e ter esse tipo de relacionamento incrível. Ou a minha chance já passou?

— Não está nivelado, — Alex grita de sua posição, pendurada como uma preguiça no galho em que estão fixando o balanço.

— Está sim. — Ryan coloca um nível de bolha de metal no assento do balanço. — Perfeitamente nivelado. Agora desça daí.

Em vez de descer, Alex solta as pernas e balança, eu prendo a respiração enquanto ela se solta e cai, aterrissando com precisão e firmeza em seus pés. Destemida. Estou admirada com ela. Não consigo imaginar viver minha vida sem

medo de nada. Adoraria tentar e, ao olhar para Ryan, me pergunto novamente se essa é minha chance. Minha chance de ser quem realmente sou, sem a bagagem mental e, mais importante, ser essa pessoa corajosa. Eu sou capaz disso?

— Hannah, — Ryan chama, me tirando da minha reflexão silenciosa. Ele balança a cabeça enquanto segura uma das cordas, estendendo o braço para o assento de madeira. — Você pode ser a primeira a testá-lo.

Eu? Eu não me balanço desde que era adolescente. Foi com Pippa. Ela tinha dezessete, eu tinha quinze. Ela pegou uma garrafa de uísque de papai do armário de bebidas e fomos para o parque e tomamos alguns goles. Foram apenas alguns goles, mas foi o suficiente para nos deixar tontas. E Pippa achou que seria engraçado me empurrar no balanço até eu vomitar. Eu sorrio com a lembrança. Papai ficou louco quando chegamos em casa. Mamãe balançou a cabeça consternada. E Pippa e eu lutamos para segurar nossas risadas bêbadas enquanto papai nos dava uma repreensão real. Pippa e eu não conseguimos tocar uísque depois disso. O mero cheiro nos fazia arfar. Ainda faz.

Ansiosa, eu me levanto da minha bunda e vou até eles. — É seguro?

Dando um puxão na corda, Ryan demonstra sua robustez. Então ele me levanta e me coloca no assento habilmente. —

Confortável? — Ele pergunta, guiando minhas mãos para as cordas de cada lado de mim. Eu aceno, sorrindo como uma louca quando Ryan pega meus tornozelos e começa andar para trás.

— Segure firme! — Alex grita, correndo ao meu redor. — Empurre alto, pai.

Ryan sorri, e prendo a respiração enquanto ele continua a ir o mais longe que pode com meus tornozelos em suas mãos quentes. — Pronta? — Ele para, me segurando na posição.

— Para qualquer coisa, — respondo por instinto, nossos olhares travam, meus olhos dizendo a ele que confio nele. Tenho certeza que ele lê meu significado oculto, porque seu sorriso desaparece e ele assente um pouquinho. Então ele me puxa ainda mais e coloca peso atrás de seu empurrão, me lançando no ar em um grito.

Prendo a respiração e fecho os olhos enquanto navego no ar, saboreando uma nova sensação de total abandono enquanto balanço para frente e para trás. O vento está alto, passando por mim, meus cabelos e roupas balançando descontroladamente. Parece purificador, como a teia de engano que foi girada ao meu redor ao longo dos anos e me manteve contida, que está sendo arrancada por algo mais poderoso do que os segredos e mentiras que me controlaram. Não é o vento que é a força por trás da minha limpeza. É a felicidade. Que está aqui, agora.

É Ryan.

Jogo a cabeça para trás e abro os olhos, olhando para o céu escuro. As nuvens estão rolando, o céu agora escurecendo. Quero que essa sensação de liberdade avassaladora esteja comigo para sempre, que sinta isso selvagem, destemido e feliz.

— Hannah! — Ryan grita, e eu o procuro, meu corpo naturalmente se inclinando para trás para manter o ritmo enquanto navego em direção a ele. — Mais alto? — Ele pergunta, pulando para reivindicar meus pés e usando-os como âncoras para me empurrar.

— Mais alto! — Eu grito com uma risada, seu rosto se aproximando antes que ele desapareça novamente, me enviando para as nuvens. Estou exposta aos elementos, mas nunca me senti tão protegida do mundo. Escondida. Segura.

Eu poderia fazer isso o dia todo, me perder nesse incrível sentimento de desinibição, mas começo a perder força, e Ryan dá um passo para trás, deixando-me balançar livremente até que finalmente pare. Meu rosto deve dizer tudo. Estou um pouco sem fôlego, mas completamente revigorada. Ventos varridos e despenteados, e completamente despreocupados com isso.

Deixei Ryan soltar minhas mãos das cordas e me puxar para os pés descalços, me afastando do balanço. Ele está quieto enquanto afasta alguns fios de cabelo do meu rosto, me

arrumando de forma cuidadosa e meticulosa. Sua expressão é pensativa, sua tarefa executada como se ele tivesse todo o tempo do mundo. — Como foi? — Ele finalmente diz, beijando minha bochecha suavemente.

Há apenas uma palavra que vem à mente. *Cura.* Parece um pouco estranho dizer isso. Então eu não digo. — Maravilhoso, — murmuro, e sua preocupação se transforma em satisfação enquanto suas mãos ainda estão nos meus cabelos. O espaço entre nós diminui para nada, nossos lábios roçam... e tosse.

Eu abaixo minha cabeça para que a boca de Ryan deslize na minha bochecha e ele ri levemente na minha pele. — Sua vez, Alex.

Olho por cima do ombro e vejo que ela se plantou no assento do balanço, balançando livremente enquanto nos observa, com um pequeno sorriso no rosto. — Eu tenho que ir, — diz ela, pulando. Ela se vira, sem dizer mais nada, e caminha em direção ao caminho de volta para a cabana.

Sinto Ryan tenso e olho para ele quando ele me solta, indo atrás dela. Meu coração cai um pouco, me sentindo tão culpada por fazê-la sentir que precisa sair. — Repolho, espere, — Ryan chama, acelerando o passo.

— Eu vou me atrasar. — Ela acena com a mão levemente no ar sem se virar, continuando o caminho. Oh Deus, ela está chorando? — Divirtam-se, vocês dois.

Ah não. Não posso ser um obstáculo entre ela e o pai, e é exatamente isso que sou agora. Eu me sinto péssima, e quando olho para Ryan, posso ver que ele também. Não deveríamos ter sido tão abertamente afetuosos, não deveríamos ter empurrado isso na cara dela. Deveríamos ter sido mais atenciosos. Eu preciso consertar isso. — Alex, — eu chamo, a perseguindo. Eu passo por Ryan e a alcanço, me preparando para o pior, mas quando ela se vira para mim, não há lágrimas. Na verdade, ela está sorrindo, e a visão me faz recuar, surpresa.

— O que? — Ela pergunta. — Estou bem.

Eu a encaro, presa por palavras. Este é um caso típico de *eu estou bem, mas não estou bem?* Por fora, ela é toda a luz do sol e sorri, mas por dentro ela é trovão e tristeza? Merda, eu não sei. — Sinto como se tivesse invadido seu território, — admito, imaginando se deveria estar falando tão francamente com ela. Ela tem sido sincera comigo, então acho que devo adotar a mesma abordagem. — Prefiro que você não vá embora, Alex. Eu irei.

Ela balança a cabeça e eu me vejo espelhando-a, minha cabeça se movendo lentamente de um lado para o outro também. — Mas eu quero que você fique.

— Então você fica também. Vou me sentir melhor se você ficar também.

— Vou sair com minha prima hoje à noite antes que ela volte para Cingapura.

Oh? Olho para trás e encontro Ryan, e vejo que ele está relaxado agora. — Eu esqueci, — diz ele, segurando o telefone. — A mãe dela está aqui para buscá-la. — Ele recua, deixando eu e Alex sozinhas.

— Hannah. — Alex puxa minha mão e eu a encaro novamente.

— Você armou isso, — digo, percebendo neste momento o que está acontecendo. Ela abaixa e pega seu boné de beisebol de onde o perdeu mais cedo, colocando-o de trás para frente.

— Eu não gosto quando ele está sozinho. — Ela me dá um sorriso travesso. — Então cuide dele.

— O que? — Eu deixo escapar, recuando. — Cuidar do seu ex-MI5 pai de um metro e oitenta e cinco?

— MI5? — Ela repete. — O que é isso?

— Merda. — Eu bato minha mão na minha boca grande e me chuto para o outro lado do lago e de volta.

Alex começa a rir. — Relaxa Hannah. Eu sei o que ele fez.

— Você sabe?

— Claro. Ele protegeu as pessoas. — Girando, ela dança através do mato, toda feliz, me deixando em pé abalada.

Ryan protege as pessoas. Esse é o trabalho dele. Ou *era* o trabalho dele. É instintivo também? — Alex! — Eu grito, forçando-a a parar. Espero até que ela esteja de frente para mim antes de falar, apenas para que ela possa ver a sinceridade em mim. — Obrigada. — Ela sabe que não quero dizer por isso. Por enquanto. Quero dizer pela aceitação dela.

Ela volta e joga os braços em volta de mim, me dando um abraço feroz. — Eu que agradeço. — Lágrimas vêm do nada e enchem meus olhos quando a filha de Ryan se agarra a mim como se ela nunca planejasse me deixar ir. Eu rapidamente reprimo minha emoção quando sinto seu abraço se aliviar, e ela se afastar. — Você sabe como é legal ver meu pai se apaixonar?

Meu recuo é inevitável. — O que? — Eu quase sussurro, sentindo o chão desaparecer debaixo dos meus pés. — Alex, isso é loucura.

— Não, não é. — Ela não diz outra palavra. Ela desaparece, e eu permaneço no local, imóvel, olhando para o caminho vazio e escuro.

Minhas mãos chegam às minhas bochechas, segurando meu rosto, enquanto a magnitude das palavras de Alex caem sobre mim. Amor? É muito cedo. Mas... nunca seria tão cedo. Olho por cima do ombro e me viro lentamente, sentindo a

atração de algo magnético me comandando. Dou passos cuidadosos, um por um, medidos e hesitantes, como se voltar por esse caminho pudesse ser o meu fim. A questão é: será um final feliz? Ou trágico? Posso viver comigo mesma sem saber?

Minha volta ao lago parece uma caminhada de redenção. Como se pela primeira vez desde que Ryan Willis me tirou da estrada, eu soubesse o que estou fazendo. Fiquei chocada com a realidade, trazida dos meus sonhos pela filha dele com apenas uma frase. Tirada de um belo lugar de escapismo, onde não sou uma mulher perdida e vulnerável vivendo nas sombras deste mundo, mas uma mulher vivaz, selvagem e corajosa o suficiente para dar um salto de fé. Ryan encontrou aquela mulher. Ele não merece ficar com ela?

Quando rompo o mato na clareira na margem do lago, paro. Minha situação me atingindo de todas as direções quando o vejo. Eu tenho que lutar para manter minha capacidade de respirar, apreciação e devastação em guerra dentro de mim. Ryan merece tudo o que uma mulher pode dar, mas essa mulher só tem segredos e mentiras.

O luar atinge a água parada, ondas de luz viajando pela superfície. É lindo. Mas mais bonito do que isso é Ryan parado no lago, a água até a cintura, a lua lançando reflexos nas costas nuas, fazendo-o brilhar como se fosse algum tipo de criatura mágica. Ele está imóvel, olhando para a escuridão cintilante.

Oh Deus.

Deixando meu instinto me guiar, pego a parte de baixo do meu vestido e o coloco sobre minha cabeça. Eu o deixo cair no chão aos meus pés antes de tirar o sutiã e a calcinha, depois entro na água em silêncio, minha respiração engatada quando o frio atinge minha pele. A cabeça de Ryan se move apenas uma fração, agora alerta para a minha presença. Mas ele não se vira para me encontrar. Ele quer que eu o encontre.

Atravesso a água calma e, quando chego a Ryan, a água está na metade das minhas costas. Eu me aproximo atrás dele, minha atenção dançando através das gotas de água em sua pele que brilham como cristais quando a luz fraca as atinge. E ainda assim, ele permanece imóvel, esperando por mim, paciente. Quieto. Ele me chama sem dizer uma palavra. E admito comigo mesma, pela primeira vez, que estou desesperada para ficar aqui. Com ele. Para sempre.

Eu levanto uma mão da água e descanso a palma da mão em seu ombro suavemente enquanto dou um beijo no meio de suas costas. Sua pele é fogo, e assim como o sangue em minhas veias. Fogo puro e incontrolável. Ryan começou o inferno que está ardendo dentro de mim desde que o conheci, e nem mesmo ele pode acalmá-lo.

Eu arrasto minha boca em sua pele até a borda de suas costas, e ele assovia, sua cabeça caindo, a água perturbada por suas mãos se contorcendo.

Eu gosto de ver sua luta pelo controle. Gosto da ideia de poder fazer isso com ele, enviá-lo à beira da loucura. Eu quero mantê-lo lá.

Tomando minha mão do ombro dele, eu a recoloco em seu quadril, flexionando um pouco os dedos, segurando-o, e então beijo meu caminho pelas costas até que a água me impede de beijar mais longe. Então, eu caminho pela parte inferior das costas dele e depois pelo outro lado, o tempo todo lento, o tempo todo suave e o tempo todo sentindo como ele está tenso.

Os sons que ele faz são uma mistura de dor e prazer, enquanto ele me suporta adorando cada centímetro de suas costas largas com minha boca, deslizando minhas mãos sobre sua pele, sentindo cada pedaço dele. Eu tenho que chegar na ponta dos pés quando chego à sua nuca, usando seus ombros para ajudar a me levantar um pouco, meus seios empurrando em suas costas como resultado. E lá mordo seu pescoço gentilmente, trabalhando até a garganta dele. Seu queixo se levanta para me dar espaço, mas esse é seu único movimento. Isso e seu peito fora de controle.

Eu posso sentir a resistência dele se alongando, e agora só tenho que esperar o momento em que ele quebrar. O momento

em que ele não puder mais ficar parado. Mas ele está me fazendo esperar. Ele está me fazendo trabalhar por aquele momento em que meu universo já inclinado, se transformará em confusão. Eu raspo minha língua e a arrasto pela coluna de sua garganta, forçando sua cabeça a ir mais para trás, o gosto de sua pele intoxicante. Seu gemido contido vibra contra a minha boca, e então estou em seu ouvido, respirando contra ele, e seu corpo se solidifica. Ele está prestes a quebrar. Eu mordo seu lóbulo e o arrasto por entre os dentes depois pressiono um beijo no buraco abaixo de sua orelha. Isso o derruba.

Estendendo a mão, ele pega meu braço e me puxa para o seu corpo, e eu descanso de frente, braços presos sobre os ombros, pernas enroladas na cintura. As pontas de nossos narizes se tocando, suas grandes mãos segurando meu traseiro. Metade do seu rosto está sombreado, a outra metade nitidamente clara. Eu me pergunto por um momento se a lua está lançando as mesmas sombras em mim. Seria apropriado. Simbólico, até. Ele só pode conhecer metade de mim. Ryan não me conhece tão bem quanto acredita, e isso me dói muito. Para ele, eu quero ser apenas essa garota. Essa Hannah. A mulher que ele está me deixando ser. Eu não poderia enfrentar sua decepção se ele soubesse da mulher que eu fui.

Olho para longe dele, me escondendo e descanso o queixo no ombro dele, olhando através da água parada, meus

pensamentos insuportáveis me tirando o melhor. O fardo do meu passado nunca vai me deixar. Eu posso fingir que estou livre disso, mas uma tristeza tão profunda nunca desaparece.

Ryan empurra seu rosto para mim, me incentivando a sair, e quando ele tem meus olhos novamente, ele ainda não fala. Ele não faz perguntas, mesmo que eu saiba que ele sentiu meu repentino desânimo. Em vez disso, ele separa um pouco o peito, dando a ele espaço suficiente para deslizar a mão entre nós.

Eu respiro e seguro, apoiando minhas mãos em seus ombros. A primeira sensação dele se guiando para mim me fez morder o lábio. A sensação dele cutucando minha entrada faz minha mandíbula apertar. A sensação dele deslizando para dentro de mim fecha meus olhos, minha testa cai sobre a dele. E quando ele me bate fundo e para, eu grito, o som do meu prazer ecoando no ar da noite ao nosso redor. Ele solta um suspiro estrangulado, e eu rolo minha cabeça na dele, forçando-me a olhá-lo quando ele flexiona os quadris e se afasta. Seus olhos contam mil histórias. Seu silêncio fala mais que mil palavras. Eu nunca experimentei uma conexão com alguém assim, não apenas fisicamente. Essa proximidade poderia esmagar a tristeza em mim. Com Ryan, poderia haver apenas dias ensolarados.

Enquadro o rosto dele com as mãos, tentando expressar minha gratidão sem dizer. Ele é conforto. Ele é felicidade. Ele é força. Ele é tudo que um homem deve ser para uma mulher. A

ideia de que ele poderia ser meu para sempre é boa demais para ser verdade. É difícil deixar de lado a possibilidade de ele me dar essa louca sensação de desinibição selvagem pelo resto da minha vida. O que ele receberia em troca, exceto minhas mentiras e segredos? Eu pisco, e uma lágrima inesperada escorre pela minha bochecha, porque a realização acaba de me emboscar.

Estou me apaixonando por ele.

Parte de mim está desesperada para me conter. Eu não devo amar alguém. Não devo deixar ninguém chegar perto o suficiente para encontrar o velho eu. Outra parte de mim quer me deixar ir e cair livremente no desconhecido. Exceto que não será o desconhecido. E essa é uma das coisas que mais admiro em Ryan Willis. Ele é quem ele é sem desculpas. Ele não tem nada a provar, ninguém para impressionar. Pegue-o ou deixe-o, este é quem ele é. Posso levá-lo? Posso realmente tê-lo e toda a sua maravilha?

Ryan deve sentir meu tumulto adicional, porque ele está subitamente se movendo, embora com preguiça, entrando e saindo de mim com um fluxo quase cruel. Minhas tristezas são esquecidas, um movimento tático da parte dele, tenho certeza, e afrouxo um pouco as pernas, dando-lhe espaço para me satisfazer. Envolvo uma mão em seu pescoço, usando-a como uma âncora para seguir seus impulsos, e seguro seu bíceps com a outra, sentindo seus músculos rolarem. Seu rosto está a

um pé de distância, mas sua respiração ainda aquece minhas bochechas, e eu tenho a visão perfeita de sua robustez bonita, cada pedacinho de seu prazer lá para eu ver. Sua expressão é tensa, seu olhar concentrado com uma intensidade vertiginosa.

A água espirra em nossos corpos, nosso ritmo se torna um pouco mais agitado, e suas mãos se movem para os meus quadris, me levantando e me trazendo de volta para ele. A construção do meu clímax vem rápido e eu luto contra ela, tentando empurrá-la de volta, ainda não pronta para que isso termine. — Não, — eu grito, me puxando para frente. Nossas frentes colidem, e eu agarro seus cabelos nas têmporas, segurando firmemente. — Lentamente, — ordeno, dando-lhe um beijo propositadamente suave. Ele aceita com facilidade, ofegando. — Eu não quero que isso termine ainda.

Afastando-se abruptamente, Ryan desliza uma de suas mãos pelas minhas costas até minha nuca e agarra com força. Possessivamente. — Isso nunca acaba, Hannah, — ele sussurra, avançando com propósito.

Isso diz tudo o que eu preciso ouvir? Ou tudo o que não preciso ouvir? — Tudo acaba — eu respondo suavemente, minha boca trabalhando diante do meu cérebro. Sua resposta a isso é outra estocada forte, e eu choramingo, tentando cair sobre ele em busca de apoio. Ele não me deixa, apertando mais meu pescoço para me manter onde ele me quer.

— Isso, — ele ralhou, deslizando lentamente, assegurando que eu senti o latejar de sangue em suas veias, — nunca, — ele faz uma pausa, seu rosto adorável se contorcendo enquanto avança com força, — termina. — Ele engasga e eu grito, nossos corpos batendo juntos. Não tenho mais espaço para respirar, nem tempo entre cada impulso para controlar meu prazer. Agora Ryan é o dono, eu sou dele para controlar, e deixo ir, me rendendo ao poder formidável. Renda-se a ele.

Embora comandando, seus ataques são controlados; ele sabe exatamente o que está fazendo e, com cada estocada dentro de mim, me perco cada vez mais até ter certeza de que passei para outro mundo, um mundo onde apenas ele e eu existimos.

— Deixe-me te beijar, — eu suspiro desesperada para tocá-lo em todos os lugares possíveis, me puxando para frente.

— Deixe-me vê-la, — rebate ele, forçando-me a recuar e me atingindo com uma atitude implacável e perturbadora. Enquanto mantemos nossa conexão profunda, entrando e saindo um do outro, liberando gemidos após gemidos, nosso ato de amor preciso e exato, compreendo que Ryan não queira realmente me *ver.* Ele está me dizendo uma coisa. Eu lentamente me aproximo e o beijo, e desta vez ele não me impede. Com nossas bocas trabalhando devagar, nossas línguas torcendo com cuidado, nossas mãos no cabelo um do outro,

subimos juntos até o ponto em que estamos ambos tremendo violentamente, a água ondulando e balançando ao nosso redor.

A pressão se torna insuportável, o calor escaldante no meu sangue está fora de controle. — Ryan, — eu chio e ele assente, dizendo que está comigo. Nosso beijo se aprofunda. Nossos corpos se contraem. Ryan perde todo o controle primeiro, seus dedos no meu cabelo úmido contraem, sua boca aberta se move para minha bochecha e descansa lá enquanto ele luta por respirar, seu corpo tremendo loucamente. Todos esses efeitos nele me jogam além do limite, e eu me prendo contra ele, tentando conter a intensidade. Minha mente está girando, o prazer é vertiginoso, meu orgasmo dispara sem cessar. Meus pulmões parecem apertados, meu corpo drenado. É como uma reação química dentro de mim, dois elementos voláteis sendo misturados e reagindo ferozmente um ao outro.

Eu caio contra o peito molhado de Ryan, cheia e atordoada, agarrando-me a ele com a pouca força que me resta. Meus olhos se fecham, e eu o sinto percorrer a água lentamente, sua respiração ainda difícil, e quando ele chega à costa, ele cai de joelhos e me deita de costas, caindo em cima de mim. Ele gentilmente beija minha bochecha. Seus braços prendem minha cabeça. O rosto dele cai no meu pescoço.

Ryan me quer. Do jeito que eu sou.

Ele está preenchendo os espaços vazios dentro de mim. E não posso me impedir de deixá-lo. Não posso deixar de admirá-lo mais todos os dias. Este é o homem com quem eu sempre deveria estar.

E agora tenho medo de ter o encontrado tarde demais.

16

Ryan

Framboesas.

É novo na minha lista de cheiros favoritos. A floresta, a água, o ar fresco. E agora framboesas também. Ela cheira tão bem. É tão boa. Tenho certeza de que ela parece bem também, mas seria amaldiçoado se pudesse levantar meu corpo esgotado para olhá-la. Então eu me concentro em sentir e cheirar, minha pele em sua pele, respirando-a em mim como se ela fosse vida.

Sua presença despertou algo em mim que eu nunca soube que estava dormindo. É algo emocionante, mas instigante. Porque, apesar de ver a selvageria impiedosa em seus olhos, agora posso ver outra coisa também.

Um vazio persistente que ela está tentando mascarar.

Ela está escondendo algo de mim. Mantendo-me perto, mas distante. Mas vou afastar Hannah se eu exigir respostas? Posso arriscar isso? Esta requintada e doce mulher em meus

braços, não importa quão pacífica ela esteja neste momento, está carregando muita dor. Espero que ela encontre em si mesma a vontade de compartilhar seus segredos comigo. E espero que ela me permita aliviar essa dor. Talvez eu já esteja.

Sinto Hannah se mover embaixo de mim e me movo para dar espaço a ela, de má vontade, desistindo do meu lugar em seu pescoço para espiá-la. No momento em que nossa pele se separa, sinto o frio.

— Devemos voltar para a cabana. — Eu a quero na minha cama e aconchegada ao meu lado. Eu a quero quente e segura.

— Você vai me expulsar de manhã? — Ela pergunta enquanto eu a ajudo, seu rosto uma imagem de inocência.

— Depende se você vai monopolizar a cama inteira de novo, — eu respondo. Meu olhar se arrastando por sua frente nua. Eu sorrio para seus mamilos duros, e ela se aperta, pegando as palmas das mãos para cobrí-los. O que ela está fazendo? Bato em suas mãos e a afasto de mim, alcançando sob suas axilas e segurando seus seios. — Ande, — digo em seu ombro, empurrando-a para frente.

— Meu vestido.

— Nós não precisamos do seu vestido. — Nós só precisamos de pele.

Os braços de Hannah alcançam para trás e seguram minha cintura enquanto fazemos o nosso caminho através do mato de volta à cabana. Agora está escuro como breu, mas a falta de luz não me atrapalha. Conheço esses bosques muito bem.

Só solto Hannah quando estamos dentro. Jogo algumas toras na lareira, as acendo e puxo um cobertor do sofá. — Aconchegante o suficiente? — Pergunto quando termino de envolvê-la.

Com um sorriso recatado, ela abre o cobertor e vem até mim, me envolvendo com ela. — Sim. — Sua bochecha bate no meu peito e ela suspira.

— Então vamos ficar aqui a noite toda?

Ela assente, e eu rio, separando seus braços das minhas costas. — Sente-se junto à lareira e se aqueça. — Eu a viro pelos ombros e a empurro levemente, e ela caminha até o fogo e se abaixa para o tapete diante dela.

Vou para a cozinha e abro a geladeira, pegando duas cervejas e abrindo as tampas, bebendo a minha enquanto volto para Hannah. Abaixando-me no tapete, passo por Hannah e bato sua garrafa na minha. Fico confortável, encostado no sofá e levantando o braço. Ela rasteja até mim com uma facilidade satisfatória, aconchegando-se perto. Mas não perto o suficiente. Então eu a puxo para perto, apertando-a ao meu lado.

— Eu poderia me acostumar com isso, — diz ela calmamente, tomando um pouco de cerveja e descansando a garrafa na minha coxa exposta.

— Eu adoraria se você fizesse, — respondo, levando-a a olhar para mim um pouco surpresa.

— Você quis dizer isso? — Ela pergunta.

— Não digo coisas que não quero dizer, — digo a ela. — Espero que você também não.

Ela é rapidamente enterrada de volta ao meu lado, evitando meus olhos, e essa é a pior coisa que ela poderia ter feito. Se esconder. Algo me diz que ela é boa nisso. Olho para a nuca dela, minha mente girando. *Devagar e cuidadosamente, Ryan.* Levo a cerveja aos meus lábios, tomando um gole e engolindo enquanto volto meus olhos para as chamas crepitantes no fogo.

— Isso não é muito reconfortante, — eu penso baixinho, imediatamente sentindo seu corpo endurecer contra mim. E nem isso. Eu a vejo na minha visão periférica tomar um gole de sua própria cerveja. Se eu não a conhecesse, diria que ela está ocupando a boca para não precisar falar. Ou preenchendo-a para não dizer algo de que possa se arrepender. Já sou grandinho. Seja o que for, eu posso aguentar.

Minha inspiração é profunda, feita para ser ouvida, uma pista de que estou prestes a falar. Ponho a garrafa na minha coxa e pego a de Hannah, tendo que puxá-la de suas mãos quando ela coloca alguma resistência. Coloco ao lado da minha e vou até ela, puxando o cobertor, expondo sua nudez para mim, mas desconsiderando a extensão infinita de sua carne cremosa e convidativa e arrumo seu corpo enquanto pairo sobre ela. Deito-a, coloco seus braços ao lado do corpo, um após o outro, e separo suas coxas antes de me erguer sobre ela, cerrando os dentes quando meu pau se encontra com a parte inferior do seu estômago. Tomo um momento muito necessário para combater a compulsão de tê-la novamente. Então eu levanto minha cabeça e olho para ela. Luxúria é o que me saúda. Luxúria pura e penetrante. *Porra.*

Estou desamparado quando Hannah se lança para cima, me atacando com lábios famintos, e por um breve momento de fraqueza, sucumbo à sua demanda.

Não.

Eu me afasto, minha respiração dispara, e fecho meus olhos enquanto trabalho duro para colocar algum sentido sobre mim e resistir. — Não, — eu digo calmamente, e ela se move, se esfregando em mim, levando essa calma de volta ao desequilíbrio. Maldita seja ela. Abrindo os olhos, eu dou a ela um olhar de aviso. Não tem o efeito desejado. Ela se lança para

mim novamente, mas desta vez eu recuo, escapando e ela cai de costas em um suspiro furioso. *Ela está brava*?

Inclino minha cabeça.

Hannah estreita os olhos.

Eu arqueio uma sobrancelha.

Os lábios de Hannah se curvam.

E nós encaramos. Eu não vou quebrar o contato. Algo me diz que ela também não. É melhor eu me sentir confortável. Então me aconchego, pegando os pulsos dela e prendendo-os a ambos ao lado da cabeça. Ela rosna. É um êxtase de merda. Sua cabeça se levanta de novo, tentando pegar meus lábios, mas ela não é rápida o suficiente. Eu mantenho meu rosto reto quando ela se acomoda novamente, fechando os olhos e relaxando. Eu a recompenso com um beijo gentil no pescoço. — Hannah, — sussurro em sua pele, sentindo seu pulso acelerar sob meus lábios.

— O que? — Ela responde roucamente.

— Se você quiser compartilhar algo comigo, eu estou aqui. — Eu beijo meu caminho até sua mandíbula, e ela fecha os olhos, seu corpo tentando arquear. — Eu não julgaria. — Eu chego ao nariz dela, beijando a pequena protuberância. — E não mudaria o que sinto por você. — Eu alcanço seus olhos e

beijo cada pálpebra fechada antes de beijar meu caminho para sua bochecha.

Ela geme um som tão doce, e vira seu rosto para mim, encontrando minha boca sem precisar abrir os olhos. Eu a deixei, dando um pouco, esperando conseguir um pouco mais. — Vou me lembrar disso, — diz ela, com a voz rouca. — Se eu quiser compartilhar algo com você.

Pelo amor de Deus. Eu respiro impaciente, deixando minha cabeça cair sem energia de volta em seu pescoço. Fico surpreso quando sinto a mão dela agarrar a parte de trás da minha cabeça, me obrigando a olhar para ela. É como se ela estivesse tentando me confortar enquanto eu lido com a derrota. Adoro o gesto, mas odeio a possível provocação. Ela é um livro fechado. Ela vai me deixar entrar?

— Qual é o problema? — Hannah pergunta, parecendo sinceramente confusa com a minha frustração. Estou chocado. Ela está sendo ignorante? Ou ela está sendo estratégica? Ou sou *eu* sendo paranoico? Enxergando coisas? Meu Deus, meu sexto sentido está falhando comigo? Eu entendi tudo errado? Apoiando-me nos meus antebraços, descanso o queixo na barriga dela. — Eu vi você em Grange hoje de manhã, — digo, observando a reação dela. O rosto dela permanece reto e o corpo macio.

— E? — Ela pergunta.

— E... o que você estava fazendo lá?

— Comprando flores para minha mãe.

Um avanço. Ela tem mãe. — Por que de Grange? A loja da cidade vende flores.

— Você as viu? — Hannah ri. Eu não posso discutir com isso. A seleção não é exatamente ampla e, a menos que você as compre no dia da entrega semanal, elas não vão durar muito.

Continuando. — Onde está sua mãe?

— Ela morreu.

Eu estremeço e chuto minha bunda por toda a cabana. — Eu sinto muito.

O sorriso dela é pequeno, mas não sem emoção. — Por quê? Não é sua culpa.

De repente, eu me sinto como o maior um idiota. Não sinto muito só por sua perda, também sinto muito por bisbilhotar. Por pressionar. Por ser como um cachorro atrás de um osso. — Você quer um Chunky Monkey?

As mãos dela pousam na minha bunda, as unhas cravando. — Se você terminou de me interrogar, eu adoraria um pouco.

— A zombaria não vai lhe dar nada, exceto...

— O que?

Olho para seus seios expostos. Sorriso pretensioso. Lambo meus lábios. E mergulho rapidamente, dando uma mordida.

— Ai! — Ela grita, chutando as pernas e batendo nas minhas costas. — Puta merda!

Eu chupo seu mamilo com força, giro minha língua algumas vezes, tenho outra mordiscada e, eventualmente, o solto com um pop satisfatório. Ela imediatamente me dá um bom golpe no braço. Eu rio como um idiota e fico de pé, deixando Hannah esfregar um pouco de vida em seu peito.

— Ryan, — ela chama, me parando no freezer. Olho para trás quando abro a porta. Ela está de frente agora, e essa bunda também parece muito saborosa.

— Sim? — Eu digo, alcançando cegamente o sorvete, meu olhar colado na sua bunda em forma de pêssego.

— Esta sou eu, — ela responde, levantando-se, tirando de mim a visão de sua bunda. Não que isso importe. Agora eu tenho o rosto dela. E essas palavras. Abaixando o olhar para sua forma nua, como se eu precisasse de um lembrete de sua perfeição, Hannah repete, desta vez mais clara, mais alta e com uma firmeza em sua voz que eu nunca tinha ouvido antes. — Esta sou eu, Ryan. Não há mais nada para eu lhe dar, apenas isso. Não é o suficiente?

Encontro-me sorrindo quase imediatamente, sua mensagem recebida alta e clara. É *mais* que suficiente. Eu sigo em frente, determinado a não perder mais nossa noite com jogos mentais bobos. Eu a agarro com um braço, puxando seu corpo para perto do meu. — Isto é suficiente. *Você* é mais que suficiente. E, para constar, eu não mudaria nada sobre você.

O sorriso dela quebra meu mundo em dois.

Deus, essa mulher. O que quer que a tenha machucado no passado se foi. Estou aqui. No presente dela. Agora, sou eu e ela e uma cabana vazia. Eu preciso aproveitar ao máximo isso. — Como você se sentiria com estimulação com gelo? — Eu pergunto.

— Não faço ideia do que você está falando. O que é isso?

— Eu inventei. — Eu sorrio maliciosamente e descanso o pote de sorvete nas costas dela, reforçando meu aperto nela, pronto para isso.

Seus olhos se arregalam, seus seios empurram para frente enquanto ela dobra as costas para tentar escapar do frio. — Oh meu Deus, — diz ela, inspirando. — Ryan!

Eu rio, completamente divertido comigo mesmo, e caminho até o quarto, mantendo o pote exatamente onde está. Ela grita e grita o tempo todo, batendo nos meus ombros com punhos enlouquecidos. — Seu idiota!

— Comporte-se, — ordeno, jogando-a na cama e rapidamente a seguindo, prendendo-a antes que ela tenha a chance de se recompor e escapar. Sentado na parte superior das coxas, ponho os braços sob os joelhos e levanto o pote de sorvete, sorrindo para o movimento persistente dela. — Bem, bem, bem, — eu penso, e ela ainda fica ofegante. — Parece que você está à minha mercê. — Coloco cautelosamente o recipiente em seu peito, vendo como abaixa quando ela suga o ar.

— Ryan.

— Ryan, o que? — Eu pergunto, pegando uma colher e colocando-a na boca, virando-a. — Pare? — Eu me inclino lentamente, abaixando em direção ao seu peito. — Não pare? — Ela me surpreende quando solta um braço, mas eu rapidamente o agarro e bato na cama, continuando minha descida, envolvendo minha boca em torno de seu mamilo e deixando o sorvete cobrí-lo.

— Seu filho da puta, — ela respira, mas essa respiração rapidamente se transforma em um gemido quando eu lambuzo seu peito com minha boca quente, mergulhando-o no frio. — Ohhhhh.

É isso ai. Rendição. Eu solto sua mão quando ela briga comigo, sabendo que ela está querendo causar dor. Ela precisa de algo para se segurar, e eu felizmente ofereço meu cabelo, levando a mão dela para lá. Eu estremeço com seu primeiro

puxão e retribuo o favor apertando seu mamilo, apertando de maneira ameaçadora, puxando de forma longa e prolongando o gemido dela. — Pare? — Eu pergunto, tomando mais sorvete e indo para o outro peito dela. — Não pare?

Ela força meu rosto em seu peito, e eu a saboreio, me perguntando se o Chunky Monkey já teve um gosto tão bom. Ela se contorce, arqueia, joga a cabeça para trás, e cada lambida minha parece deixá-la cada vez mais louca, suas mãos puxando meu cabelo cruelmente. Me diga que isso não é o paraíso. Diga que há um lugar em que eu preferiria estar.

— Você. Tem. Um. Gosto. Incrível — murmuro, abaixando minha mão para tomar mais sorvete e pegando uma bola enorme. Eu bato no seu outro peito e o massageio enquanto devoro o outro. Eu estou no meu limite. Então de repente... não.

— Ryan! — Hannah grita. — Ryan, pare! — Sua voz em pânico me tira da minha euforia em uma fração de segundo, e eu me levanto, batendo o pote de sorvete na cama.

— Merda, o que foi? — Eu pergunto, meus olhos frenéticos a examinando, procurando qual é o problema. Ela estremece, a dor invade seu rosto, e isso só aumenta minha preocupação. — Porra, Hannah, me diga o que há de errado. — Eu a afago, sem saber o que fazer, onde tocar, como ajudar.

— Apenas me dê um minuto, — ela geme, tentando se sentar. Corro para ajudar, facilitando com cuidado, procurando

mais sinais de desconforto. Essa dor horrível dentro de mim, é medo, eu acho. Eu nunca senti nada assim. Me sinto desamparado. Inútil. Tudo o que posso fazer é esperar que ela me esclareça o que está errado. Então eu sento e espero, parecendo paciente, mas sentindo qualquer coisa menos isso.

— Hannah? — Eu digo baixinho, incapaz de suportar o tormento por mais tempo.

Lentamente, ela olha para mim. Sinto minha cabeça se afastando do meu pescoço, minha incerteza incapacitante. O rosto dela é uma tela em branco. Não há nenhuma pista para eu ler, nada para me dizer o que está acontecendo.

— Sinto muito, — ela mal sussurra, estendendo a mão para mim. Eu olho para ela por um segundo antes de cuidadosamente estender a mão, segurando-a.

— Pelo quê? — Seja o que for, pode ser corrigido. Eu sei que pode ser consertado.

Ela respira como se estivesse juntando forças para me dizer o que precisa ser dito. Eu tenho medo do pior. — Ryan. — Seus olhos se fixam nos meus. Eu odeio a determinação que vejo lá. Encontro-me recuando, como se meu instinto estivesse tentando me afastar do perigo.

— O que? — Eu respondo calmamente. Foda-se, eu já estive tão nervoso?

Ela está subitamente se movendo, tão rápido que nem tenho tempo de clarear minha visão. *Que porra é essa?* Ela colide comigo, suas mãos encontrando meus ombros e me jogando de volta no colchão. Eu caio com um baque, piscando, olhando em volta, confuso. Meus pulsos são agarrados. Empurrados acima da minha cabeça. Minha cintura é montada. E um rosto aparece, flutuando acima de mim, o sorriso salpicado através dele presunçoso.

— Sua vez. — Ela sopra as palavras na minha pele.

E eu fico bravo. Eu não posso evitar. — Pelo amor de Deus, Hannah. Eu estava preocupado!

— Bom. — Ela puxa meu braço para o meu lado e o segura com o joelho antes de repetir do outro lado. Minha sobrancelha arqueia enquanto eu a observo. Isto é ridículo. Nós dois sabemos que eu me libertaria com uma flexão de músculo. Mas eu a deixo ter seu momento. Ela merece, a filha da puta sorrateira. Meu coração parece que passou pelo espremedor um milhão de vezes. Mas agora está diminuindo para uma batida mais estável que provavelmente não me matará, relaxo feliz em vê-la *pensar que* ela tem controle. É encantador.

Ela se inclina, seu rosto se aproximando até que seus lábios estão praticamente tocando meu queixo. Ela dá um beijo leve na minha barba por fazer.

— Eu pensei que isso era para ser tortura? — Eu digo, cantarolando feliz e afundando ainda mais na suavidade da minha cama. Isto é mais como o céu. — Continue. — Fecho meus olhos em um sorriso, mas eles se abrem imediatamente quando sinto seus dentes afundarem no meu mamilo. Eu interiormente amaldiçoo para caralho, mas exteriormente não darei a ela essa satisfação. — Oh sim, baby, — murmuro entre os dentes, revirando os quadris e pegando-a exatamente onde eu pretendia. Seu pequeno gemido me faz sorrir, e o sorriso só aumenta quando a sinto mudar de posição para escapar do meu movimento tático. *Não mexa comigo, linda.* — Mais, — eu imploro, flexionando meu peito, empurrando-o para mais perto de sua boca.

Eu a estou irritando. É evidente no suspiro contido quando ela pega o pote de sorvete do colchão. Abro um olho e encontro-a cavando os restos, o creme derretido escorrendo pelo braço. — Droga, acabou?

Sua carranca é digna de morte instantânea, e eu recuo, fingindo medo. — Você vai se arrepender de ter me conhecido, Ryan Willis. — Ela joga o recipiente de lado e bate as palmas das mãos nos meus peitorais, mas sua tentativa de espalhar o sorvete é realmente bastante patética.

Eu espio suas mãos trabalhando círculos em meus músculos. — Você sabe Hannah, — eu digo, voltando meus olhos para os dela. Ela para. Meu sorriso desaparece

lentamente. De repente, o clima é sério. — Acho que não, — murmuro, e ela se suaviza visivelmente acima de mim, cada parte sua se afrouxando.

Eu puxo suavemente um braço debaixo do joelho dela, e depois o outro. Ela não luta comigo. Sento-me, deslizo meu braço pelas costas dela e a viro, levando-a de costas. Levantando nossas bocas para que ela sinta minhas palavras e as ouça, eu olho seus olhos por um tempo, examinando cada mancha azul. — Nunca vou me arrepender de nada em relação a você.

Os lábios dela tremem. — Prometa-me, — ela ordena, colocando as mãos na minha cabeça e me puxando para sua boca.

— Eu prometo. — Eu sussurro meu juramento em sua boca e rezo para que alcance seu coração, sua alma e profundamente em sua mente.

Porque nunca antes eu disse algo e quis tanto dizer isso.

17

Hannah

Dizem que o caminho para o coração de um homem é através do estômago. Enquanto estou no congelador, olhando para os infinitos potes de Ben & Jerry's, concluo que o caminho para o coração de Ryan Willis é através de seu Chunky Monkey, que, eu acho, é através de seu estômago. Dependendo da sua escolha de espalhá-lo nos meus seios primeiro ou não. Não resta muito para cair em seu estômago depois que derreteu em cima de mim.

Sorrio quando chego à frente e tomo um pote, cavando minha colher assim que removo a tampa.

— Boo! — Ryan me agarra por trás e pulo para fora da minha pele, sendo girada algumas vezes até ficar tonta antes de me pôr de pé. — Bom dia. — Ele dá um forte beijo na minha testa e tira o sorvete do meu alcance antes de pegar uma colher e passear casualmente até a porta da frente.

Olho para a minha própria colher, surpresa ao ver o sorvete ainda lá. Dou de ombros quando o coloco na boca, meus lábios fazendo beicinho em volta da colher. Sua bermuda é justa. Suas coxas são... eu levanto minha cabeça em contemplação silenciosa, a colher deslizando lentamente para fora da minha boca. Comestível. Eu rolo o sorvete, lambendo meus lábios quando um pequeno pedaço escorre. Seu cabelo está puxado até a morte. Engulo devagar, sorrio preguiçosamente e vou atrás dele.

— O que há para o café da manhã? — Ele pergunta enquanto sobe as escadas e coloca a colher na vasilha.

— Você está comendo. — Corro e me junto a ele. — Você não se cansa disso? — Eu pergunto enquanto jogo outra colher na minha boca.

Alcançando minha nuca, ele me puxa para frente em seus lábios e força minha boca a abrir com sua língua, roubando o sorvete que eu acabei de colocar lá. Ele engole. Sorri para minha surpresa. E dá um beijo em meus lábios. — Estou encontrando novas maneiras de aproveitar atualmente. — Virando lentamente, ele vagueia casualmente até o chuveiro externo e o liga. Senhor, ele parece tão bom passeando pelo deserto de cueca. Olho para baixo, para a camisa que arranquei do chão e vesti esta manhã. Azul marinho e cinza. É perfeitamente Ryan, portanto perfeitamente eu.

Recuperando o fôlego, eu ando até sua rede perto da árvore e subo, ficando confortável e balançando na brisa da manhã enquanto olho para o céu pontilhado de nuvens. Não sei que horas são. Eu não *ligo para* que horas são. Ainda não estou pronta para deixar este paraíso. Trago a colher para o lábio inferior e bato levemente, pensando. *Isso nunca acaba.* Que ideia maravilhosa.

Ryan Willis é o epítome da paz e da liberdade. Para mim, ele é a cura, e eu amo a ideia de que a angustia não pode me tocar enquanto eu estiver com ele. Essa pode ser minha nova vida para sempre? Sorrio e fecho os olhos, o balanço suave da rede hipnotizando. Ele é um presente inesperado depois de viver em meio a tanta coisa feia por tanto tempo. Estou segura aqui em Hampton. E eu estou segura aqui com Ryan. Então eu deveria ficar... certo?

De repente, a rede estremece e meus olhos se abrem quando Ryan mergulha para se juntar a mim. — Whoa! — Eu reclamo, jogando a colher para o lado e agarrando o tecido dos dois lados. Ele ri enquanto se acomoda do outro lado, com os pés de cada lado da minha cabeça. Eu mudo minhas próprias pernas para espelhá-lo. — Você arruinou minha paz— resmungo de brincadeira, colocando as mãos nas coxas dele e acariciando em círculos largos.

— Eu sou sua paz, — ele responde sem hesitar, sorrindo conscientemente ao redor de sua colher. Minhas mãos pausam

a carícia, um olho se estreitando nele. Isso apenas incentiva um sorriso maior e mais satisfeito de Ryan. Talvez eu deva me preocupar que ele esteja tão certo. Ainda não estou. Isso não significa que ele tem que saber os detalhes sangrentos sobre o motivo de eu me sentir assim. Ontem à noite, ele me pressionou demais. O jeito que ele olha para mim, o jeito que ele está comigo. Eu não quero que isso mude. Se ele conhece minha história, ele me tratará de maneira diferente. Não quero ser algum tipo de vítima dele.

— Quero pintar o seu lago, — declaro, cutucando sua bochecha com meu dedão do pé.

— Eu sei, — ele responde simplesmente, virando o rosto no meu pé e rangendo os dentes de brincadeira. — Como eu disse, é todo seu. — Nossos sorrisos colidem. — Apenas me avise quando, e eu vou buscá-la. Você pode colocar todo o seu equipamento na traseira da minha caminhonete.

— Talvez eu feche a loja mais cedo um dia, se estiver tudo bem com você.

— Gostaria de ter você aqui a cada minuto do dia, se eu pudesse, — diz ele, a declaração brilhando sem esforço. Eu o estudo, procurando por qualquer pista de que sua declaração o surpreenda tanto quanto a mim. Não encontro nada; ele apenas me dá um meio sorriso, como se estivesse ciente do que estou fazendo e reforçando ainda mais sua declaração. Estou prestes

a gritar, *você pode!* Por que nada me faria mais feliz do que passar os dias aqui com ele - pintando, abraçando, tomando sorvete, fazendo balanços, tomando banho aqui fora e pintando pontes. Mas isso não é apenas sobre ele e eu.

— Você falou com Alex hoje de manhã? — A filha de Ryan é sua prioridade. Eu não. Ela tem sido tão receptiva e encorajadora, mas não quero ultrapassar os limites. Em primeiro lugar, Ryan pertence a ela. Eu respeito isso.

— Vou buscá-la na casa da mãe ainda esta manhã. — Ele cava fundo no pote e lambe a colher antes de jogá-los de lado. — Até lá— ele balança de costas, fazendo a rede balançar precariamente — você é toda minha.

Eu grito quando estamos embalados, minhas mãos agarrando-se firmemente aos lados. — E o banho? — Eu digo rindo, o vapor agora subindo dos azulejos de concreto na barraca.

— O banho pode esperar. — A visão de seu corpo grande, forte e viril balançando a rede enquanto ele se arrasta em minha direção é realmente bastante divertida. Ele avança alguns centímetros cautelosamente, suspira e para quando balançamos perigosamente, espera que estabilizemos e depois avança novamente. E repete. Mais de uma vez, tenho certeza de que seremos virados e jogados no chão, meu corpo todo tenso.

Quando ele está no meio do caminho para mim, ele obviamente decide que está fazendo tudo errado e se lança o resto do caminho, pousando em mim com um grunhido. Eu rio forte, agarrando seus ombros para impedí-lo de cair. Isso não funciona. O céu vira sobre mim, e minha risada se transforma em um grito quando a sensação de queda toma conta, a velocidade e a gravidade fazendo meu estômago girar. — Ryan! — Fecho os olhos e espero pelo impacto, nossos corpos emaranhados parecendo levar uma eternidade para chegar ao chão.

— Eu peguei você, — diz ele calmamente, realizando algum tipo de virada furtiva no ombro que o faz cair de costas e eu em seu peito. Ele grunhe pelo impacto. — Isso não foi exatamente como eu planejei, — ele ri, ajudando-me a separar meus membros dos dele.

— Seu idiota desajeitado. — Enfio minhas mãos no peito dele e me levanto. — Estava muito feliz relaxando na rede.

— Mas eu queria um abraço, — ele lamenta, agarrando meus ombros e me puxando para baixo novamente. Estou envolvida em seus braços a tal ponto que não consigo respirar. Mas ainda é o paraíso.

— Feliz agora? — Eu pergunto baixinho, dando um beijo em seu peito.

— Você nunca vai saber, — ele suspira, retornando meu gesto e empurrando seus lábios nos meus cabelos. — Vamos voltar para a cama.

Isso não seria maravilhoso? Mas eu tenho uma loja para abrir, uma festa para preparar, e ele tem uma filha para buscar. — Preciso tomar banho e tirar todo esse sorvete pegajoso. — Sento-me, montando-o, e aponto para várias partes do meu corpo onde permanecem as evidências de seu joguinho na noite passada.

— Acho que você descobrirá que te limpei muito bem com a minha língua. — Rapidamente ele se senta e desabotoa minha camisa. — Veja? — Ele sorri para o meu peito e reclina, usando os braços para descansar, todo relaxado.

— Você é incorrigível.

— Eu amo seus peitos. — Ele encolhe os ombros, como se não fosse nada. Como se fosse um fato. Olhando para ele enquanto eu lentamente me levanto, de pé sobre ele, um pé de cada lado de seus quadris, me pergunto se ele percebe que isso para mim, é tudo. Para Ryan, eu sou perfeita e nunca fui perfeita para ninguém. Nem para mim mesma.

Eu passo por cima dele. — Você pode brincar com eles novamente amanhã. — Eu paro quando sua mão envolve meu tornozelo, e olho para baixo e vejo que ele está de lado para se

esticar e me alcançar enquanto eu me afasto. Seu rosto é uma imagem de fofura.

— Volte.

— Eu tenho que tomar banho. E você precisa pegar a Alex. Não quero que você se atrase. — Eu tento me livrar dele, sem sucesso. — Ryan, vamos lá. — Não posso mentir, eu adoraria nada mais do que desaparecer em sua cama por toda a eternidade, mas é irreal e injusto. Se ele não tirar esses olhos de cachorrinho de mim agora, não posso prometer que não testarei quão irreal e injusta posso ser. — Deixe-me ir, — eu digo, balançando a perna.

— Você não vai se arrepender. — Sua voz é baixa e áspera e deve ser proposital.

Ele está pronto para uma vitória. Resisto quando o sinto puxar meu tornozelo e tento evitar seu olhar preguiçoso. Eu estou ferrada. Alex vai me odiar. Minha loja estará fechada o dia todo.

— Não. — Eu chuto minha perna mais agressivamente do que pretendo e, como resultado, uma nuvem de sujeira e folhas flutua em seu rosto, fazendo-o tossir e resmungar. Ops! Eu uso sua distração, enquanto ele está escovando o nariz e a boca, tossindo, para reivindicar minha perna. — Desculpe, — eu digo docilmente, sorrindo nervosamente quando ele lentamente olha para mim, seu peito pulsando como resultado de suas

respirações profundas e pacíficas. — Bem, você deveria ter me deixado ir, — eu argumento e dou um passo para trás quando ele lentamente começa a se levantar. Oh Deus. Ele parece bravo, mas eu sei que é o contrário. Eu sei disso. Estou excitada.

Nada do que Ryan Willis faz ou diz me assusta. Eu não suspeito de suas razões. Eu sei onde estou. E eu sei que ele nunca, nunca vai me machucar intencionalmente.

Ele se endireita, revira os ombros ameaçadoramente e até flexiona a cabeça de um lado para o outro, estalando o pescoço. Eu lhe lanço um sorriso entendedor, e ele luta contra seu instinto natural de devolvê-lo. Então eu giro e corro em disparada, circulando em torno da parte traseira de sua cabana. Eu ouço seus pés batendo no chão e eu rio incontrolavelmente, minha adrenalina trovejando em minhas veias. Olhando por cima do meu ombro, eu o vejo correndo atrás de mim, seu sorriso desenfreado. Olho em volta da caminhonete e paro ofegante. Ryan para do outro lado, seus olhos estreitados, sua tentativa de parecer ameaçador absolutamente desperdiçada em mim.

— Você sabe que eu vou te pegar, — diz ele, nem um pouco sem fôlego.

Eu, por outro lado... Eu já estou acabada. É a antecipação. Deve ser, já que eu mal corri cinquenta metros. — Provavelmente, — eu admito. — Você é ex-MI5, afinal.

— Então por que você está correndo? — Ele circula de um lado e eu do outro.

— Porque eu gosto de você me perseguindo, — digo timidamente, invertendo minha direção quando Ryan o faz. Ele para. Eu paro.

— Eu já peguei você, no entanto.

Oh ele fez. Limpo e preciso. — Você já pegou mais alguém antes?

A cabeça dele se inclina. — Você está falando do meu trabalho ou da minha vida pessoal?

— Vida pessoal. — Eu pressiono meus lábios, segurando meu sorriso enquanto ele me olha com olhos estreitos e brincalhões.

— Não, porque nunca persegui ninguém.

Meu sorriso quebra, minha satisfação é clara. Eu acredito nele. — E para o trabalho?

— Eu persegui muitas pessoas no trabalho.

— E os pegou?

— Sim.

— E matou eles?

— Não.

— Eu não acredito em você, — eu sussurro. Ele está mentindo. Não sei como sei, mas sei. Talvez fosse sua resposta instantânea ou seu rosto repentinamente sério. Ou o olhar de aviso em seu olhar gelado. Ele matou pessoas.

— Você deveria acreditar em mim, — ele diz calmamente.

Eu mordo meu lábio inferior, avaliando-o. Tudo está me dizendo para não pressionar mais, sua expressão, sua linguagem corporal. — Ok, — eu digo, um entendimento que parece passar entre nós.

— Mas isso não significa dizer que eu não faria.

— Matar alguém?

Ele concorda. — Se eu precisasse, sim.

Minha inspiração é rápida, meus olhos pregados nos dele. Ele está tentando me dizer uma coisa? — Tudo bem, — digo novamente, e ele assente, satisfeito.

— Vamos parar com a brincadeira e os jogos. — Sua voz é puro cascalho. — Venha até mim.

Balanço a cabeça, ele respira. — Hannah, — ele avisa.

— Ryan, — eu respondo docemente.

Ele ri, olhando para o peito nu e pegando a cintura de sua cueca, consertando-a. Naturalmente, meus olhos seguem suas mãos. O estômago dele. Um artista não conseguiria pintar um estômago mais perfeito. Seus músculos, seu físico. Ele é um guerreiro. *Meu* guerreiro.

Ele está subitamente se movendo, e eu grito, disparando ao redor da cabine. Eu não chego muito longe, sentindo seu grande braço enganchar em volta da minha cintura e me levantar, parando a minha tentativa fraca de escapar. Eu rio loucamente enquanto ele ataca meu pescoço, caminhando de volta para a frente de sua cabana com as minhas costas presas a sua frente, minhas pernas se agitando, minhas mãos lutando com o braço no meu estômago. — Aceite seu destino, — ele murmura em minha carne. As vibrações dele falando contra a minha garganta criam uma excitação entre as minhas coxas, e eu imediatamente paro de lutar contra ele, deixando minha cabeça rolar para trás, dando-lhe melhor acesso.

— Qual é o meu destino? — Eu pergunto, tocando seus cabelos e penteando os fios com os dedos. Ele separa a boca do meu pescoço e me vira em seu abraço.

— Eu, — diz ele, segurando minha cabeça com as duas mãos grandes e me beijando até o esquecimento. Estou instantaneamente sem fôlego, consumida, toda sua novamente.

Estou completamente e totalmente envolvida nele, em mais de uma maneira. Eu murmuro em torno de sua boca, querendo que ele ouça como estou satisfeita com sua resposta. Se Ryan é meu destino, então eu não sonharia em desafiá-lo. E se ele é meu destino, certamente eu sou dele.

Então o destino dele é ser enganado e se apaixonar por alguém que não é a mulher que ele pensa que é?

Seu destino é ser enganado e ter as pessoas mentindo para ele?

Eu fecho meus olhos. Não consigo pensar assim. Seu destino sou eu como sou agora. Eu suspiro em sua boca desanimada e quebro nosso beijo, dando um abraço, agarrando-me a ele como se ele fosse minha vida. Se ele sente minha súbita melancolia, ele não admite, mas, em vez disso, me pega da maneira fácil que ele faz, apenas me levantando com a flexão de um braço em volta das costas e me levando de volta para a cabana.

— Espere, — eu digo abruptamente, levando-o a parar. Aproximo-me do galpão e lentamente me afasto dele, contornando seu corpo e vagando até o que chamou minha atenção. Eu me aproximo, cautelosamente, e descanso minha mão no assento. — Minha bicicleta, — murmuro, olhando para ele.

— Alex queria dar a você, — Ryan diz completamente imperturbável enquanto se junta a mim, avaliando-a. — Encontrei jogada nos arbustos da estrada. Alex e eu consertamos para você.

Eu apenas o encaro e, por razões que provavelmente nunca vou saber, ou talvez eu saiba , fico chorosa. Eu rapidamente desvio o olhar de Ryan quando ele desvia sua atenção da minha bicicleta, engolindo minha emoção. Está brilhando como nova. Na verdade, não era tão brilhante quando a comprei em uma loja de segunda mão. Está positivamente reluzente.

— O que você fez? — Eu pergunto, circulando, absorvendo a transformação. Novas rodas, com pequenas pérolas coloridas nos fusos, uma pintura completa em um vermelho vibrante de carro de bombeiros, uma nova capa de assento floral acolchoada, franjas de arco-íris penduradas no guidão.

— Nós deixamos a sua cara, — ele diz simplesmente, e eu disparo meus olhos para ele. Ele encolhe os ombros. — Palavras de Alex, não minhas.

A emoção que eu consegui acalmar volta à superfície. Eles a deixaram a minha cara. Eles a fizeram bonita, brilhante e colorida. Eles injetaram vida na minha bicicleta gasta.

— Ei, por que as lágrimas? — Ryan pergunta, movendo-se enquanto eu cubro meu rosto para esconder os rios que correm

pelas minhas bochechas. — Merda, você não gostou? — Ele me abraça, prendendo meus braços entre nossos peitos. — Se não, tudo bem. Vou comprar uma nova, mas você pode fingir que gostou dessa? Alex está tão empolgada em mostrar a você.

— Não, eu amei. — Eu coloco algum sentido em mim, forçando nossos corpos separados e dando uma olhada na minha bicicleta nascida de novo. Agora percebo também a nova cesta, que é mais profunda. Há até luzes na frente e nas costas e vejo meu nome na moldura transversal.

— E isso é para transportar suas coisas artísticas para onde você quiser pintar. — Ryan puxa um mini trailer para frente e o prende na parte de trás.

Oh meu Deus. Ele pensou em tudo. — Ninguém nunca fez algo tão bom para mim. — Eu olho para Ryan, agora confortável com o estado do meu rosto e ele o vendo. Quero que ele saiba o quanto isso significa para mim e significa o mundo absoluto. Essa coisa simples e atenciosa. Ryan não foi apenas me comprar uma bicicleta nova. Ele sabia o quanto eu amava essa, então ele a consertou. Ele e Alex passaram horas fazendo isso.

— Nem ontem à noite? — Ryan diz, e eu rio, cutucando-o na lateral com meu ombro. Ele passa um braço em volta de mim e me puxa. — Estou feliz que você ame.

— Eu mais que amo. Posso levar comigo?

— Receio que não. — Ele beija minha cabeça e me leva de volta para a cabana. — Alex quer toda a glória. E ela ainda precisa prender sua nova campainha.

Olho para trás, sorrindo para minha bicicleta nova e elegante. — Então eu deveria parecer surpresa?

— Sim, muito surpresa. — Ele aponta para o quarto. — Certamente sua nova bicicleta me faz merecer algum tipo de recompensa.

Como posso recusar? Não que eu fosse recusar, com ou sem bicicleta. Giro com os pés descalços e rebolo em seu quarto. — O Chunky Monkey vai se juntar a nós?

— Não, você é toda minha. — Ele me persegue e me leva até a cama. — E eu, Hannah Bright, sou todo seu. — E ele me beija.

Quando Ryan estaciona do lado de fora da minha loja, ele estica o pescoço, inclinando-se no banco para olhar a frente da minha loja. Sua posição me dá a visão perfeita de sua garganta esticada. Ele está de bermuda preta e camiseta, o cabelo ainda úmido do chuveiro e a barba um pouco mais desgrenhada por causa do barbear perdido. Porque ficamos sem tempo. Eu sorrio para mim mesma enquanto o admiro. Sua voz é áspera. Suas mãos grandes. Sua mandíbula afiada. Sua voz profunda. Tão despretensioso e gentil.

Eu não percebo que estou mais ou menos encarando ele até que ele se vire para mim em seu assento. Eu pisco e pego a maçaneta da porta. — Obrigada por me trazer para casa.

— De nada.

— E obrigada por deixar minha bicicleta bonita.

— De nada.

— E pela noite passada.

— De nada novamente.

— E...

— Hannah. — Ele ri levemente. — Entendi. Você está grata. — Revirando os olhos, ele me entrega seu telefone celular. — Coloque seu número.

Eu dou um grande sorriso enquanto eu digito, ligando para mim mesma para ter o dele também, antes de devolvê-lo a ele. Ele pula e dá a volta no caminhão, me pegando pela mão. Olho para nossos dedos entrelaçados enquanto ele me leva até a porta, tão dominada pela certeza de seu toque. Como ele lida comigo. Às vezes é áspero, mas nunca sinto vibrações de raiva. Não perco o fôlego com medo. Eu perco com outra coisa. Pela primeira vez na minha vida, gosto da sensação das mãos de um homem em mim. As mãos de Ryan.

Quando chegamos à porta, ele aponta para a fechadura e eu rapidamente deslizo minha mão no bolso do meu vestido para recuperar minhas chaves. Mas elas não estão lá. Faço uma pausa, pensando. Lembro-me de colocá-las no bolso a caminho da loja ontem à noite. Então onde...

Ah não. Eu olho para ele, meus olhos cheios de desculpas. Eu já o desviei esta manhã, não que fosse minha culpa, é claro. Foi ele que não conseguiu tirar as mãos de mim. Agora ele terá que dirigir de volta para sua cabana, para que eu possa encontrar minhas chaves.

Eu vejo o pensamento estalar em sua mente, e ele fecha os olhos. Mas ele sorri. — Onde elas estão?

— Eles *estavam* no meu bolso. — Eu poderia me chutar. Eu realmente preciso conseguir uma bolsa para mim. Mas eu não gosto de bolsas. Qualquer acessório, de fato. Para mim, eles simbolizam restrição. Controle. Eles simbolizam desculpas.

— *Estavam*? — Ryan pergunta.

— Bem, elas estavam até você aparecer todo homem das cavernas e me jogar por cima do ombro ontem à noite. Agora... — Eu dou de ombros.

— Então, basicamente, elas podem estar em qualquer lugar da floresta? — Ele diz, olhando para as janelas do meu

apartamento. Basicamente sim. O que significa que elas provavelmente se foram para sempre.

— Existe um chaveiro por perto? — Eu pergunto em vão, sabendo que é uma pergunta estúpida.

— Sim.

— Há! — Minha voz estridente é um pouco surpresa, muito aliviada.

Ele pega o cano de esgoto à direita da minha porta e dá um pequeno puxão. — Eu. — Seus pés saem do chão e ele sobe um pouco mais de três metros, pegando o metal com as duas mãos. E assisto com total espanto, e talvez com admiração, quando ele desliza pelo cano de esgoto, seus treiners[3] forçados na parede, os braços em toda a extensão enquanto ele se inclina para trás. Isso explica o gosto de Alex por escalar coisas. Também traz um ataque violento de imagens mentais. Elas são de Ryan. Armado. Perseguindo o inimigo. Minhas suspeitas só aumentam quanto mais eu o conheço. Ele era definitivamente um espião ou algo igualmente emocionante. Ele pode nunca admitir isso para mim, ele provavelmente teve que assinar um contrato de sigilo ou algo assim, mas eu sei. Eu só... sei.

— O que você está fazendo? — Eu grito para ele.

[3] Tipo de tênis confortável e leve, normalmente utilizado na prática de esportes.

Ele para e olha para mim, soltando uma mão e apontando para a janela do meu quarto. — Está aberta.

Franzo a testa e sigo sua mão. Está? Como eu poderia ser tão boba? — Mas eu... — Eu paro e me concentro novamente em Ryan. — Só tome cuidado.

Ele sorri, e a visão não é nada menos que linda. Seus sorrisos são perversos, da melhor maneira possível, seus olhos brilhando a cada vez. — Você está preocupada comigo?

Eu bufo. — Improvável, — respondo, segurando o cano como se eu pudesse dar algum tipo de assistência. — Porque você era um espião no MI5, certo?

O brilho em seus olhos cresce. — Se você diz.

Ele parte de novo, movendo-se com muita agilidade e eficiência para um cara de sua constituição, erguendo-se com os braços grandes facilmente. E a partir daqui, tenho a visão perfeita de suas costas. E suas coxas grossas. E ele... Afasto as faíscas de desejo. — Eu digo, — sussurro para mim mesma.

Ele alcança a janela. Oh, inferno. Eu estremeço, apertando os olhos, quando ele virtualmente se joga e pega a borda. Minha respiração fica presa na garganta. — Tome cuidado! — Eu grito quando ele sai da borda.

Ele olha para mim. Ele ainda está sorrindo, o lunático. Em uma piscadela atrevida, ele faz alguns movimentos acrobáticos

loucos, as pernas subindo nos tijolos, a mão segurando a parte superior da janela. Ele está literalmente pendurado na lateral da minha loja, realizou alguns movimentos sérios de ginástica para chegar lá, e o homem nem sequer começou a suar. Ele é um James Bond da vida real. Eu solto o cano de esgoto no qual ainda estou me agarrando e dou um passo para trás, observando enquanto ele joga as pernas pela janela, seu corpo seguindo suavemente. — Aposto que ele também terminou de pé, — digo para mim mesma quando sua cabeça sai.

Ele está sorrindo, e é feroz, com a cabeça inclinada para o lado. — Seu quarto?

Eu faço uma careta para ele. — Sim, — digo em um aviso prolongado. — Não tenha ideias.

— Como o quê? Vasculhar suas gavetas? — Ele balança uma sobrancelha e eu rio alto. Principalmente porque se ele espera encontrar algo parecido com roupa íntima sexy, ele ficará muito decepcionado. Algodão branco, simples e liso, para mim. Hoje em dia, pelo menos.

— Venha abrir a porta, — ordeno, o mais severamente possível, através da minha risada. Ele se vai rapidamente, embora as consequências de sua brincadeira permaneçam comigo enquanto eu sorrio até a porta e me sento. Que manhã iluminadora tem sido.

Ryan. Até o nome dele me faz sorrir. Ele é tão fácil de estar por perto, e eu nunca esperava me sentir assim depois...

Eu deixo meus pensamentos pararem por aí.

— Ei. — Ele aparece atrás de mim e eu olho para cima, incapaz de manter meu sorriso distante. Pego sua mão oferecida e ele me ajuda a levantar. — Você tem chaves sobressalentes? — Ele pergunta. — Caso contrário, posso providenciar para que um chaveiro venha de Grange.

— Eu tenho, — asseguro-lhe, gostando inesperadamente do som dele assumindo o comando assim. Eu vou até ele e o alcanço, beijando-o levemente nos lábios. — Vejo você mais tarde?

— Com certeza. — Ele devolve meu beijo, embora seja apenas casto, provavelmente porque nós dois sabemos o que acontecerá se línguas forem introduzidas. Então ele sai, e eu envolvo meus braços em volta de mim, como se para conter o calor irradiando através de mim. Vagando pela janela, me inclino na moldura e olho para a rua. Essa incrível sensação de leveza e serenidade está me elevando mais alto do que eu pensava ser possível.

Eu odeio a parte minúscula do meu cérebro por gritar comigo que o que sobe deve descer.

Eu vejo Ryan começar a correr antes de perdê-lo de vista e, relutantemente, me afasto, verificando se todas as janelas estão trancadas, tentando lembrar quando abri a do meu quarto. Eu não fiz... fiz?

18

Ryan

Quando terminei minha corrida pela cidade e voltei para a minha caminhonete, senti que poderia fazer tudo de novo, dez vezes. Eu estou leve. Sorrindo constantemente por dentro.

Quando abro a porta do motorista, espio a loja de Hannah. Ela está sentada em um banquinho, um pincel preso entre os dentes enquanto olha para uma tela em branco. Eu quase cedo ao desejo de entrar lá e dar a ela a inspiração que ela procura. Mas...

Não a sufoque demais. Dê espaço a ela. Especialmente quando ela está trancada e carregada de tintas. Mas e se ela não quiser espaço? E se eu fizer o dia dela melhor entrando lá e sufocando-a?

E se eu não fizer?

Eu me forço a entrar em minha caminhonete e saio rapidamente antes que eu possa discutir mais comigo mesmo. Eu posso vê-la mais tarde.

Enquanto passo pela rua principal vejo Molly em uma escada alcançando um poste de luz. Por um momento, eu me pergunto o que diabos ela está fazendo. Então eu registro o pequeno exército de crianças no campo de jogo, e eu lembro...

— A festa da cidade, — murmuro baixinho, meu humor piorando. Penso em Alex, em todos os anos, ela é exibida no palco como um porco no show. Eu deveria me impor e acabar com essa loucura. Ela tem dez anos, pelo amor de Deus. Já é o suficiente.

Eu aceno para mim mesmo enquanto caminho para o Hampton Estate, minha atenção desviada da festa anual que se aproxima quando vejo um Rolls-Royce parado na frente da casa principal. Eu conheço esse carro. Paro devagar quando o marido de Darcy, Casper, sai da casa, arrastando uma mala pelo cascalho. Ele está deixando rastros que certamente levarão Lady Hampton a um colapso. A mãe de Darcy terá o jardineiro aqui com um estalar de seus dedos para colocar tudo de volta ao seu perfeito lugar.

Quando saio da minha caminhonete, Casper me observa e levanto minha mão em um olá civilizado. Ele acena com a cabeça de forma brusca, tão brusco como sempre foi comigo, e

segue seu caminho, levando a mala para o bagageiro do carro sem esperar que um dos funcionários da casa o ajude. Parece que ele está com pressa. Então eu a ouço. A mãe encantadora da minha filha.

— Casper! — Darcy voa para fora de casa, soando tão frenética quanto parece. — Casper, espera! — Ela está com uma túnica de cetim que está flutuando atrás dela enquanto se arrasta nos chinelos mais ridículos que eu já vi, embora seja perfeitamente Darcy. Eles são de salto alto porra, com pompons rosa bebê nos dedos dos pés e um enorme diamante brilhante aninhado nos pompons fofos. Suspiro incrédulo, embora não saiba o porquê. Esta é Darcy Hampton, afinal. A mulher que me surpreende há anos com seu lábio superior rígido e o corpo com adereços há muitos anos.

Ela não percebe a mim e a minha grande caminhonete, enquanto manca precariamente pelo cascalho naqueles saltos capazes de quebrar tornozelos, gemendo como uma banshee[4]. — Casper, você não pode ir!

— Estou indo embora, Darcy, — ele resmunga enquanto fecha o porta-malas e se dirige para a porta do motorista. Não sei como, é realmente um milagre, mas Darcy chega a tempo de impedir Casper de fechar a porta. — Darcy, saia do meu caminho!

[4] É um ente fantástico da mitologia celta (Irlanda) que é conhecida como Bean Nighe na mitologia. Fala-se que a Banshee seria um ser maligno.

— Não, não vou deixar você sair. Não posso ficar sem você, Casper. O que as pessoas vão dizer? Vou ser motivo de chacota!

Balanço minha cabeça em decepção. Um motivo de chacota. Levo as pontas dos dedos às têmporas e esfrego com firmeza, ouvindo-a gritar sobre o nome da família, o escândalo, o constrangimento que ela terá que enfrentar.

— Casper seja razoável. — Ela agarra o braço dele com as unhas perfeitamente feitas. — Vou me esforçar mais. Gastar menos.

— Eu conheci outra pessoa, Darcy, — Casper resmunga, e eu levanto minha cabeça, chocado. Ele a está deixando por outra mulher? — Estou apaixonado por ela.

Eu estremeço em nome de Darcy.

— Não importa, — diz ela, seu desespero crescendo. — Nós vamos resolver. Tem que haver um jeito. — Ela tenta abraçá-lo, mas ele a afasta. — Casper, por favor. Não faça isso comigo. Não posso enfrentar a humilhação.

— Afaste-se, mulher! — Ele grita, empurrando-a agressivamente. Darcy cambaleia para trás, aqueles saltos não lhe fazendo nenhum favor para ajudá-la a ficar de pé, e ela cai em sua bunda elegante com um grito de surpresa, as palmas das mãos atingindo o cascalho com um baque.

Que diabos? Corro pela calçada furioso meu sangue fervendo, e arranco Casper para fora de seu carro, empurrando-me contra ele pela barra da camisa. — Sério? — Eu rosno. — Como você ousa, seu magricelo? — Seus olhos estão arregalados e alarmados, a cabeça erguida para trás.

— Ela não desiste. Ela não me deixa sair.

— Não ligo se ela apontou uma arma na sua cabeça. Você *não* levanta a mão para uma mulher, está me ouvindo?

Ele assente, olhando para longe, e embora eu esteja furioso 'pra' caralho, posso ver através da minha raiva que ele está com vergonha. Bom. Eu o solto com um empurrão e me viro para Darcy. Ela está olhando para mim, um emaranhado confuso de glamour espalhado na calçada de cascalho. Sim, eu desprezo a mulher, constantemente ameaço mentalmente estrangulá-la, mas é tudo brincadeira. Mais ou menos.

Eu ofereço a minha mão e seu lábio balança quando ela a pega, deixando-me ajudá-la. — Ok? — Eu pergunto, e ela rapidamente me libera, começando a arrumar o cabelo e a túnica. Não sinto prazer em sua mortificação, embora o motivo de ela estar mortificada esteja em debate. Porque eu testemunhei esse pequeno incidente doméstico, ou porque eu vi Darcy com uma mecha de cabelo fora do lugar?

— Tudo bem, — ela cospe daquele jeito adorável de Darcy antes de pisar no cascalho e desaparecer rapidamente na casa.

— Ryan, eu nunca coloquei um dedo nela antes, — diz Casper, também se preparando. — Eu fui ríspido. A frustração. O estresse.

— As circunstâncias não têm nada a ver comigo. Eu não poderia me importar menos. Só nunca mais a toque assim. — volto para a minha caminhonete, mas algo chama minha atenção pelo canto do olho. — Alex? — Eu chamo, me aproximando do pilar do lado de fora da garagem coberta, enquanto ela se afasta de atrás dele. Suspiro e caminho até ela, meus tênis esmagando o cascalho e contornando a alta coluna de pedra. — Você seria uma péssima espiã. — Claramente ela não herdou meus movimentos furtivos. Eu a conduzo pelos ombros de volta à minha caminhonete. — Quanto disso você viu? — Eu pergunto, abrindo a porta do passageiro e fazendo sinal para ela entrar. Dobro e apoio as mãos na beira do assento dela, me inclinando.

Ela faz beicinho enquanto tira as sapatilhas de couro preto e as joga no chão do carro. — Tudo isso.

Merda. — Desculpe, você ter visto isso.

— Não se preocupe. — Ela encolhe os ombros. — Merdas acontecem.

Eu não a corrijo, não desta vez, apenas puxo a faixa do seu rabo de cavalo e jogo a coisa de babados no painel. — Quer falar sobre isso?

— Não.

Dou-lhe uma última longa olhada antes de fechar a porta, depois vou para o lado do motorista. Essa conversa ainda não acabou, mas vou lhe dar um pouco de espaço para respirar por enquanto. Eu ligo o motor e me afasto enquanto Alex vasculha o chão em busca de calçados adequados. Ela encontra alguns velhos converses vermelhos surrados e os coloca no pé.

— Como está Hannah? — Ela pergunta.

Olho para ela, minha expressão cautelosa. — Bem.

— É o que os adultos dizem quando não estão bem. Mamãe está sempre *bem*. — Ela balança o braço para trás, indicando a bagunça que acabamos de deixar para trás. — Claramente, ela não está bem.

Eu não posso discutir com isso. — Hannah está ótima, — digo a ela. *Muito* bem. É o máximo que ela está recebendo. Pego a garrafa de água do suporte entre nós e torço a tampa com os dentes. Eu cuspo na direção de Alex, sorrindo quando ela pega.

— Quão ótima?

Engulo e limpo a boca com as costas da mão. Como chegamos a Hannah, afinal? — Pensei que íamos conversar sobre sua mãe e Casper.

— Não, *você* ia falar sobre minha mãe e Casper. Eu quero falar sobre Hannah. — Ela se serve da água na minha mão e dá alguns goles. — Então fale.

— Você é curiosa, sabia disso? — Foda-se, já enfrentei algumas situações desconfortáveis na minha vida. Mantive minha cara de expert em pôquer quando estava em um trabalho, me mantendo calmo. No entanto, quando minha filha me interroga sobre a minha vida amorosa, tudo fica uma merda.

— Estamos namorando, — murmuro.

— Namorando, minha bunda. — Diz ela.

— Eu não te criei para falar assim. — Lanço um olhar descontente. Eu sei que terá impacto zero, mas ainda assim. Quem é o pai por aqui? — Agora, volte para sua mãe.

Ela desvia o olhar, olhando pela janela. — Eu só quero que todos sejam felizes.

Meu coração cai como uma pedra no meu peito. — Repolho, você não pode controlar outras pessoas e o que elas fazem. A vida jogará bolas curvas o tempo todo. É como você lida com eles que molda quem você é. — Ela arrasta seu Converse no painel, com o rosto emburrado, e eu estendo a mão para apertar sua perna. — Sua mãe vai ficar bem.

— Se você a odeia tanto, por que agrediu Casper?

Não sei quantas vezes preciso contar a ela. — Não odeio sua mãe. Eu apenas a acho... desafiadora. — Boa escolha de palavras. — Talvez eu não a ame, mas me importo com ela.

— Porque ela é minha mãe?

— Exatamente, e sem ela, não haveria você.

Eu estaciono do lado de fora da cabana e Alex pula para o galpão onde está a bicicleta de Hannah. — Acho que deveríamos dar a ela mais tarde. Eu vou colocar a campainha hoje. E polir tudo.

— O que você quiser. — Espero que Hannah seja uma boa atriz. Vou para dentro, jogo minhas chaves no balcão e pego uma garrafa de água da geladeira. — Quer cortar lenha para o fogo? — Eu grito de volta enquanto caminho para o meu quarto.

— Sim! Eu vou primeiro andar no carrinho de mão com uma espingarda!

— Você não anda em um carrinho de mão segurando uma espingarda, Repolho. Já te disse antes. — Troco meus shorts por algumas calças de combate e enfio os pés em algumas botas, vestindo uma camiseta nova enquanto saio.

— Sim, mas parece muito legal, — diz ela quando passo, me fazendo rir saindo da cabana. Ela está em uma busca rápida, passando por mim para chegar ao carrinho de mão. Ela cai, com as pernas penduradas na borda e recolhe um dos

machados ao lado dela, apontando-o 'pra' frente. — Adiante, — ela grita.

— Vestida para a ocasião, entendi. — Pego as alças do carrinho e levanto, empurrando para dentro da floresta.

Alex olha para as lantejoulas em sua saia floral inchada, onde seu machado agora está. — Você não gosta? — Seu tom é cheio de sarcasmo enquanto ela acaricia o tecido. — E a blusa?

Olho para a monstruosidade de cetim com babados. Depois, para o boné de beisebol na cabeça. E os converses em seus pés que parecem estar prontos para o lixo. — Linda.

Ela relaxa de volta, olhando para mim enquanto eu empurro. — É isso que eu vou vestir quando você e Hannah se casarem.

Meus olhos caem. — Pare com isso.

Ela ri e pula do carrinho de mão enquanto ele ainda está se movendo, correndo pela clareira que alcançamos. — Esta parece que está pronta para ser derrubada. — Ela chuta o tronco da bétula morta, olhando para os galhos. — O que você acha?

— Eu acho que você está certa. — Ponho o carrinho de mão no chão e pego meu machado, balançando-o enquanto caminho. — Mas é grande demais para você. — Olho em volta, ouvindo Alex bufar, descontente. Vejo uma pequena conífera a

alguns metros de distância. — Você pega essa, eu vou pegar essa.

— Isso é minúsculo!

— Assim como você. — Eu tiro minha camiseta e a jogo de lado, levantando meu machado e baixando-o com um rugido.

Passamos quatro horas na floresta e coletamos lenha suficiente para durar um ano. Meus músculos doem deliciosamente quando voltamos à cidade para pegar um jantar, mas meus ouvidos estão sangrando quando Alex canta a letra de — Wild Thing — dos Troggs, usando o painel do carro como bateria.

Estendo a mão e abaixo o som. — Alguém já lhe disse que você tem um gosto musical muito estranho?

— Sim. Você. O tempo todo. — Ela estende a mão e aumenta o volume novamente, voltando a bater e estapear o painel. Minha filha é maluca. E eu a amo ainda mais por isso, sem vergonha, desinibida, selvagem. Pelo menos, ela é quando está comigo. Olho para ela, sorrindo, no momento em que o braço dela voa em direção ao para-brisa. — Pai, cuidado!

Tomo um susto e coloco as duas mãos no volante, vendo um caminhão vindo de frente para nós. — Porra! — Minha mente demora muito para perceber que está do lado errado da estrada. Nosso lado. E não está saindo do caminho.

— Papai! — Alex grita, me dando um tapa no braço e apontando para a estrada novamente, como se eu pudesse perder ele se aproximando cada vez mais. Está ultrapassando o limite de velocidade dessa região.

Eu bato na buzina com força, dividido entre desviar ou não. Se eu desviar e esse babaca desviar, vamos bater de frente.

— Maldito inferno, — eu respiro. A adrenalina passa por mim e eu puxo o volante com força no último segundo, estremecendo quando o som de pneus guinchando perfura o ar. O outro caminhão acerta o meu carro, sacudindo-o violentamente enquanto eu derrapo na lama da estrada, pisando no freio para evitar bater em um enorme carvalho.

Nós paramos abruptamente. — Meu senhor, Jesus, — Alex respira ao meu lado, as mãos agarradas ao assento em ambos os lados da cintura.

— Você está bem? — Eu pergunto enquanto desabotoo o cinto, registrando seu aceno de cabeça com o choque enquanto pulo e corro pela traseira da minha caminhonete para tentar pegar a placa de identificação do imbecil que nos tirou da estrada.

— Porra. — Eu chuto a pilha de folhas aos meus pés, apenas vendo a extremidade traseira do Mitsubishi desaparecer em uma curva. Tudo em mim quer perseguir o estúpido filho da puta e chutar dez toneladas de merda fora dele, mas...

Inspiro, tentando acalmar minha raiva, e vou até Alex, abrindo a porta e observando seu corpo rígido. Ela vira os olhos arregalados para mim. — Que idiota! — ela grita, soltando o cinto e pulando para fora. Ela corre para a beira da estrada, com os braços agitados. — Aprenda a dirigir, idiota!

— Acho que ele não pode ouví-la, — murmuro, verificando os danos. — Filho da puta. — Uma série de arranhões se estende do para-choque até a porta.

Eu ouço Alex pisando de volta para mim, com as mãos nos quadris. — É bom que o MI5 tenha ensinado a dirigir corretamente quando você era um policial, ou poderíamos estar mortos.

Eu rio baixinho enquanto me endireito, olhando pela estrada até a curva. — Sim, — eu respondo calmamente.

Chegamos à cidade sem mais incidentes, e estaciono do lado de fora da loja do Sr. Chaps, meu olhar naturalmente se dirigindo para a loja alguns prédios abaixo, imaginando que tipo de dia Hannah teve e se ela encontrou inspiração para aquela tela em branco. Sorrio interiormente, pensando que vou aparecer e descobrir, assim que conseguir o que precisamos da loja.

— Ei, pai, posso pegar um dos bolinhos de mirtilo da sra. Heaven?

— Certo. — Coloco a mão no bolso e tiro uma libra, passando para Alex. Ela pega e sai correndo. — O que você quer jantar? — Eu chamo.

— Você escolhe. — Ela abre caminho para o café, e eu pego uma cesta na entrada do Sr. Chaps, percorrendo mentalmente minha lista de compras enquanto ando pelos corredores, decidindo escolher hambúrgueres. Converso um pouco com Brianna no caixa, enquanto ela registra as compras e eu arrumo as sacolas, e mostro um sorriso para ela quando saio, parecendo surpreendê-la.

O que posso dizer? Estou de bom humor, tirando o motorista imbecil. Mas meu bom humor acaba quando eu quase colido com Darcy quando vou embora. — Oh! — Ela grita, pulando para trás.

Eu a evito, certificando-me de não a pegar com minhas sacolas, o que é improvável já que ela abre caminho para mim, empurrando-se contra o caixote de batatas nas proximidades. Ela se recompôs desde que a vi hoje de manhã, seu vestido lápis não tem um único vinco, seu cabelo e maquiagem impecáveis. — Não sou contagioso, Darcy.

— Eu nunca disse que você era, — ela responde enquanto tira as luvas de couro.

— Você não precisa. — Eu passo por ela, certificando-me de manter distância.

— Ryan, espere. — Há urgência em sua voz e uma certa suavidade que não estou acostumado. Portanto, sou cauteloso. Realmente cauteloso.

Eu desacelero e me viro. — O que?

Ela se vira, os olhos disparando um pouco. — Sobre esta manhã.

— Você não precisa explicar. — Vi o que vi, ouvi o que ouvi, fiz o que fiz. É isso aí. Começo a seguir meu caminho.

— Não, quero explicar. Eu queria te agradecer.

O quê? Eu diminuo parando novamente. — Você não precisa me agradecer. Qualquer homem teria feito o mesmo.

— Talvez, mas foi *você* quem me defendeu.

Desde quando Darcy Hampton me agradece por alguma coisa? Veja bem, eu já fiz coisas para merecer um agradecimento? Sim. Eu não a estrangulei quando ela tentou passar minha filha como filha de outro homem. Isso merece um agradecimento.

— Então, obrigada.

— De nada. — Eu continuo para minha caminhonete, surpreso quando Darcy me segue. — Há mais alguma coisa? — Eu pergunto, não bruscamente, mas não particularmente amigável.

Ela se aproxima um pouco mais, o que por si só é estranho. Ela geralmente está muito decidida a colocar a maior distância possível entre nós. — Você se importaria se eu ficasse com Alexandra hoje à noite?

Ela nunca me pergunta nada, apenas me diz. Quem é esta mulher? — Por quê? Você a teve ontem à noite.

— Eu sei, mas ontem à noite eu... — Ela se afasta e respira fundo. — Ontem à noite eu não era eu mesma. Eu só quero um tempo de mãe e filha com ela. Você sabe? Maquiagem, roupas, alguns petiscos.

Petiscos. Como caviar e pãezinhos fofos? Olho as sacolas em minhas mãos, cheias de ingredientes para fazer alguns hambúrgueres grandes, gordos e suculentos. E maquiagem e roupas? Uma imagem de Alex cortando lenha em seus babados e tênis Converse esta manhã passa pela minha mente. — Darcy, eu não... — Eu rapidamente paro de condená-la por forçar sua mania de grandeza à nossa filha. O marido a abandonou esta manhã. *E* por outra mulher. A quem ele aparentemente ama. Darcy está sozinha. Triste. Quer companhia. — Claro, — concordo, sem pensar muito mais, surpreendendo a mim *e* Darcy. Talvez eu devesse ter perguntado a Alex primeiro.

Ela sorri brilhantemente para mim. Eu não acho que Darcy Hampton sorriu para mim desde aquela noite fatídica

onze anos atrás, quando ela golpeou seus cílios e meu pau ficou em atenção. — Obrigada, Ryan.

Outro agradecimento. Para onde o mundo vai? — Sem problemas. — Coloco minhas compras na traseira da minha caminhonete e bato a porta traseira, olhando para Alex procurando no café, sem ver nenhum sinal dela. — Você quer levá-la agora ou devo deixá-la mais tarde?

— Onde ela está?

Aponto minhas chaves para o café no momento em que minha garota sai dançando com um bolinho enfiado em sua boca. — Lá.

Darcy se vira e joga os braços para cima. — Querida!

— Mãe? — Alex vacila, dando risada de mim. Ela mastiga e engole rapidamente, limpando o rosto com a manga da blusa. Espero a reação, me preparando para o suspiro de horror, não apenas pelas maneiras de Alex, mas pelo estado em que ela está. Ao contrário de mim, Alex não tomou banho e se trocou depois do nosso tempo na floresta. Em vez disso, ela poliu a bicicleta de Hannah e colocou a campainha. Um flash de culpa me atinge. Ela queria dar a Hannah a bicicleta esta noite com hambúrgueres e cerveja. Eu vou falar com ela. Podemos dar a nova bicicleta para Hannah em qualquer dia da semana.

Enquanto me inclino contra a lateral da minha caminhonete, observo Darcy se aproximar de Alex, mas não há colapso sobre o traje dela. — Querida, — ela murmura, nem mesmo alisando suas roupas ou limpando as migalhas perdidas de suas costeletas. — Papai concordou que você ficasse comigo esta noite.

— Ele fez? — Ela me lança um olhar curioso.

— Sim. — Darcy pega os braços de Alex e começa a levá-la até a loja. — Vamos ter uma noite de garotas. Eu e você. Que legal!

Eu sufoco minha risada quando o rosto de Alex se transforma em algo próximo da incredulidade. Eu olho para ela. *Vá em frente,* eu murmuro, e ela revira os olhos.

— Emocionante! — Ela grita, jogando o papel do bolinho na lixeira. — Mal posso esperar.

— Eu também, querida. Agora precisamos de suprimentos. — Darcy se vira para mim, trazendo uma Alex cambaleante com ela. — Oh meu Deus, eu só tive a ideia mais fantástica. Por que seu pai não se junta a nós?

Minhas costas deslizam contra minha caminhonete e dou alguns passos para a direita. *Que porra é essa?*

— Sim! — Alex canta. — Essa é uma ótima ideia.

É a pior ideia que já ouvi. O que está acontecendo? Eu ameaço seu marido fugaz, mostro um pouco de respeito, e agora sou parte da família? Acho que não. — Isso é gentil da sua parte, Darcy, — na verdade, estranho da sua parte, — mas maquiagem e roupas não são realmente o meu estilo. — Faço um gesto na minha frente para o meu jeans rasgado, camisa desgastada e botas gastas, como se ela pudesse ter esquecido que eu sou o bárbaro que ela sempre afirma que sou.

— Oh. — Darcy ronca por toda a calçada, rindo histericamente. — Não quis dizer a parte feminina. Mas você pode se juntar a nós para jantar.

Em que dimensão estranha estou?

— Vamos, pai, — implora Alex, avançando com as mãos em oração. Ela está brincando comigo? Sou educado com a mãe dela, mas minha garota sabe que Darcy e eu estamos tão distantes no espectro humano, que também posso ser outra espécie. Nos misturarmos somente o tempo necessário para trocar nossa filha, é o risco que estou disposto a correr. Darcy é maligna. Eu sou benigno. Ela é desagradável. Eu sou suave. Ela é convencida. Eu sou humilde. Eu inspiro pronto para entregar um *não, porra não*, mas o rosto suplicante de Alex afunda minha recusa pretendida e me pego dizendo: — Claro, — antes que eu possa me conter.

O sorriso de Alex não está convencido ou satisfeito. É verdadeiramente feliz. Deus, droga, o que eu fiz?

— Vamos para casa e nos preparar, — diz Darcy, completamente encantada. — Vamos cozinhar para o seu pai, o favorito dele.

Eu apenas me impeço de apontar que ela não tem ideia do que é o meu favorito. Na verdade, Darcy não sabe nada sobre mim. Exceto, é claro, o tamanho do meu pau. E o fato de eu ser o pai da filha dela, embora eu tenha lutado no tribunal por isso. E, obviamente, que eu moro em uma cabana, aparentemente tão atraente quanto uma vala comum.

— Você não sabe qual é o favorito do pai. — Alex fala o que eu deixo de falar, puxando sua mãe animada para parar na porta da loja.

— Bem, você pode me dizer, — diz ela.

— Hambúrgueres, — Alex declara orgulhosamente, e como eu sabia que ela faria, Darcy recua em repulsa, embora ela se recomponha rapidamente. — Então vamos fazer hambúrgueres.

— Ótimo! — Alex bate palmas e eu balanço minha cabeça, completamente perplexo com o que está acontecendo hoje. Darcy Hampton está me preparando o jantar. O mundo realmente ficou louco. — Também precisamos de cervejas, — declara Alex. — E pepinos.

Eu poupo a Darcy o trauma de comprar todas as coisas vis que ela precisa para me fazer hambúrgueres, indo para a traseira da minha caminhonete e puxando a porta traseira. — Você também pode pegar isso. — Pego as bolsas e vou para o carro de Darcy. — Tudo o que você precisa está aqui. Abra o porta-malas.

Ela faz o que eu peço, provavelmente pela primeira vez em sua vida, e eu jogo as sacolas. — Eu tenho algumas coisas para fazer, então eu encontro vocês em breve.

Olho para a loja de Hannah, sentindo a decepção começando a surgir. Eu realmente queria vê-la hoje à noite. *Realmente* queria. Em vez de Chunky Monkey, cerveja, risos, Hannah solta e despreocupada, e muito sexo incrível, terei talheres de prata, champanhe em copos de cristal, sorrisos falsos, Darcy Hampton, tensa e arrogante, e nada de sexo. Ótimo.

Dou um beijo na testa de Alex antes que ela entre no carro de sua mãe, lembrando a mim mesmo que isso é para ela e mais ninguém. — Diga oi para Hannah por mim, — ela sussurra.

— Eu vou.

Elas partem juntas, e eu até recebo uma buzina alegre de Darcy enquanto ela vai. Senhor Todo-Poderoso, não tenho certeza de qual Darcy é mais insuportável.

Eu rapidamente entro de volta para a loja, decidindo que seria melhor mostrar alguma hospitalidade e aparecer na casa da Darcy com algum tipo de oferenda e pegar uma garrafa de vinho.

Sinto meu estômago fazendo cócegas por dentro enquanto pago por isso. Borboletas. Ainda é ridículo... surpreendente.

Eu saio da loja com certa urgência no meu ritmo, minha mente me dizendo que posso passar meia hora com Hannah antes de me juntar a Alex e Darcy, mas diminuo a velocidade quando vejo Hannah do lado de fora. Meu sorriso é instantâneo e me vejo parando gradualmente e à distância, apenas olhando para ela. Admirando-a. Pensando, de novo, de onde ela veio. Eu não acho que me importo. De alguma forma, ela está aqui. E de alguma forma, eu sou o cara de sorte que a encontrou.

Ela está perdida em pensamentos, olhando para alguma coisa, não sei o que, e o cabelo dela está preso ao acaso no topo da cabeça, o cachecol de hoje com estrelas verdes espalhadas por todo o corpo. Ela propositalmente faz o arco em cima ser maior que a cabeça? Provavelmente. Assim como ela garante que cada peça de roupa que ela usa seja de alguns tamanhos grandes demais. Hoje, sua blusa é atada pelas caudas e as mangas arregaçadas até os cotovelos. Seu jeans está rasgado e coberto com inúmeras tonalidades de tinta, e suas Birkenstocks estão gastas, mas, suponho que bastante confortáveis. Ela é simplesmente uma desordem impressionante.

Meu coração palpita no peito e engulo com um pouco de dificuldade antes de ir à calçada. Eu me aproximo silenciosamente, ainda a observando, ainda a admirando, e paro a alguns metros de distância, esperando que ela me note e olhe para cima. Ela não faz.

— Ei.

Ela pula quase um metro no ar, me fazendo pular também. Minha mão pousa no meu peito, mas antes que eu possa encontrar vontade de rir, eu vejo seus olhos. Eles não estão cheios do brilho que eu amo. Nem a diversão e a selvageria. Na verdade, eles estão vazios. Assombrada. Eu recuo surpreso. Ela parece uma concha. Um vaso oco. Até suas roupas parecem cinza de repente.

A temperatura do meu sangue cai alguns graus, instigando espinhos na minha pele. — Hannah? — Eu digo baixinho, minha apreensão clara. Ela olha para mim por alguns momentos, parecendo estar em transe.

Então, como se algo a tivesse arrancado de seu sonho, ela estremece, balança a cabeça, sorri e pisca algumas vezes. — Oi, — ela resmunga, olhando para a calçada. — Desculpe, estou com pressa.

Ela se vira e se afasta. Seu ritmo não é urgente, mas eu posso ver a resistência que está levando ela a não sair correndo.

Ela chega à sua loja, abre a porta e entra antes que eu tenha a chance de deixar os últimos minutos desaparecerem.

Então eu fico olhando a rua, agora em meu próprio torpor, minha cabeça doendo instantaneamente com o esforço que está sendo necessário para descobrir o que diabos aconteceu. Ela realmente acabou de se despedir assim? — *Estou com pressa?* — Eu digo para mim mesmo, sendo notado pelo padre Fitzroy quando ele passa por mim para pegar um jornal na banca.

— Desculpe filho? — Ele pergunta, dobrando-o e colocando-o debaixo do braço. — Nada. — Volto a recuperar meus músculos, caminhando até a caminhonete e jogando a garrafa de vinho no banco do passageiro. Ela não acha seriamente que eu vou sorrir e caminhar de volta para minha cabana, sem fazer perguntas? Ah não. Ela pode esquecer isso.

Eu bato a porta da minha caminhonete com força bruta e ando pela rua até a porta dela. Estou prestes a martelar, meu punho levantado e pronto, mas algo me puxa para trás, minha mão abaixando, minha respiração começando a se estabilizar. A consciência entra em meu sistema, e eu recuo, lutando contra meu instinto de intimidar e exigir respostas. Ela estava assustada. Algo a assustou. Fecho os olhos por alguns segundos e me faço ouvir a razão. Lide com ela gentilmente. Por alguma razão, eu digo isso a mim mesmo com frequência recentemente. Que porra está acontecendo com ela?

Bato na porta com um pouco de controle que realmente não estou sentindo. E espero. Provavelmente não por muito tempo, mas parecem eras. Então eu bato novamente, garantindo que seja calmo e controlado. E espero novamente, contando até vinte para me distrair de derrubar a porta. Nada. Eu me aproximo do vidro, olhando para dentro. Nada da Hannah. Dando alguns passos para trás na calçada, olho para as janelas do apartamento dela. Todas as cortinas estão fechadas. Franzo o cenho, olhando ao meu redor, como se fosse checar a luz do dia. O sol não está nem perto de se pôr. Por que o blecaute no apartamento dela? Meus ossos formigam. É um sentimento que não tenho há muito tempo. Apreensão.

Aproximo-me da porta novamente, protegendo meu rosto enquanto olho através do vidro por algum sinal de vida. Não encontro nenhum sinal, mas encontro algo no chão. Vidro quebrado. Os arrepios que caem sobre mim são imparáveis, e eu pego meu telefone, ligando para ela. O tempo todo que toca, estou ansioso para entrar pela porta e, quando finalmente chega a uma caixa postal automática, xingo, coloco meu telefone de volta no bolso e retiro minha carteira. Pego um cartão de crédito de dentro e me aproximo, deslizando-o até o ponto em que a porta encontra a moldura pela fechadura. Eu ouço o fecho girar, mas quando eu empurro na madeira, a porta não se move. Parafusos.

Afasto-me, inspirando, começando a tremer. Não é a raiva que me deixa assim. É medo. Entro, empurrando meu corpo contra a porta em um grunhido enquanto seguro a maçaneta, não querendo criar muito barulho. Eu ouço o som do metal batendo no chão do outro lado e continuo meu caminho, meus olhos imediatamente caindo no vidro quebrado. Eu suavemente fecho a porta atrás de mim e fico parado por um momento, ouvindo.

Silêncio.

Silêncio agonizante.

Meus anos de trabalho me alertam para não a chamar. Em vez disso, ando com os pés silenciosos pela loja dela até a cozinha dos fundos, sempre vigilante, sempre alerta. Eu chego à cozinha, olhando em direção à porta da escada do apartamento dela. Eu pego a maçaneta. Giro o mais suavemente possível. Puxo uma fração para abrir, tensão me define quando a madeira range. E quando a lacuna é grande o suficiente para eu espiar congelo.

Porque estou olhando para o cano de uma arma.

Inspiro, dando um passo calmo para trás e sigo lentamente o comprimento do braço até o corpo da pessoa que o segura. — Abaixe a arma, Hannah, — digo friamente, observando-a de perto, toda a sua forma tremendo. — Sou eu. Ryan. Abaixe a arma.

É um impasse por alguns segundos, estressantes. Eu calmo. Ela completamente assustada. Não digo mais nada, apenas fico ali, imóvel, esperando a consciência romper sua barreira de terror. Seus tremores pioram e seu aperto na arma aumenta. *Sou eu, Hannah. Sou eu.*

Ela choraminga, seu braço cai, e ela cambaleia para trás, caindo nas escadas atrás dela.

Jesus.

Eu me movo, gentilmente pegando a arma de sua mão mole. Naturalmente, libero o pente e verifico se ela está carregada. Não sei por que meu coração afunda quando vejo as balas. Talvez porque me diga que ela está preparada para usar força letal. Ela tem medo por sua vida. A questão é: de quem ela tem medo e quem ela está preparada para matar? Mas são perguntas para mais tarde. Por enquanto, tenho uma mulher aterrorizada para cuidar.

Deslizando o pente no meu bolso e a arma na cintura da minha calça jeans, eu me movo, pegando sua mão gentilmente, deixando-a me sentir por alguns momentos, seus dedos passando pelos meus enquanto ela assiste. Quando tenho certeza de que ela está confortável, seus tremores se acalmam, eu agacho diante dela, pegando a outra mão. Ela olha para mim. E, neste momento, a única coisa que posso pensar em fazer que não envolva respostas exigentes é fazê-la se sentir o

mais à vontade possível. Então eu caio de joelhos e ando em frente neles, chegando o mais perto possível e deslizando minha mão em seus cabelos em sua têmpora. Ela se inclina, fechando os olhos e respirando profundamente, mas agora firme.

— Eu vou te beijar, — eu digo baixinho, aplicando uma força leve na cabeça dela e incentivando-a em minha direção. Quando nossos lábios se tocam, eu sinto seu medo. É potente.

Meu beijo é suave, e deveria ser. É algo familiar para ela. Algo reconfortante. Sem línguas. Apenas lábios. Apenas a sensação de mim perto para trazê-la de volta. Eu apenas tiro minha boca da dela quando seu corpo amolece. Demora muito mais tempo do que eu gostaria.

— Venha. — Ajudo-a e a viro, segurando sua cintura enquanto ela sobe as escadas na minha frente. Eu a levo para o sofá e a sento, depois vou para a cozinha do outro lado da sala, colocando a chaleira, embora Deus saiba que eu poderia fazer algo mais forte. Navego pela pequena cozinha, olhando constantemente para Hannah enquanto faço o chá. Ela parece vazia, seu corpo pesado, como se houvesse muita coisa em sua mente para lidar. Eu tenho que aliviar a carga. Tirar o peso dos ombros dela. Vê-la assim me machuca fisicamente.

Vou até ela com as canecas de chá, sentando do outro lado do sofá, não querendo invadir muito o espaço dela. *Manuseie com cuidado.* — Aqui. — Eu seguro uma xícara, e ela olha por

alguns segundos, parecendo confusa, antes de levantar o olhar para o meu. Ela sorri doce e envolve as duas mãos ao redor da caneca, mas ela não bebe, apenas descansa as mãos no joelho.

Então, silêncio.

Eu realmente não quero ser o único a liderar esta conversa; eu quero que ela se abra voluntariamente. Então espero, descansando para trás, em silêncio desejando que ela alcance o fundo e encontre a força de que precisa. Longos momentos passam, e a cada segundo, lentamente eu perco qualquer esperança que tenha dela confiando em mim. Ela não vai falar. Ela realmente acha que quase consegue atirar na minha cabeça e nós varreremos isso para debaixo do tapete como se nunca tivesse acontecido?

Não.

— Hannah, precisamos conversar sobre isso. — Inclino-me para frente e coloco minha caneca sobre a mesa, movendo-me para a beira do sofá e me virando para ela, meus cotovelos nos joelhos, minhas mãos entrelaçadas.

Ela olha para mim pelo canto do olho, evitando me encarar. — Sinto muito, — ela sussurra engolindo em seco, finalmente tomando um gole de seu chá.

Aperto a ponta do meu nariz, tentando tanto não demonstrar minha frustração. Ela está desligando. Não posso deixar isso acontecer. — Você sente muito pelo quê?

Ela encolhe os ombros um pouco. É a coisa mais insultuosa de todos os tempos.

— Hannah, por que você tem uma arma? — Sinto seu metal frio descansando nas minhas costas. Que porra eu faço com isso? Jogo fora? Recarrego? Coloco embaixo da porra do travesseiro? Jesus Cristo, onde ela conseguiu isso?

— Sou uma mulher solteira. É apenas para minha própria paz de espírito. — Ela se levanta e caminha até a cozinha, derrubando o conteúdo de sua caneca na pia.

Ela está colocando muito espaço entre nós. Distanciando-se. Eu quero ir atrás dela, arrancar seus segredos, mas me forço a permanecer onde estou. Eu ignoro a parte solteira de sua declaração patética. Ela definitivamente *não* é solteira. Não mais. — Certo, — digo devagar, minha frustração crescendo. Ela me acha idiota? Respiro um pouco tentando recuperar um pouco de paciência antes de perder a cabeça. Eu a perdi neste momento. Ela não vai falar, e eu a conheço bem o suficiente para perceber que quanto mais pressiono, mais retraída ela se tornará. E isso pode significar perdê-la para sempre. Eu não posso arriscar isso. Eu preciso pensar fora da caixa, descobrir o

que diabos está acontecendo. E eu preciso mantê-la perto enquanto faço isso.

Resignando-me à minha derrota esta noite, levanto-me do sofá e me junto a ela na pia. Ela está olhando para a tomada, mas olha para o lado quando me ouve. Eu não a toco, mas sei que ela me sente. — Hannah, — eu digo, e ela olha para mim, toda de olhos arregalados. Só o olhar dela me diz um milhão de coisas que eu quero ouvir. Ela não quer me irritar. Ela não quer me manter no escuro. Ela quer confiar em mim. Mas algo a está impedindo.

Eu a pego e a sento no balcão, colocando-me entre suas coxas e pegando um braço de cada vez, colocando-os em volta dos meus ombros, querendo que ela me sinta. Sentir minha força. Descansando a ponta do dedo sob o queixo para que ela não possa afundar a cabeça e se esconder, eu coloco meu rosto o mais perto possível dela. — Você não é solteira, — sussurro, e ela fica suave na mesma hora, o queixo balançando um pouco. — Podemos pelo menos ser claros sobre esse pequeno detalhe?

Seu aceno de cabeça é irregular, e um pequeno soluço quebrado escapa antes que ela me puxe para ela e me abrace com uma força que desafia seu corpo pequeno. Esse abraço também me diz um milhão de coisas. Isso me fala do alívio dela. Isso me fala de seu conforto em meu abraço. Isso me diz que ela precisa de mim.

Eu suspiro e a abraço como ela precisa ser abraçada, com firmeza, para enfatizar o quão segura ela está. E eu coloco meu rosto em seu pescoço, recebendo um toque do meu cheiro favorito. Framboesas e Hannah. Eu ignoro o cheiro persistente de medo nela e vingança em mim.

Com ela em volta de mim, deslizo-a do balcão e caminho para seu quarto, tendo que fisicamente forçar seus membros ao meu redor para me libertar. — Troque de roupa. — Digo a ela, descansando-a na cama e indo para a cadeira. Pego uma camiseta e passo para ela se trocar. — Eu preciso ligar para Alex.

— Onde ela está? — Ela pergunta.

— Com a mãe dela. — Eu não entro em detalhes. Hannah não precisa saber sobre o meu jantar com Darcy. Vou até a porta, planejando como vou me explicar para minha filha.

— Aonde você vai? — Hannah deixa escapar e eu paro, olhando para trás.

Eu tenho que pensar em meus pés. Por que eu não faria a ligação aqui? — Esse vidro precisa ser limpo. E preciso consertar sua porta. — Ela se acalma imediatamente, e eu ignoro a pontada de culpa por mentir, dizendo a mim mesma que não tenho outra opção. — De onde veio o vidro? — Eu pergunto.

— Uma jarra. Eu bati quando passei pela prateleira.

Concordo com a cabeça, puxando meu telefone do bolso enquanto desço as escadas. Ela a derrubou quando entrou com pressa. Em seu pânico.

Alex responde rapidamente. — Onde você está? — Ela pergunta com impaciência. — Mamãe está agindo de forma estranha. Preciso de reforços.

Encontro uma vassoura apoiada no canto da loja e começo a varrer o copo em uma pilha. — Estranha como?

— Em todos os sentidos! Ela não me pediu para trocar meu tênis e boné. Ela nem me disse para lavar as mãos antes de entrar na cozinha. Ela fica brincando com meu cabelo, mas ela não tentou arrumá-lo. E sem falar da conversa de garotas.

Eu rio levemente, grato pelo alívio do estresse por um tempo, cortesia do meu repolho. — Conversa de garota? — Eu deveria ter perguntado?

— Rapazes. Amor. Esse tipo de coisa.

Definitivamente não deveria ter perguntado. — Onde está sua mãe? — Ela está falando muito aberta e em voz alta para que Darcy esteja nas proximidades.

— Foi colocar roupas casuais.

Caramba. Isso é sério. — Ela tem roupas casuais?

— Não! Ela tem roupões de seda. Quando você estará aqui?

— Então, — eu digo, a culpa já me consumindo. — Estou com Hannah. Ela não está se sentindo muito bem.

— Oh, o que há com ela?

Ponho a vassoura de lado e vou para a porta, recolhendo os parafusos quebrados e inspecionando-os. Vou precisar das minhas ferramentas para resolver isso. — Apenas um resfriado eu acho. Nada sério. Mas você se importaria se eu ficasse com ela? — Encontro meus ombros subindo, nervosos com a reação dela, enquanto asseguro que a trava está segura na porta.

— Você provavelmente vai pegá-lo, se ainda não tiver feito isso, contando com todos os beijos que vocês têm dado. — Ela sussurra no final, o que significa que Darcy está de volta com suas roupas esbeltas.

— Surpresa! — Eu a ouço cantar ao fundo. — Perfeito, você não acha?

— Fabuloso, mãe. — Eu posso ouvir a exasperação na voz de Alex. — Pai, sério, estou confusa, — ela assobia. — O que eu devo fazer com ela?

— Aceite, Repolho. Ela está fazendo um esforço.

— Tá bom.

— Não diga ‘tá bom’.

— Super! — Ela grita, me fazendo estremecer. — O que eu vou dizer a ela?

Bom ponto. Eu preciso encontrar uma maneira de contar sobre meu relacionamento com Hannah para Darcy. Eu não teria pensado que ela se importaria antes de saber o quanto Alex está preocupada. — Diga a ela que alguém bateu na minha caminhonete. — Não é mentira. — Diga que eu tive que levá-la de volta para a cabana.

— Ela vai ficar arrasada. Você deve ver esses hambúrgueres. Eles estão mágicos ou algo assim.

— Eles não podem ser melhores que os meus.

Ela bufa. — Nunca. Diga oi para Hannah por mim. — Ela desliga e eu procuro uma pá de lixo, imaginando, como Alex, o que diabos deu em Darcy. Ela é um mistério.

Paro na cozinha e olho para o teto. Não é um mistério tão grande quanto o que está lá em cima. Eu descanso no balcão e giro meu telefone na mão, pensando...

Não pense, Ryan. Faça.

Eu ligo para Lucinda e rapidamente vou para a porta que leva ao apartamento de Hannah, verificando se o caminho está livre antes de fechá-la suavemente.

— Diga-me que você vai voltar para Londres, — Lucinda deixa escapar. — Diga-me que você odeia Hampton. Diga-me que posso colocá-lo no próximo trabalho.

— Hampton é ótimo.

— Foda-se Hampton, — ela cospe. — Então, a que devo o prazer?

— Eu preciso de um favor. — Eu fui direto ao assunto. Eu sei que Lucinda vai gostar. Ela não é uma mulher para medir suas palavras; eu aprendi isso há muitos anos.

— E o que eu ganho em troca?

Essa é a questão.

— Porra, Lucinda, o que um homem tem que fazer?

— Bem, — ela ronrona. — Desde que você perguntou...

Eu recuo. Era retórico.

Ela ri maliciosamente. — O que você quer?

— Eu preciso que você procure alguém para mim.

— Nome?

— Hannah Bright.

— Razão?

Minha cabeça cai pesadamente. Claro que não seria tão fácil. — Por favor, Luce.

Ela fica em silêncio por um segundo, e eu a imagino em sua mesa, com uma taça de vinho ao lado, já digitando o nome de Hannah no teclado. — O que mais você pode me dar?

Eu rapidamente verifico a porta do apartamento dela novamente antes de falar. — Trinta anos, loira, mãe morta, é dona de uma loja de arte em Hampton.

Eu ouço as batidas. — Fofa. Vou ver o que posso descobrir.

— Obrigado.

Ela não reconhece minha gratidão, apenas desliga. Provavelmente é uma coisa boa, porque um segundo depois Hannah aparece. Deslizo meu telefone de volta no bolso e sorrio. — Tudo ok?

— Eu pensei que você tivesse se perdido.

Eu a reivindico e a conduzo de volta pelas escadas. — Vou precisar consertar o parafuso amanhã, quando tiver minhas ferramentas.

— A porta está segura? — Ela pergunta, olhando por cima do ombro.

— Perfeitamente, — eu digo, apenas para acalmá-lo. Qualquer um que soubesse o que está fazendo entraria facilmente. Eu fiz, mesmo com os parafusos. — E eu não vou a lugar nenhum.

Eu nos levo para o quarto dela e puxo os lençóis, acenando com a cabeça para ela entrar enquanto pego a arma na parte de trás da calça jeans e coloco o pente de volta no lugar. Ela me observa atentamente enquanto abro a gaveta superior da mesa de cabeceira e a coloco dentro. Que porra estou fazendo? Sinceramente, não tenho ideia. Pegar? Deixar? Ela tem por uma razão, e até eu descobrir qual é a razão, eu só vou ter que ir com o meu instinto. Meu instinto diz que a arma fica.

Desabotoo o botão da calça jeans enquanto a vejo engatinhar e afofar o travesseiro antes de descansar nele e me ver tirar a roupa. Eu amo a repentina perda de tristeza em seus olhos. Agora eles estão brilhando. Muito melhor. Entro e rolo para o meu lado, agarrando-a e colocando-a de volta à minha frente, envolvendo-me completamente em torno dela.

Ela está segura. E é minha missão mantê-la assim.

19

Cinco anos atrás

Seus convidados, Curtis e Hayley, estavam sorrindo alegres enquanto Katrina chegava ao convés. O ar noturno estava pesado, uma brisa fraca provocando seus cabelos soltos enquanto ela caminhava para a mesa. Jarrad se levantou, sempre um cavalheiro, e puxou a cadeira de sua esposa, beijando sua bochecha quando ela a ofereceu da maneira habitual.

— Você está deslumbrante, querida. — Seus olhos brilhavam de orgulho quando ela se abaixou para a cadeira e ele viu a escolha de seu vestido, uma peça Versace de cetim preto com mangas logo acima dos cotovelos. Perfeito. — Ainda está com frio? — Ele perguntou.

— Um pouco, — confirmou Katrina, levando Jarrad a estender a mão. Um momento depois, o xale de sua esposa estava ao seu alcance, cortesia do mordomo a bordo. Agitando-o, ele colocou sobre seus ombros.

— Obrigada. — Katrina pegou o copo de água em seu lugar e bebeu tudo. — Desculpe por deixar você esperando.

Hayley estendeu a mão sobre a mesa e deu um tapinha na mão de Katrina, seus cabelos ruivos caindo sobre o ombro. Katrina gostou dela desde o momento em que foram apresentadas, sete anos atrás, em uma festa de caridade. Era o terceiro encontro de Katrina com Jarrad. Os dois primeiros foram na galeria em que trabalhava, onde Jarrad, alto e distinto, passeara um dia para comprar uma obra de arte. Ele saiu com o número de Katrina e, embora fosse um pouco mais velho que ela, ela foi atropelada por seu aparente amor à arte. Ela sorriu com a lembrança de como Jarrad a tinha conquistado com gestos românticos sem fim e presentes extravagantes. Como no quarto encontro, ele a levou para Paris porque sabia que ela adoraria ver a exposição de Banksy que aconteceria apenas por um fim de semana. Como ele a banhou com todas as coisas que ela amava, e como ele parecia abraçar sua peculiaridade. Era tão fácil se apaixonar por ele.

O sorriso secreto de Katrina desapareceu quando ela olhou ao redor do iate. Não havia mais tempo para viagens pontuais a Paris. Não havia tempo para ela pintar e explorar suas próprias paixões. Só havia tempo para ser a esposa de Jarrad. Quando tudo mudou? Ela olhou para o marido, que estava abaixando-se em sua cadeira, seu terno feito sob medida, todos os fios de seus cabelos no lugar, e nenhuma ruga na testa. Alguns meses atrás, Jarrad a levou a uma de suas consultas com seu médico particular. Botox. Aparentemente, Jarrad decidiu que Katrina também estava pronta para isso. Ela estava muito chocada na

hora para dizer não. A obsessão do marido com a perfeição estava subindo tão alto quanto o seu saldo bancário.

— Não precisa se desculpar, — disse Hayley, afastando Katrina de seus pensamentos.

— Não mesmo, — disse Curtis, rolando o vinho em volta do copo, cobrindo os lados antes de tomar um gole e gemer em aprovação. Claro que o vinho estava bom. Tudo estava bom quando você se muda para o mesmo círculo que Jarrad Knight, e Curtis, sendo o braço direito leal e de longa data de Jarrad, certamente pertencia ao círculo de Jarrad. — Chapoutier Ermitage l'Ermite Blanc, — disse Curtis, suspirando. — Droga, isso é divino. — Ele brindou o ar e sorriu para Jarrad.

— O ano? — Jarrad perguntou ao amigo, querendo detalhes.

— Dois mil e treze.

— Correto. — Ele tomou um gole e o rolou pela boca enquanto Katrina observava seus olhos se fechando em êxtase. Ela não entendeu; o vinho que custou a seu marido quatrocentas libras por garrafa era terrivelmente ácido, provocava azia podre. Jarrad insistiu em tomar o vinho de luxo na maioria das refeições. Se não estivesse disponível para onde quer que eles estivessem indo, ele teria enviado. Era apenas outro símbolo de status. A adega deles estava cheia de coisas.

— Acho que o peixe está no cardápio. — Assim que Curtis pronunciou as palavras, uma lagosta lindamente preparada foi colocada no centro da mesa, e foi tudo que Katrina pôde fazer para não decorá-la com vômito. Ela pegou a água com urgência novamente e bebeu outro copo antes de pegar o guardanapo de pano e bater na testa úmida.

— Você está bem? — Hayley perguntou com uma expressão preocupada estragando seu rosto adorável.

— Acho que Katrina tomou muito sol, — Jarrad falou. — Ela ficará bem com um pouco de vinho. — Ele olhou para o mordomo e assentiu, e um copo foi imediatamente derramado para sua esposa.

— Obrigada. — Katrina respirou discretamente antes de dar um pequeno gole enquanto o marido observava, forçando os lábios a não torcer enquanto engolia. — Formidável. — Ela sorriu e pousou o copo.

— Amanhã vamos explorar as cavernas. — Jarrad desviou a conversa rapidamente do mal-estar de sua esposa. — Existem algumas belas cachoeiras e piscinas naturais na ilha.

Curtis assentiu agradavelmente. — O Taynee?

— Sim, ele está na minha bucket list[5] há anos, — disse Jarrad com um sorriso, arrumando a gravata. Katrina odiava

[5] Uma lista das coisas que a pessoa gostaria de fazer ou alcançar antes de morrer.

essa gravata. Era vermelho sangue. O favorito de Jarrad. — Como estamos aqui por uma semana e nossas reuniões não começam até quarta-feira, pensei em levar as meninas para saírem por um dia.

Katrina estava ansiosa por amanhã. Ela sabia do plano de Jarrad porque o ouvira por telefone em seu escritório em casa, organizando um helicóptero para levá-los para o outro lado da ilha. Mas ela não queria estragar a surpresa dele. Então ela arregalou os olhos e fingiu choque. — Oh meu Deus, Jarrad! Mal posso esperar. A que horas vamos sair? — Ela também conhecia essa parte depois de procurar em sua mesa o itinerário.

Seu sorriso era carinhoso e orgulhoso. — Depois do café da manhã. — Ele fez um gesto para que os convidados se servissem da lagosta enquanto ele relaxava na cadeira. Ele virou os olhos para a esposa, olhando para as mangas do vestido dela. Ela viu aquele lampejo de descontentamento, mas ele foi rápido em piscar de volta.

— Como está Tilly? — Katrina perguntou a Hayley, redirecionando a atenção do marido.

— Oh, uma garota típica de seis anos. Sabe tudo. — Ela riu, ao mesmo tempo revirando os olhos. — É bom ter uma pausa de ser mãe, para ser sincera, e vocês dois sabem como se divertir. — Então, aplaudiu os cavalheiros.

— Ouça, ouça. — Curtis brindou com a esposa. — Deus, eles são um trabalho duro nessa idade.

— Como você saberia? — Hayley lançou um olhar de expectativa para o marido. — Você está trabalhando dezesseis horas por dia com Jarrad assumindo o mundo da tecnologia.

— E estamos fazendo um ótimo trabalho, certo, Jarrad? — Curtis enfiou a lagosta na boca enquanto Jarrad ria baixinho. Se Jarrad Knight era alguma coisa, era motivado, focado e sedento de poder.

— E você? — Hayley perguntou a Katrina. — Quando vocês dois vão parar de pensar e ter filhos?

Katrina riu baixinho, lançando os olhos nervosos para o marido. Seu sorriso era malicioso. — Minha linda esposa sabe que eu teria um bebê amanhã. — Ele encheu o vinho dela, dando-lhe uma piscadela malandra. — Eu não sei por que ela não cede a mim.

— Porque eu gosto de ter você só para mim. — Katrina não podia muito bem lhe dizer que estava com medo de se tornar mãe. Ela não queria incomodá-lo ou dar-lhe motivos para duvidar de sua capacidade. Porque para ele, ela deveria ser perfeita, e isso a tornaria imperfeita. — Por enquanto, pelo menos.

— Garota gananciosa, — brincou Jarrad, e todos riram.

A noite passou rapidamente, a conversa e os risos constantes. Jarrad e Curtis discutiram táticas para uma fusão iminente, mas as mulheres saíram dessa conversa com bastante rapidez, deixando os homens para conversar sobre negócios enquanto passeavam pelo convés até a proa do iate para assistir ao pôr do sol no oceano. A vela principal estalou ao vento, a brisa aumentando, forçando Katrina a envolver um braço em volta de si mesma.

— Que lindo, — pensou Hayley, com o vinho na mão. — Não sei como tive tanta sorte, mas nunca vou dar como certo.

Katrina cantarolou em um pequeno sorriso, bebendo mais um pouco de vinho. Ela não sabia se seu leve zumbido de álcool estava ocultando seu enjoo anterior, mas se sentiu um pouco melhor. O vinho estranhamente caro era bom para alguma coisa, afinal. — Ser abençoada com dinheiro, felicidade e bons homens.

Hayley riu e cutucou a amiga no braço levemente. — Por homens bons.

— Um brinde a isso. — Katrina ergueu o copo para o pôr-do-sol e, quando o fez, seus anéis de casamento brilhavam ofuscantemente.

— Jesus, deixe-me buscar minhas máscaras, — brincou Hayley, sem perder o brilho dos diamantes que decoravam o dedo anelar de Katrina. Jarrad comprou para Katrina um anel

de eternidade em seu recente aniversário de seis anos, e a nova adição à sua aliança de casamento e anel de noivado levou aquele único dedo de insanamente caro a inestimável. Todos os três anéis foram comissionados, as pedras raras e preciosas. O diamante amarelo em forma de coração do anel de noivado de Katrina foi complementado por duas faixas incrustadas de diamantes, feitas especificamente para enquadrar a enorme peça de exibição. Eles nunca deixaram o dedo dela. O pensamento de tirá-los a dava suores frios. Ela nunca perguntou a Jarrad o valor deles, nem sonharia com isso, mas vira a papelada do seguro na sua mesa em seu escritório em casa. Os anéis em seu dedo comprariam uma casa de família substancial nos arredores de Londres. O marido não amava nada além de enchê-la com joias caras. Ele não precisava de desculpas para comprar suas belas peças, mas ele sempre parecia ter uma. Ele teve a maior satisfação em exibir sua riqueza, para garantir que todos soubessem que ele tinha muito dinheiro, enquanto Katrina era muito mais humilde. Ela não via a riqueza deles como algo para se orgulhar. De fato, ela chegaria ao ponto de dizer que odiava o dinheiro deles.

— Ele tem um gosto excepcional, seu marido, — disse Hayley.

— Ele tem. — Katrina levantou um sorriso de lado. — Afinal, ele se casou comigo.

As amigas riram juntas e voltaram a assistir o pôr do sol. Os raios âmbar eram quase fluorescentes, o oceano brilhando loucamente.

Era bonito.

Perfeito.

Assim como suas vidas.

20

Hannah

Justo quando pensei que poderia finalmente relaxar, bastou apenas uma coisinha, um pequeno lembrete, e aquela sensação familiar e crescente de medo dos anos passados me levou prisioneira. Eu estava à sua mercê. Eu não conseguia controlar meu medo. Não conseguia pensar com clareza. Então eu me escondi. E eu ouvi. Minha mente se transformou em cenários sem fim. Eu me convenci de que ele tinha me encontrado novamente. Que ele estava na minha loja. Que minha vida terminaria.

E eu faria qualquer coisa para me proteger.

Então eu vi o rosto de Ryan. Ouvi sua voz. A segurança sentida me envolveu. De repente tudo ia ficar bem. Mas e se eu tivesse puxado o gatilho?

Enquanto estou deitada ao lado de Ryan, vendo-o dormir, com a mão apoiada em sua bochecha eriçada, prometo a mim mesma estar mais no controle no futuro. Para não deixar meu

medo me vencer. Uma simples imagem de um rosto do meu passado derrubou meu novo mundo, quase irrecuperavelmente. Não posso deixar que isso aconteça de novo. Não posso arruinar essa coisa nova e bonita que tenho com Ryan.

Inclinando-me, beijo o canto de sua boca suavemente, sorrindo quando ele cantarola sonolento. Então eu cuidadosamente saio da cama e vou fazer café. Eu não sou solteira. Foi o que ele disse em meio à minha loucura. O homem que *não* me fez *solteira* está na minha cama. Adormecido. Depois de passar a noite comigo. — Não estrague tudo, Hannah, — digo para mim mesma. Ryan é um bom homem. Ele merece tudo de mim. Mas uma coisa que tenho que aceitar é que ele não pode ter um pedaço de mim. Meus segredos. Ninguém pode conhecer essa parte de mim. Só isso poderia estragar tudo.

Depois de fazer o café de Ryan, coloco-o ao lado da cama, visto meu vestido vermelho e desço as escadas enquanto amarro meu cabelo. É só agora que noto a hora. — Merda, — eu bato no relógio, piscando meus olhos sonolentos e verificando novamente. Nove horas. Como isso aconteceu? Eu ando até a porta e saio na rua, vendo os suspeitos de sempre entrando em vigor, cuidando dos seus negócios diários. É melhor eu acordar Ryan.

Eu giro e corro de volta pela loja, mas uma batida na porta me impede de sair do caixa. Olho para trás e rio quando vejo o

rosto de Alex encostado no vidro. Ela me vê, e seus olhos brilham quando ela acena um pouco freneticamente.

Corro e abro a porta para ela, e ela explode em um turbilhão. — Cadê o papai? Eu preciso falar com o papai. — Ela voa em pânico, para todos os cantos da minha loja, como se ela pudesse encontrá-lo escondido em um canto. Ela se lembra do tamanho do pai dela?

— E aí? — Eu pergunto, fechando a porta.

— É minha mãe.

— Oh meu Deus, ela está bem?

Alex sai da marcha urgente e me olha com um olhar sério. — Não, ela não está bem.

— Por que, o que há de errado com ela?

— Acho que ela está apaixonada pelo meu pai.

Eu me engasgo com o vento, não tenho certeza do que devo dizer sobre isso. Pelo que sei, Darcy e Ryan compartilham um ódio mútuo. — O que te faz pensar isso? — Eu pergunto, e imediatamente me pergunto se eu deveria ter mantido minha boca estúpida fechada. Não tem nada a ver comigo. Mas, novamente... Olho para a escada do meu apartamento. Ele está na minha cama. Eu não sou solteira. Deus, eu vou me

encontrar com a concorrência? Eu deveria estar preocupada? *Estou* preocupada?

— Ela falou mais sobre ele ontem à noite do que falou sobre ele em toda a minha vida. E todas as coisas legais. — Alex bate o pé e começa a andar de novo, jogando os braços para cima e para baixo. — Deus, caramba, ele nunca deveria ter puxado aquela acrobacia de cavalheiro de armadura brilhante e a salvado. Ela ficou toda piegas.

Agora estou definitivamente preocupada. — Que acrobacia de cavalheiro de armadura brilhante?

Alex congela, vira para mim. Espero que ela me responda, odiando o turbilhão de ansiedade no meu intestino. Darcy Hampton é uma mulher que consegue o que quer. Eu sabia disso depois de passar dois segundos na companhia dela. Sou capaz de lutar por um homem? Eu quero? Eu tenho força? Deus, eu sabia que tudo isso era bom demais para ser verdade. Encontrando Ryan, sua filha me aceitando. Chegando a um acordo sobre o que preciso fazer para avançar. E agora a ex dele vai atacar seus Manolo Blahniks e tirar meu lugar feliz.

Alex finalmente se vira para mim, com um sorriso estupidamente falso no rosto. — Você está se sentindo melhor?

— O que?

— Papai disse que você estava doente.

Eu *estou* doente. Sinto-me mal do estômago. Mas meu cérebro rapidamente se engaja, dizendo que Ryan deve ter inventado a desculpa no telefone ontem à noite para não ter que dizer a verdade, o que, é claro, ele não podia fazer. Porque ele não sabe a maldita verdade. — Muito melhor. — Eu me coloco atrás do balcão e abro meu laptop, apenas para ter algo para fazer. Ela não respondeu minha pergunta, e eu odeio que eu precise dela. Mas me recuso a perguntar novamente. Então bato nas teclas sem rumo, o silêncio se esticando.

Olho para ela e ela me dá lábios retos, e volto a bater. Eu olho para ela novamente. Lábios mais retos. Deus, droga. Eu bato a tampa para baixo. — Que ato de cavalheiro de armadura brilhante, Alex?

— Urghhhhhh. — Ela afunda a cabeça caindo. — Então havia essa coisa que acontec...

Ela é interrompida quando a porta se abre e Darcy Hampton aparece. — Aí está você! — Ela entra, sorridente, parecendo casual em jeans, botas de montaria e uma jaqueta Barbour.

Eu inclino minha cabeça, olhando-a desconfiada. Ela parece bastante simples, na verdade. *Oh meu. Ela está se esforçando ao máximo para obter sucesso*. Qualquer que seja o ato de cavalheiro de armadura brilhante que Ryan fez para a mãe de Alex, ela está correndo atrás dele.

— Oi! — Ela canta, tirando as luvas de couro e pegando um pote de tinta da prateleira, inspecionando-o. — Alexandra me disse que você está realizando uma competição de pintura na festa da cidade dos meus pais no domingo.

Eu lanço um olhar para Alex, e ela encolhe os ombros. — Sim, — eu digo, porque é tudo o que tenho.

— Que legal! — Darcy recolhe mais alguns potes e os leva ao balcão. — É melhor minha garota praticar, então. — Dando-me um sorriso satisfeito, ela puxa a carteira Mulberry[6] da bolsa Mulberry e me entrega seu Amex preto. Esta é uma recepção muito diferente da última vez que vi Darcy Hampton. Ela parece... saltitante. Agradável. Educada. Alex está certa em estar preocupada. E eu também.

— Sinto muito, não aceito o American Express, — digo, sorrindo em desculpas.

Ela recua, parecendo um pouco indignada. — Por que não?

— A taxa de transação é tão alta. Simplesmente não posso sustentar isso.

— Oh. — Ela o coloca de volta. — Acho que não carrego dinheiro.

---

[6] É uma empresa de moda de luxo fundada no Reino Unido, conhecida internacionalmente por seus artigos de couro.

— Está tudo bem. — Empurro as tintas pelo balcão, ansiosa para tirá-la daqui. Espero que Ryan ainda esteja dormindo. Eu posso dizer que Alex também está preocupada. Ela continua olhando nervosamente para o teto. — Você pode aparecer e se acertar comigo quando tiver algum.

— Oh. — Darcy sorri para mim. — Que amável da sua parte.

— Sem problemas. — Eu rapidamente coloco as tintas em uma sacola e ando pelo balcão, levando a sacola para a porta comigo e abrindo para ela. — Deixe-me saber se você precisar de alguma ajuda Alex, — digo enquanto seguro a bolsa em um sorriso e Darcy a pega, devolvendo minha simpatia.

— Vamos, mãe, — Alex diz urgentemente, pegando a mão de Darcy e puxando-a para frente. — Muito que fazer, tão pouco tempo para fazê-lo.

— Qual é a pressa? — Darcy ri, puxando a mão da de Alex e reorganizando a bolsa na dobra do braço. — Oh, espere, onde eu deixei minhas luvas? — Ela se vira e examina a loja. — Ah, lá estão elas, — diz ela enquanto volta para o balcão.

Darcy apenas dá alguns passos em suas chiques botas de montaria antes de parar abruptamente, no momento em que Ryan entra pela parte de trás, a cabeça baixa enquanto esfrega os cabelos com uma toalha. Seu peito está nu. Seu jeans está desfeito.

— Eu teria gostado de um abraço na cama quando acordei, — diz ele, e eu me encolho. — E um banho juntos.

Darcy engasga e Ryan olha para cima. Seu sorriso cai, assim como a toalha no chão. — Darcy, — ele respira, seus olhos azuis todos grandes e redondos e *que porra é essa?* — Que surpresa.

— Merda, — Alex assobia, suas costas batendo na porta. Eu estou com ela. Que merda.

— Oh meu Deus, — Darcy quase murmura, parada no meio da minha loja. — Eu não fiz... eu não estava ciente... — Ela olha em volta e eu não sinto prazer com o constrangimento em seu rosto. Ela marcha para frente, nem mesmo olhando para mim quando passa. — Venha, Alexandra. — Ela se foi como um raio, e Alex suspira, dando a Ryan um olhar de pura exasperação.

— O que? — ele pergunta, mostrando o teto com as palmas das mãos. — Eu não sabia que ela estava aqui.

— Sim, bem, ela certamente sabe que *você está* aqui agora. Seminu. Deus, pai!

— O que *você* está fazendo aqui, afinal? — Ele pergunta.

— Deixei mamãe na loja para te encontrar.

— Oh, então a culpa é *sua*. — Ryan mergulha e pega a toalha.

— Eu estava lidando com algo urgente, — ela chora. — Eu precisava te contar.

Ryan está instantaneamente alerta. — O que?

Vou para a mesa no meio da loja e começo a brincar com a exibição de ferramentas de arte, me sentindo um intruso. Ainda não sei o que é esse truque de cavalheiro de armadura brilhante. Eu vou descobrir?

— Acho que mamãe está apaixonada por você.

Ryan explode em gargalhadas histéricas, tendo que segurar o balcão para se sustentar. Que bom que ele acha engraçado. Reviro os olhos, e ele deve perceber que ninguém está rindo com ele, mas faz uma careta e fecha imediatamente, sua risada desaparecendo, a preocupação substituindo-a. — Você está brincando. Não está?

— Não! — Alex grita. — Desde que você espancou Casper na garagem, ela não cala a boca falando de você.

— Bateu em Casper? — Eu pergunto. — Quem é Casper?

— O marido dela, — eles dizem em uníssono.

— E eu não bati nele. Eu simplesmente bati um papo com ele, — Ryan diz rapidamente, como se isso explicasse tudo. Não faz. Alex bufa, obviamente concordando comigo.

— Por que você bateu nele? — Eu tiro de volta, incapaz de me conter.

— Porque ele ficou agressivo com ela, quando tentou impedí-lo de deixá-la. Eu me intrometi. Isso é tudo.

— Oh. — Então ele a salvou. Agora ela se apaixonou por ele. Eu posso relacionar. — Sinto muito, Alex, — digo sinceramente, desejando que houvesse algo que eu pudesse fazer.

— Era inevitável, suponho. — Ela empurra as costas para fora da porta e sai atrás da mãe. — Pais sangrentos, — ela murmura enquanto caminha.

A porta se fecha e eu espio para Ryan. Ele ainda parece um pouco chocado. — São nove horas, — digo como uma tola, perdida. Quero saber como ele se sente com essa notícia de última hora. Sei que ele está atordoado, mas ele está sentindo mais alguma coisa? Ele está considerando o potencial de interpretar a família feliz? Ele está se perguntando se isso seria bom para Alex? Meu rosto vacila. Eu deveria estar feliz por eles, eu acho. Por que ele não escolheria uma mulher elegante como Darcy Hampton em detrimento de uma mulher bagunçada e quebrada que quase explodiu sua cabeça ontem à noite?

— Hannah? — Ryan chama, e eu olho para ele, rapidamente limpando minha decepção. — Não, — ele diz simplesmente. Eu expiro e não me incomodo em tentar esconder. É tudo o que ele precisa dizer. — Nem que eu não tivesse você.

— Sinto-me mal, — admito, apontando para a porta. — Ela se vestiu casualmente.

Ele ri e vem até mim, me abraçando. — Ela ficou louca, foi o que fez. Ela não me ama. Ela está apenas procurando um jeito de se recuperar.

— Realmente? Como você sabe disso?

— Porque era exatamente isso que ela procurava onze anos atrás, quando me caçou no pub.

— Oh, — eu respiro, e ele cantarola e abaixa, me varrendo dos meus pés em um grito. Eu agarro seus ombros. — O que você está fazendo? — Eu rio enquanto ele caminha pela loja até as escadas.

— Você me deve um banho e um abraço na cama.

— Mas eu tenho que abrir a loja!

— A loja está aberta. — Ele sobe as escadas comigo, pendurada nos braços, imperturbável pela minha preocupação.

— E se alguém entrar?

— Quem entra na loja além de mim e Alex?

— Darcy, algumas vezes, — brinco, fazendo-o bufar uma gargalhada. Eu sorrio e beijo sua bochecha. Ele me escolheu.

— Baby, eu não acho que Darcy volte para sua loja tão cedo.

— É melhor ela voltar. Ela me deve dinheiro.

Ele olha para mim quando chegamos ao topo da escada. — Pelo que?

— Eu dei alguns conselhos a ela.

A sobrancelha dele se torce. — Você fez, hein?

— Sim. — Eu levanto meu nariz no ar, e Ryan vira a esquina no topo do meu apartamento. — Eu disse a ela para ficar longe do meu homem.

— Bom conselho. — Ele me lança no ar e eu aterrizo com um grito na cama. Ele está em mim um segundo depois, me cobrindo com seu corpo enorme. E ele solta um suspiro longo, profundo e satisfeito. — Paraíso.

Enrolando-me ao redor dele, concordo silenciosamente. Isso tem que ser o céu, aqui em seus braços. Ele não tenta arrancar minhas roupas. Ele não flexiona sua virilha em mim. Ele nem tenta me beijar. Ele apenas me abraça, e é uma felicidade fora do mundo.

— Tenho alguns amigos visitando na sexta-feira à noite, — diz ele calmamente. Amigos? Que estranho eu nunca pensei sobre os amigos de Ryan. — Estamos fazendo um churrasco, — continua ele. — Algumas bebidas. Aquele tipo de coisa. Você vem?

Ele quer que eu conheça seus amigos? — Sim. — Cem por cento, sim. Eu sinto um aperto extraforte e outro suspiro contente. Estou conhecendo os amigos dele. A filha dele sabe de mim. A mãe da filha dele sabe de mim. Tudo isso é rápido demais? — Se você quiser, — acrescento, procurando a garantia de que preciso repentinamente.

Ryan levanta um pouco, olha para mim e revira os olhos. — Cale-se. — Ele cai de costas e mastiga meu pescoço, e eu rio, deixando-o nos rolar na cama até que eu esteja em cima. Ele me empurra até eu estar montada nele, depois pega minhas mãos, entrelaçando nossos dedos e brinca por alguns momentos. O que ele está pensando? Ou essa é uma pergunta monumentalmente estúpida? Quero que saiba que não vou a lugar nenhum. Ele coloca minhas mãos no peito e as empurra em seus peitos. Eu sorrio, sem saber para onde ele está indo com isso. — Quando você estiver com medo no futuro, quero que pense em mim.

Eu não pretendo, mas meu corpo naturalmente endurece e minhas mãos levantam de seu torso musculoso. Ele as empurra

de volta. — É tudo o que estou dizendo, — continua ele. — Se você ficar com medo, pense em mim.

— Eu não vou ficar com medo, — respondo inflexível. Fiz uma promessa para mim mesma mais cedo. Não vou deixar meu passado atrapalhar meu futuro.

— Você pode. — Ele pega meu pescoço e me puxa para baixo até meu nariz tocar o dele. — Eu sei que vou ficar com medo. E se eu fizer, vou pensar em você. O quanto você me faz sorrir. Quão completo você me faz sentir.

Eu derreto nele. — Por que você ficaria assustado?

— Porque estar em um relacionamento é assustador.

Ele não quis dizer isso, mas eu aprecio seu sentimento. — Então, estamos em um relacionamento?

— Espero que sim, — ele sussurra em torno de um sorriso, rolando sua testa contra a minha antes de me beijar suavemente enquanto sua mão patina sob o meu vestido e puxa a cintura da minha calcinha. Ele nos revira e, um segundo depois, minha roupa de baixo se foi, seus jeans estão ao redor das coxas, meu vestido na cintura, e ele recua e empurra para dentro de mim com um gemido estrangulado.

E mais uma vez, estou sem fôlego.

21

Ryan

Foda-se, foda-se, foda-se! Jogo a panela transbordando na pia e danço pela cozinha, amaldiçoando minha cabeça enquanto aperto minha mão. Depois de três voltas, finalmente encontro senso através da dor para colocá-la sob a torneira. Ligo o jato frio e enfio a mão no fluxo, sibilando quando o vapor sobe da panela em chamas. Eu gemo e me inclino contra o balcão, o alívio imediato na minha mão latejante. Isso vai me ensinar a não sonhar acordado.

Eu espio os danos, vendo um vergão vermelho se formando em cima do meu pulso. Ótimo. Pego uma toalha limpa da prateleira, depois vou ao freezer pegar um pouco de gelo e a enrolo no pano, segurando-o no meu pulso enquanto olho para o relógio. 17:00 Jake e Camille devem chegar aqui em breve.

Ouço o som de folhas farfalhantes e olho pela janela, sorrindo antes de vê-la aparecer na esquina em sua bicicleta. Corro para a porta e me encosto contra a moldura, toda a dor

esquecida, e a observo. Apenas olho para ela. Ela está puxando seu pequeno trailer, tendo que ficar de pé para pedalar e subir pela pequena inclinação. Desde que Alex e eu apresentamos a Hannah sua bicicleta nova e aprimorada na terça-feira, ela recusou quaisquer caronas na minha caminhonete. Essa é a desvantagem. A vantagem é essa, observar seu rosto enquanto ela faz o que Hannah faz de melhor. Sorrir. Ser Hannah.

Quando ela me vê, ela acena como uma doida, sentando-se no assento. — Ei, olha, — ela chama. — Sem mãos! — Seus braços voam no ar, e meu coração voa para minha garganta.

— Seja cuidadosa! — Eu grito, e ela ri, levando-as de volta ao guidão e apertando os freios. Ela rola para uma parada, mas permanece no assento, com as pernas esticadas até o chão para que seus pés cheguem ao chão. — Boa noite, — eu digo, meus olhos correndo para cima e para baixo nas pernas dela. Os shorts jeans que ela está usando são os meus favoritos, e hoje combinam com uma blusa fofa de algodão.

— Boa noite, — ela responde com um sorriso.

— Dia bom?

— Vendi outra pintura. — Sua emoção é palpável.

— Isso é ótimo. — Estou chocado por ela. — Quem desta vez? — Esta é a terceira obra de arte que ela vendeu, as duas primeiras para um novo fã na Escócia.

— O cara da Escócia.

— Uau. Parece que ele está desenvolvendo um pouco de fixação. Eu deveria estar preocupado?

— Ele realmente ama o meu trabalho. — Ela balança a perna sobre a trave e chuta o suporte, deixando a bicicleta descansar. — Acabei de postar para ele. Imagino o castelo dele cheio do meu trabalho em um futuro não muito distante. — Alcançando os cabelos, ela aperta o laço no lenço creme para a cabeça. — Onde está Alex?

— Darcy vai deixá-la em breve. — Dou-lhe um olhar dolorido, e ela lê bem. É sexta-feira, e Darcy me evita desde o incidente na loja de Hannah na segunda-feira, o que é bom para mim. Passei os últimos dias sorrindo, porque estive com Hannah e Repolho na maioria deles. Eu sou um homem em seu máximo potencial. Eu também sou um homem temendo ter que lidar com a mãe de sua filha. Uma mulher com quem dormi uma vez e tive que suportar pela última década. Eu deixei Alex e a peguei várias vezes nos últimos três dias, e cada vez Darcy me evitava. Alex diz que ela está quieta. Extraordinariamente. Eu preciso resolver isso.

— Bem, pelo menos ela não está cozinhando coelhos na sua cozinha. — Hannah fica na bicicleta e eu permaneço na porta. — A que horas seus amigos devem chegar?

— A qualquer momento. — Franzo a testa quando ela ainda não tenta vir até mim. — Você vai ficar aí a noite toda ou vai vir aqui e me dar um beijo?

Seus olhos irradiam vivacidade enquanto ela mexe os dedos. — Eu não sei. Talvez eu fique aqui.

— Traga essa bundinha colorida e bonitinha aqui agora.

— Por que você não traz essa bunda grande e musculosa para *cá* agora?

Por mim tudo bem. Não tenho nenhum problema em fazê-la acreditar que tem o controle. Porque ela absolutamente tem. Eu empurro meu ombro para fora da armação e continuo caminhando, mas só dou alguns passos antes que ela comece a se mover também. Ah, o magnetismo em jogo. A energia a puxando em minha direção. Eu paro, mas Hannah não, seu ritmo acelerando até que ela está correndo com um grande sorriso estúpido no rosto. Eu me preparo para o ataque dela e a pego quando ela lança seu corpo para mim, a força me enviando em um giro. Literalmente. Ela está com a cabeça e os ombros acima de mim, ela pulou *tão* alto, sua bunda descansando bem nos meus antebraços, meu rosto nivelado com seus peitos. Eu não posso me ajudar. Eu afundo meu rosto em seu decote e respiro. Sua risada envia sangue diretamente para onde não deveria estar agora. Eu rosno e me afasto, olhando para ela. Eu juro, o rosto radiante para mim poderia explodir a porra do meu

pau. — Pare de sorrir, — ordeno, caminhando de volta para a cabana.

— Por quê? — Ela ri, bagunçando meu cabelo esfregando as mãos nele algumas vezes.

— Seu sorriso faz coisas comigo. — Toda parte de Hannah faz coisas comigo. — E não temos tempo. — No momento em que digo isso, ouço o som dos pneus e Hannah olha por cima da minha cabeça. Não preciso me virar para ver quem é. A tensão de Hannah me diz. — Darcy? — Eu pergunto de qualquer maneira.

Ela começa a se contorcer no meu abraço, tentando se afastar. Isso me irrita mais do que deveria, e eu me pego mais forte nela. — Ryan.

— O que? — Eu resmungo, realizando um 180 e soltando meus braços para que Hannah escorregue um pouco, e eu possa ver. Embora eu ainda a segure, mesmo que ela esteja praticamente pendurada na minha frente. Darcy permanece no volante, mas Alex pula para fora e declara sua chegada com uma pirueta no gramado. Ela está mais uma vez, no estilo de Darcy da cabeça aos pés. Não é um bom presságio. Sua mãe vai voltar a ser uma mega cadela?

— Vá falar com ela, — Hannah sussurra no meu ouvido, chegando atrás dela e pegando meus braços, separando-os. — Como um garoto corajoso.

Eu lanço a ela um olhar cansado, apesar de saber que ela está certa. Temos que resolver isso. — Tudo bem, — murmuro enquanto Alex pousa ao nosso lado.

Ela pega minha mão e a levanta. — O que você fez?

— Sim, o que você fez? — Hannah se junta à festa, pegando minha mão de Alex e desembrulhando o pano de prato. Ela assobia com o que encontra. Eu tinha esquecido, para ser honesto. Agora dói de novo.

— É apenas uma queimadura de vapor. — Recupero meu membro e aceno com a agitação delas. — Por que vocês duas não terminam na cozinha? — Eu reivindico minha mão e as empurro para dentro antes que elas possam protestar, fechando a porta atrás elas. Se isso ficar feio, eu quero que elas fiquem fora da linha de disparos de insultos que eu espero que sejam lançados em meu caminho. Eu ouço o som do motor de Darcy acelerando. Ela está tentando escapar. Não, não. Vamos resolver isso.

Correndo para o carro, levanto minha mão, como *que em um* gesto de *paz.* Ela parece uma criança petulante enquanto deixa a janela cair, ainda olhando para frente quando eu chego ao seu lado. — Ei, — eu digo, sem graça.

— Olá, — ela funga bruscamente. Bem-vinda de volta, Darcy Hampton. — Há algo que você queria?

Não, mas ouvi dizer que havia algo que você *queria.* Eu rapidamente afasto esse pensamento selvagem e seguro minhas mãos na borda da janela dela, me inclinando. *Seja um adulto, Ryan.* Ela se afasta, olhando para mim pelo canto do olho. — Então, você deve ter percebido, — eu começo, me sentindo estranho como um merda. — Estou vendo alguém. — Como diabos essa conversa deveria ir, afinal? Como um pai diz à mãe de sua filha que ele tem namorada? Ele deveria? Especialmente porque a mãe disse que não queria que ele fosse pai da filha deles. Realmente, eu nem devo a ela dessa vez. Mas, novamente, pelo bem de Alex e da paz, afasto meu ressentimento.

— Que adorável. — Ela vira um sorriso tenso para mim. — Estou feliz por você.

— Você está? — Eu digo, inclinando minha cabeça. — Porque, foda-se, Darcy, você realmente parece que quer me apunhalar agora.

Suas narinas se abrem. — Você é um idiota.

Agora eu sou um idiota? No início desta semana, de acordo com minha filha, ela estava apaixonada por mim. Ok, então pode ser que Alex seja dramática mas eu sei o que eu testemunhei. E isso foi Darcy Hampton sendo gentil com esse idiota. Darcy Hampton queria preparar o *jantar* para este idiota. Darcy Hampton foi ao ar livre para este idiota. Pelo amor de

Deus. A mulher é impossível. — Infelizmente para você, Darcy, — digo, me afastando do lado do carro e ficando ereto. — Isso significa que nossa filha também é meio idiota. — Sorrio docemente, e ela me lança um olhar que envergonha todos os outros olhares imundos.

— Você me enoja. — Colocando o carro em marcha, ela bate o pé e acelera, chutando sujeira e folhas na minha cara. Bem, isso é carma, se é que houve algum. Ela me devia isso, eu acho.

Olho para o céu e gemo, arrastando minhas mãos pelo meu rosto. Não foi exatamente como planejei, mas não sei o que esperava. Um abraço? A benção dela? Lágrimas de felicidade que depois de todos esses anos eu encontrei minha pessoa? Sem uma chance do caralho*, Ryan.*

— Como foi? — Hannah chama da porta, secando as mãos em uma toalha de chá enquanto Alex entra ao seu lado.

Eu sorrio e dou um estúpido polegar para cima. — Perfeito. — E as duas se dispersam alegremente. — Merda.

Meu telefone toca e eu rapidamente o puxo, sibilando quando raspo minha queimadura no bolso. — Já estava na porra da hora, — murmuro para mim mesmo quando atendo a ligação de Lucinda. — Estou ligando, mandando mensagens.

— Ocupada, ocupada, — ela responde. — Eu tive uma tempestade de merda no departamento de relações públicas.

— E eu não sou a causa? Porra, inferno.

— Eu sei. Estamos comemorando mais tarde. Que pena que você não está aqui.

— Comemore por mim. Agora o que você tem? — Afasto-me da cabana, verificando por cima do ombro enquanto me afasto. Eu posso vê-las pela janela, andando pela cozinha, rindo e conversando. Minhas garotas.

— Hannah Bright não existia antes de 2014.

— O que? — Eu congelo. Minha mão apertando meu telefone no meu ouvido.

— Voltei o mais longe que posso. A trilha termina em junho de 2014. Ela morou em Tenerife por alguns anos, alugou um quarto acima de um bar. Ela alugou a loja há alguns meses e se mudou há cinco semanas, quando voltou ao Reino Unido. A loja está em um contrato de locação de seis meses.

— Seis meses? — Eu pergunto. Minha mente em espasmo. — Se ela o alugou há alguns meses, isso significa que ela só tem mais alguns meses.

— Correto.

— Por que ela só alugaria por seis meses?

— Porque ela não planeja ficar, seria o meu palpite.

Meu corpo vira para a cabana, meu coração se transforma em pedra no meu peito. Ela não planeja ficar aqui? — Se a trilha termina em 2014, como diabos ela alugou a loja?

— Oh, ela tem um histórico de crédito brilhante que remonta há vinte anos. Mas Hannah Bright, a mulher, só volta cinco anos.

Minha porra de cérebro dói. — O que isso significa Lucinda?

— Eu não sei. Isso é tudo o que eu tenho.

Não está bom o suficiente. Eu preciso de mais. — Lucinda, você tem que fazer melhor que isso. Por favor.

— Quem é essa mulher, afinal?

— Ela é amiga de uma amiga.

— Ah, então você está pedindo por um amigo? — O sarcasmo em seu tom é poderoso.

— Sim, e se você descobrir um pouco mais por meu amigo, ele ficará muito agradecido.

— Ryan, — ela suspira. — Não tenho tempo para isso.

Não estou longe de implorar. Ela não existia antes de 2014? O que diabos está acontecendo? — Estou pedindo, como amigo, por favor, cave um pouco mais.

— Está bem! — Ela bate o telefone e eu me viro, olhando pela janela novamente. Minhas garotas estão dançando pela cozinha, cantando a letra de 'Livin' on a Prayer ', de Jon Bon Jovi. Estendo a mão para massagear meu peito, tentando esfregar a dor, e Hannah me vê, acenando com uma colher de pau, seu sorriso ofuscante.

Devolvo da melhor maneira possível. Foda-se, eu sinto que tive meu coração cortado do meu peito. Quem é você, Hannah?

O som de uma buzina por trás soa, e forço um sorriso para receber nossos convidados. Jake se aproxima da minha caminhonete e pula para fora, e eu não posso mentir, estou alarmado com o quão cansado ele parece. — Merda, cara, você parece pronto para o necrotério. — Eu vou até ele e dou um tapa em seu ombro antes que ele me leve para um abraço viril. — Caleb ainda não está dormindo bem?

— Tive uma melhor noite de sono no meu carro do que em uma estaca nas profundezas do inverno.

— Ai.

Liberando-me, ele me dá uma olhada. — Você também não parece muito otimista. Você não tem recém-nascido, então o que há?

Balanço a cabeça quando vejo Cami a caminho, dando a Jake um olhar para sugerir que devemos discutir mais tarde. Ele pega a dica rapidamente e se afasta para que eu possa receber sua esposa. — Alguém disse que você teve um bebê há algumas semanas? — Eu pergunto, olhando-a de cima a baixo. Ela parece tão maravilhosa como sempre.

— Oh, pare. — Cami me leva em um abraço. — Quem é essa nova mulher, Ryan?

— Ela está na cozinha.

— Já está estalando o chicote?

Estou estalando alguma coisa, mas não é um chicote. — Charlotte! — Eu canto quando ela sai da traseira do Range Rover de Jake. — Quando você cresceu tanto?

— Eu terei oito em duas semanas. — Ela levanta oito dedos e minhas sobrancelhas saltam com surpresa fingida.

— Ela é uma irmã mais velha agora. — Cami sorri para a enteada antes de dirigir sua atenção para Jake. — Você quer tirar o bebê do carro?

— Não, eu posso acordá-lo.

Eu rio enquanto Jake vai buscar seu filho e segura a mão de Charlotte, passando um braço em volta do ombro de Cami. — Então agora você conhece minha garotinha, Charlotte. O nome dela é Alex. E ela tem algo para lhe mostrar à beira do lago.

Os olhos dela brilham. — O que?

— Você vai ver. — Empurro a porta da cabana e me afasto, deixando as damas passarem antes de olhar para trás e procurar Jake. Eu quase me rachei quando vi o grandalhão rastejando pelo gramado com uma cadeira de bebê suspensa em seus braços estendidos, mantendo-o à distância. — Shhh. — Eu digo, ganhando o olhar da morte. Deixo Jake entrar e ele coloca a cadeira no sofá, estofando-a com almofadas. Obviamente, ele acha que o assento pode ganhar vida e pular do sofá.

— Gente, — digo, encontrando minhas garotas na pia. — Esta é Hannah e minha filha, Alex. Hannah, Alex, aqui é Jake, Cami, Charlotte, e lá está...

— Lúcifer, — Jake interrompe, ganhando um tapa no braço de Cami. Sua piada quebra um pouco o gelo, e vejo Hannah relaxar enquanto ela ri.

— Oi, — diz Hannah, sua mão subindo e descendo, como se não tivesse certeza se isso é um abraço ou um aperto de

mão. Sorrio quando Cami se aproxima e a abraça. Claro que é uma situação de abraço.

— É um prazer finalmente conhecer a mulher que o domesticou, — diz Cami, me olhando. Eu a ignoro. Eu não precisava ser domado.

— Como você está assim depois de dar à luz? — Hannah pergunta, apontando para cima e para baixo no corpo esbelto de Cami.

— Ela é modelo, — Alex fala. — Papai me disse. Uma superfamosa.

— Oh, — Hannah respira mais ou menos, seu sorriso vacilante. Eu inclino minha cabeça, me perguntando o que há de errado.

— *Era* modelo, — Cami corrige Alex. — Agora sou mais designer. Bem, em tempo parcial.

— Ela não precisa ficar nua para projetar, — diz Jake, movendo-se para Hannah. — E isso combina muito bem com o marido dela. — Ele estende a mão para ela. — Jake.

— Hannah. Prazer em conhecê-lo, — ela diz enquanto aceita, seu sorriso ainda um pouco estranho.

— Vamos lá, Charlotte. — Alex pega a mão dela e a leva até a porta. — Vamos deixar os adultos sendo adultos.

— Você está bem com ela indo com Alex? — Eu pergunto a Jake.

— Claro. — Jake tira as chaves do bolso. — Charlotte, ouça Alex, Ok?

— Ok!

Elas desaparecem e Jake volta para fora. — Eu vou pegar as malas, — ele diz baixinho por cima do ombro, lançando os olhos cautelosos para Caleb no sofá.

— Sem problemas, companheiro. — Eu me viro e vou para Hannah. — Você está bem? — Eu pergunto, e ela assente, o movimento é rápido e brusco. Ela está nervosa. — Ei, são pessoas adoráveis.

— Eu sei, — diz ela, afastando-me e indo até a geladeira. — Gostaria de uma bebida, Cami? — ela pergunta.

— Apenas água, obrigada, Hannah. Eu ainda estou amamentando.

Hannah se serve de um vinho e bebe metade. Uau. Ela está *muito* nervosa. Abro a geladeira e pego duas cervejas enquanto a vejo encher um copo com água, e ela olha para mim, me dando um sorriso tenso. Tento devolvê-lo, mas volto a me perguntar quem diabos ela é.

— O que há no menu então, Ryan? — Cami pergunta, olhando toda a comida no balcão.

Pego a bandeja de hambúrgueres caseiros. — Meus famosos hambúrgueres, é claro. — Depois pego o prato de camarão rei no espeto e enfio-o debaixo do nariz de Hannah. — E um pouco de camarão.

Ela se afasta como se eu pudesse ter jogado uma tigela de merda de cachorro nela, sua mão voando até a boca enquanto ela vomita. — Desculpe. — Ela se afasta obviamente ofendida pela comida, dando aos camarões gigantes um olhar imundo. — Eu realmente odeio frutos do mar.

— Isso é um pouco de ódio, — brinco, retirando a tigela antes que ela vomite nela. Eu não estou imaginando isso. Ela está verde. — Você está bem?

— Sim. — Ela me dá outro sorriso tenso e se ocupa em encher novamente o copo de vinho. — Então, como você e Jake se conheceram? — Ela pergunta a Cami, e eu deixo que elas conversem como garotas, levando o camarão para longe de Hannah, franzindo a testa enquanto eu vou.

Poucas horas depois, estamos todos sentados ao redor da mesa no gramado, depois de encher a cara com comida de churrasco e alguns potes de sorvete. As meninas voltaram para a cabana por tempo suficiente para digerir um hambúrguer antes de se retirar para o lago, onde toda a magia acontece.

Caleb acordou e atualmente está sendo embalado em um dos braços grandes de Jake enquanto ele bebe uma cerveja com o outro, e Cami e Hannah estão conversando, as duas sentadas à frente em suas cadeiras para se aproximarem uma da outra. Eu juro, elas não calaram a boca a noite toda. É bom ver que Hannah também relaxou um pouco agora.

— Vocês duas vão nos ignorar para sempre? — Jake diz, colocando a cerveja na mesa e trocando Caleb para o outro braço, mas não antes que ele o levante para um rápido beijo na testa. Eu sorrio. O pacote minúsculo não é muito maior que a mão de Jake.

Cami se recosta na cadeira e Hannah segue o exemplo. — Desculpe rapazes. Conversa de menina.

Dirijo um olhar interessado para Hannah, que apenas dá de ombros, parecendo um pouco tímida para o meu gosto. — Cami estava me contando tudo sobre como conheceu Jake.

— É uma longa história, — acrescenta Cami.

Jake bufa, embora sua expressão seja suave com sua esposa. — Você já se perguntou como é estar no céu e no inferno ao mesmo tempo?

— É mesmo possível? — Eu pergunto enquanto Jake reclama sua cerveja.

— Confie em mim. — Ele levanta a garrafa para a esposa e ela sorri. — É possível.

— Eu acho muito romântico, — diz Hannah melancolicamente. — A coisa toda sobre guarda-costas e clientes.

Dou uma espiada nervosa em Jake. *Romântico* não é uma palavra que eu usaria. Eu conheço a história muito bem. Isso levou a agência ao colapso, Lucinda quase foi levada para o hospício e o mundo ficou um frenesi da mídia.

— Teve seus momentos, — Jake diz calmamente, olhando para o bebê. Ele parece refletir por alguns instantes antes de voltar à conversa. — E você, Hannah? — Ele pergunta. — De onde você vem?

Eu sei o que ele está fazendo, e discretamente lancei minha atenção para minha namorada enquanto colocava minha cerveja nos lábios. Com os olhos baixos, ela brinca com a haste do copo. — Não há muito a dizer. — Ela sorri. É forçado. — Mudei-me aqui há algumas semanas e não pretendo sair.

Ela não pretende? Ela está apenas fingindo? Eu não sei, mas meu coração pesado amolece um pouco. — Bom, — eu digo, querendo que ela saiba o quanto isso me faz feliz.

— Família? — Jake empurra. Seu rosto perfeitamente amigável, seu tom suave.

— Minha mãe morreu há cinco anos. Meu pai há oito anos.

Estou rapidamente mais alerta para a conversa. A mãe dela morreu há cinco anos? Lucinda só podia voltar cinco anos.

— Sinto muito, — diz Jake sinceramente. — Irmãos?

Hannah se mexe na cadeira, os lábios apertados enquanto sorri através deles. — Não.

O cabeça-oca do Jake está interessado. Eu não gosto disso. — Nenhuma família?

Ok, chega. Dou-lhe um chute forte embaixo da mesa enquanto bato minha cerveja para disfarçar o som da minha bota encontrando sua canela, e seu maxilar tenso, uma tosse sufocada escapando. Isso dói? Bom. — Outra cerveja? — Eu pergunto com minha cabeça inclinada, meus olhos dizendo para ele colocar sua bunda na cozinha. Eu preciso de outra bebida. Estive tão ocupado cozinhando, comendo e tentando não deixar minha mente vagar a noite toda, só tomei uma cerveja.

— Certo. — Jake solta a mão da garrafa e manobra Caleb nas duas mãos, em pé. — Você pode me mostrar aquele arranhão no seu carro. — Contornando a mesa, ele entrega o bebê a Cami antes de dar um beijo em seus cabelos.

— Arranhão? — Hannah pergunta. — Pensei que você tivesse reparado em Grange.

Confirmei. — Então, algum idiota em um Mitsubishi dirigindo do lado errado da estrada arranhou a lateral da minha caminhonete.

— Estou começando a questionar sua capacidade de dirigir. — Hannah me dá um olhar irônico quando me levanto e vou até ela, ouvindo Jake rir.

— Minha habilidade de dirigir é sólida. As pessoas continuam me atrapalhando. — Dou um aperto no ombro dela e sinto instantaneamente os arrepios. — Você está com frio?

— Um pouco.

— Vou pegar um suéter para você. — Eu corro de volta para a cabana e encontro Alex e Charlotte de barriga na frente da TV com uma tigela de pipoca. — Ei, quando vocês voltaram? — Eu pergunto enquanto vou para o quarto.

— Bem, Chunk está prestes a fazer trufas, — Alex chama. — Então, cerca de vinte minutos atrás.

Pego um suéter cinza e saio. — *The Goonies*? — Eu pergunto, sorrindo para a TV enquanto passo.

— Você acredita que Charlotte nunca assistiu? — Alex está horrorizada. E ela deveria estar. Charlotte começa a rir, rindo e apontando para a televisão. — Veja, — Alex diz, colocando um punhado de pipoca em sua boca. — Eu disse que era engraçado.

Eu mesmo rio um pouco e encontro Jake na porta. Ele me dá uma careta, e eu aponto de volta para as meninas. — *The Goonies, m*e mata de rir toda vez.

— Merda, eu não vejo isso há anos.

Deixo Jake para relembrar e levo o suéter para Hannah, apesar de mal conseguir um segundo olhar dela quando ela aceita, perdida na *conversa de garota* com Cami novamente. Estou me sentindo um pouco negligenciado, para ser sincero. Não estou acostumado a compartilhá-la, exceto com Alex, é claro, mas minha filha e eu viemos como um pacote. Inclino-me e coloco meu rosto na frente do de Hannah, bloqueando Cami. Ela recua na cadeira, franzindo a testa para mim. — O que você está fazendo?

— Olá, sou o Ryan.

Cami começa a rir por trás de mim e Hannah faz um rolar espetacular nos olhos. — Oi, — ela responde secamente. — Isso é tudo?

Eu torço meu lábio de brincadeira e roubo um beijo rápido antes de ir encontrar Jake. Vou chutar a bunda dele por interrogá-la. Pegando duas cervejas, eu o cutuco enquanto passo, derrubando-o de seu encanto com a TV. Eu jogo minha cabeça para a porta. Tenho coisas a dizer e tenho perguntas a fazer, nenhuma das quais as meninas deveriam ouvir.

Quando chegamos a minha caminhonete, Jake pega uma cerveja e chuta o pneu. — O que há com todas as perguntas? — Eu pergunto com uma careta.

— Apenas conhecendo ela.

— Essa foi a Inquisição Espanhola, Jake, pelo amor de Deus. Quão óbvio você quer ser? — Ele encolhe os ombros, sem remorso, então eu continuo. — O que você acha? — Eu pergunto ansioso por seus pensamentos.

— Sobre os danos no seu carro?

— Não, pelo amor de Deus.

— Oh, sobre Hannah?

— Sim.

— Definitivamente, escondendo alguma coisa.

Eu não deveria estar aliviado, mas pelo menos ele confirmou que não estou enlouquecendo. Droga.

Jake passa a mão na lateral da minha caminhonete. — Isso definitivamente exigirá o trabalho de um especialista. — Ele recua, olhando para cima e para baixo na pintura. — Manuseie com cuidado e será como se não houvesse danos em primeiro lugar.

— Na verdade, eu não tenho a mínima ideia se você está falando sobre o carro ou minha namorada.

— Estou falando do caminhão, seu idiota. — Ele aponta sua garrafa para Cami e Hannah antes de voltar alguns centímetros. — Quanto à sua namorada, eu ligaria para Luce.

— Já liguei.

— E o que ela disse?

— Não pode rastreá-la antes de 2014. A trilha termina aí.

Jake descansa contra a caminhonete, cantarolando, e então fica quieto por um tempo, obviamente perdido em pensamentos. — Ei, Jake, — digo depois de alguns longos momentos de silêncio. Ele pisca e olha para mim. — O que você está pensando?

— Estou pensando em como é bom pensar em algo que não seja fraldas, leite e cólica.

— Bom para você, amigo. Agora me diga o que você faria.

— Nada.

— O que?

— O *que* você *pode* fazer? — Ele pergunta, começando a passear pelo carro, tentando parecer interessado no assunto

aparente em questão. — Você não tem nada para continuar. Se Luce não consegue encontrar nada, ninguém consegue.

Meus ombros caem. — Não posso simplesmente não fazer nada.

— A menos que você pense que ela está em perigo, eu relaxaria. Não deixe sua imaginação fugir com você.

Relaxar, porra? Deixe Cami apontar uma arma para sua cabeça e ver como ele se sente sobre isso. — Ela tem medo de alguma coisa, — digo, olhando para Hannah. Ela não parece assustada agora. Ela parece feliz. Contente. Distraída? — Ela tinha uma arma Jake. Quase atirou na porra da minha cabeça com ela.

— Uau. Esse é um conjunto de circunstâncias completamente diferente.

— Sim.

— Carregada?

— Totalmente.

Os lábios de Jake se endireitam, seu aceno é suave. Ele está começando a entender a gravidade dessa situação. — E por que ela quase atirou em você? — Ele pergunta.

— Porque eu entrei na loja dela.

— Parece uma razão perfeitamente razoável para me explodir a cabeça.

Eu paro de rosnar de frustração, descansando minha cerveja no capô do meu carro enquanto Jake se agacha ao lado, inspecionando os danos de perto. — Invadi a loja dela porque momentos antes a encontrei na rua parecendo um zumbi. Completamente vaga. Como se ela tivesse tido um choque terrível ou algo assim. Ela correu e eu fui atrás dela. Ela não atendeu a porta e vi cacos de vidro no chão. Então eu quebrei a fechadura e entrei. Estava preocupado.

Jake olha para mim. — O que a chocou?

— Eu não sei, — eu ralo. — Mas o que quer que fosse, foi um soco no estômago.

— Onde ela estava exatamente? — Ele pergunta, subindo a toda a altura.

— Fora da loja.

— O que há fora da loja?

Penso com força enquanto meus olhos disparam para os meus pés, andando por cada segundo daqueles poucos minutos. — As barracas de frutas e legumes, o carrinho de pão, o... — Eu paro, olhando para Jake. — A banca de jornal.

Sua cabeça se mexe, interessada. — E você viu o jornal?

Porra. — Não. Isso nem me ocorreu.

— Que dia foi esse? — Ele pergunta, pegando o telefone.

— Domingo. — Eu me junto a ele, olhando por cima do ombro. — Experimente the *sun* primeiro. O *Independent se* esgota na hora do almoço.

Jake toca e rola, e um segundo depois, nós dois estamos olhando para a primeira página do T*he Sun*, edição de domingo. E isso não significa absolutamente nada. — Jarrad Knight, — Jake reflete, e apenas seu tom me diz que isso significa algo para ele.

— Você o conhece?

— Eu sei *sobre* ele. — Ele rola para baixo, examinando o artigo. — Magnata de negócios multimilionário. Possui uma grande empresa de tecnologia. Isso é tudo que eu sei.

Franzo a testa, sentindo minha frustração crescente, e olho de novo para a foto quando Jake rola para o topo novamente. Ele está com uma mulher. Uma mulher bonita que é consideravelmente mais jovem que ele. — Qualquer coisa?

— Nada de mais. Eles se casaram no ano passado e estão esperando seu primeiro bebê.

— E isso é notícia de primeira página? — Eu pergunto confuso.

Jake encolhe os ombros, guardando o telefone de volta no bolso, parecendo tão perdido quanto eu. — Ele é um grande manda chuva e um gênio da tecnologia. Não sei muito sobre ele.

Eu me afundo na lateral da caminhonete, voltando no momento em que encontrei Hannah do lado de fora da loja. Não há absolutamente nada para eu continuar, nenhuma pista de por que ela teve esse colapso épico. Foi algo que foi lhe foi dito? Um flashback de algum tipo? Um ataque de pânico?

— É melhor voltarmos para as meninas, — digo, sentindo-me derrotado. — Pedi a Lucinda que se aprofundasse um pouco. Vou ver o que ela consegue. — Eu ando pelo cascalho, afundando a última cerveja.

— E se ela não encontrar nada? — Jake chama, me puxando para uma parada.

Eu olho para ele. — Vou continuar olhando, — admito. Porque eu vou.

— Ryan. — Jake dá os poucos passos necessários para se juntar a mim, baixando a voz. — E se não houver nada a ser encontrado?

— Você mesmo disse que algo não está certo, — eu lembro. — Eu tenho um palpite. Você de todas as pessoas deve entender isso. — Não pretendo desenterrar; eu sei que esse tempo em sua vida está fora dos limites, mas estou desesperado. Sinto como

se estivesse enlouquecendo e preciso de alguém ou algo para me assegurar que não estou.

Jake engole em seco, mas ele não balança para mim, o que é o que eu meio que esperava. Ele não gosta muito de ser lembrado do tempo em que foi designado para proteger Cami e rapidamente foi demitido quando o pai dela descobriu o relacionamento deles. Ele sabia que algo estava errado. Ele sabia que Cami não estava segura. E ele não recuou até chegar ao fundo disso.

Jogando o braço em volta do meu ombro, Jake começa a nos levar de volta para as mulheres. — Eu entendo, — ele finalmente admite. — Mantenha-me informado, ok?

Eu bati minha garrafa vazia contra a dele de acordo. — Claro.

— Então, você ainda está planejando construir algumas cabanas? — ele pergunta. — Ou você está muito ocupado investigando sua namorada?

— Muito engraçado, — respondo. — E sim, eu estou.

— Muito ocupado? — Jake pergunta, e eu lanço a ele um olhar cansado, fazendo-o rir. — Lucinda ficará emocionada. Então você realmente não vai voltar.

— Não. Eu terminei com proteção. — Feito com perigo. É irônico, realmente. Acabei com a segurança, mas sinto que

preciso proteger Hannah de alguma coisa. O problema é que eu não sei o quê.

— Aqui, — Cami sussurra quando as alcançamos, segurando Caleb em seus braços e em pé. — Passe-me o carrinho dele.

Viro-o e puxo os cobertores para que ela possa deitá-lo, sorrindo quando seus punhos pequenos esfregam seu rosto sonolento. Eu nunca consegui deitar Alex assim quando ela era um bebê pequeno. Eu nem a vi até que ela fez um ano. — Você está bem? — Hannah pergunta, movendo-se para o meu lado.

— Sim. — Eu aceno para Caleb. — Bonito, não é?

— Adorável, — Hannah concorda melancolicamente, quase com tristeza. Faz meu cérebro girar novamente. Ela quer filhos? É apropriado perguntar?

— Você teria mais? — ela diz. Me dando a oportunidade perfeita para retornar sua pergunta. Mas também me coloca em foco. Eu nunca me fiz essa pergunta, portanto nunca a respondi. Eu nunca me encontrei em uma situação quando *precisei.*

— Eu não sei, — digo com sinceridade, ganhando algum tempo. — Eu realmente não pensei nisso. Você?

— Sim, eu quero, — ela responde sem hesitar. Ela claramente *tem* pensado sobre isso. Sinto que acabei de receber

um ultimato, porque, com essa resposta de uma palavra, Hannah colocou suas cartas na mesa. Eu quero mais filhos? — É melhor eu ir embora, — diz ela, afastando-se de mim e se aproximando de Cami e Jake, dando-lhes um abraço.

Ela está indo? Mas presumi que ela passaria a noite. Meu coração cai e minha boca está em ação antes que eu possa pará-lo. — Você não vai ficar? — Parece um pouco acusador, e eu realmente não pretendia.

— Bem, você tem uma casa cheia, com Jake, Cami e as crianças ficando. — Ela vem até mim e me dá um beijo na bochecha. Parece um gesto simbólico. Merda, eu toquei um nervo com toda essa conversa sobre bebês? Eu disse a coisa errada?

— Minha *cama* não está cheia, — aponto incapaz de impedir que minha testa se enrugue com o cenho franzido. Por que ela está tão interessada em sair de repente? Deus, droga, eu disse a coisa errada, não disse?

Hannah me dá um sorriso suave. Eu também não gosto disso. É quase como se ela sentisse pena de mim. — Fiquei tanto. Não quero que Alex pense que estou invadindo.

— Ela não pensa assim, — digo com urgência, considerando entrar e arrastar Alex da TV para confirmar que estou certo. Não quero que Hannah vá embora, principalmente agora.

— Eu vou ficar amanhã. — Ela entra para se despedir de Alex e Charlotte, me deixando sozinho, remexendo urgentemente em minha mente por uma razão plausível para ela ficar. Quando ela volta, eu não tenho nada além de simplesmente querer que ela fique. Isso é suficiente?

Indo para a bicicleta, ela a coloca de pé. — Você não está pedalando para casa, — eu lato abruptamente, e ela fica quieta, com as mãos nas barras prontas para subir no banco. Ela me olha com cuidado, e posso dizer que está me avaliando, vendo se é uma luta que ela vencerá. Ela não vai. Estou cavando minhas botas.

— Então eu vou andar.

Eu rio. — Você não está andando, Hannah.

— Então eu não posso andar, você não me deixa ir de bicicleta. — Ela chuta o suporte de volta e me encara com um olhar de desafio que eu gosto bastante.

— Você não pode simplesmente ficar? — Eu pergunto. Faz sentido.

Em um suspiro dramático, ela respira fundo algumas vezes. — Não é justo com Alex. Eu já sinto como se tivesse invadido sua vida. Ela precisa de seu tempo com você também. Ela precisa saber que não estou aqui para roubar toda a sua atenção.

Embora eu esteja ciente de que ela está cem por cento certa não posso deixar de sentir que há algo mais nisso. Como eu e meu pé grande na minha boca, quando levei um século para responder a uma pergunta que obviamente significava muito para ela. Mas caramba, ela me pegou de surpresa. E agora ela está indo embora.

Relutantemente, eu desisto. Eu nunca quero forçar nada nela. — Eu vou te levar, — eu digo, caminhando de volta para a cabana. — Apenas me dê um segundo.

— Você andou bebendo.

— Tomei duas cervejas desde que você chegou, — asseguro. Não é mentira. — Espere aí.

Eu corro para dentro para encontrar Jake. — Só vou levar Hannah para casa. Você se importa se eu deixar Alex com você? — Nesse exato momento, ouço risos estrondosos, Jake e eu viramos para ver as meninas rolando no tapete em frente à televisão.

— Eu posso ir me juntar a elas, — Jake ri me dando um tapa no ombro. — Te vejo daqui a pouco.

— Obrigado, companheiro. — Pego minhas chaves do lado, enfio meu telefone no bolso de trás e deixo Jake e as meninas 'pra' trás rindo dos *Goonies.*

Quando volto para fora, Hannah tomou a iniciativa de entrar na caminhonete sem a necessidade de colocá-la fisicamente lá. Eu pulo e passo atrás do Range Rover de Jake enquanto ela puxa o cinto de segurança e se acomoda. E o silêncio cai entre nós.

Ficamos em silêncio durante todo o percurso de cinco minutos até sua loja, e não importa o quão profundo eu cave nos cantos da minha mente, não consigo encontrar nada para dizer. Na verdade, isso é mentira. Eu tenho muito a dizer, só não tenho a porra da coragem. Respiro algumas vezes, com a intenção de abordar o assunto que conversamos antes, querendo limpar o ar. Mas cada vez que vou falar, ouço Hannah engolir, respirar ou mudar de lugar, e fico me perguntando se ela sentiu minha intenção de falar e está me dizendo, a seu próprio modo, que não. Onde isso me deixa?

Quando paro do lado de fora da loja dela, estou prestes a declarar minha loucura, minha cabeça pronta para explodir. Eu não suporto essa tensão. Os últimos dias foram *uma* felicidade completa e *fácil*. Agora é infernal. Eu tenho que resolver isso.

Ela abre a porta. — Hannah. — Estendo a mão e agarro seu braço. — Espere um minuto.

Imóvel por um momento, seu pulso preso ao meu alcance, ela reúne a força que ela precisa para me encarar. E no segundo que ela faz, minhas palavras ficam presas na minha língua e eu

me vejo apenas olhando para ela. Meu discurso de conserto é abafado pela clareza quando a encaro, cada centímetro dela. Ela ainda está usando meu suéter, e ela está magnífica nele, não importa que a esteja afogando. Sua pele limpa, seus cabelos bagunçados, seus olhos claros. Cada parte de Hannah Bright é de tirar o fôlego, e minha respiração está seriamente tomada agora. Ela tem uma boa alma. Ela é um espírito livre e tão bondoso. Tudo o que importa para ela é ser feliz e fazer o que ama. Ela é uma lufada de ar fresco.

Minha realidade me atingiu. Ou mais como me deu um soco com força total no rosto. Eu a amo. Estou loucamente apaixonado por ela. Essa mulher delicada e multifacetada roubou meu coração. Ou pegou, porque nunca tentei detê-la. O que eu preciso saber agora é: ela percebe o que fez comigo? E existe alguma chance de ela sentir o mesmo?

Eu engulo minha apreensão. Apenas o fato de eu não ter certeza me preocupa. Cada vez que sinto que realmente a conheço, algo acontece para me lembrar de que não conheço. E agora eu tive essa revelação, tudo o que eu continuo pensando é... Ela não planeja ficar em Hampton.

Eu gentilmente solto o braço dela e recuo. — Vejo você amanhã, — digo por cima da minha língua grossa, recebendo apenas um leve aceno de cabeça quando ela sai, fechando a porta e caminhando alguns metros até sua loja. Ela entra. Fecha a porta. E ela não olha para mim nenhuma vez.

— Porra. — Eu bato no volante com a palma da minha mão antes de sair rapidamente, minha caminhonete sofrendo o impacto da minha frustração. Eu digo a ela? Oferecer meu coração a seus pés e arriscar tê-lo destroçado? Eu não acho que me sentiria tão perturbado se não estivesse tão bagunçado com a arma, com o colapso dela e tudo o mais que me levou ao fato de que algo está faltando. Ou há algo que ela não está me dizendo. Porque mais preocupante é o meu medo de que, não importa o que eu faça ou como eu me sinta, ela tenha medo de me amar em troca. E que ela, de fato, me deixará. *E a* Alex.

Então, que porra eu faço agora?

22

Hannah

A escuridão é um conforto pela primeira vez. Eu ouço a caminhonete dele rolar pela rua, quase com raiva, cimentando ainda mais o fato de que algo deu errado entre nós em algum lugar esta noite, e eu realmente não tenho certeza do que. Ele me viu vacilar quando percebi quem era Cami? Deus, eu pensei que poderia ter vomitado aos pés dela. Eu me lembro bem dela; ela era regular na cena londrina. E então, naturalmente, eu me perguntei se ela me reconheceu. Levei alguns minutos para me acalmar e concluir que ela não o fez, mas foi por um momento. Eu tive que me impedir de correr para fora da cabana.

Ou foi o silêncio de Ryan por causa da minha resposta à sua pergunta sobre crianças? Eu não deveria ter sido tão honesta, mas naquele momento, pela primeira vez, realmente me vi como mãe um dia, e a realização me fez esquecer por um segundo e colocá-lo para fora. Pude ver que ele foi pego de surpresa. Sua própria resposta deveria ter me feito pensar antes de vomitar a minha.

Ou foi seu mau humor porque eu me recusei a ficar? Não há como negar que eu queria, mas meu raciocínio sobre Alex, embora em parte seja verdade, não foi por isso que eu bati meu pé no chão. Verdade seja dita, se eu não tivesse um lugar para estar de manhã, Ryan poderia facilmente me convencer a ficar. Mas eu tenho um lugar para estar amanhã. É sábado, e se eu não deixar Hampton às nove horas, o mais tardar, deixarei de ver mamãe e Pippa. Ficar com Ryan teria aumentado o risco, sem mencionar a tarefa inevitável de explicar por que teria que sair antes do café da manhã. Eu não poderia dizer que preciso abrir a loja. Sem dúvida, ele a veria fechada se fizesse uma viagem à cidade pela manhã.

Sentindo-me um pouco desanimada, subo as escadas. Encontrando meu iPad na mesa perto do sofá, carrego o Facebook e clico no nome da minha irmã na barra de pesquisa. Quando o rosto de mamãe aparece na minha tela, eu me abaixo para o sofá, traçando as bordas de sua bochecha. Toda semana eu a vejo de longe, me pergunto se será a última vez. Uma lágrima atinge a tela do meu iPad quando eu silenciosamente aceito que nem vou conseguir me despedir. Além disso, eu me despedi da minha maneira há muitos anos. Eu só tenho que olhar nos olhos vazios de mamãe para saber que ela nem saberá mais quem eu sou. Isso é doloroso e reconfortante.

Tornando a imagem o maior possível, sem distorcê-la demais, tiro uma captura de tela. Depois, percorro o resto das

fotos de perfil anteriores da minha irmã e faço o mesmo com todas elas, parando quando me deparo com uma de seis anos atrás, quando mamãe foi transferida para a clínica. Foi a milhas de Londres e eu, mas não tão longe da minha irmã. Dada minha vida contida, fazia mais sentido para mamãe estar mais perto de Pippa.

Nesta foto, ela está sorrindo enquanto aponta para as cortinas florais sofisticadas em seu novo quarto, parecendo mais viva. Naquela época, seus bons dias superavam seus maus dias. Agora os maus dias estão tomando conta. Lembro-me do dia em que visitei e disse meu adeus particular a ela. Ela estava tendo um bom dia. Até hoje, ainda não sei se estou agradecida ou triste com isso. Lembro-me de segurar sua mão firmemente enquanto ela falava comigo. Lembro-me de Pippa me olhando interrogativamente toda vez que meus olhos se encheram de lágrimas. Lembro-me dela rindo levemente quando a ataquei com um abraço tão feroz quando saímos do quarto de mamãe. E lembro das últimas palavras que ela me disse.

Deus, alguém pensaria que nunca mais nos veremos. Saia de cima de mim, sua imbecil.

Então ela me beijou e puxou meu cabelo antes de dançar do outro lado da rua.

Desligo o iPad e arrasto meu corpo pesado do sofá, subitamente muito cansada. Quando chego ao banheiro, tiro o

suéter de Ryan, tiro minhas roupas e coloco o suéter novamente. Depois de escovar os dentes, pego minhas roupas no chão e as jogo no cesto de lavar.

Então eu caio na cama e rolo para o meu lado, trazendo as mangas do suéter de Ryan para o meu nariz e inalando seu cheiro persistente, me sentindo tão sozinha novamente.

Meu coração afunda quando o céu se abre e a chuva começa a bater no para-brisa do táxi. Não tem como minha irmã levar mamãe na chuva. Ela pode não tirá-la se parar, também, especialmente se o céu ainda estiver escuro. Ela não corre o risco de mamãe pegar um resfriado quando seu sistema imunológico não é bom. Eu descanso minha cabeça na janela, meu desânimo doloroso. Cada semana entre vê-las parece um século. Duas semanas irão parecer uma eternidade se eu perdê-las hoje.

Enquanto dirigimos pela rua principal de Grange, meu celular toca e eu respondo com um — Oi, — alegre e exagerado para Molly.

— Vim à loja para verificar se está tudo pronto para amanhã, mas você não está aqui. — Ela parece um pouco

estressada; a organização e a preparação para as celebrações de amanhã estão cobrando seu preço.

Sinto um pouco de culpa e me fisga. — Estou a caminho de Grange para pegar alguns itens de última hora. — Minha mentira é muito fácil de contar. — Preciso de mais algumas telas para a competição de pintura infantil.

— Pensei que você tivesse dito que tinha o suficiente.

Eu fiz. Não *é* o suficiente. Molly estava comigo na loja no início desta semana, quando estávamos analisando a programação final e os planos para a festa. — Eu devo ter tido um lapso mental, — digo fracamente.

Ela cantarola, e está claro. Suspeito. — Ou se distraiu com um certo tipo de cara selvagem.

— E isso, — eu admito, descaradamente. Meu relacionamento com Ryan não é segredo na cidade. De fato, causou uma grande agitação. É algo para se falar em um lugar onde nunca há nada para se falar. — Volto em algumas horas para ajudar a arrumar tudo.

— Tudo bem, — diz Molly. — Te vejo em breve.

Percebo que os limpadores de para-brisas pararam e olho para o céu, vendo as nuvens negras se afastando rapidamente. Oh, obrigada Deus.

O motorista para e eu pulo, pagando quando ele abaixa a janela. Viro e examino a entrada do parque e depois rapidamente verifico a hora. Estou adiantada.

Atravesso o portão ornamentado aberto e caminho até o meu lugar de sempre, um banco afastado do lago entre duas árvores. Dali vejo minha irmã empurrando mamãe na cadeira o tempo todo. Sento-me e olho para o céu, sorrindo quando vejo que as nuvens negras não estão mais pairando sobre mim e depois olho para a entrada do outro lado do lago.

Cada minuto que passa parece uma hora enquanto espero que apareçam. Observo os passeadores de cães e os corredores passarem e, através das planícies, um cara com roupas do exército late para um grupo de pessoas com roupas de ginástica fazendo flexões. Onde elas estão? Levanto-me, sento-me e minha decepção começa a machucar meu coração. Espero mais um pouco, porque o que mais posso fazer? Desistir? Sair? E se elas estiverem atrasadas? E se eu sentir falta delas?

Permaneço no banco, a tristeza é minha única companhia, meu coração dolorido pesa no peito. Às dez e cinquenta, perco a capacidade de segurar minhas lágrimas. Eu me sinto tão vazia. Enquanto escovo minhas bochechas com as costas da mão, meu telefone toca e me sinto péssima por querer rejeitar a ligação de Ryan. Depois da noite passada combinada com o que estou sentindo agora, não posso falar com ele. Não posso forçar nenhuma felicidade em minha voz. Meu polegar paira sobre o

botão vermelho e fecho os olhos, empurrando para baixo. — Sinto muito, — digo ao meu telefone, levantando-me.

Dou mais uma olhada ao redor do parque antes de forçar meus músculos mortos à vida, voltando ao caminho, me sentindo muito pesada. Paro quando Ryan liga de novo, mas deixo tocar e me pego rolando meus ombros sem pensar, sentindo os pelos da nuca se arrepiar. Olho de volta para o caminho, uma sensação de desconforto tomando conta de mim.

As nuvens negras estão de volta, rolando violentamente pelo céu, o vento agitando e enviando folhas girando em volta dos meus pés. Cruzo os braços sobre o peito, olhando ao redor do parque. De repente, tudo fica quieto, todos se retirando como resultado da tempestade ameaçadora.

Afasto minha apreensão e corro para os portões enquanto chamo um táxi, vacilando quando um trovão soa acima. Vou até a estrada e procuro um café ou algo para me abrigar até meu táxi chegar. Não encontro um café.

Eu encontro outra coisa.

Meu coração lento começa a chutar de novo e me movo rapidamente pela calçada, com certeza não estou vendo coisas. Eu chego à esquina, apenas vendo minha irmã empurrando minha mãe através da passarela, de volta para a clínica.

Meu instinto de correr atrás delas quase me derruba, o desejo de ver o rosto de mamãe avassalador. Pippa está afastando-a de mim. Eu não posso vê-la. Eu *preciso* vê-la. Eu rapidamente verifico a estrada e atravesso quando o tráfego diminui, tentando chegar à frente delas, embora a uma distância segura. Quando elas alcançam outra estrada, minha irmã vira a cadeira de rodas de mamãe para mim.

E eu cambaleio de volta em choque. — Oh meu Deus, — eu sussurro, observando a senhora frágil na cadeira. Camadas de cobertores cobrem as pernas e um chapéu de lã é puxado para baixo em sua cabeça. Mas não importa o quão embrulhada ela esteja, protegida dos elementos, eu posso ver com uma nitidez assustadora como ela parece cinza. Sem vida. Tão fraca e completamente oca. Estou chocada com a óbvia deterioração drástica em apenas uma semana. A mulher diante de mim costumava ser o epítome da vida. Ela costumava cantar enquanto pintava. Os olhos dela costumavam brilhar constantemente. Seus abraços estavam cheios de amor e suas palavras sempre cheias de encorajamento.

Minha irmã anda em volta da cadeira de rodas e puxa o casaco de mamãe, reorganizando os cobertores em volta das pernas. Ela continua olhando fixamente para frente, parecendo alheia a tudo ao seu redor. Trago minha mão à minha boca para conter o soluço silencioso e devastado, e nesse momento o olhar vazio da minha mãe se move, olhando do outro lado da rua na

minha direção. Nossos olhos se encontram, e o soluço que eu estava contendo escapa. — Mãe, — murmuro, minha voz embargada e cheia de tristeza. Ela apenas olha para mim, me mantendo congelada no local. Mas seu lindo rosto permanece inexpressivo. Não há nada nos olhos dela. Ela está lá. Mas não está.

As mãos de minha irmã ainda estão no chapéu de lã da mamãe, e ela se vira, olhando para o outro lado da estrada também. Eu rapidamente volto, ficando fora de vista, meu coração na garganta. Estou tremendo incontrolavelmente. Eu me movi rápido o suficiente? Minha irmã me viu? Dou um passo à frente e espio ao redor da parede. Pippa está olhando a rua, com a testa franzida. Então ela volta para mamãe, que agora volta a olhar para frente e segura seu rosto, inclinando-se e beijando sua bochecha antes de voltar para trás da cadeira e continuar andando.

Eu caio contra a parede em um suspiro estrangulado, minha respiração por todo o lugar. Eu tenho que ir agora. Eu deveria entrar no meu táxi e sair. Eu já corri muito risco. Eu me sinto totalmente esgotada. Drenada de energia e esperança. Hoje não vou deixar Grange sentindo minha tristeza habitual sempre que roubo esses momentos. Hoje vou embora com apenas medo.

Medo de que no próximo sábado quando eu chegar, mamãe não esteja aqui. E embora eu saiba que é cruel para ela

viver assim, a mulher forte, vivaz e ousada que se foi há muito tempo, sendo substituída por uma senhora idosa que não reconheço mais, não posso deixar de desejar poder ver essas pessoas por mais um pouco.

Saio de onde estou escondida com lágrimas escorrendo pelo meu rosto, olhando para trás enquanto vou, tentando me impedir de dizer adeus mentalmente.

23

Ryan

Eu estudo Hannah andando pela rua, sua angústia palpável. A cada minuto que a observei desde que ela deixou Hampton, fez eu me sentir como um impostor. Eu quase me fiz presente várias vezes. Eu queria ir para ela, abraçá-la quando ela claramente precisava disso. Vê-la totalmente quebrada me matou várias vezes.

Do canto em que estou, olho para trás, vendo a mulher empurrando a cadeira de rodas chegar ao fim da estrada. Espero para ver para que lado ela vira antes de voltar meus olhos para Hannah. Eu tenho que saber quem são essas mulheres, mas eu tenho que ter certeza de que Hannah está em segurança em um táxi primeiro.

Um táxi para e Hannah entra, e espero até que ela se vá antes de correr de volta para minha caminhonete. Sigo a estrada até o fim e viro à direita, meus olhos examinando a rua.

Vejo as mulheres à frente e paro no estacionamento, desligando o motor e saltando para seguí-las a pé.

Eu mantenho distância, puxando a câmera do meu telefone, pronto para tirar uma foto quando surgir a oportunidade. A oportunidade não vem. A mulher fecha a cadeira de rodas, e eu as perco de vista. — Merda. — Aumentando meu passo, chego ao portão, apenas vendo as portas automáticas de vidro se fecharem atrás delas. A placa em um dos pilares diz: CASA DE REPOUSO WILD ORCHARD.

A mulher para na área de recepção e pega uma caneta, escrevendo algo em um livro sobre a mesa. Um registro de visitantes? Ela solta a caneta e segue em frente, empurrando a cadeira de rodas por algumas portas duplas que se abrem depois que ela espera alguns segundos.

E então elas se foram.

Eu passo para o lado e penso por alguns momentos, girando meu telefone em minhas mãos. Eu tenho que saber quem elas são. Eu faço uma avaliação rápida na área de recepção enquanto as pessoas vão e vêm. Uma mulher atrás da mesa, câmeras de segurança em cada esquina. As portas da área de recepção estão todas trancadas, abertas apenas por um código digitado no teclado ou pela recepcionista que as libera através de um botão embaixo da mesa.

Uma enfermeira sai do prédio em seu telefone, uma ficha médica na outra mão. — Vou retirar as amostras de urina para Dereck Walters e depois volto. — Ela olha para mim e sorri quando abro o portão para ela antes de voltar para sua ligação.

Espero o momento perfeito antes de fazer a minha jogada. Colocando meu telefone no bolso, subo o caminho e atravesso as portas automáticas. A mulher na recepção olha para mim e eu dou a ela meu sorriso mais amigável. — Posso ajudar? — Ela pergunta, devolvendo meu sorriso.

— Visitando Dereck Walters, — digo calmamente, pegando o diário de visitantes e puxando-o para perto, como se eu conhecesse o protocolo. Olho para a lista de nomes que entraram recentemente. Também detalha quem eles estão visitando.

— Oh? — ela diz. — Sinto muito, não te reconheço.

Eu tenho que pensar rapidamente, apenas ganhar tempo suficiente para memorizar os nomes no registro de visitantes. — Sinto muito, é uma visita de última hora. Eu não moro por aqui. Você precisa ligar para alguém autorizar?

— Temo que sim, — diz ela, pegando o telefone. — Posso pegar seu nome, senhor?

Olho para cima quando as portas do outro lado da sala se abrem e a mulher que estava empurrando a cadeira de rodas

aparece, com a atenção focada no celular enquanto bate na tela. Ela se aproxima, parando bem ao meu lado e olhando para o livro. Seus olhos encontram os meus, e ela sorri, puxando-o para mais perto dela e pegando a caneta. E eu assisto enquanto ela assina.

— Obrigada, Vera, — diz ela, acenando para a mulher atrás da mesa antes de passar por mim e sair. Meus olhos caem para o livro. Philippa Maxwell visitando Dolly Blake.

— Senhor?

Eu olho para ela inexpressivamente.

— Nome por favor? — Ela aponta para o telefone na mão em um sorriso.

— Não se preocupe. — Eu me viro e saio, puxando o celular e chamando Lucinda enquanto caminho de volta para minha caminhonete. — Philippa Maxwell e Dolly Blake. A primeira tem trinta e poucos anos, talvez. Deve morar em Grange ou nos arredores. A última, final dos sessenta, início dos setenta anos, residente na Casa de Repouso Wild Orchard em Grange. Veja o que você pode me dar sobre as duas.

— Você parece estressado, — Lucinda diz, bastante observadora. — Ouvi dizer que você teve uma visita ontem à noite.

— Você está me espionando?

— Não, — ela ri. — Falei com Jake hoje de manhã para ver quando a licença paternidade dele estará terminada. Ele disse que eles estavam indo para casa, voltando da sua. Noite agradável?

Desde quando Lucinda dá a mínima para se eu tive ou não uma boa noite? — Adorável, obrigado. — Eu me afasto. — Você se importa?

— Gosto de saber o que meus garotos estão fazendo, — ela reflete. — É do meu interesse.

— Como é do seu interesse?

— Seu bem-estar é do meu interesse. E, francamente, você está soando um pouco desligado ultimamente.

— Eu não trabalho mais para você, Lucinda, — eu a lembro, ignorando o bufar de descontentamento e voltando ao assunto em questão. — Os nomes que mencionei... — Eu não os menciono novamente. Eu sei que eles já estão armazenados na sua memória de elefante. — Veja o que você pode descobrir.

— Quando você vai contar do que se trata? — Ela pergunta.

— Quando eu souber o que diabos está acontecendo, — respondo com sinceridade. — Você se aprofundou mais em Hannah Bright?

— Sim. E bati em uma pedra. Beco sem saída.

Eu alcanço minha caminhonete e deixo minha testa descansar na porta. — Talvez os dois nomes que eu lhe dei possam esclarecer um pouco.

Eu não sei se ela ouve meu desânimo, ou se ela está se sentindo incomumente agradável hoje, mas ela suspira, e eu conheço Lucinda bem o suficiente para saber que não é um suspiro exasperado. É um suspiro preocupado. — Ryan, qualquer que seja a merda em que você está se metendo, tenha cuidado, ok?

Eu sorrio para a pintura da minha caminhonete. — Você está preocupada comigo, Luce?

Ela bufa, tentando recuperar um pouco de dureza. — Eu te conheço Ryan. Se houver algum problema por aí, você não poderá deixar de se meter.

— Terei cuidado, — asseguro a ela. — Te ligo amanhã. — Eu desligo e realinho meu foco em Hannah e como vou corrigir o que deu errado na noite passada.

Quando eu volto para Hampton, parece que uma loja de festas explodiu por toda parte na rua principal, atravessando a rua com bandeirinhas, barracas e suportes erguidos, alinhados na estrada. Eu desacelero a passos de tartaruga, atento às crianças que estão todas em ação para ajudar a preparar tudo

para amanhã. Estou aliviado por Hannah estar ajudando também, apesar de através de seu sorriso eu veja o peso de seu tormento.

Ela olha para cima quando ouve minha caminhonete, e eu odeio que ela pareça desbotada. A evidência de suas lágrimas é aparente no leve inchaço ao redor dos olhos. Ela chorou o caminho todo de Grange?

Abaixo minha janela quando a alcanço, diminuindo a velocidade do meu carro. Suas mãos estão cheias de bandeiras, o comprimento de seu braço forrado com pedaços de fita adesiva. — Ei, — eu digo baixinho.

— Ei, — ela repete, olhando rapidamente para os pés antes de olhar para mim.

— Você está bem? — Eu me sinto como um imbecil por fazer uma pergunta tão ruim, especialmente depois de ver o que eu vi esta manhã.

— Sim. — Ela levanta as mãos e apresenta os emaranhados de bandeirinhas. — Quem tirou isso no ano passado, tornou o mais difícil possível para eu recolocar este ano.

Tudo o que vejo é conversa fiada em nosso futuro iminente, nós dois desajeitados e inseguros. Não somos nós. — Quer ajuda? — Eu pergunto, saindo da minha caminhonete

antes que ela responda. Olho para a bagunça de barbante e triângulos de tecido colorido empilhado em suas mãos, minha testa franzida profundamente.

— Eu acho que está completamente quebrado, — ela diz suavemente, e eu espio para encontrar um pequeno sorriso.

— Não há nada que eu não possa consertar. — Há um significado mais profundo na minha afirmação, e Hannah não perde, piscando lentamente enquanto respira profundamente.

— Então conserte, — ela praticamente sussurra, fazendo questão de manter nosso contato visual. A atmosfera muda, um entendimento entre nós parece acontecer. O problema é que eu realmente não tenho certeza se estou entendendo. Devo dizer a ela onde estive? O que eu vi? Como eu me sinto?

Eu levanto minhas mãos para as dela e começo a desenrolar a corda, sentindo-a olhando para mim enquanto eu agarro os nós e puxo pedaços de tecido através de laços. Faço progressos rápidos, comprimentos de bandeiras começando a se acumular no chão a nossos pés, e alguns minutos depois as mãos de Hannah estão livres. Pego as duas com as minhas e entrelaço nossos dedos. — Veja, — murmuro, procurando novamente seus olhos. — As bandeirinhas estão consertadas. — Eu dou alguns passos até que nossas mãos estejam presas entre o peito dela e o meu. — E agora você está livre.

Ela morde o lábio inferior, e eu sei que é porque ela está tentando me impedir de vê-lo balançar. Eu me sinto impotente agora. Impotente. Sou um homem prestes a fazer o que é instintivo para mim, mas tenho muito medo que a consequência disso seja o risco de perdê-la.

Hannah força nossas mãos para baixo e quebra nosso aperto, colocando os braços em volta da minha cintura e esmagando-se no meu peito. E de repente eu não estou mais me sentindo impotente. Eu a envolvo em meus braços e a seguro como eu sei que ela precisa ser segurada, meu queixo descansando em cima de sua cabeça. Eu a deixo ter o tempo que ela precisa, feliz em segurá-la, feliz por todos olharem, feliz por não dar a mínima.

— O que mais há para ser feito? — Eu pergunto, olhando para cima e para baixo da rua, pensando que parece bastante completo para mim. Pelo menos, o máximo que pode ser feito no dia anterior à festa. Ao raiar do dia, todo mundo estará estocando carrinhos, arrumando mesas e cadeiras, cozinhando, fabricando cerveja, assando.

Ela vira o rosto na minha garganta e eu a sinto piscando, seus cílios me fazendo cócegas lá. — Eu só preciso pendurar essas bandeirinhas. — Suas palavras vibram contra o meu pomo de adão.

— Vou te ajudar. — Eu tenho que separá-la de mim antes que a coloque na minha caminhonete e volte para a cabana para saciar meu rápido ataque de luxúria. — Me diga o que fazer.

Ela sorri para si mesma, ciente do meu problema. Ela provavelmente também *sentiu*. Não consigo nem sentir remorso. Neste momento, eu preciso dela de todas as maneiras, dessa maneira mais. Nossa conexão. Nossa proximidade. A paz dela.

Ela aponta para a escada próxima e se inclina para recolher as bandeiras. — Você pode me passar isso e eu vou colar na placa acima do pub. — Ela se vira e aponta do outro lado da rua para a loja do Sr. Chaps. — Então nós prendemos o outro lado ali.

Olho a escada desconfiado. — Você andou subindo de um lado para o outro nisso sem ajuda? — Eu pergunto, não gostando nem um pouco disso.

— Bem, sim.

— Hannah, — eu a repreendo, irritado, carregando a escada para o pub e colocando-a embaixo da placa, sacudindo um pouco para verificar se está nivelada e estável. — Passe 'pra' mim, eu farei. — Dou o primeiro passo e estendo a mão para o final da bandeirinha. — Apenas me diga onde colocá-lo?

Os olhos dela se expandem. — Colocar o que?

Naturalmente, meus olhos caem na minha virilha em uma risada. Ela precisa parar com essa bobagem agora. Eu não serei responsabilizado se esta bandeira não chegar do outro lado do pub da cidade. Eu empurro minha mão para frente. — Dê.

Em um sorriso recatado, ela me passa a bandeirinha e passa o comprimento pela mão enquanto eu subo a escada, tendo que subir um último degrau, para alcançar a placa. Eu olho para baixo. — Você ficou no topo disso, não é? — Eu pergunto acusadoramente. Ela é quase um pé mais baixa que eu. Precisa de pelo menos mais um degrau ou dois.

Ela não responde, apenas faz um bico de culpa e eu balanço minha cabeça, irritado, enquanto fixo o final na borda da placa. Desço e pego a escada, reivindicando Hannah com minha mão sobressalente e nos levando através da estrada enquanto ela deixa a bandeira se desenrolar atrás de nós.

— Ei, Ryan, — Molly chama de sua própria escada do lado de fora dos correios. Sério, ninguém tem nenhum cuidado com saúde e segurança por aqui?

Paro e abaixo a escada, fazendo o meu caminho. — Desça, — ordeno, segurando os dois lados para mantê-la firme. Eu assisto enquanto ela lança um olhar para Hannah, como se ela devesse ouvir? Hannah assente e Molly começa a se mexer na escada para encontrar o ângulo certo para descer. Assim que ela desce, eu pego o montante de bandeirinhas que ela estava

lutando para colocar e subo os degraus, alcançando e prendendo facilmente. — É isso? — Eu pergunto, olhando para ela.

— É isso mesmo, — Molly diz, indo até Hannah e sussurrando algo em seu ouvido. O que? Não sei, mas Hannah dá um soco forte em Molly com o cotovelo e Molly ri. Desço e olho para as duas, desconfiado, enquanto pego a escada e continuo para o Sr. Chaps. — Sobre o que vocês duas estão rindo? — Eu pergunto, batendo a escada na calçada.

— Nada, — Molly canta, caminhando para a multidão de crianças que decoram a banca de sorvete. — Sr. Ryan, todo quente e selvagem e, sem dúvida, uma transa incrível, — ela grita de volta.

Hannah gira em direção a sua amiga. — Molly!

Ela se vira e começa a andar para trás, parecendo inocente. — O que?

— Sim o que? — Eu pergunto enquanto subo e arrumo a peça final, meu sorriso confidencial.

— Nada, — diz Hannah, lançando um olhar de advertência para Molly antes de me encontrar no pé da escada. — Ok, agora temos que decorar o palco, montar a barraca de torta e, por último mas não menos importante, fazer as maçãs carameladas.

Minha boca se abre. — O que?

— Estou brincando. — Ela pega meu braço e o levanta, movendo-se para o meu lado e colocando-o sobre o ombro. Ela olha para mim. — Obrigada pela ajuda.

— Eu quase não fiz nada. — Eu empurro minha boca em seus cabelos e começo a caminhar de volta para a minha caminhonete. — E foi principalmente por razões egoístas. — Abro a porta do passageiro. — Quero você só para mim esta noite para que eu conserte o que deu errado ontem à noite.

Ela empurra para trás uma mecha de cabelo, pensativa. — Eu gostaria disso. — Diz ela, subindo na minha caminhonete. Fecho a porta e entro do outro lado, colocando a mão em seu joelho e apertando. Agora percebo que as coisas realmente não deram errado. Hannah não queria ficar em casa porque tinha um lugar no qual queria estar cedo esta manhã. Mas é claro que eu não deveria saber disso. E realmente, eu não vou apenas consertar as coisas. Eu vou esclarecer as coisas. Espero que ela esteja pronta.

A jornada é tranquila, mas desta vez não é desconfortável. Muitas vezes me pergunto o que ela está pensando e sei que ela está se perguntando o mesmo de mim. Ela está perto? Isso passou pela sua cabeça? Eu paro e apoio meus braços contra o volante por alguns momentos antes de respirar e sair. Sinto seus olhos me seguirem pela frente do carro até chegar à porta dela. Abro e estendo minha mão.

Ela me deixa esperando por alguns instantes antes de pegá-la, escorregando e se afastando para eu fechar a porta. Eu começo a andar, e Hannah deixa nossos braços alcançarem o comprimento total antes que ela comece a me seguir. — Onde estamos indo? — Ela pergunta, olhando para a cabana.

Não digo nada, voltando minha atenção para frente e puxando-a pela mão. Quando Hannah e eu chegamos ao lago, paro e admiro, nunca deixando de ser impressionado por sua beleza tranquila e calma. O sol fica logo acima das copas das árvores, brilhando sobre a água calma. É perfeito.

Viro e puxo Hannah para frente, pegando a bainha do vestido e puxando-o por cima da cabeça. — O que você está fazendo? — Ela pergunta, embora ela não me impeça de fazê-lo. Eu agacho e pego o tornozelo dela, levantando o pé e removendo o Birkenstock e depois repito no outro pé. — Ryan?

Eu levanto meus olhos pelo comprimento de suas pernas até encontrá-la olhando para mim, um olhar de incerteza em seu rosto. Pego as laterais da calcinha, puxando-as lentamente para baixo e, quando chego aos tornozelos, ela levanta cada pé, sem precisar que eu solicite. Inclino-me e beijo seu osso do quadril e ela se dobra na cintura, estendendo a mão para pegar meus ombros. Seu toque me energiza. Me empurra para frente. Me dá força e coragem.

Eu me levanto lentamente, alcançando atrás dela para encontrar o fecho do sutiã, beijando entre os seios enquanto deslizo o fecho. — Ryan, — ela respira novamente. Ela pode continuar dizendo meu nome. Eu preciso ouvir isso. Puxo as tiras pelos braços dela e recuo enquanto ela os estende para ajudar.

E então ela está nua. Uma extensão interminável de pele macia e sedosa está diante de mim, me chamando, implorando para que eu sinta, toque, beije cada centímetro. Engulo em seco e tiro minhas botas, desabotoando e empurrando meu jeans pelas minhas coxas enquanto praticamente rasgo minha camiseta sobre minha cabeça. Ela morde o lábio. Foda-se, ela morde o lábio e é como combustível de foguete na minha virilha. Preciso colocá-la no lago antes que cague meu plano e a derrube aqui e agora.

Estendo minha mão. Ela pega. E começo a andar para trás em direção à costa, saboreando a mistura de intrigas e antecipações em seu rosto. Ela deixa nossos braços alcançarem o comprimento total antes de se mover, dando pequenos passos comigo. A água encontra meus tornozelos, embora eu não sinta frio. Mas espero que Hannah faça. Espero que desperte todos os nervos, todos os músculos, todas as células do cérebro. Eu a quero mais alerta do que ela já esteve.

— Ryan, — diz ela em uma inspiração aguda quando a água encontra os dedos dos pés. *Continue andando, querida.* Eu

vejo o peito dela se expandindo cada vez mais, quanto mais a água sobe em seu corpo, e quando desliza em seus seios, eu a puxo para frente e empurro as pernas em volta da minha cintura, segurando a parte de baixo das costas. Seus braços encontram meu pescoço facilmente. Tudo é tão fácil com Hannah.

Dobro meus joelhos e nos derrubo até que a água passe por nossos ombros e atinja nossos pescoços. E quando ela inala, eu a beijo. Eu a beijo com todas as palavras que quero dizer, apertando minha boca, esperando para serem ditas. Serem ouvidas. E elas serão. Mas, por enquanto, só preciso beijá-la com toda a louca paixão que estou sentindo. Há beijos. E há *beijos*. Tive muitos deles com Hannah, o tipo de beijo que faz você esquecer tudo, exceto a sensação da boca dessa pessoa na sua. Beijos que fazem todos os outros beijos parecerem irrelevantes. Beijos que fazem você doer. Que arruínam você. Que espalham clareza e propósito por você.

Mas esse beijo me leva além. Esse beijo me faz abdicar minha vida por essa mulher. — Hannah, — sussurro em torno de sua língua exorável, tentando me retirar. Ela se eleva mais alto, aumentando a pressão de nossas bocas. Inclino minha cabeça para trás, permitindo que ela continue esse beijo que faz a Terra girar. Sua falta de vontade de se afastar desse momento requintado apenas me encoraja a ser o único a acabar com isso. Tudo bem. Vai ter mais.

Viro minha cabeça e descanso a boca em seu ombro, sentindo seus lábios agora no meu ouvido. O suspiro de sua respiração enquanto ela arfa contra mim me faz tremer, e eu agarro a carne macia de seu ombro, mordendo levemente, encontrando o controle de que preciso. São necessárias algumas inspirações controladas e *muita* força interior. Mas então ela me pega desprevenido e se levanta, deslocando os quadris e, como um radar, meu pau a encontra. Ela afunda em um gemido, e eu engasgo com todas as palavras que quero dizer. Meus pés empurram contra o leito do lago, minhas pernas tensas se endireitam. Eu levanto com Hannah presa à minha frente, uma onda de água fluindo de nós. Eu preciso ficar de pé. Eu preciso de uma âncora, algo sólido debaixo dos meus pés. Suas paredes internas estão pulsando ao meu redor ansiosamente enquanto eu a seguro ainda contra mim, tentando recuperar o fôlego. — Você arruinou meu plano, — eu digo, áspero, meu rosto enterrado em seu pescoço molhado.

— Esse não era seu plano quando você me trouxe aqui? — ela pergunta, me cutucando e beijando seu caminho por minha bochecha até que ela chega a minha boca.

— Em parte, — admito, pegando seus lábios e mimando-a por um segundo. — Como você está se sentindo?

— Viva. — Sua resposta é de alguma maneira irreverente, mas também é de alguma forma o que eu esperava.

— Não quero que esse seja meu único objetivo. — Eu seguro seus cabelos molhados e a afasto de mim, usando minha outra mão para alcançar minhas costas e soltar seus tornozelos. Ela desliza pelo meu corpo, nós dois estremecendo quando eu escorrego dela, nos separando completamente. A confusão em seu rosto é compreensível. Também não sei como consegui me afastar. Pego suas mãos e beijo cada uma antes de soltar e me afastar, colocando um bom metro de água entre nós. As pessoas dizem coisas no calor do momento, especialmente quando são cegas pela paixão. Eu não quero que haja nenhuma oportunidade para um mal-entendido aqui.

— Qual é o problema? — Ela pergunta, passando os braços em volta do torso nu de forma protetora, seu olhar de incerteza me machucando. — Eu fiz alguma coisa? Diga algo?

Eu rio levemente, embora não de humor. Ela já fez e disse muitas coisas. — Eu sei o quanto você está viva quando estamos juntos, — eu digo, descansando minha mão sobre meu coração. — Eu sinto aqui. — Seus olhos se fixam no meu peito, onde estou tocando. — O passado que matou seu espírito não tem importância para nós, Hannah. — Ela fecha os olhos e eu posso ver claramente que ela está se convencendo a não virar e correr. — O que quer que tenha te quebrado, não pode mais machucá-la, — juro e ela recua na água. — Você pode correr, — digo a ela, embora implore silenciosamente que não. — Mas

você estará fugindo de um homem que a ama com um poder que o paralisa.

Olhos redondos, impossivelmente enormes, levantam para os meus. Eles estão cheios de lágrimas, e seus braços abraçam seu corpo um pouco mais apertado.

— Eu só quero te amar, Hannah, — murmuro. — E mais do que isso, quero que você me dê permissão. — Pego minha nuca e a massageio, sentindo minha apreensão chegar lá. Ela vai correr? Ou ela vai ficar? Agora, eu não sei. Ela está claramente confusa, e eu sinceramente não tenho ideia de como isso pode mudar. Mas eu comecei agora. E eu vou terminar. — E mais do que isso, — digo baixinho. — Eu quero que você aceite. — Dou um passo à frente como se dissesse — *Estou aqui. Apenas me pegue. Sou todo seu se você apenas se permitir me ter.* — E se eu tiver muita sorte, — acrescento, diminuindo a distância entre nós até estar diante dela. — Você vai me amar de volta, — eu sussurro, querendo tocá-la, para lembrá-la da conexão inflexível que temos. No entanto, não posso influenciá-la com a química sexual. Há mais do que isso entre nós. *Muito* mais.

Hannah permanece uma estátua diante de mim, com o olhar baixo. O silêncio é uma agonia, a tal ponto que não aguento mais. Ela precisa de espaço. Ela precisa de um tempo para pensar no que eu disse. Isso me mata, mas eu tenho que

deixá-la ter esse tempo. E tudo o que posso fazer é esperar que ela aceite meu amor. E ela ficará.

Dou um passo para o lado e passo por ela, atravessando a água até a praia, esfregando a palma da minha mão enquanto vou.

Ouço a água espirrar antes de sentir sua mão agarrar meu pulso e paro, mas não olho para trás. Será este um discurso — *Não é você, sou eu?* — Nesse caso, não posso olhar para ela enquanto ela dá. Não posso prometer que vou conter meu temperamento. Não posso prometer que não vou berrar e gritar com ela por ser tão impenetrável. Fecho os olhos e espero. Meu mundo está nas mãos dessa mulher.

Ela se move atrás de mim, chegando perto das minhas costas e deslizando as mãos sob os meus braços, ligando-as. Sua bochecha repousa no meio das omoplatas. — Me ame, — diz ela, dando um beijo na minha pele.

O fogo dispara desse ponto para cada terminação nervosa que tenho. Isso não foi uma permissão. Isso foi uma ordem. Eu me viro, precisando vê-la, mas ela trava a mão, me parando. — Não quero olhar para você quando contar o que estou prestes a contar, — diz ela em voz baixa. — Não quero sua simpatia. Quando eu terminar, você vai me encarar e olhar para mim como eu preciso que você olhe para mim. Não como você quisesse me consertar. Estou trabalhando duro para fazer isso

sozinha. Não preciso de um homem para isso. — Sinto sua testa descansando no meio das minhas costas e coloco meus braços sobre os dela, encontrando suas mãos e segurando-as em ambos os lados do meu pescoço. — Quero que você olhe para mim como se fosse sua e nada veio antes de você.

Meus dentes cerram. Eu estava com medo do que havia para saber antes que ela dissesse isso. Não posso prometer que não vou entrar em fúria. Então ela vai me contar tudo, e devo fingir que nunca ouvi uma palavra?

— Prometa-me, — ela ordena, me sacudindo um pouco, empurrando sua frente mais forte nas minhas costas.

Eu nunca na minha vida achei tão difícil pronunciar duas palavras. — Eu prometo, — digo através do aperto na minha mandíbula, esperando que eu não tenha feito uma promessa que não posso cumprir.

— Eu tive um relacionamento antes de você, — ela me diz, com a voz trêmula. — Era um relacionamento muito doentio. Eu perdi minha identidade. Eu perdi minha autoconfiança. E eu perdi muitas coisas que amava. — Ela para, dando um tempo e, naturalmente, minha mente entra em sobrecarga. *Doentio.* Eu preciso de uma definição do que é um relacionamento doentio, porque o espectro é muito amplo. Embora a arma que Hannah apontou para minha testa me ajude um pouco. — Eu saí, — ela continua. — Afastei-me e comecei de novo. Minha vida desde

então tem sido solitária, mas tem sido boa para mim. Eu me encontrei novamente. E agora eu também te encontrei. Você me ajudou a encontrar a felicidade de novo, e agora só quero esquecer tudo o que veio antes.

Filho da puta. Eu largo minha cabeça, olhando para o céu, como se a resistência que eu vou precisar possa ser encontrada lá. Resistência para não encontrar aquele homem e enche-lo de balas. O nariz dela foi claramente quebrado. Suas lutas com flashbacks e colapsos. Que porra ele fez com ela? Respiro com a raiva crescente que suas palavras e meus pensamentos provocam, e Hannah me aperta ainda mais, então sei que ela está sentindo o calor da minha raiva.

Eu a tenho aqui comigo. Ela está segura aqui comigo. Nada pode tocá-la.

— Você me prometeu, — diz ela na minha pele. — Deixe ir.

Há muito mais que ela não está me dizendo. Como as mulheres que ela estava observando em Grange esta manhã. Quem são elas? *Deixe ir.* Eu posso? Eu devo? Foda-se, eu tenho escolha?

É preciso tudo em mim para assentir e apertar as mãos dela. — Ok, — eu digo, virando e olhando para ela como ela me pediu. Como se ela fosse minha, porque ela é. E como se nada tivesse vindo antes de mim, porque para ela não veio. O que Hannah precisa deve ser minha prioridade. Então eu tenho que

me livrar da minha própria necessidade de conhecer todos os detalhes de seu passado. Eu tenho que afastar a necessidade de vingança. Hannah está aqui comigo, e ela está me dizendo para amá-la. Amá-la é a parte mais fácil. — Não vai passar um dia sem que eu diga que te amo. — Eu arrasto meu polegar pelo lábio inferior. — Não passará uma noite sem que você *sinta* o quanto eu te amo. — Eu seguro seu rosto em minhas mãos, desesperado para que ela entenda as profundezas dos meus sentimentos. — Prometo que sempre a protegerei. Eu prometo a você que sempre serei forte por você. Eu prometo que irei atravessar o inferno e voltar, se isso significar impedir que você se machuque. Não há nada neste mundo que possa me fazer mais feliz do que simplesmente saber que você está na minha vida, e eu sou o que você precisa. — Eu a beijo com força. — Então eu prometo a você que deixarei tudo para lá porque eu te amo.

Ela passa os braços em volta de mim e rasteja pelo meu corpo, e minhas pernas cedem, me derrubando de joelhos. Com Hannah no meu colo, eu a envolvo, absorvendo cada batida de seu coração acelerado. Minha clareza está de volta. *Ela* é a minha clareza. Nada mais importa. Eu serei o homem que ela quer. Eu vou desistir da minha necessidade de conhecer os detalhes sangrentos, porque quero ser a paz dela, não aumentar seu tormento. Eu não posso perdê-la.

Eu nos mantenho no chão pelo tempo que meus calcanhares cavados na minha bunda permitirem, feliz em traçar suavemente a pele de suas costas, sorrindo para mim mesmo cada vez que a sinto flexionar sua frente em mim, a sensibilidade se tornando demais. Mas eu não paro. Cada pressão do seu peito no meu, cada sorriso dela que sinto no meu ombro, cada mordida leve na minha carne, apenas me incentiva.

— Posso ficar com você hoje à noite? — Ela pergunta, se afastando e me observando com olhos sonolentos. — Se Alex não se importar.

— Alex está hoje à noite na casa de Darcy, se preparando para o concurso. — Meu traseiro finalmente declara o início da dormência, então empurro a palma da mão no chão e levanto Hannah enquanto fico de pé. Ela está exausta. Eu tenho que admitir, eu também estou. Toda essa conversa de amor e passado nos esgotou.

Ela não mostra vontade de desenrolar seu corpo do meu, deixando-me abaixar com ela presa à minha frente para recolher nossas roupas. Eu a seguro sob suas coxas e volto para a cabana, sentindo o ar frio se estabelecer em nossa pele nua. Ela está começando a tremer.

Quando chego lá dentro, largo nossas roupas em uma pilha ao lado da porta e a carrego até o fogo, acendendo e

puxando um cobertor do sofá. É preciso alguma negociação e esforço, já que ela não está ajudando, mas eu finalmente a pego de costas, cubro seu corpo nu com o meu e puxo o cobertor sobre nós. — Travesseiro?

Ela balança a cabeça e desfaz todo o meu esforço para deixá-la confortável, me empurrando de costas e descansando a cabeça no meu peito. Eu reorganizo o cobertor novamente, nos cobrindo enquanto o fogo aumenta e começa a afugentar os calafrios.

— Ryan?

Espio por trás da cabeça dela, murmurando meu reconhecimento.

— Eu prometo que sempre vou te amar. — Ela move a cabeça para que seu queixo afunde no meu peito e ela olha para mim. — Eu quero que você saiba disso.

Enfio meus dedos em seus cabelos molhados enquanto ela descansa a cabeça e seus olhos se fecham. Ela está respirando levemente logo depois, dormindo profundamente. — Eu já sabia, — digo baixinho. Mas o que eu queria ouvir é que ela nunca me deixaria. Porque ainda não tenho certeza disso.

Eu não durmo. Não chego nem perto. Meus pensamentos não pararam de girar.

Sendo o mais cuidadoso possível, levanto a palma da mão de Hannah do meu peito e saio de baixo dela, colocando-a no tapete. Ela se mexe, mas se acalma quando eu coloco os cobertores de volta ao seu redor.

Coloco o jeans, pego o telefone e saio, ligando para Lucinda e planejando dizer a ela para abandonar sua busca. Prometi a Hannah que a amaria. O passado dela não importa. Eu preciso deixar 'pra' lá.

O telefone toca uma vez e Lucinda atende, mas antes que eu tenha a chance de lhe dar minhas instruções, ela me bate com uma afirmação que tem o potencial de me fazer mudar de ideia. — Você ouviu esse ditado sobre abrir uma lata de vermes? — ela pergunta, me detendo a meio passo da escada para o gramado.

Diga as palavras, Ryan. Desligue. Oh, porra. Agarro um poste de madeira e procuro desesperadamente o motivo que encontrei anteriormente. — Diga-me, — eu exijo. A razão se foi. O bom senso se foi. Ou foi encontrado?

— Philippa Maxwell tem trinta e cinco anos, casada, tem uma menininha. Vive em Highspeck a cerca de 100 quilômetros de Hampton. Dolly Blake é sua mãe. Ela morou sozinha por alguns anos após a morte do marido, mas a demência se instalou e ficou progressivamente pior até ser transferida para o lar, seis anos atrás, por suas filhas.

— Luce, o que isso tem a ver com Hannah?

— A outra filha de Dolly, Katrina, morreu cinco anos atrás. Morte trágica nas Bahamas. Corpo nunca encontrado.

— Cinco anos atrás, — sussurro, o gelo rastejando em minhas veias.

— Sim. Ela foi casada com o gigante tecnológico Jarrad Knight.

— Porra, — respiro, colocando Lucinda no alto-falante e me afastando da cabine. Pego o Google e procuro o artigo que Jake encontrou outro dia, mas desta vez eu o leio. E aí está. Referência à trágica perda de sua primeira esposa há cinco anos. — Jesus.

Lucinda murmura concordando com o meu choque. — Acabei de mandar uma foto de Knight e sua primeira esposa.

Meu telefone toca e eu abro a mensagem de Lucinda. Meus joelhos cedem instantaneamente e agarro a lateral da minha caminhonete para me segurar, o chão parecendo ter desaparecido debaixo de mim. A mulher na foto é linda. Cabelo comprido e escuro. Pele perfeitamente impecável. Curvas que qualquer homem mataria para acariciar. Ela é chique, vestida completamente de preto e tem joias pingando de todas as partes dela. Ela está no tapete vermelho com Jarrad Knight, os braços

ligados, os dois sorrindo para a câmera. Mas não é um sorriso genuíno. É um sorriso de aparência.

— Você a reconhece? — Lucinda pergunta.

— Você poderia dizer isso, — murmuro, descansando contra a porta da minha caminhonete, incapaz de desviar os olhos da foto da mulher que olha para mim. — Estou apaixonado por ela.

24

Cinco anos atrás

— Oh meu Deus, nunca vi nada parecido. — Katrina estava absolutamente hipnotizada pelas águas cristalinas diante dela. A piscina de pedras escondida que eles descobriram estava além dos reinos da beleza.

— Bem, agora você viu. — Jarrad apareceu atrás dela e circulou sua cintura com os braços. — Seu marido não é o homem mais incrível do mundo por trazê-la a esses lugares?

— Verdadeiramente incrível, — ela diz sem pensar, incapaz de compreender a pura magnificência. — Gostaria de ter minhas tintas comigo. — Ela poderia se perder por horas dando vida a isso em aquarelas.

— Você e sua pintura, — Jarrad sussurrou em seu ouvido, fazendo-a tremer. — Há apenas uma coisa no mundo pela qual eu quero que você seja apaixonada. — Ele mordiscou seu lóbulo, apertando-a com mais força na frente dele. — E o que é, querida?

— Você. — Sua resposta foi automática quando ela se soltou, ignorando o resmungo descontente dele. Ela deu alguns passos hesitantes pelas pedras até a água.

— Tome cuidado, — chamou Jarrad atrás dela, sua voz ecoando nas paredes de pedra da caverna. — Todos sabemos o quanto você é desajeitada.

Katrina se forçou a não revirar os olhos. — Vamos, Hayley, — ela gritou ansiosa para explorar o lugar mágico. Ela sabia exatamente para onde estava indo, tendo pesquisado a área infinitamente depois de descobrir acidentalmente que Jarrad havia planejado uma viagem surpresa para lá. Mas nada nas fotos que ela viu ou nas palavras que leu fez justiça a esse lugar. Era de tirar o fôlego.

— Você não está com calor? — Hayley perguntou enquanto seguia Katrina.

Katrina ignorou a observação de sua amiga com facilidade. Era costume cobrir seu corpo hoje em dia. — O sol está forte hoje.

— Estamos em uma caverna. — Hayley riu enquanto caminhavam pela água cristalina até o outro lado da piscina de pedra e subiam na beira.

— Vamos. — Katrina não respirou antes de escalar as rochas para a luz do dia que ela podia ver derramando através de uma abertura acima.

— Não devemos esperar pelos homens? — A atenção de Hayley estava dividida entre os homens e Katrina subindo rapidamente as rochas.

— Eles vão nos alcançar, — ela gritou de volta.

Relutantemente, Hayley seguiu uma Katrina ansiosa, subindo atrás dela.

— Vocês duas tenham cuidado, — gritou Jarrad, não muito atrás.

Isso apenas fez Katrina sorrir e escalar mais rápido. Quando ela alcançou a abertura, ela apertou os olhos. A luz do sol que entrava era forte em seus olhos depois de estar envolta em luz escura por tanto tempo. — Oh meu Deus, olhe para isso. — O pequeno túnel levava a uma abertura que era cortinada por uma parede de água derramando. Era perfeito. Tão perfeito quanto ela tinha visto nas fotos.

Katrina olhou por cima do ombro, encorajando mentalmente sua amiga. — Há uma linda cachoeira. — Ela deu alguns passos para trás e ofereceu a mão à amiga, ajudando-a a subir os últimos passos. — É incrível. — Ela olhou para Hayley e viu os caras no meio do caminho. Ela não podia esperar por

eles; ela estava desesperada demais para chegar à cachoeira. Então, ela passou pela passagem rochosa, o som da água correndo ficando mais alto até ficar ensurdecedor. Ela absorveu cada centímetro bonito da caverna enquanto passava, avaliando as paredes, os túneis, todos os cantos e recantos. Katrina podia ver o chão cair alguns metros à frente, e ela sabia que Jarrad ficaria chateado com ela por se aproximar demais da beira. Mas...

Segurando a parede, ela se inclinou cautelosamente em direção à queda, perdendo o fôlego quando finalmente conseguiu enxergar pelo lado. A queda era assustadora, o fundo da cachoeira nem visível.

— Seja cuidadosa! — Hayley gritou, mas Katrina apenas podia ouví-la sobre o rugido da água.

Ela olhou para trás, vendo a amiga no meio do túnel. — Você tem que ver isso, — ela gritou.

— Espere os caras, — ordenou Hayley, tão cautelosa como sempre.

— Onde eles estão? — Eles estavam demorando tanto. Bom.

— Vou verificar. — Hayley começou a dar passos para trás, virando e baixando os olhos para o chão irregular sob seus pés. — Curtis! Jarrad!

Katrina encarou a água novamente, totalmente encantada. Ela olhou ao redor do espaço, curvando-se para ver uma pequena abertura no nível do joelho. Havia infinitos túneis, alguns desaparecendo na escuridão, outros com luz brilhando no final. Ouvindo vozes atrás dela, ela se endireitou e deu mais um passo em direção à borda, espiando, sentindo a água borrifar em seu rosto. O sorriso dela era enorme. Provavelmente o maior desde que se casou com Jarrad há mais de seis anos.

Ela estendeu a mão, esticando o braço para tocar a água. Ela se encolheu com a frieza. Mas sorriu ainda mais.

Uma pedra se moveu sob o pé dela, e ela perdeu o equilíbrio. — Merda, — ela respirou, com o coração acelerado. Katrina agarrou rapidamente a parede. — Oh meu Deus, — ela ofegou, tentando cautelosamente firmar as pernas. Ela finalmente se estabilizou, olhando de volta pelo túnel à procura da amiga e dos homens. Nada. No entanto, ela podia ouví-los. Eles estariam aqui em breve. Eles a veriam.

Ela respirou fundo, enchendo os pulmões. — Jarrad! — Ela chorou, sentindo a parede. Era lisa, polida e escorregadia depois de centenas de anos de água fluindo sobre ela. Ela sorriu. Se ela tropeçasse, não haveria nada para agarrar. Seria fácil para alguém perder o equilíbrio com todas as pedras irregulares no chão, especialmente se alguém fosse tão desajeitado quanto Katrina.

— Jarrad! — Ela gritou de novo, seu corpo umedecido pelo spray quando ela se aproximou da borda, agachando-se um pouco para encontrar o que sabia que estava lá.

— Katrina! — Jarrad rugiu, e ela olhou para trás quando soltou a parede, gritando, apenas vendo o marido antes de desaparecer. Ele pulou para frente, mas foi rapidamente puxado por Curtis, e os dois homens se enfrentaram e lutaram. — Katrina não!

Seu grito se transformou em nada.

E ela se foi.

25

Ryan

Não consigo falar e Lucinda fica em silêncio na linha, obviamente deixando meu choque acalmar. Não consigo formar uma frase coerente, nem consigo pensar em uma. Estou completamente abalado. Olho para a cabana onde Hannah está dormindo. Minha bagunçada, fofa e selvagem Hannah. Ela não é nada como a mulher que vejo nesta foto. — Ela fingiu a própria morte? — Eu murmuro sem pensar. — O que levaria uma mulher a fazer isso? — Eu não posso continuar sabendo disso e não dizer nada para ela.

— Eu não tenho a resposta para isso, Ryan, — Lucinda diz suavemente. — Estou lhe dizendo o que descobri.

Eu bato minha mão na minha testa algumas vezes, uma tentativa fraca de me tirar do choque. Knight se casou novamente. Ele esqueceu a morte de Katrina Knight. Devo deixá-la morta? — Consiga tudo o que puder sobre Knight. Se ele roubou a barra de sabão de um hotel, quero saber.

— Não tenho informações sobre barras de sabão roubadas, — brinca Lucinda secamente. — Mas vou superar isso com uma morte suspeita.

— O que?

Meu telefone toca novamente com outro texto. — Esse é Quinton Brayfield, — ela declara enquanto eu encaro a foto de um homem idoso e bem vestido. — Proprietário da Brayfield Technologies. Ele foi encontrado morto em sua casa em Suffolk, há pouco mais de cinco anos. Tudo aponta para o suicídio, exceto por uma coisa.

— O que?

— Brayfield não era suicida, — diz Lucinda. — Minhas fontes dizem que Knight queria comprar a Brayfield Tech, eliminando um de seus maiores rivais. Exceto que Quinton Brayfield não venderia. Seu filho e herdeiro, Dale Brayfield, no entanto, faria. Mas ele não podia fazer nada já que o velho era presidente do conselho.

— Então você acha que Knight matou Quinton Brayfield?

— É uma grande coincidência, você não acha?

— Isso já foi investigado?

— Knight *ajudou* a polícia em suas investigações. Ele nunca foi suspeito e tinha um álibi muito sólido na noite da morte de Brayfield. Adivinha quem.

Meu coração afunda. — Hannah, — eu apenas sussurro.

— Hannah, — Lucinda confirma. — Ou Katrina.

Encontro uma árvore e caio contra o tronco, totalmente desconcertado pela enxurrada de informações. Isso explica muito, porra. O fato de Hannah se assustar facilmente, para começar. Ela está preocupada que ele a encontre. É isso que ela quis dizer com *doentio*? Mentindo por ele? Mas fingindo a própria morte?

— Minha cabeça dói, — admito para Luce. Sinceramente, não sei o que fazer com tudo isso agora que sei. Eu digo a Hannah que eu sei? O que ela vai fazer? Eu não posso responder. Mas sei que, se não disser nada, ela me deixará amá-la. Será como antes. Aceitei que deixaria passar. Prometi a ela que deixaria passar. Eu deveria pegar essas informações e usá-las para entender Hannah e por que ela é como ela é. Talvez seja essa a resposta. Ela nunca precisará saber que eu sei. Se serviu de alguma coisa, tirou a curiosidade e eu não vou viver todos os dias olhando para ela e imaginando. Porque eu sei.

— É muito para absorver, — Lucinda diz mais gentilmente do que é de sua natureza. — Deixe-me saber se você precisar de mais alguma coisa.

— Vigie Knight, — eu deixo escapar, sabendo que estou pedindo demais. — Só por um tempo, então eu saberei que ele está fora de cena.

— Você realmente me deve, — diz ela, e depois desliga, e sou apenas eu, a escuridão, os grilos e a cabeça prestes a explodir. E também há o som do meu telefone novamente. Vejo o nome de Jake e me sinto mal por não responder. Eu simplesmente não tenho capacidade cerebral para explicar. Mas ele me manda uma mensagem.

Eu falei com Lucinda. Atenda a porra do seu telefone.

Toca novamente instantaneamente, e eu respondo. — Estou impressionado, Jake. Como alguém finge sua própria morte assim?

— Muito planejamento e documentos falsos, — diz ele, e eu pude rir. Hannah? Ela não saberia como conseguir uma bolsa falsa, muito menos documentos falsos. — Fiz algumas ligações, — continua ele. — Depois da nossa conversa e falando com Lucinda, eu peguei o erro.

— Que erro?

— O erro da pesquisa. Já faz muito tempo que eu tenho que me meter em algo assim.

— Que bom que estou oferecendo uma saída para o seu tédio, — respondo.

— Eu não estou entediado. Estou inquieto. Não conte a Cami. — Ele baixa a voz para um sussurro. — Vi o Reggie Pike.

Meus ouvidos se arrepiam. Agora, há uma explosão do passado. — Ele ainda está vivo? — O velho bandido forja novas identidades há anos. Se alguém quer documentos falsos, é ele quem os faz. Ele não faz perguntas, trabalha rápido e é discreto. O último sendo a chave aqui.

— Oh, ele está vivo, — diz Jake. — Embora escondido.

— E?

— E com um pouco de persuasão gentil me contou algumas coisas.

Minha sobrancelha se levanta. Gentil? Jake Sharp? Estou naquele lugar novamente, aquele entre desesperadamente precisar saber e desesperadamente não querer. Mas... — Então, o que o velho estranho disse?

— Ele nunca conheceu a mulher, então não pode confirmar sua identidade. Mas ele produziu documentos e um histórico de crédito para uma Hannah Bright.

— Maldição, — eu respiro. — Como ela saberia onde ir para esse tipo de merda? — Reggie Pike não é o tipo de homem de quem qualquer mulher deve ser amiga. Ele é um otário total.

— Não posso ajudá-lo com isso, mas posso lhe dizer como ela pagou por isso.

— Como?

— Um relógio Cartier incrustado de diamantes. Ela deu a ele o código para um cofre em um banco nos arredores de Londres. Reggie pegou o relógio e deixou os documentos.

Eu preciso me sentar. Não estou me sentindo muito estável. Eu me movo em direção ao tronco mais próximo e caio na minha bunda, esfregando minha cabeça dolorida. Onde isso termina?

— Ela está segura? — Jake pergunta.

Minha mão está parada na testa e olho para os pés descalços.

— Porque essa é a única pergunta que você precisa considerar, Ryan. Você não precisa ser engolido por essa merda. Desde que ela esteja fora de perigo, esqueça todo o resto.

Isso é fácil? Apenas desconsiderar tudo o que sei e começar uma vida com Hannah? — Não sei se posso fazer isso, Jake.

— O que acontecerá se você não o fizer? — Ele pergunta. — Deixe-me dizer-lhe. — Ele continua antes que eu tenha a chance de pensar sobre isso. — Você descobre todos os detalhes sujos, minúsculos e gráficos. Você perde a cabeça, porque você vai. Confie em mim, você vai perder a cabeça. Você vai querer vingança. Isso o consumirá a ponto de perder de vista o que está à sua frente. Hannah está em pé na sua frente. Você irá a uma missão impiedosa para se vingar pela mulher que ama e arriscar tudo o que tem no momento. Ela é Hannah agora, não Katrina. Ela é sua agora, não dele. Não faça nada para prejudicar isso. Agora, ele se casou novamente, esqueceu a Hannah e seguiu em frente. Apenas guarde essas informações, compre-as, porque elas não são necessárias agora e talvez nunca sejam. Deixei. Isso. Para. Lá.

Às vezes, tudo que você precisa é que seu companheiro dê um chute no seu traseiro. Ele tem razão. Claro que ele está certo. Do que adiantará investigar mais fundo? Eu tenho Hannah. Ela está aqui comigo e está segura. — Eu amo você, companheiro.

— Foda-se, vá ser feliz, Ryan. Ela é uma boa mulher. Não a force de volta a lugares que ela não quer ir. Confie em mim, não é divertido reviver seu passado quando é tão sombrio. — Ele desliga e eu sorrio para o meu telefone, demorando alguns minutos para me afastar da ponta do iceberg da última meia hora.

Deixe ir. É o melhor.

Passo dez bons minutos repetindo mentalmente para mim mesmo antes de finalmente encontrar energia para ficar de pé. Levantando-me do tronco, volto para a cabana e tiro meu jeans, deixando-o na pilha perto da porta. Quando me aproximo de Hannah, todo tipo de sorriso que ela já me deu passa pela minha mente: atrevido, tímido, inseguro, feliz, animado. Percebo agora que cada um é muito precioso. E eu sou a razão deles. Eu estarei morto antes que eu seja a causa dela não sorrir novamente. Eu a tenho. É o suficiente.

Abaixo-me ao lado dela e me arrasto para debaixo dos cobertores. Seus olhos se abrem e ela pisca. — Onde você estava? — Ela resmunga, me deixando ficar confortável antes que ela se arraste sobre o meu peito e se acomode novamente.

— Em nenhum lugar importante. — Isso aqui é importante. Só isso. — Vá dormir. — Eu beijo seus cabelos e fecho meus olhos.

Todas as coisas que ainda a assombram, planejo eliminar com o poder do meu amor.

26

Hannah

Eu não estou dormindo. Acordei assim que senti ele se mexer, apesar de manter os olhos fechados. Ele gentilmente me rolou do peito e me colocou de costas, e depois cuidadosamente espalhou seu corpo por todo o meu, apoiando seu torso com os braços em ambos os lados da minha cabeça. Eu posso sentir sua respiração no meu rosto, ele está tão perto. Eu mantenho meus olhos fechados, me perguntando o que ele vai fazer. Apenas me observar?

Ryan me deu muito no lago ontem à noite. Seu coração. Sua confiança. Seu amor. Após um dia tão traumático, foi o maior presente. Tudo o que vi naquele momento foi um homem que me conhece completamente. Ryan aceita quem eu sou. Ele me ama como eu sou. É mais do que eu poderia pedir e provavelmente mais do que eu mereço quando estou escondendo muito dele. Mas não quero manchar minha felicidade com a miséria do meu passado. Não quero que ele me

veja de maneira diferente. Ryan tornou possível que eu ousasse sonhar com algo mais do que liberdade.

Uma brisa leve toca minha bochecha dele soprando suavemente na minha pele, e meus lábios começam a tremer.

— E ela sorri, — ele sussurra, beijando o canto da minha boca.

— Ela pode sentir você olhando para ela. — Abro um olho e levo minhas mãos à cabeça dele. — Por que você está olhando para ela?

— Porque ela é uma bagunça perfeita, e ela é *minha* bagunça perfeita. — Ele torce o nariz e beija o topo da minha cabeça, estendendo a mão e tirando uma das minhas mãos da cabeça dele. Ele a empurra para o chão acima de mim antes de reivindicar a outra e fazer o mesmo, efetivamente me prendendo. Seus joelhos se remexem até que ele esteja em cima de mim.

— Espere, — eu solto, e ele fecha um olho e faz beicinho. — Eu preciso te contar uma coisa.

— O que?

— Eu te amo.

— Eu já sei disso. — Seu rosto cai no meu pescoço e se arrasta, mordendo e chupando, me deixando instantaneamente louca.

— Ryan! — Eu rio, minhas pernas inúteis se contorcendo embaixo dele. — Pare!

— Com uma condição.

— O que você quiser. — Eu rio incontrolavelmente.

— Oh, bom. Depois pegarei suas coisas.

Eu paro. — O que?

Ryan aparece na minha linha de visão, sua expressão pensativa. Ele parece se afastar um pouco. — Você vai morar comigo? — Ele pergunta desta vez, ao invés de me dizer.

Me mudar? Como, morar aqui? Ele desaparece no meu pescoço novamente e começa a atacar minha carne como se fosse um bife e ele é um lobo que não come há um ano, mas não estou rindo agora. Agora estou muito atordoada. — Você quer que eu more aqui?

Ele não sente necessidade de respirar ou me encarar durante essa conversa monumental em nosso relacionamento, embora seus lábios parem de se mover pelo meu pescoço. — Sim.

— Olhe para mim.

Ele aparece exibindo um sorriso adorável e tímido. — Não pretendia exigir. Acho que me empolguei. Mas você disse que faria qualquer coisa. — Ele encolhe os ombros. — Então, eu adoraria se você fizesse isso.

Seu rosto, suas palavras, o assunto louco e inesperado. E talvez a minha felicidade implacável também. Tudo me fez rir, meu joelho subindo e colidindo com alguma coisa.

Eu ouço a sua ânsia de vômito de gelar o sangue primeiro, seguida de um chiado agudo, antes de seus olhos girarem e ele cair como um saco de merda no chão ao meu lado, choramingando. Minha risada desaparece. Ah Merda. Ele segura sua virilha e se encolhe de lado como um bebê, chorando de dor. — Eu não posso respirar, porra, — ele suspira.

— Oh meu Deus, me desculpe! — E abaixo e me ajoelho ao lado dele, dando um tapinha em seu corpo nu enquanto ele geme e choraminga. — Você está bem? Devo pegar gelo? — Qual é o protocolo para tais situações?

— Apenas me dê um segundo. — Ele engasga e recua com uma careta. — Só um segundo.

Eu espero inútil ao lado dele, enquanto ele toma o tempo que precisa, sua respiração eventualmente caindo controlada, inspirando profundamente e exalando. — Há algo que eu possa fazer? — Eu pergunto.

Ele rola de costas e olha para mim, suas mãos ainda segurando sua virilha. — Você pode ter acabado de se despedir do bebê que quer.

Minhas costas se endireitam. Primeiro estou me mudando e agora bebês? — Esta manhã está se movendo muito rápido.

— Sim, eu sei. E seu joelho está se movendo mais rápido.

— Devo beijar para melhorar?

Seus olhos brilham como diamantes. Claro que sim. — Bem, você sabe, pode melhorar. E talvez você salve minha capacidade de fazer bebês e possamos ter um dia. — Ele encolhe os ombros um pouco. — Claro, se você quiser. Quando você estiver pronta.

Deus amo esse homem lindo. — Você está condicionando a possibilidade de termos um bebê com a qualidade de um boquete? — Que conversa louca estamos tendo?

— De forma alguma. — Ele pisca e coloca os braços atrás da cabeça, ficando todo confortável.

Oh, a pressão. Mas, *oh,* a visão de seu corpo definido e estendido diante de mim. Descanso a palma da mão em um lado do torso e balanço minha perna dobrada, descansando em seu estômago. Ele meio que sorri para mim, rolando sua virilha no meu traseiro. — Alguém se recuperou rapidamente, — brinco, lentamente abaixando e beijando o meio do seu peito.

— Você é a cura para tudo, Hannah. — Ele rosna o som ressoando desde seus dedos do pé, e eu sorrio contra sua pele, pensando o mesmo sobre ele. Começo a beijar e chupar seu corpo, e a cada centímetro que progrido, o corpo de Ryan fica mais duro, suas mãos se movendo para a minha cabeça e me segura firme. — Gentil, — ele murmura enquanto eu acaricio seu eixo com a palma da minha mão. Deixo a excitação dele descansando na parte inferior do estômago e beijo a base, observando como a veia que corre ao longo de seu pênis pulsa. Seus quadris se levantam, suas mãos firmando na minha cabeça.

— Papai!

Eu me levanto, montando em suas coxas, e o pescoço de Ryan racha com a velocidade com que ele olha para a porta. — Não.

— Papai! — O grito distante de Alex mata nossa paixão.

— Ela parece estar em pânico, — digo, correndo para me levantar e me enrolar no cobertor, deixando Ryan nu e sem nada para se cobrir.

— Isso não é pânico. É raiva. — Ele se senta, parecendo não ter pressa em remediar sua nudez. — Eu nunca desejei que você se fodesse, Repolho, mas, por favor, só desta vez, vá se foder.

Eu bato em seu estômago com uma forte gargalhada. — Você não pode dizer isso.

— Deus tenha piedade da minha alma, — ele resmunga, se levantando. — Merda, estou resmungando. — Ele caminha até a porta um pouco cautelosamente e veste o jeans com alguns assobios desconfortáveis. Então ele abre a porta. — Ei, Cab... — Ele recua. — Que porra é essa?

— Eu sei! — Ela grita, jogando os braços no ar em completa exasperação.

Eu não a culpo. Ela poderia ter brigado com uma maquiadora psicótica e uma cabeleireira possuída. Eu tenho que colocar minha mão sobre minha boca para impedir que meu riso se liberte o que, sem dúvida, a irrita ainda mais. Ela é uma pilha de cachos, babados rosa e tecido inchado.

— Pai, você tem que fazer alguma coisa. — Alex empurra seus punhos em seu peito. — Ela perdeu completamente o juízo, e a culpa é sua.

— Como? — Ryan pergunta, olhando para a filha como se ela tivesse acabado de desembarcar do trem de circo.

— Porque ela se apaixonou por você, — ela chora, a testa caindo para a frente, sem dúvida espalhando base por todo o peito de Ryan. — Desde que ela descobriu sobre você e Hannah, ela está pior, pai. Dez vezes pior! — Afastando Ryan para fora

do caminho, Alex entra na cabana e minha capacidade de conter minha diversão está perdida. Eu bufo, a mão na minha boca, rapidamente olhando para longe, esperando que eu possa passar meu riso com uma tosse.

— Pare de rir, — Alex murmura. — Eu também estou culpando você.

— Eu? — Eu deixo escapar, puxando o cobertor e me levantando. — O que eu fiz?

Ela bufa e corre para a geladeira, e um coro de pancadas e estrondos seguem quando ela abre e bate algumas portas e gavetas até que ela está carregando um pote de Chunky Monkey. — Eu não vou assim, — ela tagarela em torno de sua colher. — Você terá que me matar primeiro.

Ryan suspira e fecha a porta, juntando-se a Alex e reivindicando a colher quando está a meio caminho da sua boca novamente. Ela luta contra a intenção dele de roubar sua posse e se lança para frente com a boca aberta para pegar a colher antes que Ryan a pegue. — Compartilhe, — ele ordena, afastando o pote.

— Não é tão ruim, — eu digo, tentando acalmá-la, fazendo outra rápida avaliação de sua roupa de concurso. Deus, isso é terrível. O que Darcy está pensando?

— Realmente? — Alex pergunta sarcasticamente.

— Ok, você parece como se a fada Sugar Plum deu errado, — admito, dando de ombros.

Ryan tosse com a boca cheia de sorvete, pingando um pouco pelo queixo, e é claro que isso me deixa de novo excitada. Minha risada apenas encoraja a de Ryan, até que nós dois estamos uivando e Alex está com o rosto vermelho. Parece que a cabeça dela está prestes a explodir.

— Certo. — Ela lança um olhar imundo para cada um de nós e caminha até a porta, olhando para trás ferozmente enquanto a abre. — Eu culpo vocês dois. — Saindo, ela bate a porta com força bruta.

Franzo a testa para Ryan, que atualmente está olhando para a porta um pouco confuso. — Nos culpar pelo quê? — Eu pergunto, seguindo-o até a janela da cozinha. Nós dois olhamos para Alex enquanto ela caminha para a pilha de compostagem. — O que ela está fazendo?

Ryan coloca a colher no pote quando Alex para. — Ela está prestes a mergulhar naquele monte de lama.

— O que? — Eu assisto horrorizada quando ela dá alguns passos para trás, dando-se espaço para correr. — Não! — Eu grito, lutando pela porta. Oh meus Deus, a mãe dela terá insuficiência cardíaca e tudo será minha culpa. — Alex, não faça isso!

Desço os degraus da varanda, o cobertor ficando preso nas minhas pernas. Não estou nem no meio do gramado antes de perceber que nunca chegarei a tempo de detê-la. Eu diminuo e fecho um olho em um nariz torto enquanto ela corre e pula, com os braços e as pernas para fora, como se estivesse saltando de paraquedas de um avião a uma distância de doze mil pés.

Splat.

Ela cai de frente na pilha de compostagem, mas não satisfeita com isso, passa a rolar, cobrindo cada centímetro de sua roupa extravagante em lama, ao mesmo tempo em que garante que o colapso de sua mãe seja registrado na história. E provavelmente ela vai me odiar para sempre por arruinar sua garota.

Eu sento onde estou. Ótimo. — Alex, — eu suspiro quando ela se senta, braços e pernas separados. — O que é que você fez?

— Eu? — Ela chia, toda feliz consigo mesma. — Mas você me empurrou, Hannah.

Ryan bufa atrás de mim, e eu lanço um olhar letal em seu caminho, fazendo-o colocar aquele sorriso presunçoso no lugar. Vou até a borda da pilha de composto. — Fora, — ordeno, percebendo que pareço uma adulta severa. Mas céus vou demorar a manhã toda para consertá-la e salvar a todos da ira de sua mãe. Eu preciso ir à cidade para ajudar Molly.

Com um beicinho, Alex estende a mão para mim. Balanço a cabeça, mais desaprovação adulta, e me estico para pegá-la, segurando os cobertores em mim com a mão sobressalente. — Oh meu Deus, Alex, olhe para você.

Ela puxa, me pegando desprevenida e me puxa para frente. E aterro com um respingo na pilha ao lado dela de quatro. — Oh meu Deus, — respiro, meu rosto a centímetros da lama. — Alex!

Ela cai de costas em acessos de riso, rolando um pouco mais, segurando sua barriga. Vou torcer o pescoço dela. Eu levanto uma mão, a coisa maldita se retrai quando eu a puxo para fora da lama, e agarro o cobertor que agora está sobre mim, segurando-o perto enquanto me levanto. A pequena registra minha irritação.

Então ela sorri para mim. — Desculpe.

Eu lentamente me viro para encontrar Ryan. Ele tem uma mão sobre a boca cobrindo seu sorriso. Inclino minha cabeça, meu queixo apertado. — Você vai matá-la, ou eu vou?

Ele se dobra na cintura e solta todas as risadas que está segurando, apoiando as mãos nos joelhos para se manter em pé. — Sinto muito, — ele ri, e Alex se junta a ele, os dois corpos vibrando incontrolavelmente por causa da histeria.

— Não, você não sente. — Olho para o cobertor ao meu redor. — Eu tenho que ir. — Vou para o chuveiro externo, consciente do súbito silêncio.

— Espere o que? — Ryan está em perseguição, me perseguindo, embora um pouco devagar, obviamente ainda dolorido por seu encontro com meu joelho mais cedo. Bom. Espero que estejam azuis. — Você tem que me ajudar a arrumá-la, — ele diz com urgência.

Contorno a borda do chuveiro, longe dos olhos de Alex, e me viro para ele, me livrando do cobertor. Ele se esquece por um segundo, seus olhos preocupados caindo em apreciação quando eles se deixam levar pelo comprimento do meu corpo. — Você pode consertá-la. — Abro a porta de madeira e ligo o chuveiro, ficando de lado enquanto ele esquenta. — Eu tenho que ir ajudar Molly. — Sorrio docemente e passo sob o jato enquanto Ryan se aproxima da beira da tenda, espiando. Eu posso dizer pelo ressentimento em seu rosto que ele deseja poder se juntar a mim.

— Hannah, vamos lá. — Ele olha por cima do ombro para Alex. — Oh Jesus.

— Não é tão engraçado agora, hein? — Lavo meu cabelo rapidamente e pego uma toalha sobre o topo da tenda. Quando saio, vejo que Alex também perdeu a presunção, a realidade se

instalando. — Esse é o seu telefone? — Eu pergunto a Ryan, ouvindo um toque lá dentro.

— Merda. — Ele faz uma corrida louca pela casa, Alex em rápida busca.

— Se for mamãe, eu não estou aqui, — ela grita, e eu rio, seguindo-os para dentro da cabana. — Não atenda. — Ela luta com Ryan quando ele atende o telefone.

— Ela ficará preocupada. — Ele bate a palma da mão na testa enlameada de Alex e a segura de volta enquanto seus braços se agitam e golpeiam nele. — Darcy, — ele respira.

Prendo a toalha e me sento na poltrona próxima, cruzando uma perna sobre a outra e pondo as mãos nos braços. Posso poupar alguns minutos para vê-los sair dessa.

— Pare de entrar em pânico. Ela está aqui. — Ele olha sua filha de cima a baixo, ainda a mantendo à distância com o braço estendido. — Acho que temos uma vencedora em nossas mãos.

Eu não me incomodo em segurar minha diversão. Eles merecem tudo o que estão recebendo. Vou fazer o checkout. Eu nunca estive aqui.

Alex se abaixa para que Ryan a perca, mergulhando em seu corpo para tentar pegar o telefone. Ele se vira bem a tempo

e ela cai de costas, pendurada ali quando ele começa a andar pela cabana.

— Ela não vai se atrasar, — ele garante a Darcy. — Nos encontraremos lá. — Ele desliga e joga o telefone para o lado antes de voltar e retirar a filha das costas. Ela cai de pé em um bufo e faz beicinho, e Ryan faz uma careta para ela.

Levanto-me e pego minhas roupas da pilha perto da porta, depois vou para o quarto. — Boa sorte, — eu canto enquanto entro, fechando a porta atrás de mim e sacudindo meu vestido, ouvindo gritos abafados do outro lado enquanto me visto.

Eu puxo meu cabelo molhado em um nó e quando eu abro a porta para sair, me deparo com dois sorrisos bregas. Olho de Ryan para Alex, que passa a agitar seus cílios. — Hannah, — ela murmura.

— Não. — Eu passo por eles para evitar ficar coberta de lama novamente e sigo meu caminho.

— Veja, — Ryan assobia. — Olhe o que você fez.

— A culpa é sua, — ela retruca. — Mamãe vai arrebentar suas bolas.

— Eu já fiz isso, — eu rio, descendo os degraus para o gramado.

— Papai! — Alex geme. — Você tem que consertar!

— O que eu disse sobre ações e consequências? — Ele pergunta com um grunhido.

— Eu sei! — Ela chora. — Prometo que vou ouví-lo pelo resto da minha vida.

— Merda, — Ryan amaldiçoa, e um segundo depois ele cai na minha frente, bloqueando o meu caminho. Seu sorriso brega está de volta. Eu levanto minhas sobrancelhas, esperando, e ele finalmente perde o sorriso. — Eu farei qualquer coisa.

Alex reitera freneticamente atrás de mim.

— Me dê uma razão para eu ajudar?

Ele faz beicinho, seus olhos ficando todos parecidos com cachorros. — Porque você me ama.

— Eu sabia! — Alex grita, aparecendo ao meu lado. Meu olhar está firme em Ryan, um sorriso imparável rastejando pela minha boca.

— E eu amo você, — diz ele, alto e orgulhoso.

— Sim! — Alex começa a tremer no local, seus movimentos bruscos enviando gotas de lama voando por toda parte.

Eu rio, divertida, mas principalmente aliviada por ela parecer tão emocionada com esta notícia. Entro no peito de Ryan e enfio as mãos nos bolsos da frente, olhando para ele. — Tudo bem, eu vou ajudar.

— Graças a Deus. — Ele dá um beijo casto nos meus lábios, e eu franzo a testa, sentindo algo em seu bolso. Dou um passo para trás e puxo minha mão livre, minha carranca crescendo quando vejo o que está entre meus dedos.

Os olhos de Ryan se arregalam.

Alex para com sua dança feliz.

E eu? Olho para o fio-dental vermelho furtivo que acabei de encontrar no bolso da calça do meu namorado. — Estes não são meus, — digo a eles.

— Uh-oh, — Alex respira, e eu olho para Ryan, minha cabeça inclinada em questão.

— Eu posso explicar. — Suas mãos se levantam daquele tipo de maneira apaziguadora que está me dizendo para não me virar e ir embora.

— Ele pode explicar, — Alex papagaia, entrando e tirando a calcinha vermelha da minha mão.

— Então explique, — ordeno, parecendo severa, embora não esteja me sentindo particularmente brava e não sei por que. Eu deveria estar furiosa. Eu deveria estar correndo para fora. Eu deveria estar dando um tapa no rosto dele. Mas meu instinto está me dizendo para não fazer. Está me dizendo que há uma explicação perfeitamente razoável, porque sei no fundo do meu coração que Ryan nunca me trairia assim. Eu me pego sorrindo

por dentro. Esse sentimento de fé, mesmo quando estou encarando uma calcinha vermelha no rosto que não é minha, é algo especial por si só.

O rosto dele se contrai. — Eles são... eu... não é o que... — Ele suspira, lutando para encontrar suas palavras.

— Eu os encontrei na caminhonete dele quando ele chegou em casa. — Alex voa em defesa do pai e as joga no chão, pisando nelas, lançando um olhar sujo para o pai. — Estúpido.

Ele apenas dá de ombros. É coxo, mas também é bastante cativante. Eu espano minhas mãos e volto para a cabana, sentindo os olhos de Alex e Ryan me seguirem. — Vamos limpar você ou não? — Eu chamo atrás de mim, olhando para trás. Eles me encaram como se eu tivesse perdido a cabeça. Eu não perdi. Eu não sou irracional. Tenho certeza de que Ryan tinha muitas mulheres antes de eu aparecer. Eu faço uma careta para sua caminhonete. — Bem?

Eles olham um para o outro, perdidos e depois encolhem os ombros e caminham atrás de mim. Eu direciono Alex para o chuveiro e mando Ryan para pegar toalhas. Vamos consertar essa bagunça.

Ryan balança a cabeça em descrença, abaixando o pé para ganhar velocidade e aumentar as chances de o vestido de Alex estar seco quando chegamos à cidade. — Você é um gênio! —

Ela canta enquanto eu seguro seu vestido pela janela aberta, o tecido batendo ao vento.

A rua principal está zumbindo quando Ryan para no topo, incapaz de passar por causa de todas as barracas e bancadas. Olho para Alex, verificando-a novamente. Ela não está perfeita, mas eu fiz o melhor que pude com as ferramentas limitadas que tinha à minha disposição. Puxo o vestido dela pela janela e o devolvo.

— Coloque-o.

Ela respira bruscamente enquanto se mexe no banco de trás. — Está congelando!

Vejo o palco do lado de fora da loja do Sr. Chaps, onde, aparentemente, Darcy mantém seu estojo de beleza para retoques durante todo o dia e pré-apresentação, de modo que é para onde estamos indo. — Você pode ver sua mãe? — Eu pergunto, procurando na rua por ela.

— Lá. — Alex aparece entre os dois bancos da frente, apontando a rua. Eu vejo Darcy com um casal de idosos bem vestidos.

— Seus avós?

— Sim.

Eu olho para Ryan e sorrio, e ele cai na cadeira. — Você vai me pedir para distraí-los, não é?

— Bom garoto, — brinco, pulando e conduzindo Alex pela traseira do caminhão. — Se conseguirmos chegar ao fundo do palco sem que sua mãe nos veja, estamos livres. — Aponto nossa rota e, assim que Ryan está com os Hamptons, corremos pela rua, mantendo-nos próximos às fachadas das lojas. Nós chegamos ao palco sem sermos detectadas, e Alex pega um estojo enorme debaixo de uma mesa.

Eu hesito, espantada. — Eu sei, — ela concorda, enquanto afasto minha exasperação e abro a caixa de maquiagem. E fico olhando por alguns minutos, os infinitos itens de maquiagem estimulando as memórias do meu passado. Batons de todas as cores, primers e sprays de fixação, sombras para os olhos e lápis em abundância. Tudo o que uma mulher precisa para parecer perfeita quando sua vida é tudo menos isso. Eu rapidamente empurro esses pensamentos para longe e pego o que eu preciso, virando-me para Alex.

Ela permanece perfeitamente imóvel enquanto eu aplico coisas nela, embora seus olhos me observem atentamente enquanto eu trabalho. Minha capacidade de aplicar maquiagem tão perfeitamente quanto eu usava não me deixou. Esfumo os olhos dela, desenho uma linha perfeita de delineador líquido em sua pálpebra, adicionando um pequeno movimento em cada canto e destaco suas bochechas. Um pouco de contorno, uma

pitada de blush e bronzeador, e o tom perfeito de batom nude para fazer seus olhos azuis estalarem.

Sento-me enquanto ela esfrega os lábios, admirando o meu trabalho. E quando Alex pega um espelho e se inspeciona, percebo que acabei de criar uma versão da minha antiga eu. — Oh, uau! — Ela deixa escapar, olhando-se em todos os ângulos. — Eu não pareço um palhaço.

Eu sorrio, embora esteja tensa, e fecho a caixa. — Dê uma volta.

Ela faz o que eu mandei rapidamente e eu ajeito seus cabelos compridos, prendendo-os aqui, ali e em toda parte. — Por que você é tão boa em maquiagem, mas nunca a usa? — Ela pergunta, e minhas mãos que trabalham hesitam quando eu aperto um pouco em seus cabelos.

— Eu costumava usar, — digo a ela. — Isso não me interessa mais. — Bato em seus ombros e a giro para me encarar. — Pronto, terminei. — Ela gira e, embora seu rosto e cabelo estejam bem melhores, o vestido ainda está péssimo. — Perfeita, — digo de qualquer maneira. Eu ainda estou esperando um surto de Darcy, já que o rosto de Alex não tem mais um centímetro de espessura com cosméticos e seu cabelo não está com cachos duros.

Ryan aparece nos fundos do palco. — Diga-me que você está bem... — Ele dá um passo para trás. — Uau.

— Eu sei. — Alex faz uma reverência. — Estou bonita, certo?

— Você sempre está bonita. — Ryan olha para mim interrogativamente, mas eu ignoro e levanto, dando-lhe um beijo rápido.

— Agora eu realmente preciso ir.

Ele faz beicinho, desapontado, e eu sorrio enquanto os deixo para ir montar o concurso de pintura. Eu chego na minha loja e coloco a chave na fechadura.

— Aí está você! — Molly entra na loja comigo e pega algumas das cadeiras empilhadas.

— Desculpe, tivemos um desastre com a roupa de Alex. — Eu a sigo até a rua e arrumo as cadeiras.

— Um desastre? — Voltamos para dentro para pegar os cavaletes.

— Não pergunte. Como vai tudo?

— Não há desastres aqui. — Ela coloca alguns cavaletes e me dá um rápido beijo na bochecha. — Você pode terminar sozinha? Preciso começar a corrida de sacos antes que lorde Hampton declare o festival aberto.

— Sem problemas.

Ela se apressa, reivindicando uma caneca de cidra de Bob enquanto passa, e eu termino de montar a área de competição, dando a cada lugar uma paleta de tintas e uma tela em branco antes de correr para o meu apartamento e rapidamente tirar o vestido e colocar minhas calças.

Quando desço, olho para a rua enquanto ajeito meu cachecol no cabelo, vendo todas as barracas e parando com os moradores. Um poste de dança country fica ao lado do palco, algumas crianças dançando ao redor dele, entrelaçando suas fitas, e a Sra. Heaven está do lado de fora de seu café, distribuindo seus famosos bolos para quem passa. É movimentado e sorrisos estão no rosto de todos e a atmosfera está viva. É maravilhoso.

Vejo uma criança pairando por perto, talvez nove ou dez, olhando as tintas. Meu primeiro candidato? — Ei. — Pego um avental da cadeira mais próxima e o seguro. — Quer entrar?

— O que eu tenho que pintar?

Eu aponto a rua. — Pinte o que vê. Lorde Hampton anunciará o vencedor no final do dia.

— Eu vou vencer. — Ele já está de avental e no banquinho, alguns segundos depois, carregando o pincel e olhando a rua diante dele. Eu sorrio e o deixo, tentando encontrar crianças para encher os outros bancos.

Meia hora depois, minha aula está cheia e os pincéis estão passando furiosamente em todas as telas. Eu atravesso as banquetas, verificando os trabalhos em andamento, oferecendo pequenas dicas aqui e ali, se achar que precisam de conselhos. Há algumas crianças seriamente talentosas em Hampton, e Alex é uma das mais brilhantes. Eu me inclino atrás dela e coloco minha boca no ouvido dela. — Por favor, por favor, por favor, não pinte o seu vestido.

— Sério, Hannah. — Ela espia pelo canto do olho para mim. — Você me embrulhou em três aventais e uma capa de chuva. Não haverá tinta em minhas roupas.

Ela pode dizer isso, mas essa garota me dá uma corrida pelo meu dinheiro quando se trata de ficar bagunçada. — Você já viu sua mãe?

Ela balança a cabeça e passa o pincel na tela, colocando pequenos pontinhos perfeitos na tela. — Ela está ocupada escoltando vovó e vovô.

Bom. Espero que eu possa evitá-la o dia todo. Mas quando olho para a tela de Alex, vejo Darcy indo para lá com seus pais. Ah, merda. Dou um sorriso no meu rosto quando ela me olha. — Oi. — Contorno Alex e ofereço minha mão ao seu avô. — Hannah Bright, prazer em conhecê-lo.

Ele olha para a minha mão. Outro metido. Que pessoas maravilhosas. Espreitando minha mão também, reviro os olhos

para mim mesma e limpo a tinta na frente dos meus jeans. — Gostaria de ver algumas das pinturas? Eles estão indo muito bem.

— Ah, essa é a nossa Alexandra? — Lady Hampton fala baixo e depois se contorce com o vestido elegante quando registra o pincel na mão da neta.

— Ah, Alexandra! — Darcy corre para o lado de Alex. — O que você está fazendo em nome do céu?

— Pintura. — Ela aponta para a tela com o pincel como se sua mãe pudesse ter perdido. Eu suspiro, me preparando para isso.

— E seu rosto! — Darcy olha horrorizada para Alex, parecendo um pouco presa por palavras.

— Problemas? — Ryan pergunta, aparecendo do nada.

— Sim! — Darcy grita. — Apenas olhe para ela.

— Ela está linda. — Ryan dá uma piscadela para Alex, que se diverte alegremente com seus negócios de pintura, imperturbável com o atual ataque de ansiedade que sua mãe está tendo.

Darcy lança um olhar feroz para Ryan e eu, eu me pego indo para o lado dele, buscando proteção contra a explosão. —

Isso é tudo culpa sua, — ela sussurra, e eu recuo. — Seu recorde de vitórias será quebrado.

— Talvez ela vença a competição de pintura, — digo sem pensar, e ouço Ryan bufar ao meu lado. — Ou talvez não. — Eu me afasto da linha de tiro.

— Relaxa mãe. — Alex continua pontilhando o pincel na tela, espreitando de vez em quando para verificar o assunto. — Está no papo.

Eu tenho que juntar meus lábios para me impedir de rir. — Vou pegar uma das sidras especiais de Bob, — declaro, correndo para sua barraca, aceitando o copo que ele me entrega com um sorriso. Suas bochechas estão rosadas, me fazendo pensar quantas ele já teve.

— Saúde, — diz ele, servindo-se de outro.

Levanto meu copo e tomo um grande gole, tossindo depois de engolir. Isso é mais forte do que eu esperava. — Compartilha? — Ryan sussurra no meu ouvido, passando por mim para pegar o copo.

Eu me viro para ele, mantendo-me protegida dos punhais de Darcy. — Ela se acalmou?

— Ela vai superar isso. — Ryan tem seu próprio pequeno estremecimento depois de tomar um gole, segurando o copo

para inspecioná-lo. — Jesus, alguns desses e eu serei de qualquer pessoa.

— Apenas certifique-se de que não deixem a calcinha na sua caminhonete dessa vez, — brinco, pegando meu copo de volta com um sorriso doce.

Ele amolece diante de mim. — Você sabe que meu coração é seu.

— Eu sei.

— E o meu corpo. E minha alma e meu Chunky Monkey.

Eu rio enquanto ele me tira do chão, me envolvendo em seus braços. Metade do conteúdo da minha sidra derrama no processo, e ele devasta minha bochecha enquanto me carrega pela rua para que todos vejam. — É hora de torcer alguns rostos, — ele declara, concentrando seu foco.

Olho e vejo a barraca onde algumas ações estão montadas. — Esse é o padre Fitzroy? — Eu pergunto, bebendo minha cidra enquanto estou na rua. O velho está de joelhos, com a cabeça e os pulsos presos no tronco, enquanto as crianças jogam tortas em seu rosto. Ele está rindo, vendo tortas se espalharem por toda parte, exceto em seu rosto.

— Ele não vai rir em um minuto. — Ryan me coloca de pé e pede uma torta, incentivando as crianças a se afastarem enquanto ele alinha seu alvo. O velho padre logo fica em

silêncio. — Oi, padre, — diz Ryan, girando a torta no topo do dedo, convencido.

— Você vai para o inferno, — ele murmura, fechando os olhos quando Ryan puxa o braço para trás e dispara como um arremessador profissional.

Ela aterrissa com uma precisão assustadora, no meio do rosto do padre. — No alvo! — Ryan grita, e as crianças ficam loucas, todas tentando entregar suas tortas ao atirador campeão.

— Você realmente irá para o inferno. — Balanço a cabeça para ele quando ele me pega em um mata leão e nos leva até a barraca de bolos da sra. Heaven para reivindicar um bolinho.

— Você venha me ver, Ryan Willis, — grita o padre Fitzroy enquanto limpa o creme do rosto. — Eu tenho uma vaga no próximo mês.

Franzo a testa, olhando para Ryan por alguma pista sobre o que o velho está falando.

— Para o casamento, — acrescenta o padre, e eu hesito.

— Que casamento? — Eu grito de volta, fazendo-o rir. Desvio minha atenção para Ryan. — Nas últimas doze horas, houve rumores de mudança, bebês e agora um casamento?

— Você está em pânico? — Ele pergunta, enfiando um pedaço de bolinho na boca e mastigando enquanto ele me observa.

— Não. — Bebo o resto da minha sidra e coloco o copo em uma mesa próxima. — Eu tenho que ir checar meus artistas iniciantes. — Eu vou embora, mas paro, sentindo seu sorriso queimando minhas costas. — Não vou me casar com você, — declaro para o espaço em branco diante de mim.

— Vamos ver, — ele reflete casualmente.

Esse sorriso no meu rosto é tão grande que está atingindo os dois ouvidos. — Veremos, — respondo, levantando o queixo e seguindo em frente. Eu o ouço rir enquanto vou, e tudo o que posso imaginar é como seria me casar com Ryan. Ser esposa dele. Eu não seria um troféu. Ele não ditaria... tudo. Ele me ama do jeito que sou.

A sensação quente e confusa dentro de mim é esmagada quando vejo Darcy se aproximando. Ah não. Ela me encara enquanto caminhamos em direção uma da outra, e assim que ela está passando por mim, ela para brevemente. Eu tenho medo do pior. — Não tente me substituir, — ela murmura e depois segue seu caminho.

— Darcy, eu nunca... — Sou interrompida quando sua mão se levanta me silenciando, e ela olha por cima do ombro, um olhar imundo sendo disparado em minha direção.

Oh garoto. Suspiro e continuo de volta aos meus artistas para verificar seus progressos. — Parece bom, pessoal, — digo, assentindo em aprovação. — Vocês têm uma hora restante.

— Estou quase terminando, — Alex grita de volta para mim. — O concurso começa logo. — Sua língua sai e repousa sobre os lábios enquanto ela se inclina, concentrando-se nos últimos detalhes.

— Alex, isso é ótimo, — eu digo, absorvendo seu esforço.

— Obrigada. Você acha que eu vou ganhar?

— Vai parecer um pouco desonesto se você ganhar o concurso de beleza *e* o concurso de pintura, especialmente porque seu avô está julgando os dois. — Estendo a mão e aponto para uma das fachadas da loja. — Um pouco mais de sombra ali.

— Eu sabia que havia algo faltando. — Ela mergulha o pincel na tinta cinza e começa a sombrear rapidamente.

— E o que é isso? — Eu pergunto, apontando para uma bolha preta no fundo. — Oh, isso é um caminhão.

Eu espio, procurando por isso. — Onde?

— Foi embora, então tive que usar minha memória. Quero dizer, ele não sabia que eu estava pintando?

Eu ri. — Que falta de consideração.

Alex dá um pulo. — Pronto. Eu tenho que ir.

— Eu cuidarei disso por você! — Eu grito quando ela sai correndo.

— Ok!

Eu me endireito e absorvo a ocupação ao meu redor, incapaz de parar de me perguntar como eu tive tanta sorte de escolher Hampton. Vejo Molly apitando, declarando o início da corrida de ovos e colheres, e o Sr. Chaps está do lado de fora de sua loja, distribuindo maçãs do amor. A Sra. Hatt está dando uma aula de crochê, e então vejo Ryan, que está no palco mudando as caixas de lugar para que Cyrus possa limpá-lo, pronto para o concurso. Não importa para onde eu viro, vejo sorrisos. Eu vejo felicidade.

Ryan olha para mim enquanto ele se endireita, uma caixa pesada em suas mãos, e ele me mostra seu sorriso torto que faz meu interior estremecer. Isso faz meu coração inchar. É o sorriso que foi o começo de algo bonito. Vejo um milhão de promessas em seus olhos enquanto ele me observa, e acredito em todas elas. Eu aceno e ele acena de volta quando ele se vira e segue as instruções dadas a ele por um dos voluntários. Suspiro, totalmente satisfeita, e lentamente olho pela rua principal.

A barraca de algodão doce, o barril sacudindo a maçã, a barraca de pintura de rosto, o...

Dou uma olhada dupla, de volta ao topo da rua, vendo de novo. Uma caminhonete. Dou um passo à frente, apertando os olhos, mas algumas pessoas atravessam meu caminho e rapidamente passo para o lado para continuar vendo.

Não há caminhonete. Mas havia uma caminhonete. Uma preta. Mitsubishi. Ryan não disse que era um idiota em um Mitsubishi que o tirou da estrada? Encontro-me alcançando minha nuca sem pensar e esfregando lá, meus pés repentinamente presos ao chão. Arrepios. Eles deslizam pela minha espinha como gelo derretido, e eu olho ao meu redor, uma sensação horrível de inquietação se enraizando no meu intestino.

— Oh meu Deus, Hannah. — Molly aparece ao meu lado, mas não consigo ver o rosto dela porque está escondido atrás de um imenso buquê de rosas vermelhas. — Elas foram entregues na sua loja hoje de manhã antes de você chegar. Esqueci-me totalmente e as coloquei embaixo da barraca de maçã do amor. — Ela as empurra para mim, e meus braços automaticamente se erguem para pegá-las. — Quem diria que Ryan Willis poderia ser tão romântico?

Enquanto ela se afasta, olho as flores, minha inquietação não me deixando. Pego o cartão aninhado entre as rosas, mas tenho que colocar o arranjo no chão para liberar as duas mãos e abrir o envelope. Pego o cartão e franzo a testa quando vejo uma fotografia com ele. O que? Olho para a imagem, confusa

por um momento, até perceber o que estou olhando. Minhas pinturas. As que eu vendi. Elas estão penduradas na parede de tijolos de um quarto. Abro o cartão, mas não há palavras, apenas um *x*. Um beijo. Minha cabeça se inclina um pouco, meu estômago revira. O homem que comprou minhas pinturas me enviou flores? Por quê? Puxo a fotografia de volta para frente, olhando para minha arte, e a temperatura do meu sangue parece cair alguns graus a mais. Eu olho para cima e para trás.

E eu vejo o Mitsubishi novamente, estacionado no final da rua. Meu coração voa até minha garganta quando eu me afasto. Enxergo a silhueta de alguém no banco do motorista e definitivamente não estou imaginando a sensação dos olhos dele em mim. — Não, — respiro, piscando para o repentino bombardeio de sentimentos familiares. Medo. Ansiedade. Pavor.

Meus pés ficam presos em alguma coisa, e tropeço e cambaleio, colidindo com a barraca de maçãs, fazendo coisas voarem por toda parte. Mas não consigo desviar meu olhar aterrorizado daquela caminhonete. Está parada ali, quase ameaçadoramente. Então os faróis piscam algumas vezes, como se o motorista estivesse reconhecendo que eu o vi e eu tenho uma ânsia de vômito. O barulho feliz ao meu redor desaparece e tudo o que posso ouvir é cada coisa desagradável que ele já gritou comigo. Meu entorno começa a girar.

— Não. — Eu me viro e corro, cambaleando e tropeçando enquanto passo e caindo pela porta da minha loja desajeitadamente, trancando-a atrás de mim. — Não, — eu soluço, balançando a cabeça, como se eu pudesse me livrar desse pesadelo.

Ele me encontrou.

27

Ryan

Eu balanço o martelo com o máximo de força que posso, esbofeteando o alvo, e a bola dispara no eixo e bate na campainha, ganhando alguns aplausos. — Moleza. — Largo o martelo e esfrego as mãos, pronto para o próximo jogo.

— Seu jovenzinho arrogante, — resmunga padre Fitzroy, digitando meu nome com giz no topo do placar. Meu peito incha. É infantil, eu percebo, mas estou me divertindo sendo campeão de tudo.

Olho para onde todos os cavaletes estão montados para Hannah, esperando que ela esteja me vendo aniquilar a competição. Faço beicinho para mim mesmo quando não a encontro e vou para o fim da rua para localizá-la.

— Olá pai! — Alex grita e eu olho para trás, vendo-a pronta para subir os degraus para o palco. É a vez da minha garota desfilar e ser avaliada pelas pessoas da cidade. Ela puxa o

vestido ridículo e gira para mim, revirando os olhos enquanto ela faz. — Você vem assistir, não é?

Olho para onde os artistas estão pintando, ainda não vendo Hannah. Onde ela está? — Claro, — eu digo, invertendo meus passos, indo até o pé do palco, exatamente quando o pai de Darcy fala. — E agora, senhoras e senhores, a fascinante e incrivelmente inteligente, devo acrescentar, Alexandra Hampton-Willis!

A multidão aplaude e eu me junto a eles, batendo palmas enquanto meu Repolho atravessa dramaticamente o palco, como se ela estivesse em uma passarela. Eu rio enquanto seu avô continua a vendê-la, detalhando suas notas, suas paixões e sua linhagem forte. — Puta merda, — murmuro, ouvindo-o falar sobre seu talento com um violino. Ela odeia o violino. Lancei meus olhos novamente, procurando por Hannah. Ela deveria estar aqui. Ela deveria estar vendo isso.

— Ela vai vencer, é claro, — diz Darcy enquanto se aproxima do meu lado, sorrindo orgulhosa para Alex enquanto bate palmas. — Woohoo para Alexandra!

Alex dá à mãe o olhar mortal, suas narinas dilatadas.

— Você está envergonhando ela, — eu digo.

— Não, eu não estou.

— É realmente uma novidade vê-la se contorcer. — Eu levanto minhas mãos e bato palmas também, então dou um assobio agudo. — Vá em frente, Repolho! — Seu rosto é uma imagem de horror, e eu sorrio para ela. É vingança por sua pequena façanha esta manhã.

Darcy ri sua mão cobrindo a boca. Isso também é uma novidade. — Tudo certo? — Eu pergunto, e ela olha para mim, toda tímida e... provocante? Fico imediatamente cauteloso. Ela olhou para mim assim recentemente, e no minuto seguinte ela quis me preparar o jantar.

Ela bate os cílios, brincando com uma mecha de cabelo.

Ah não.

— Darcy... — Eu estico o nome dela, dando um passo para trás, preocupado que ela vá me atacar a qualquer momento. Ela fecha o espaço entre nós e eu levanto minhas mãos, avisando-a de volta. — Não, — eu digo assertivamente, ciente de que estou prestes a receber um bocado de maus tratos ou uma palma da mão cheia em meu rosto. — Isso nunca vai acontecer.

Deve ser o tom da minha voz, ou talvez a resolução no meu rosto, mas ela recua, com o rosto caindo. — Eu apenas pensei... — Ela desvia, olhando para Alex no palco.

— O que, que nós seguiríamos de onde paramos onze anos atrás? — Ela precisa de um lembrete do que realmente

aconteceu naquela noite, porque, tanto quanto me lembro, consistia em muito álcool e uma rápida foda. Não houve fogos de artifício. Não havia paixão. Nós dois estávamos coçando uma coceira. Ou pelo menos eu estava. — Darcy, não temos nada em comum.

— Bem, nós temos *algo* em comum.

Olho para Alex, que ainda está desfilando para cima e para baixo, mas sua atenção está diretamente em nós. Os pais dela. Falando. Ela parece preocupada. Ela deveria estar. Eu forço um sorriso no meu rosto para tranquilizá-la, tossindo. — Darcy, eu respeito você, eu cuido de você, mas apenas como a mãe da minha filha. Você não me quer. — Ela faz?

Ela assente um pouco, relutante, se afastando de mim. — Não suporto pensar em ficar sozinha, Ryan. Alexandra é a garota do papai. Eu sei que ela sempre escolherá você em vez de mim. E se ela quiser viver com você para sempre? Eu ficarei sozinha. — Ela olha para mim e vejo o verdadeiro medo nela. Não sinto prazer nisso.

Suspiro e faço o que o instinto está me dizendo para fazer. — Venha aqui, boba. — Eu a puxo para dentro de mim e a abraço, pegando seu olhar fugaz de surpresa pouco antes de ela se enfiar no meu peito. Darcy Hampton não recebe muitos abraços, se já recebeu algum. Ela precisa de um. Ela se molda

contra mim facilmente, e eu suspiro em seus cabelos. — Você nunca estará sozinha. Alex adora seus ossos neuróticos.

Ela ri e funga, passando os braços em volta de mim. — Ela é uma boa criança. Confusa, mas boa.

— Ela é, — eu penso, olhando para o palco. Nossa garota bagunçada, mas boa, está olhando para nós como se tivéssemos acabado de sair de um voo intergaláctico de Marte. Sua cabeça se inclina, seus olhos se arregalam e suas mãos se levantam como: *Que diabos está acontecendo?* Afasto sua preocupação e gesticulo para ela entrar e ganhar o concurso. — Me faça um favor, sim? — Eu digo para Darcy.

— O que?

— Dê uma olhada na pintura que ela fez.

— Eu já olhei.

— E? — Eu pergunto.

— E ela não é apenas bonita e inteligente, mas criativa também.

Eu sorrio. — Garanta que ela saiba disso.

— Eu vou, — ela suspira.

— Você ouviu falar de Casper? — Eu paro antes que ela fique muito confortável, e ela limpa o nariz.

— Não. Eu sei que é o melhor. Faz muito tempo que não havia amor em nosso casamento.

— Você encontrará o seu Sr. Perfeito, — asseguro-lhe suavemente. — Há um verdadeiro amor lá fora, esperando por todos nós.

— Como você? — Ela diz um pouco sugestivamente, me levando a procurar Hannah na rua novamente. Para onde ela foi? — Ela é legal, — acrescenta Darcy, e eu sei que levou tudo nela para admitir.

— Quanto isso doeu? — Eu pergunto a sério.

— Pare com isso. — Ela dá um tapa brincalhão no meu braço. — Não me importo em admitir quando estou errada. Eu não deveria ter pisado na ponta de seus pés.

— Você não pisou, Darcy. Você esmagou. — Volto a procurar a mulher em questão enquanto Darcy ri. — Você a viu?

— Ah, sim. — Ela faz um gesto de volta pela rua. — Ela caiu na barraca de maçã do amor.

— O que?

— Não que estivesse olhando para onde ela estava indo. Caiu diretamente nela. — Darcy arruma sua bolsa na dobra do braço enquanto a multidão entra em erupção novamente. — Ela

correu para sua loja. Envergonhada, provavelmente. Ela fez uma bagunça, coitada.

Estou correndo em direção à loja de Hannah antes que eu tenha tido a chance de deixar todas as informações que Darcy acabou de me dar entrarem na minha mente. Não gosto do aumento repentino de meus batimentos cardíacos. Não gosto do sangue nos meus ouvidos. E eu odeio os espinhos da apreensão me apunhalando por toda parte.

Eu alcanço a porta e empurro, mas ela não se move nem um centímetro. Eu espio, vendo sua loja vazia. — Hannah, — eu grito, batendo no vidro com meu punho. Estou ciente do que aconteceu na última vez que entrei, ou seja, quase levei um tiro, por isso tenho a certeza de fazer minha presença conhecida, esperando que ela responda antes que eu chute a porta.

— Hannah sou eu. Abra! — Coloco minhas mãos em volta do rosto e olho através do vidro novamente, xingando baixinho. Pego meu telefone do bolso e ligo para ela, andando de um lado para o outro da porta enquanto toca. Vai para o correio de voz. Rosno e ligo novamente, olhando pela porta. — Atenda seu telefone, — eu ordeno. Ela não faz. — Foda-se. — Coloco meu ombro contra a madeira perto da fechadura para acertar minha mira e depois recuo, jogando meu corpo nela. Ela se abre, atingindo o reboco com um *golpe*. Eu ainda fico parado por um momento e ouço.

— Hannah! — Eu grito, andando pela loja, examinando alto e baixo. — Hannah, onde você está? — Passo pela cozinha e subo as escadas, invadindo cada quarto como uma escavadeira, meu coração acelerando mais rápido a cada quarto que encontro vazio.

Entro no quarto dela e meus olhos caem direto na cama dela. Os lençóis estão espalhados por toda parte, roupas espalhadas aqui e ali. Uma dor desagradável e sem graça se agita no meu intestino, ameaçando irromper em agonia. Eu lanço meus olhos através do quarto dela para o guarda-roupa. As portas estão abertas, cabides vazios espalhados no tapete diante dela. As gavetas também estão abertas, com roupas penduradas nas bordas.

— Não, — respiro, choque e devastação me imobilizando. Eu engulo, vendo o telefone dela na mesa de cabeceira. Eu ando e deslizo para fora da borda, olhando para as duas chamadas perdidas de mim. Eu inspiro. Pego a alça da gaveta em sua mesa de cabeceira. Arrasto-a lentamente para abrir. Sem arma.

— Nãããão! — Eu rujo, me virando e saindo, esmagando a porta contra a parede enquanto passo através dela. Desço correndo as escadas e atravesso a cozinha até a porta dos fundos para o pátio. O portão do beco traseiro está balançando para frente e para trás. — Maldição, Hannah. — Eu corro para o beco, olhando para cima e para baixo. Não há sinal dela. — Porra. — Viro à esquerda e corro até o final, na estrada que leva

para fora da cidade. Eu quase tusso meu coração quando a vejo à distância, correndo em direção a um táxi. — Hannah! — Eu grito, correndo atrás dela.

Ela olha para trás, mas não para, lutando para frente com sua mochila. A rejeição dela é como uma faca no meu coração.

— Você não entre no maldito táxi, Hannah! — Pareço possuído, mas estou completamente fora de controle, sendo alimentado por pânico, mágoa e raiva. Algo aconteceu. Algo aconteceu para fazê-la fugir. Foda-se, o que?

Ela alcança o táxi e joga sua bolsa, pulando atrás dela. — Hannah, eu sei! — Eu grito quando a porta se fecha. O motorista se afasta rapidamente, dirigindo rápido, e até eu percebo que não posso perseguí-lo.

Ele já tem muita vantagem. Estou em forma, mas não sou um guepardo. Meu ritmo diminui quando vejo o táxi ficar menor, até que estou parado no meio da estrada, um homem quebrado e completamente destruído. — Eu sei tudo, — chio, minha cabeça caindo para trás e olhando para o céu. — Eu sei, porra! — Eu bato minhas mãos na minha cabeça enquanto vejo a mulher que amo fugir de mim.

28

Hannah

Meu rosto está ardendo quando sou conduzida pelo campo, minhas lágrimas implacáveis, meu coração mais pesado do que nunca. Apenas afaste-se. Corra. É o meu instinto natural, e sou incapaz de detê-lo. Eu gostaria de poder parar e enfrentar meu medo. Eu gostaria de poder enfrentá-lo de frente. Mas a verdade é que agora não tenho medo por mim mesma. Também tenho medo por Ryan. Eu sei do que Jarrad é capaz. Não posso colocar Ryan na linha de tiro. E não posso arruinar sua ilusão. Eu vou embora, mas pelo menos ele se lembrará de mim como eu quero ser lembrada. Sorridente. Feliz. Sua Hannah.

Cubro meu rosto com as mãos, meu corpo sacode dolorosamente com meus soluços tortuosos, minha mente me levando de volta a lugares que achava que havia escapado há muito tempo. Às vezes Jarrad brincava com minha sanidade. Fazendo eu me sentir estúpida. Tinha um prazer doentio de me ver tremer, quando ficava pensando se ele ia me dar um soco ou

me beijar. No final, tudo era um jogo para Jarrad. Ele jogava nos negócios. Ele jogava comigo. Isso o fazia se sentir mais poderoso, controlar o medo das pessoas. Para controlar suas vidas. Saber que tudo de bom que aconteceu com alguém foi por causa dele. E ele tinha o poder de tirar isso.

Ele está aqui. E ele está brincando comigo de novo.

— Uau! — o taxista chora, pisando forte no freio e me fazendo voar para frente no meu lugar. — Cuidado, idiota!

Meu coração torce no meu peito, meu medo dispara. Olho pelo para-brisa no momento em que uma caminhonete desvia na nossa frente e pisa nos freios, os pneus cantando.

A caminhonete de Ryan.

Ele sai, bate a porta com força e caminha em direção ao táxi, com o rosto cortado pela raiva.

Eu luto para sair, para impedí-lo de se aproximar e tornar isso mais difícil do que precisa ser. — Pare! — Eu grito.

Ele não faz, ele continua marchando em minha direção. — Você não está fazendo isso comigo, Hannah.

— Eu não tenho escolha, — eu soluço, invertendo meus passos enquanto ele continua avançando.

— Você tem! — Ele grita, me alcançando e agarrando o topo dos meus braços, me sacudindo enquanto minhas

lágrimas caem. — Você tem uma escolha de merda, porque eu estou lhe dando uma!

Ele não entende. Eu sempre quis protegê-lo do meu passado sujo. — Eu não posso, — murmuro enquanto olho em seus olhos, tentando ignorar todo o amor que vejo neles. Quantidades insondáveis. Tudo para mim.

— Então me diga por que você está indo embora. Pelo menos me dê *isso* antes *que* você desapareça. Porque se o motivo é mais poderoso do que o amor que eu sinto por você, quero saber o que é isso.

A vergonha me come de dentro para fora. Meu medo é mais poderoso que o amor dele? Olho ao redor do campo, sem ver nada por quilômetros. Sou incapaz de me impedir de desmoronar completamente cada vez que algo me lembra o passado? Vi um caminhão e temi o pior, comecei a construir cenários assustadores. Eu recebi algumas flores de um cliente e li o cartão em branco. Ambos provocaram algo em mim, algo que eu não pude ignorar, mas isso é razão suficiente para eu entrar em colapso? Essa é uma razão suficientemente boa para eu fugir de um homem que me ama? Minha paranoia está fora de controle?

— O que você vai fazer? — Ryan pergunta. — Fugir toda a sua vida? — Ele muda de posição, pegando minha mandíbula e

segurando-a em suas mãos, apertando com firmeza. — Não sou o suficiente para fazer você ficar?

— Não. — Desvio o olhar, mas ele me sacode, silenciosamente ordenando que eu olhe nos olhos dele.

Sua mandíbula pulsa, sua frustração e raiva são palpáveis. E a sua esperança. — Eu não sou?

Fecho os olhos, sentindo as lágrimas fluírem e rolar pelas minhas bochechas. — Não é tão simples assim.

— É muito simples de onde estou Hannah. Eu sou o suficiente?

— Sim! — Eu grito, irritado por ele acreditar no contrário. — Sim, você é!

— Então, fique, porra! — Ele rosna de volta, puxando a mão para longe do meu queixo. Ele parece respirar, parece pensar e se acalmar. — Eu sei de tudo.

Dou um passo para trás, fungando, limpando o nariz com as costas da mão. — O que?

Seus olhos se abrem, e vejo uma resolução e determinação neles que não tenho certeza se gosto. — Eu. Sei. De. Tudo. — Ele não precisa dizer mais nada. Seu olhar explica tudo letra por letra, palavra por palavra.

Eu perco o fôlego, me afastando dele. — Como?

— Isso importa?

— Sim! — De repente, meu raciocínio, de que estou sendo paranoica, que estou transformando nada em algo desaparece, e olho em volta freneticamente. Isso leva Ryan a fazer o mesmo. Ainda há apenas acres de campos vazios.

Ele deve entender o meu súbito alarme. — Eu trabalho com proteção, — ele me lembra. — Eu tenho contatos.

— Você teve alguém bisbilhotando? — Eu pergunto.

— Se não tivesse, você teria me deixado no escuro para sempre? Deixar eu amar uma mulher que não é quem ela diz que é?

— A mulher que você ama é a mulher que eu sou! — Eu grito. — Esse é o ponto, Ryan! Eu não sou mais *ela.* Eu não sou mais um saco de pancadas. Eu não sou um troféu ou um álibi. — Minha voz treme com tanta emoção que tenho certeza de que poderia desmoronar sob o peso dela a qualquer momento. — Esse é o ponto, porra, — soluço, apontando para ele. — Você me ama. — Minha mão pousa no meu peito, meus ombros pulam enquanto eu choro incontrolavelmente.

Eu sei que o enfurece me ver assim. Deve rasgar seu coração, ouvir meu medo e minha razão. E esse é outro ponto do caralho. Eu o conheço bem o suficiente para saber que isso poderia empurrá-lo para o limite da sanidade. Poderia tê-lo

rastreando Jarrad e esfaqueá-lo nos dois olhos, para que ele seja fisicamente incapaz de me procurar.

— Ei! — O taxista se inclina para fora da janela, com o rosto impaciente. — Eu vou ficar ou ir?

— Ir, — Ryan ralha, puxando minha mochila do banco de trás e jogando vinte para o motorista. Ele a joga por cima do ombro, bate a porta e o táxi se afasta.

Quando olho para Ryan, ele está me olhando de perto. — Por que você correu hoje? — Ele pergunta. — Eu preciso saber, Hannah. Não há mais segredos.

Eu respiro, mas não me contenho de dizer a ele. Não dessa vez. — Vi um caminhão na festa. — Balanço a cabeça para mim mesma, sabendo, agora que estou mais calma e estável, que foi apenas uma reação exagerada da minha parte. — Era um Mitsubishi. Estava lá, então não estava, então estava de novo. Isso foi estranho. Lembrei-me de que você disse que era um Mitsubishi que o tirou da estrada e minha imaginação fugiu comigo. Então ele acendeu os faróis e eu surtei.

Ele fecha os olhos e eu odeio que seja uma tentativa óbvia de ganhar paciência. Ele acha que eu estou exagerando também.

— Vou investigar, — diz ele, e não posso deixar de pensar que ele está tentando me acalmar. — Tenho certeza de que não é nada, mas, para ficar tranquilo, vou dar uma olhada.

— Tem mais uma coisa, — continuo, precisando que ele ouça o resto para que talvez ele tenha empatia e entenda por que eu fui para o fundo do poço.

Ryan está instantaneamente alerta novamente. — O que?

— O cara que comprou algumas das minhas pinturas. Ele me mandou flores, — digo baixinho, e o queixo de Ryan se contrai imediatamente. Não é preocupação. É raiva. Aborrecimento. — E uma foto deles pendurados em seu castelo.

Ele engole em seco, narinas dilatando. — Certo, — ele praticamente rosna. — E isso te assustou também?

— Com o caminhão, as flores... — Balanço a cabeça novamente, percebendo o quão irracional isso soa, mas eu reagi e não fui capaz de me deter. E eu odeio isso.

Ryan deixa cair minha bolsa com um suspiro e vem até mim, me puxando para frente com força, me prendendo nos braços dele. — Prometo que ele não pode te tocar, Hannah. Ele não pode te encontrar. Ele não pode te machucar. — Ele beija meu cabelo e me liberta, certificando-se de que posso ver o propósito e a sinceridade em seus olhos. — Eu. Prometo. A. Você. — Ele limpa cada olho com a ponta dos polegares. — Por

favor, não corra novamente. Você não precisa mais, porque você me tem. — Suas mãos emolduram meu rosto. — Deixe-me te amar.

Eu tusso com um soluço, jogando meus braços em volta dele e me agarrando como se ele fosse a vida. Como se ele pudesse me salvar do meu tormento.

Ele pode.

Ele vai.

E preciso encontrar a força que perdi para continuar a me salvar.

Fico quieta enquanto Ryan nos leva de volta à cidade. Com a festa ainda em pleno andamento, ele tem que pegar o beco que fica paralelo às lojas para nos levar para o outro lado da rua.

— Eu deveria voltar, — digo incerta, assumindo meu senso de responsabilidade. — As crianças já estão terminando suas pinturas. Vou ter que supervisionar o julgamento.

Ryan estaciona do lado de fora do portão para o pátio da minha loja. — Você não vai voltar, — ele me diz com assertividade suficiente para me fazer pensar duas vezes antes de protestar. — Eu preciso trancar sua loja. — Ele tira seu cinto e depois o meu, sua maneira de me dizer que eu deveria ir também. Eu não discuto. Não vou sair do lado dele, e Ryan

parece bem com isso. Ele me recolhe do lado do passageiro e me leva pelo portão até a cozinha. — Você precisa de alguma coisa enquanto estamos aqui? — Ele pergunta, indo até a loja e trancando a porta da frente.

Balanço a cabeça, embora ele não possa ver enquanto olha para a rua. — Não, — confirmo quando ele volta para mim, reivindicando minha mão novamente. Ele passa a verificar todas as vitrines da minha loja e apartamento comigo, sendo silenciosamente liderada por ele. Quando chegamos ao meu quarto, ele examina a bagunça que deixei para trás e sinto sua raiva através da flexão de sua mão. Eu permaneço quieta, observando-o, e depois de fazer uma varredura completa da minha casa, ele me leva de volta para o andar de baixo e tranca a porta dos fundos atrás de nós antes de me colocar de volta em sua caminhonete.

Quando ele se afasta, ele faz uma ligação e, um segundo depois, a voz de Alex está enchendo o táxi.

— Ganhei o concurso! — Ela declara. — Onde você está?

— Claro que você ganhou. — Ryan solta um pequeno sorriso e um sentimento horrível de culpa invade meu corpo cansado. — Hannah não está se sentindo o bem. Vou levá-la de volta à cabana para descansar.

— De novo? — Ela pergunta, e eu fecho meus olhos, odiando estar forçando-o a mentir para sua filha. Ryan deveria

estar lá para vê-la ganhar. Em vez disso, ele estava me perseguindo. Ela vai segurar isso contra mim?

— Você sabe que eu não furaria a menos que fosse realmente importante Repolho.

Ela fica em silêncio por alguns segundos, obviamente pensando no tom suave e sério da voz do pai. — Ela vai ficar bem?

Ryan pega minha mão novamente e a coloca no colo. — Ela vai ficar bem, porque eu vou ter certeza disso. — Ele olha rapidamente para mim, com o rosto reto, mas seus olhos estão me prometendo. Aperto sua mão em reconhecimento. — Você vai me fazer um favor? — Ele pergunta, voltando sua atenção para frente.

— Claro, — Alex fala.

— Você pode garantir que a competição de pintura seja resolvida?

— É clar... espera. Isso significa que não posso ganhar?

Pela primeira vez no que parecem anos, eu sorrio. — Você já ganhou nos meus olhos, Alex.

— Ei, — ela ri, parecendo satisfeita em me ouvir. — Adivinha?

— O que?

— Mamãe disse que minha pintura era a melhor de todas, então na verdade não importa se eu não ganhar.

Olho para Ryan e o encontro sorrindo na estrada. — Então ela obviamente tem um bom olho para a boa arte, — eu digo, sentindo-me tão quente por dentro.

— Você vai deixar Molly saber que Hannah foi para casa? — Ryan pergunta.

— Certo!

— Ligo de manhã, ok?

— Ok. Preciso correr. Eu tenho uma competição para preparar. — Ela ri, mas rapidamente para. — Espera. Você disse em *casa*.

— O que? — Ryan pergunta, com a testa enrugada. Eu prendo meus lábios. Ela não perde um detalhe.

— Você disse que *Hannah vai para casa,* mas ela não vai. Ela vai voltar para a cabana.

— Eu disse?

— Sim, você fez.

— Me confundi. — Ele olha para mim pelo canto do olho, verificando a minha reação. — Falamos amanhã.

— Sim nós vamos. — Ela desliga com essa ameaça pairando no ar. — Crianças, — Ryan murmura, saindo no topo da rua e se afastando da cidade.

O resto da curta viagem é silencioso e, embora não seja desconfortável, me dá espaço para pensar: e *agora?* Nós vamos ter que conversar. Não sei se estou pronta para isso no momento. Tudo o que quero fazer é me enroscar nos braços de Ryan e retornar ao meu novo mundo tranquilo. Mas eu sei que isso não vai acontecer ainda. Para chegar a esse lugar novamente, preciso encarar meus demônios de frente. E o mais importante, preciso que Ryan entenda.

Ele estaciona sob o salgueiro e pega minha bolsa antes de me pegar. Só estar aqui no espaço dele me oferece um pequeno alívio da minha turbulência.

— Sente-se, — ele ordena gentilmente, me levando para uma das cadeiras perto da lareira. Abaixo e observo enquanto ele acende o fogo e arruma a madeira com um pedaço de ferro, aumentando as chamas. Então ele se senta na cadeira à minha frente e eu imediatamente odeio a distância que ele está colocando entre nós. Começo a me envolver, com medo da conversa iminente que precisamos ter provocando um ataque de inquietação. Ele está apenas olhando para mim, provavelmente tentando entender por onde começar.

A pressão tira o melhor de mim, e eu levanto da minha cadeira. — Eu preciso de uma bebida, — eu suspiro, virando e caminhando para a cozinha, sentindo seus olhos pregados nas minhas costas. Por que ele está tão frio de repente? O alívio abriu caminho para a raiva novamente? Ele passou a viagem de volta para cá reprimindo o quão irritado ele está?

Eu me sirvo de uma taça de vinho, esperando que acalme meus nervos. Quanto ele vai me fazer explicar? Ele diz que sabe *tudo.* Ele também quer ouvir da minha boca? Uma confirmação?

Enrosco a tampa de volta na garrafa e a coloco novamente na geladeira, depois pego meu copo e, com uma mão trêmula, levanto-o aos lábios, olhando pela janela, desejando a coragem necessária para enfrentar tudo. Vejo minha bicicleta encostada na árvore, com cores vibrantes. É uma representação bastante precisa de mim desde que conheci Ryan. Ele vai me olhar de maneira diferente agora?

Quando sinto seus olhos perfurando minhas costas, odeio a noção de que ele já faz. Por um momento fugaz, eu o condeno por me perseguir e me impedir de sair. Porque esse sentimento é apenas mais um motivo para eu partir. Essa desesperança. Que vergonha.

Coloco o copo no balcão e respiro algumas vezes. — Como você descobriu quem eu sou?

— Eu já disse...

— Não, — eu respondo, virando-me para encará-lo. — Eu sei que você tem conexões. Mas não me diga que você ligou para eles, deu a eles o nome de *Hannah Bright*, e eles voltaram com toda uma história de merda de uma mulher que está morta há cinco anos. — Tomo mais vinho, mas tenho certeza de manter meus olhos em Ryan. — Porque se sim, Ryan, estou com sérios problemas. — Estou sendo sarcástica, dizendo em voz alta e clara que há mais e ele não está me dizendo.

Ele endurece na cadeira, flexionando os músculos tensos. — Eu te segui ontem de manhã até Grange. — Ele faz sua confissão sem um pingo de remorso ou vergonha, e minhas pernas ficam pesadas, me segurando imóvel.

Ele me seguiu? Me assistiu? Ele viu todos os momentos da minha angústia?

— Quando você saiu de Grange, — ele continua, — eu segui as mulheres que você estava assistindo até uma clínica. — Ainda sem vergonha, e chego de volta ao balcão para me equilibrar. — Esperei a mulher mais jovem sair e depois verifiquei o diário de visitantes. Foi assim que consegui o nome de sua irmã e sua mãe.

Atordoada, eu o encaro incapaz de compreender os esforços que ele fez. Apenas a menção de minha mãe e Pippa dá um soco no meu coração. Ontem, Ryan me pegou na rua e me trouxe aqui. Ele me levou para o lago. Ele me disse que me

amava. Nosso relacionamento mudou em alta velocidade, e tudo o que aconteceu depois que ele me seguiu? — Por que você não me disse nada?

— Porque eu decidi que não importava. Porque eu me convenci a acreditar que, contanto que eu tenha você e você esteja a salvo, eu poderia deixar você guardar seus segredos e eu lidaria com isso. Talvez um dia você confiasse em mim o suficiente para me dizer. Mas até lá, se é que esse dia chegaria, pelo menos eu saberia o suficiente para entender você. — Ele aperta as mãos nos braços da cadeira e se levanta. — E não me arrependo de procurar essas informações, Hannah. Não me arrependo de guardá-las. Porque foi assim que eu sabia que algo não estava certo hoje. — Ele caminha lentamente, como se estivesse se aproximando de um animal assustado. — É assim que você está aqui na minha cabana. — Ele me alcança, pegando minhas mãos atrás de mim e as descansando sobre seu coração. — E é assim que você ainda é minha, Hannah. Então não segure isso contra mim. Não fique com raiva. — Ele circunda meu pescoço com as mãos. — Estou diante de você agora *implorando* para não correr de novo. Tudo que eu quero é você, Hannah. — Seu aperto no meu pescoço fica mais forte, a um ponto tão firme que eu deveria estar pirando. Eu deveria estar em pânico, lutando contra flashbacks implacáveis e medo. No entanto, estou entorpecida com tudo, exceto o pedido em seus olhos. — Porque tudo antes de você agora parece meio completo.

Tenho muito a dizer, mas nada disso parece adequado. Então eu pego minhas mãos no rosto dele e o seguro enquanto o beijo, respirando minha apreciação e agradecimento nele. Ele suspira em volta da minha língua rodopiante e me levanta no balcão, derrubando minha taça de vinho atrás de mim. Não nos detém, não nos distrai da nossa agarração. Ryan se move entre minhas coxas e retorna meu beijo com igual força e persistência. Seus beijos revelam sua fraqueza. Seus beijos falam de sua força. Seus beijos falam de seu amor.

E eu sou consumida para sempre por todas as partes dele.

Ele diminui a velocidade dos lábios, inspirando profundamente, como se estivesse se movimentando. Segurando sua boca na minha, seus olhos fechados, ele leva um momento para si mesmo. — Como você conseguiu, Hannah? — Ele pergunta enquanto abre os olhos, e eu posso dizer, simplesmente pela suavidade em sua voz, que isso é algo que queima sua curiosidade. — Os papéis falsos, a morte.

Este é um segredo, junto com tantos outros, eu *nunca* pensei que eu iria dizer. — A parte da morte foi fácil, — eu começo. — A nova identidade, nem tanto, Jarrad achou que eu estava tão inconsciente dos negócios dele quanto ele queria que eu fosse. Eu ouvi uma conversa entre ele e seus associados discutindo a queda de um dos maiores concorrentes de Jarrad.

— Quinton Brayfield? — Ryan pergunta.

Eu concordo. — Eles queriam que ele fosse embora, para que pudessem comprar seus negócios. Também descobri que Brayfield tinha um espião na corporação de Jarrad. Jarrad descobriu, mas Brayfield estava um passo à frente. O cara, a toupeira, estava protegido por uma identidade falsa, tornando impossível para Jarrad localizá-lo e proteger quaisquer dados e informações que ele tivesse roubado. Meu marido não é o tipo de homem que corre o risco de ser ferrado. E ele nunca deixaria que alguém acabasse com ele. Então... — Eu paro, reabastecendo a força.

— Hannah, o que você fez? — Ryan pergunta.

— Fui ao velho Brayfield, — digo baixinho, sem surpresa quando vejo os olhos de Ryan se arregalando. Porque, por que eu faria isso? — Imaginei que, se ele plantou um fantasma na companhia de meu marido, ele poderia me ajudar a me tornar um.

— Porra, não era um pouco arriscado?

— Talvez. — Eu dou de ombros. — Mas eu sempre gostei do velho. Ele era implacável, mas não era cruel. Lealdade significava muito para ele, e como eu sabia que Jarrad estava planejando uma aquisição hostil com o filho, achei que ele apreciaria essa informação e me ajudaria. Eu nunca vou esquecer o rosto dele. A compaixão dele. O fato de eu estar sentada na cadeira em frente a ele em sua mesa com um nariz

quebrado e dois olhos negros provavelmente ajudou. Não pedi nada além do nome de alguém que pudesse me dar uma nova identidade. Ele deu-me. E uma arma. Não o vi novamente.

As bochechas de Ryan estufam, esfregando a palma da mão na parte de trás do pescoço. — Mas você sabe que Jarrad o matou.

— Ele chegou em casa tarde da noite. Ele me disse que se a polícia perguntasse, ele estava em casa comigo a noite toda. Na manhã seguinte, chegaram as notícias do suicídio de Quinton Brayfield. Ele se enforcou. — Percebo pela primeira vez desde que comecei a falar que pareço um pouco robótica. Não repito nenhum desses eventos há mais de cinco anos. E ainda me lembro de cada detalhe como se tivesse acontecido uma hora atrás.

— Hannah. — Ryan descansa as mãos nos dois lados da minha cintura, inclinando-se. — Por que você não foi à polícia? O colocou na cadeia.

Eu sorrio, mas é engraçado. Ele não tem ideia. — Você acha que o poder e a influência do meu marido diminuiriam só porque haveria barras entre nós?

— Ele não seria capaz de machucá-la.

— Jarrad sempre caía na merda e saía com cheiro de rosas, Ryan. Ele teria se livrado disso de uma maneira ou de

outra. Eu ainda teria sido uma prisioneira. Ele nunca me deixaria ir, Ryan. Seu ego nunca permitiria, e sua obsessão pelo poder também não. Jarrad não me via como sua esposa, ele me via como uma possessão. Ele nunca perdeu suas posses. Ele me disse sem parar que apenas a morte me afastaria dele. — Eu engulo, sentindo minha garganta engrossar. — Então eu tive que morrer.

Ryan se afasta de mim, como se ele não pudesse mais olhar para mim. — Eu quero matar ele.

Minha cabeça cai, a energia que está sendo consumida para mantê-la unida diminuindo. Isso é exatamente o que eu temia. — Eu preciso que você *não* faça isso, — eu digo, com quase humor na minha voz. — Demorei muito para chegar a esse ponto da minha vida e não preciso que você estrague tudo para mim.

Ele gira em total descrença. — Este ponto da sua vida? Hannah, a essa altura da sua vida, você está sendo assustada por tudo que o lembra dele. Neste ponto da sua vida, você está constantemente olhando por cima do ombro. Você deveria me deixar matar aquele filho da puta devagar, para poder ter sua vida sem essas preocupações constantes. — Ele joga os braços no ar, frustrado. — E então talvez eu não viveria com medo de acordar uma manhã e a mulher que eu amo tenha ido embora porque ela viu uma porra de Mitsubishi passar. — Ele leva os

dedos às têmporas e as coloca ali, fechando os olhos com força. — Então, porra, não me diga que eu não deveria matá-lo.

— Eu não disse que você não deveria. Pedi para você não fazer, — murmuro timidamente. — E percebo que tenho um caminho a percorrer, Ryan. Sei que sou um trabalho em andamento, mas estou indo bem. Tenho orgulho de mim mesma e você também deve ter orgulho de mim. Este é um pontinho, só isso. Uma pequena recaída. — Deslizo do balcão, me sentindo um pouco brava. Matar ele. Problema resolvido. Exceto pelo fato de Ryan ser trancado ou sofrer represálias e, francamente, mantê-lo é mais importante do que infligir dor ao meu marido. — Então, perca seu maldito ego e olhe um pouco mais perto de casa para saber o que é importante. — Eu passo por ele e chego exatamente a lugar nenhum, seu braço disparando e enrolando em volta do meu estômago, me puxando de volta. Sou apanhada e recostada no balcão, presa pelas mãos dele de cada lado de mim.

— Sem correr, — ele ralhou, seu rosto furioso. — Nunca, nunca fuja de mim novamente.

— Então pare de ser um idiota teimoso, — atiro de volta.

Sua testa cai no meu ombro, descansando lá, e eu assisto suas costas rolarem com suas respirações profundas até que ele encontre em si mesmo me olhar nos olhos novamente. — Você disse que morrer foi fácil. Como você fez isso?

— Isso importa?

— Sim, Hannah. Isso é importante para mim. Preciso de todas as peças do quebra-cabeça para me impedir de perder a cabeça.

Ele tem razão. Ele está enlouquecendo, e eu não posso ver isso acontecer. Deus sabe o que ele fará. — As cavernas, — confesso, e Ryan franze a testa. — Existem túneis nas cavernas onde estávamos de férias nas Bahamas. Um deles se abre para a face da rocha ao lado da cachoeira. Entrei e segui até uma abertura na praia.

— Como você sabia onde isso levaria?

Meus lábios se franzem e percebo o quanto isso vai parecer ridículo, mas é a verdade, por mais louca que seja. — TripAdvisor, — murmuro.

Ryan solta uma gargalhada alta. Isso me faz recuar. Ele acha que estou brincando. Eu não estou. — Fala sério, — ele ri.

— Eu estou. — Meus ombros saltam em um encolher de ombro desajeitado. — Um cara enviou um vídeo dele seguindo o túnel de uma praia no leste da ilha até a cachoeira. Levou quarenta e três minutos. — Outro encolher de ombros. — Levei uma hora e cinquenta minutos, e eu estava coberta de cortes e arranhões.

Ryan olha para mim com total descrença, e meus lábios se apertam em algo próximo a um sorriso constrangedor. — Eu não sei o que dizer, — ele murmura baixinho.

— Você não precisa dizer nada.

— E depois?

— Então roubei uma toalha da praia, fui para um hotel e peguei as coisas que havia enviado para lá e de lá voei para Tenerife.

— Por que Tenerife?

— Jarrad odiava o lugar. Lembrava-o do tempo em que não podia pagar férias de luxo e teve que se contentar com acordos de pacotes baratos. Essas férias foram algumas das minhas favoritas. Antes que tudo desse terrivelmente errado. Antes de Jarrad se tornar mais bem-sucedido.

— E dinheiro? — Ryan pergunta. — Eu sei que você pagou sua identidade com um relógio, mas como você sobreviveu? Você desviou dinheiro com o tempo?

Eu ri. — Jarrad sabia o quanto ganhava a cada segundo. Não conseguia comprar um tampão sem apresentar um recibo. O homem estava controlando até o último centavo.

— Então como?

— Meus anéis. — Eu levanto minha mão esquerda. Jarrad os encomendou. Meu anel de noivado era um diamante amarelo em forma de coração único e valia uma fortuna.

— Não era um risco enorme?

— Eu os vendi para um colecionador particular de pedras preciosas. Há uma razão para ele querer permanecer anônimo.

— Bandido?

— Eu acho. Eu não perguntei. Brayfield me colocou em contato com ele.

Parece que a cabeça dele pode explodir com a pressão dos meus segredos. Estranhamente, me pego sorrindo por dentro. Eu sei que ele não está apenas chocado com tudo isso, porque é tudo muito chocante, mas porque esta sou eu. Sua Hannah fofa e peculiar. Ele não me conhecia naquela época. Ele não sabe das coisas que eu enfrentei. Não tive escolha a não ser jogar o jogo. Estou ciente de que, se Jarrad tivesse farejado minha traição, eu teria pago o preço final. Não seria apenas o velho Brayfield morto. Teria sido eu também. Espero que Ryan veja isso agora. Espero que ele veja meu mundo através dos meus olhos.

Minha felicidade está no fio. Sem anonimato, não há liberdade para mim. E não existe uma eu para Ryan amar.

Ele abaixa a cabeça, e ela trava pesadamente, as informações pesando para baixo. — E você voltou para a Inglaterra para sua mãe, — ele finalmente diz, olhando para mim.

— Ela está morrendo, Ryan. — Não sei como mantenho minha voz. Eu me sinto vazia. — Eu precisava vê-la. E logo não poderei vê-la de maneira alguma.

— E se você pudesse? — Ele pergunta, me encurralando. — E se você pudesse vê-la?

Balanço a cabeça. Eu considerei isso, é claro, mas, basicamente, o risco é muito grande. Eu nunca poderia colocar minha irmã e sua família nessa posição. Eu nunca poderia arriscar a segurança delas por minha necessidade. Eu disse adeus anos atrás. Elas compraram minhas mentiras e garantiram que tudo estava bem na minha vida. Eu me tornei uma boa mentirosa. A melhor. Eu não podia permitir que elas se preocupassem. E eu não podia permitir que elas descobrissem o quão fraca e danificada eu me tornei. Jarrad sabia o quanto elas significavam para mim, e eu não tinha dúvida de que ele as usaria contra mim. Todo mundo estava mais seguro se eu estivesse morta. E, dolorosamente, não consegui escolher para quem estava morto. Era tudo ou nada. Elas tiveram tempo para curar. Hora de me lamentar. E a mente de mamãe não é mais sua. Está feito. — Parece que você poderia beber uma cerveja.

Ryan ri, enfiando os dedos nas cavidades dos olhos. — Ou alguém poderia me beliscar e me dizer que nada disso é real.

Estendo a mão e aperto a pele de sua bochecha. — Não posso lhe dizer que nada disso é real. Mas posso dizer que te amo.

Ele amolece diante de mim, segurando minha mão em seu rosto. — Parece que você precisa de um abraço, — ele respira.

— Posso ter um?

— Ela pode ter um? — Ele sussurra para si mesmo, me levantando do balcão e me apertando.

Eu me acomodo em seu abraço, tento aproveitá-lo da melhor maneira possível, mas sinto que todo pequeno segredo sujo está preso à minha pele, me manchando. Manchando-o. Nos manchando. — Posso tomar um banho?

— Claro. — Ele beija minha testa e me leva até o banheiro, me segurando no peito enquanto ele o liga. Ele começa a remover minhas calças, e alguns dos sentimentos indesejados são substituídos por sentimentos que eu quero sentir para sempre. Eu inspiro, e ele rosna fracamente enquanto se afasta, e é tudo o que posso fazer para não puxá-lo de volta. — Em breve, — ele promete, recuando para o quarto. Ele desliza meu telefone para a mesa de cabeceira antes de sair, e a apreensão afunda instantaneamente em todos os ossos.

— Aonde você vai? — Eu deixo escapar, e ele para na porta. Respira fundo. Então inverte seus passos, voltando direto para mim e segurando minha cabeça em suas mãos, ficando tão perto do meu rosto.

— Nunca estarei longe de você, Hannah, prometo. — Ele me balança gentilmente, como se estivesse tentando colocar essa promessa na minha cabeça, tanto quanto possível. — Ok? — ele pergunta, e eu aceno com a cabeça o melhor que posso. — Só preciso de um momento para processar as coisas com uma cerveja na minha rede.

Eu pisco para ele. Ele nunca estará longe. Envolvo minhas mãos em seus pulsos enquanto ele empurra sua boca na minha. E então ele está se afastando novamente. Ele precisa de um momento. Eu deveria deixá-lo ter isso. Honestamente, eu mesma deveria ter um. Tem sido uma onda de emoções e verdades. Ryan sabe de tudo. Meus segredos não são mais segredos. E ele ainda me quer.

Fico de pé e olho para a porta fechada por um tempo, imobilizada pelo alívio, mas acabo conversando com a vida em meus músculos e me despojo. Entrando no chuveiro, gosto do spray quente enquanto lavo o cabelo e me esfrego. Quando termino, minha pele está formigando.

Esfrego-me com uma toalha e deslizo uma calcinha da minha mochila, mas em vez de me vestir com minhas próprias

roupas, pego minha camisa favorita de Ryan na cadeira no canto do quarto, a xadrez cinza, e puxo sobre minha cabeça, em vez de perder tempo desabotoando os botões, apenas para abotoá-los. Seu perfume sobe até minhas narinas, e eu levanto o tecido até o nariz e inspiro. Tão distintivo. Tão viril. Tão, Ryan.

Indo para a cozinha, espio pela janela, vendo-o reclinado em sua rede, balançando lentamente, com uma perna apoiada no lado. Ele está olhando para o espaço, perdido em pensamentos, tomando goles de cerveja de vez em quando. Eu também preciso de uma bebida. Qualquer coisa para me acalmar ainda mais.

Olho para o meu copo de vinho de lado no balcão onde o deixamos e pego a haste, levantando-a. Limpo a poça de vinho e vou até a geladeira, retiro a garrafa de vinho e me sirvo um copo novo.

Recosto na janela, observando-o balançar pacificamente, enquanto tomo meu primeiro gole. Eu congelo. *Que diabos?*

Franzo a testa, o copo preso nos meus lábios, meu olhar se movendo para a garrafa ao lado.

Arrepios.

Eles pulam em cada centímetro da minha pele enquanto olho para o rótulo, engolindo em seco.

Chapoutier Ermitage l'Ermite Blanc.

Coloquei meu copo com a mão trêmula, o vinho que sempre odiei sentir como se estivesse queimando na minha garganta. Dou um passo para trás, continuando a encará-lo, como se pudesse falar e me oferecer a explicação perfeitamente razoável que estou procurando. Não há explicação. Há apenas lembranças da insistência de Jarrad de que esse vinho escandalosamente caro seja servido onde quer que estivéssemos.

Mais um passo para trás. Os calafrios afundam na minha pele e atingem minhas veias, e eu engulo, sem antecipar que meu estômago gire exatamente ao mesmo tempo. Minhas tosses ficam grossas e rápidas, me sufocando, e eu corro para o banheiro, batendo meu ombro no batente da porta na minha pressa para chegar ao banheiro a tempo. Atiro-me sobre a tigela e trago uma mistura de bílis e líquido ácido, minha garganta queimando, meus vômitos violentos e incontroláveis. Meus olhos lacrimejam, meu corpo entra em espasmo. Perdi o controle de todos os músculos e membros.

Luto para pará-lo, pegando uma toalha e levando-a à boca para limpar. — Não, Hannah. — Eu bato meu punho na beira da pia, meu surto me impedindo de pensar claramente. Eu respiro fundo, inspiro, expiro e inspiro. Estou apenas tendo um momento. Surtando por nada. Não posso deixar Ryan me ver assim de novo, por algo tão estúpido.

Me afasto, apoiando as mãos na borda da pia e respirando através dela. Minha imaginação está fugindo comigo. Já passou o dia todo. Ryan poderia ter comprado aquele vinho. Apenas uma coincidência. Certo?

Eu ouço meu telefone celular e qualquer progresso que eu fiz para acalmar meus nervos desaparece. Eu caminho em direção à porta timidamente, olhando para a mesa de cabeceira onde Ryan o deixou. Meu telefone brilha, o toque parece estridente, quase como um aviso. Ignore isto. E depois o que? Queria saber quem era? Gostaria de saber se era ele? Eu não posso continuar assim. Uma prisioneira do meu medo.

Dou passos lentos e cautelosos em direção ao meu telefone.

29

Ryan

O movimento da rede balançando é suficiente para me deixar em transe. A cerveja é boa. O silêncio é bom. Até que não esteja mais quieto. Meu celular toca no meu bolso, mas eu serei amaldiçoado se puder mover minha bunda cansada para pegá-lo. Ele para, mas imediatamente começa novamente. Eu gemo e me levanto um pouco para alcançá-lo, deslizando para fora e girando o caminho certo para ver a tela. — Luce, — murmuro, relaxando de volta na minha rede enquanto respondo. — Tem sido um longo dia. Você vai demorar muito?

— Você me pediu para ficar de olho em Knight.

Ainda estou congelado em um nano segundo. Eu não gosto do som disso. — E?

— E ele aparentemente tirou uma licença do seu império devido à exaustão. Jarrad Knight não parece ser o tipo de homem que tiraria uma licença, especialmente por causa da exaustão. O cara está apoiado em cocaína e poder.

— Concordo. Então, onde ele está?

— Entre a cobertura de Londres e a Escócia. Sua esposa grávida, no entanto, se juntou à família em Praga enquanto ele se recupera. Quero dizer, é tudo um pouco estranho. Se meu marido...

— Escócia? — Eu pergunto, saindo da minha rede e sentando na beira. — Você disse Escócia.

— Sim, Escócia. Ele comprou um castelo abandonado lá alguns anos atrás. Gastou milhões para renová-lo.

Minha garrafa de cerveja começa a tremer na minha mão. — Hannah está enviando pinturas para a Escócia, — digo sem pensar.

— O que? — Lucinda parece tão confusa quanto eu esperava.

— Hannah. Ela vendeu algumas peças para um homem dono de um castelo na Escócia.

— Você está brincando comigo?

— Não. — Eu levanto e começo a andar para a cabana. — Ele enviou flores para ela hoje. O que mais você sabe?

— Bem, para um homem aparentemente exausto emocionalmente, Knight tem sido um garoto ocupado.

Recentemente, ele gastou uma pequena fortuna em um leilão privado.

— Em que?

— Um anel de diamante amarelo bastante espetacular, *muito* raro e único em forma de coração.

— Porra, não. — Jogo minha cerveja no chão e começo a correr, correndo como um homem possuído.

30

Hannah

Não reconheço o número na tela e isso transforma meu sangue em gelo. Pego meu telefone com mãos trêmulas e respondo, embora não fale. E o interlocutor também deixa um silêncio se prolongar entre nós.

— Olá? — De alguma forma, encontro coragem para dizer.

— Hannah? — A voz quase me faz vomitar de novo, mas desta vez de alivio.

— Molly?

— Sim, você está bem? Encontrei as flores que Ryan comprou para você na rua.

— Estou bem, — asseguro-lhe. — Eu fiquei um pouco tonta. Derrubei-as. Ryan me trouxe de volta à sua cabana para me deitar.

— Oh meu Deus, ele está realmente deixando você tonta com seus gestos arrogantes.

Eu sorrio, apesar de apertado. — De quem é esse telefone?

— Senhora Heaven. O meu está em casa. Eu só queria checar você.

Ela é uma boa amiga, e o melhor de tudo, agora eu vou manter ela. — Voltarei para ajudá-la a limpar tudo.

— Não se preocupe, tenho um exército de crianças para ajudar. Merda, tenho que ir. O padre Fitzroy começou a dançar country. — Ela desliga e eu rio, jogando meu telefone na cama. — Tão estúpida. — Viro-me para me juntar a Ryan, ele já teve tempo suficiente, mas dou apenas um passo antes de parar. Eu olho para a porta na minha frente, meu coração batendo até a garganta. Gelo desliza pela minha pele. Bombas de sangue em minhas veias com tanta força que eu posso ouvir.

Você está vendo coisas, Hannah!

Lentamente, me viro até que estou olhando para a cama de Ryan e dou um passo para frente até ficar ao pé da cama, encarando seu travesseiro.

E meus anéis de casamento.

— Não, — respiro, pegando meu telefone e me afastando, batendo no guarda-roupa.

— Como tem passado, Katrina? — Sua voz corta minha carne, eu giro, meu grito sendo construído.

Mas a mão dele está sobre a minha boca antes que eu possa liberá-lo.

31

Ryan

— Hannah! — Eu grito, voando pela porta. Paro, ouvindo, meus olhos observando cada centímetro da minha cabana. É assustadoramente silencioso. Levanto um dos meus machados ao lado da porta e sigo em frente, meu interior é um inferno de raiva e medo. Quando chego ao meu quarto, paro, olhando para a porta fechada. Não consigo ouvir o chuveiro. Não consigo ouvir nenhum movimento. Abro a porta com a cabeça do machado e examino o espaço. Vazio. Exceto pelo celular no meio do chão.

Minhas narinas se alargam, minha cabeça começa a explodir com a pressão, enquanto balanço meu machado com raiva, afundando-o no gesso. Logo isso será a cabeça de Knight.

Eu me viro e saio. A raiva bombeando em minhas veias. Quando eu o encontrar, e eu vou encontrá-lo, eu vou matá-lo. Eu apenas chego ao último degrau da varanda quando ouço algo, e ainda assim, abaixo meu pé suavemente nas folhas

quebradiças, fazendo-as racharem. Meu pescoço chora quando olho para a minha esquerda nas árvores, ouvindo. Eu ouço pneus rangendo à distância.

Com adrenalina, corro para a caminhonete, jogo o machado na cabine e pulo. Meu telefone toca e eu atendo. — Ele a encontrou. — Corro em direção à estrada principal, meus olhos examinando tudo.

— Porra, — Lucinda sussurra. — Ryan, você não faça nada estúpido, está me ouvindo? Eu conheço você. Eu sei que merda idiota você vai fazer.

— Como, matá-lo? — Eu pergunto francamente. — Porque é isso que eu vou fazer, Luce. Lento. Doloroso. — Estou planejando cada tática de tortura que vou adotar.

— Ryan...

— Você pode encobrir?

— O que?

— Se eu o matar, você pode encobrir?

Ela respira, ficando em silêncio. Ela sabe tão bem quanto eu que, não importa o caminho que tomar, Hannah será exposta à mídia e ao mundo e pode até ser presa por fingir sua morte. E mesmo que ela saísse do outro lado como uma mulher livre, o trauma a atrasaria anos. Eu me *recuso* a fazer isso com

ela. Não só isso. Não posso arriscar a ser mandado para baixo e deixá-la sozinha.

— Porra, Ryan, — Lucinda finalmente diz.

— Responda a pergunta, Luce. — Eu preciso que ela pense rapidamente comigo. O tempo é essencial porra. Chego ao final da pista e viro à direita na estrada principal para fora da cidade. A estrada que me levará para o norte.

— Só se você não deixar marcas.

Eu ri. — Você está brincando comigo?

— Não, sério, Ryan. Nenhuma marca nele. Ele tirou uma licença. Ele tem conexões com traficantes de ricos e famosos. Sua esposa morreu tragicamente há mais de cinco anos e sua atual esposa está grávida e atualmente se refugia em outro país. As coisas não parecem muito animadoras para Jarrad Knight, entendeu?

Isso bate em mim, tão óbvio que é quase bonito. Sem marcas. Como diabos eu vou lidar com isso, não faço ideia. Olho para o machado no banco ao meu lado, imaginando-o afundado na cabeça de Knight. — Sem marcas, — asseguro a ela, voltando meu foco para a estrada. — Ele está em um Mitsubishi. — O filho da puta. Foi ele quem levou eu e Alex para fora da estrada. Era ele hoje cedo na rua assistindo Hannah. Jesus, há quanto tempo ele está brincando com ela, brincando

comigo? — Eu preciso ir. — Eu desligo e ligo para Darcy imediatamente, não dando a ela a chance de falar antes de cuspir meu pedido. — Preciso que você pegue Alex, pegue algumas coisas e saia da cidade.

Ela ri. — Do que você está falando? Não seja bobo!

— Darcy, por favor, pela primeira vez na sua vida, faça o que eu digo, sem fazer perguntas.

Ela fica em silêncio por um momento, provavelmente registrando meu tom mortal. — O que está acontecendo?

— Eu disse sem perguntas, — eu respondo, estremecendo assim que rosno. — Eu sinto m*uito*. Apenas faça. Diga-me que você fará isso.

Ela está quieta novamente. Mas apenas por um instante. — Tenho um amigo que mora a uma hora de distância. Alexandra está sempre me incomodando para visitá-lo. Eles têm um curso de autodefesa próximo a floresta.

— Soa perfeito.

— Ryan, você está bem? — Ela pergunta. Uma preocupação genuína em seu tom que eu não estou acostumado. Ela também fala muito sobre como eu devo parecer. Perigoso? Preocupado? Morrendo por dentro? Tudo isso?

— Você parece assustado, — ela segue em voz baixa.

— Você me conhece, Darcy. — Eu pisco, realinhando meu foco. — Nada me assusta. — Eu desligo após a mentira. Assustado. Isso é exatamente o que eu estou. Estou morrendo de medo de perder Hannah.

Minhas mãos rígidas se soltam do volante, minhas juntas brancas. Assustado e com raiva. Tão zangado.

A estrada continua para sempre, minha velocidade é perigosa. Combina com o meu humor. — Vamos, — murmuro, desejando que minha caminhonete vá mais rápido, meus olhos examinando a floresta enquanto dirijo.

E então eu percebo alguma coisa.

Enquanto desço uma curva, apenas avisto a traseira de um caminhão em uma pista de terra escondida à minha direita e piso no freio. O cheiro de borracha queimada é instantâneo, assim como a fumaça em volta do meu carro. Aquele era um Mitsubishi.

Jogo o braço sobre o banco do passageiro e olho para trás, subindo a estrada. Meu coração está enlouquecendo quando giro o volante no sentido horário, a traseira da caminhonete balançando. Eu paro na pista, os trotes e solavancos me deixando mais lento, assim como meu instinto. Encontro-me seguindo a trilha de lama, examinando a densa vegetação

enquanto abro todas as janelas e ouço qualquer coisa que me leve a ela. Um grito? Eu estremeço, afastando os pensamentos violentos tentando abrir caminho nos cantos mais profundos e escuros da minha mente.

Impossível.

Sem marcas? Lucinda terá sorte.

32

Hannah

Eu sou contida pelo terror.

Ele está mais devagar agora que estamos na estrada de terra, mas ainda estou dançando no meu lugar. Meus músculos sólidos estão doendo, minha mente sendo queimada por flashbacks de cada vez que fui punida. Eles pioraram progressivamente ao longo dos anos. Mas esse castigo vai envergonhar a todos.

Jarrad está quieto no assento ao meu lado, mas não sou enganada por seu silêncio. Nas poucas vezes em que ousei olhá-lo, senti a tempestade crescendo dentro dele, silenciosamente contida até que seu temperamento exploda e ele perca todo o controle. Eu já vi isso muitas vezes. Eu engulo minha ansiedade, olhando ao redor do caminhão, tentando freneticamente pensar em uma maneira de escapar disso.

— Seja uma boa garota, Katrina, — ele diz finalmente, com uma suavidade em seu tom que faz meu estômago revirar.

Aquela voz. Sempre tão suave e calmo, mas carregado de ameaças. Ele estende a mão para mim enquanto segue na estrada, apoiando a pistola na palma da mão no meu joelho nu, com o dedo no gatilho. Sento-me no meu assento, meus olhos fixos nele. — Nós não queremos acidentes, não é?

— Como você me achou?

Ele ri. O som faz minha pele arrepiar. — O colecionador para quem você vendeu seus anéis morreu. — Ele parece tão bravo, e eu fecho meus olhos em um gole. — Sua esposa colocou grande parte de sua coleção em leilão. — Sua risada leve é carregada de más intenções. — Você pode imaginar minha surpresa quando Curtis me enviou os detalhes do lote? — Sim, eu consigo imaginar. Mas era uma pergunta retórica. — Eu sabia que, se você estivesse realmente viva, encontraria o caminho de volta para sua mãe de alguma forma. — Ele lança um sorriso doentio para mim e meu queixo fica tenso de raiva. — Você sempre foi a garotinha da mamãe. Pena que ela ainda pense que você está morta. E Pippa, que não mudou nada, mas você sabe disso, não é? — Ele ri. — Duas ervilhas em uma vagem, não é isso que sua mãe costumava dizer? Ela estava certa. Porque você é tão burra quanto sua irmã. — Seu tom cai no final, carregando nojo. — Você sempre parecia tão sozinha no seu pequeno banco no parque, Katrina. Tão triste e desesperada para se juntar à sua mãe e irmã estúpidas.

Eu engulo, me sentindo tão violada. Ele estava lá, me observando. E eu não tinha ideia. Um dos passatempos favoritos de Jarrad era me dizer que eu era estúpida ou me fazer sentir assim. Ele ainda é tão bom nisso como sempre foi. Em seguida, ele vai me dar todas as razões pelas quais eu preciso dele e não delas. Por que ele é bom para mim. Por que ele me ama. Não. — O que você vai fazer Jarrad?

— Depende de você, amada esposa. — Ele arrasta o cano da arma pela minha coxa, empurrando a barra da camisa de Ryan. Minhas costas empurram mais para o banco, meu corpo inteiro está trêmulo. — Esta camisa não combina com você. — Ele puxa a arma e a levanta na minha cabeça, e meus tremores se intensificam quando olho pelo canto do olho a ponta da arma que está no meu cabelo. — E esse loiro? Eu odeio isso.

— Então eu vou mudar, — digo, forçando-me à esposa apaziguadora que costumava ser naturalmente. Estou no modo de autopreservação. Comprando tempo para mim. — Para você.

Ele puxa a arma, mas eu não relaxo. — Para mim? Você quer dizer que vai voltar para mim?

— Sim, eu voltarei para você, — eu sussurro, odiando o som dessas palavras.

Jarrad lentamente olha para mim. O brilho em seus olhos é limítrofe. É também um sinal de sua intenção. — Mas você está morta, Katrina, — ele diz calmamente, antes de empurrar o

braço em minha direção e bater na minha cabeça com a coronha da arma. Eu grito. A dor irradiando através de mim quando minha cabeça começa a girar. — Você me considera um idiota, Katrina! — Ele grita. Seu temperamento agora desencadeado e pronto para destruir qualquer coisa em seu caminho. O monstro não pode mais ser contido. É isso. — Você, de todas as pessoas, sabe que eu não sou bobo.

Minha mão aperta o lado da minha cabeça, o calor do sangue encharcando minha palma. Tudo está girando, minha cabeça latejando. Não consigo pensar. Não posso ver. Mas eu posso ouvir.

— Você me deixou, sua putinha ardilosa. Tudo o que eu te dei. Todo o trabalho duro que fiz para tornar a vida perfeita para nós. E agora eu sei que você estava alimentando informações de Brayfield? Ele ajudou você a fugir de mim? — Ele demonstra seu desgosto. — Eu deveria tê-lo matado lentamente. Eu te amei, porra!

Em meio ao meu caos, consigo acreditar que, sim, talvez Jarrad tenha pensado que me amava do seu jeito, desde que eu fosse a esposa que ele queria que eu fosse. Mas quando eu o decepcionei, nada poderia conter sua raiva. Nem eu implorando, nem prometendo fazer melhor. Peguei o que ele deu e aceitei o presente que ele me compraria para mostrar seu remorso. Cada bela joia que eu possuía representava uma lesão que eu tinha sofrido em suas mãos. Eu ficaria escondida por semanas,

incapaz de deixar nossa mansão caso eu fosse vista. Aquelas semanas na solitária se tornaram mais frequentes. Até que um dia saí para passear com meu cachorro amado. Eu tomei cuidado. Eu usava óculos enormes para cobrir meus olhos negros. Um chapéu puxado baixo para cobrir o hematoma na minha testa. Um cachecol puxado alto para esconder meu lábio inchado. Ninguém me viu.

Até que cheguei em casa e descobri que Jarrad havia retornado cedo do trabalho. Naquele momento, ele quebrou meu braço e meu nariz. Meu cachorro me defendeu. Rosnou para Jarrad quando ficou de guarda ao lado do meu corpo quebrado no chão.

Então ele o levou embora.

Sinto uma lágrima escorrer pela minha bochecha, misturando-se com o sangue ali, e olho para o louco ao meu lado, sabendo sem sombra de dúvida que ele vai me matar. Ele não vai se arriscar a me deixar destruí-lo. Ele não arriscará ninguém descobrir que eu ainda estou viva. Seu status e poder são preciosos demais para ele. Ainda mais preciosos do que eu era como posse dele. Estou sendo levada para a minha morte.

Olho para Jarrad, meu medo se misturando ao ódio, e pela primeira vez desde que ele me levou, considero o quão desarrumado ele está. Seu cabelo não está liso e arrumado, as ondas negras mais aleatórias e seu terno foi substituído por um

par de calças e uma jaqueta. Não combina com ele. Este caminhão também não combina com ele. Este caminhão serviria para Ryan.

Ryan.

— Eu me pergunto como seu namorado se sentiria se eu dissesse a ele que você estava morta, — diz Jarrad como se estivesse ouvindo meus pensamentos. Ele é controlado novamente. A tempestade se acalmou. Mas não por muito tempo.

Ele tem minha atenção e sabe disso.

— Ele se sentiria como eu me senti? — Jarrad pensa, como se estivesse discutindo consigo mesmo, sua atenção fixada na estrada de terra. — Ele te ama tanto quanto eu amei? — Ele engasga. É exagerado e pretende ser. — Ele te ama mesmo? — Ele me dá um sorriso doentio. — Eu acho que ele faz. — Assentindo para si mesmo, ele gira o volante. — Acho que, quando eu der a notícia, vou deixar isso atormentá-lo um pouco antes de matá-lo.

— Não! — Eu deixo escapar, estupidamente mostrando alguma emoção. Eu deveria ter mantido minha boca fechada. Eu não deveria ter mostrado minha preocupação. Eu vejo a realização nele, e vejo o aperto de sua mandíbula rapidamente depois. Ele olha para frente por alguns momentos. Ele está

deixando a raiva tomar conta, e quando ele vira os olhos para mim, vejo o psicopata nele. A fera sem emoção.

Sua mão gira novamente, me pegando na bochecha, minhas mãos subindo para me defender tarde demais. A tontura retorna, a dor se intensifica. — Sua traíra, mentirosa, desonesta, prostituta, — ele diz. — Você acha que eu vou deixar... — Ele interrompeu abruptamente. — Porra! — Ele amaldiçoa, e eu pulo no meu banco, sendo jogada contra a porta. Através da minha visão atrapalhada, apenas avisto algo voando em nosso caminho e desaparecendo no meio do mato no lado oposto da estrada.

Jarrad amaldiçoa quando a caminhonete vira para os arbustos, tremendo até parar. Eu pisco, combatendo o desfoque e a tontura, examinando a área, procurando... — Ryan, — eu sussurro sem pensar. Ele conhece esses bosques como as costas da mão. Não tenho dúvida de que ele saiu da estrada para avançar à frente de nós. Sem dúvida nenhuma.

— Seu namorado é um filho da puta determinado, — rosna Jarrad, me agarrando pelos cabelos e me puxando pela cabine da caminhonete. Eu assobio, lutando o melhor que posso, sangue escorrendo em meus olhos. Eu caio no chão com um baque, e ele me chuta por causar problemas, me colocando de pé. Eu imediatamente sinto a ponta da arma dele empurrando na minha têmpora, minhas costas na frente dele.

Paus e galhos cravam no fundo dos meus pés descalços enquanto ele me puxa para trás, afastando-se do que quer que nos tirou da estrada. Ryan? Foi ele? Eu freneticamente procuro por ele, silenciosamente implorando para que ele fique longe. — Talvez eu o mate primeiro, — sussurra Jarrad no meu ouvido, fazendo minha pele arrepiar. Seu antebraço está enrolado no meu pescoço, meu corpo inteiro cobrindo sua frente, protegendo-o, enquanto ele me arrasta para trás. Sua respiração está pesada. Ele está tremendo contra mim. Ele está nervoso.

Mal posso ver para onde estamos indo, minha visão nublada pelo sangue escorrendo em meus olhos. — Você terá *que* matá-lo primeiro, — sussurro baixinho, sentindo Ryan por perto. Meus sentidos estão em alerta para ele. Eu posso sentir a presença dele. Cheirar sua raiva. Minha mente emaranhada parece se desfazer à medida que ganho minha compostura. Jarrad me puxa em seu abraço com raiva, aumentando seu aperto em volta do meu pescoço. Isso me obriga a alcançar e me agarrar ao seu braço, tentando aliviar a pressão na minha traqueia. Ele para de se mover. As folhas e os galhos param de triturar sob nossos pés. O sol está lutando para romper os galhos acima de nós, mantendo-nos sombreados.

Está mortalmente quieto. Sem som, sem movimento, por tanto tempo.

Então Jarrad se assusta quando um pássaro canta por trás, e ele nos gira, sua cabeça batendo de um lado para o outro, procurando. — Vamos, onde você está? — Ele sussurra, virando-nos para o outro lado. — Você quer me ver matá-la? — ele grita para as árvores. — Você quer vê-la sangrar? — A arma está enfiada na minha têmpora com força, e eu choro, meus pés arrastando desajeitadamente contra o chão enquanto sou puxada novamente. Então ele para e fica silencioso mais uma vez.

E eu percebo: Jarrad não vai me matar primeiro. Isso o deixará exposto e sem poder de barganha. Ele percebeu que está exposto? Ele percebeu que cometeu um erro grave?

Ele percebeu que está prestes a morrer?

Um farfalhar alto soa à distância, e Jarrad nos gira em direção a ele, atirando cegamente nas árvores. Eu estremeço. O estrondo ecoando ao nosso redor. Ele está respirando pesadamente. Cheirando constantemente. E então ele solta um grito de dor, e eu apenas avisto algo na minha visão periférica. — Curve-se, Hannah. — O som da voz de Ryan me deixou chorando de alívio, mas também com medo por sua segurança. Mas eu tenho que manter isso junto. O aperto de Jarrad em mim afrouxa e eu me liberto, cambaleando alguns passos antes de cair na terra a alguns metros de distância.

Eu ouço Jarrad gritar, e depois o vejo bater no chão com um baque. Ele perde o controle da arma, um tiro soa, e Ryan cai em cima dele, lançando o punho no rosto com um estalo ensurdecedor. Ele não dá à Jarrad um momento para reagir.

Eu ando de volta na minha bunda até minhas costas encontrarem um tronco de árvore, vendo Jarrad sangrar o inferno santo por todo o lado, os punhos de Ryan batendo em seu rosto repetidamente enquanto ele monta nele. Continua sem parar, soco após soco, e neste momento de loucura completa e feroz, me pergunto se há ataques suficientes sendo feitos no rosto de Jarrad para coincidir com os que recebi ao longo dos anos.

De maneira horripilante concluo que não.

Estou chocada com a violência saindo de Ryan. Ele é uma máquina, alimentada por uma raiva que não parece que vai acabar tão cedo. Somente quando Jarrad para de se mexer, Ryan interrompe seu ataque.

Ele se inclina para trás, sua adrenalina diminuindo. Tudo o que posso ver é sangue. Está cobrindo o rosto de Jarrad e os punhos de Ryan, espalhados no chão ao redor deles. E agora está quieto novamente, embora o som do silêncio seja mais assustador. De alguma forma mais enervante. Eu vejo os músculos de Ryan tensos de novo, seu braço recuando. Ele não terminou.

— Ryan! — Eu grito meu pedido quebrado através de um soluço. Eu já vi o suficiente. Não vejo Jarrad respirando, seu corpo imóvel e mole, a cabeça pendendo para o lado. Ryan para, olhando para mim. Seus olhos estão vazios da risada com a qual estou tão acostumada. Agora só há vingança. — Chega, — imploro, tendo que me agarrar ao tronco da árvore para me firmar enquanto me levanto. Eu mantenho nossos olhos trancados, tendo certeza de que ele apenas me veja. — Não mais. — Meu sussurro é quase inaudível, mas ele ouve. Eu vejo seus olhos claros. Eu registro seu corpo tentando se mover.

E então noto Jarrad sacudir, pegando Ryan desprevenido, e de repente ele está livre do corpo de Ryan, rastejando pela terra com urgência.

Ele pega alguma coisa.

A arma.

E é rapidamente apontado para Ryan.

— Não! — Eu grito, mas meu grito é abafado pelo som da arma.

O corpo de Ryan volta, aterrissando nas proximidades. Ele ainda está sem vida, e eu caio no chão novamente, observando o sangue escorrer por sua calça jeans. — Oh meu Deus, — eu choro quando Jarrad fica de pé, sua expressão de puro ódio perfeitamente clara através do sangue em seu rosto. Ele olha

para o corpo imóvel de Ryan, um sorriso doentio emoldura nos lábios finos.

Meus soluços acendem, meu coração se parte. — O que é que você fez? — Eu murmuro, levando minhas mãos aos meus cabelos e puxando, rezando para que a morte me leve também. Eu nunca serei capaz de viver comigo mesma. Eu nunca vou me perdoar por isso.

Jarrad olha para mim com a aversão que sinto por mim mesma. Minha tristeza óbvia parece irritá-lo ainda mais, o monstro lá dentro se preparando para ser desencadeado novamente. Ele vai me matar. Bom. Espero que ele seja rápido.

Minha mandíbula aperta, e eu o encaro com um olhar determinado que sei que o deixa momentaneamente desequilibrado. Ele dá um passo à frente, erguendo a arma, apontando para mim. Eu não recuo. Não me mexo. Facilito para ele, mantendo seu alvo imóvel.

Estou tão focada na minha intenção, tão determinada. Qualquer propósito que eu tivesse e a felicidade que encontrei, tudo se foi agora. Ryan está morto. E a culpa é minha.

Sem tirar os olhos de Jarrad, sento-me, esperando o som que significará o meu fim. Meus olhos caem para o dedo no gatilho, observando de perto enquanto ele aperta.

E então ele puxa, a arma dispara, e eu me assusto instintivamente me esquivando.

— Acho que não. — A voz de Ryan é como a vida após a morte, e eu olho para cima, vendo os dois homens rolando no chão. Jarrad aponta sua arma diretamente para o rosto de Ryan, e meu coração partido voa até minha garganta, me tirando a capacidade de gritar. Meu cérebro não teve tempo de registrar o que está acontecendo; as coisas estão se movendo muito rápido.

E antes que eu saiba o que está acontecendo, estou pronta para correr em direção a eles. Minha perna salta para frente, chutando a mão de Jarrad, e a arma voa no ar, aterrissando a alguns metros de distância.

— Sua puta estúpida! — Jarrad grita, começando a levantar-se do chão com urgência. Mas Ryan se move mais rápido, habilmente, montando-o e dando mais alguns socos em seu rosto mutilado.

Não grito para ele parar desta vez. Eu abaixo, pegando a arma no chão. E eu aponto na cabeça do meu marido. — Ryan, — eu digo, ele para e olha para mim, enquanto segura Jarrad pela garganta. Seu olhar cai na arma na minha mão. E ele assente.

Espero Jarrad olhar para cima e me encontrar, espero que fiquemos olho no olho. Espero ele ver a força e o propósito em

mim. Seu olhar se alarga, e eu me movo para frente, dobrando e empurrando o cano no topo de sua cabeça.

E eu puxo o gatilho.

33

Ryan

Olhando para a bagunça de sangue e tripas embaixo de mim, enrolo meus lábios, desejando poder reviver Knight e repetir tudo. Caio de costas ao lado dele, pegando minha perna para aplicar pressão. Foda-se, a dor. Começo a respirar fundo, me sentindo um pouco tonto quando me esforço para levantar a cabeça. Encontro Hannah congelada, seus olhos incrivelmente grandes ainda maiores que o normal. Choque. Entendi. Mas ela terá que se recompor.

— Hannah, — digo, o esforço de chamar seu nome tirando tudo de mim.

Ela lentamente abaixa os olhos para a arma pendurada frouxamente na mão e depois a deixa cair como se fosse uma batata quente. Eu absorvo a bagunça do rosto dela, sangue manchando todo o lado direito. Meus punhos cerram. Se eu tivesse mais uma bala, eu rastejaria em minhas mãos e joelhos e afundaria em seu coração morto.

— Hannah, — eu chamo de novo entre os dentes, puxando sua atenção para mim. Ela levanta as pontas dos dedos para o corte em sua têmpora quando ela registra meu olhar enraizado lá, vacilando.

— Não é nada, — ela sussurra.

Nada? Espero que Knight esteja queimando no inferno. — Você só vai me deixar aqui para morrer? — Afasto meu olhar e realinho meu foco em Hannah.

Ela sai de sua inércia rapidamente, agora completamente em pânico, e corre ao redor do corpo morto de Jarrad para mim com as pernas trêmulas.

Caindo de joelhos, ela me examina de cima a baixo, as mãos erguidas na frente dela, tremendo. — Oh meu Deus. — Aquelas mãos trêmulas vão para o rosto dela e o cobrem. — Por favor, não morra, — ela implora. — Por favor.

Agarro seu pulso, puxando suas mãos para baixo. — Eu não vou morrer.

— Mas você disse...

— *Não* vou morrer, — reitero firmemente.

— Como você sabe? — Ela dá outra espiada no sangue do meu jeans, balançando a cabeça sem pensar.

— Se a bala tivesse atingido algo fatal, eu já estaria morto. — Agarro suas mãos e as coloco sobre minha ferida, empurrando-as com força. — Foda-se, — respiro, piscando de volta para as estrelas. — Apenas mantenha pressão lá. — Sigo meu caminho para o meu bolso e pego meu telefone.

— O que você está fazendo?

— Pedindo ajuda.

— Oh meu Deus, eles vão prender você. E eu!

— Não estamos indo a lugar nenhum, — digo com determinação, colocando o telefone no ouvido. O olá de Lucinda é calmo. Sereno. — Não posso prometer nenhuma marca, — digo friamente, e ela suspira. Eu imagino sua testa encontrando sua mesa antiga, rolando de um lado para o outro. — Era ele ou eu, Luce. — Eu estremeço, sugando o ar pelos dentes quando uma pontada desagradável de dor dispara pela minha coxa.

— Você está machucado, — diz ela em resposta. — Quão ruim?

— Eu preciso de atenção médica, eu sei disso. — Sorrio levemente quando Hannah olha para mim como se estivesse brava. E ela *parece* louca, seus lábios se endireitando.

— Quanta atenção? — Lucinda pergunta, tentando sentir o que ela está enfrentando.

— O suficiente para ajudar a tirar uma bala da minha coxa.

— Oh, merda.

— Eu vou viver.

— E Knight? Quão ruim?

Abaixo a cabeça para o lado, olhando para o filho da puta malévolo. — Suicídio definitivamente não vai colar.

— Pelo amor de Deus, — ela grita. — Eu disse, faça tudo limpo!

— Como eu disse, ele ou eu. Você vai me ajudar ou não?

— Jesus, Ryan, este será o nosso fim.

Eu a ouço, alto e claro. Eu sei o que estou pedindo. — Eu posso fazer isso sozinho, Luce, mas vou demorar muito mais tempo sem a sua ajuda.

Ela fica em silêncio por alguns instantes, provavelmente olhando para o laptop em desespero. — Do que você precisa? — Eu a ouço batendo no teclado antes que ela termine de falar.

— Um médico, em primeiro lugar. Vou lhe enviar o endereço da minha cabana. Eu devo conseguir voltar para lá. — Eu ignoro o olhar incrédulo de Hannah. — Eu preciso de uma limpeza. Discreta.

— Discreto? — Lucinda tagarela. — Não, eu os envio com sirene e música de carnaval. Foda-se, vou ter que pedir cada maldito favor que me devem por crimes passados.

Eu sorrio. Boa e velha Luce. — A Mitsubishi de Knight está aqui. Quero transporte escondido para levá-lo ao castelo dele na Escócia.

Hannah libera um pouco de pressão da minha perna e eu a pressiono de volta, vendo tudo afundando lentamente.

— Há pinturas de Hannah Bright penduradas em algum lugar naquele castelo. Não sei em que quarto. Há três. Livre-se delas.

— Algo mais? — Ela dispara sarcasticamente.

— Sim, alguns quilos de cocaína. — A pressão na minha coxa diminui novamente, e eu a pressiono, dando a Hannah um olhar de aviso.

— Moleza, — ela murmura. — Pelo amor de Deus.

— Oh, e minha caminhonete está totalmente esmagada. Ela precisa ser destruída, — acrescento, e ela geme. — Nunca mais vou te dar dor de cabeça, Luce.

— Isso não é uma dor de cabeça, Ryan, — ela murmura. — Isso é um maldito tumor cerebral. E você não trabalha mais para mim.

— Vou enviar-lhe as coordenadas da nossa localização.

Ela suspira e está cansada. — Ok.

— Obrigado, Luce. — Minha voz é calma, mas carregada de apreciação.

— Sem suor. Estou olhando pelo lado positivo.

— Há um lado bom?

— Sim. Posso perder todos os favores que todos os espiões, policiais e políticos que já arranquei da merda me devem, mas pelo menos você vai me dever.

Eu rio e imediatamente estremeço. — Merda.

— Volte para sua cabana e segure firme, — ela murmura, parecendo preocupada novamente. — Não há chance da carnificina que você causou ser encontrada antes de chegarmos lá?

Olho em volta, vendo apenas árvores e crescimento excessivo. Não ouço nada além de vida selvagem. — Estamos a alguns quilômetros da cidade. População zero por pelo menos um raio de seis quilômetros.

— Vou ter uma equipe de limpeza lá ao anoitecer. — Ela desliga, e minha mão cai no chão, a exaustão varrendo. Mas eu não posso apagar ainda.

— As pinturas, — Hannah murmura. — Foi ele mesmo que as comprou.

Eu concordo.

— Eu não estava enlouquecendo. — Ela engole. — Ele estava me atormentando. — Ela olha para o corpo morto, uma onda de raiva cruzando seu rosto bonito, endurecendo-o. — Ele estava fodendo com a minha cabeça.

Agarro seu braço, encontrando-os sólidos como uma rocha, seu corpo tenso. — Olhe para mim, — ordeno. Seus olhos se voltam para os meus, e fico surpreso com a dilatação de suas pupilas, seus olhos praticamente pretos. Ocos. Eu imagino que ela tinha esse olhar muitas vezes em sua vida anterior. Um olhar de desolação misturado com raiva. Ela não tinha como exorcizar esses sentimentos. Ela não tinha como escapar. Ela vivia em um beco sem saída, nunca poderia ter liberdade.

Agora ela pode.

Encontro força e pego seu pescoço, puxando-a para baixo. — Até o dia em que morrer, consumirei muito de sua mente, não haverá espaço para mais nada. Eu serei o escudo entre você e suas memórias, Hannah. Só existe felicidade em nosso futuro. Apenas ternura e amor.

Seu lábio balança, seu rosto se aconchega no meu. Sinto o calor úmido das lágrimas dela contra a minha pele. Elas serão as últimas lágrimas que ela derramará por causa dele. — Prometa-me, — ela sussurra.

— Eu prometo.

34

Hannah

Seis dias depois

Eu estive esperando por esse dia por séculos. Eu tenho orado por todo esse tempo também.

— Estou indo, — declara Ryan, não pela primeira vez, enquanto assobia e se aproxima de uma posição sentada no sofá, ofegando quando finalmente consegue. — Por... ra.

Eu exalo minha exasperação e vou até ele, sentando no sofá ao lado dele. — Você não vem. — Não porque eu não quero que ele venha, mas porque ele está longe de estar pronto para se esforçar nesse nível. Desde que voltamos para a cabana no domingo passado, ele anda mancando pelo local, recusando-se a ir com calma. Não sei muito sobre o que aconteceu depois que nos afastamos da floresta. Bem, eu andei. Ryan mancou, recusando-se a me deixar apoiá-lo. Ele só queria segurar minha mão. O movimento heroico foi estúpido, e eu disse a ele, embora ele não tenha escutado.

Então uma mulher apareceu, uma criatura de aparência formidável, com cabelos escuros e um terno nítido. Ela não parecia feliz, mas vi a onda de preocupação por Ryan passando por seu exterior de aço. Um médico seguiu logo depois. Eu não era a única que estava completamente estupefata quando Ryan ordenou que ele me examinasse primeiro. A mula teimosa também não se mexeu, até que eu estivesse limpa e costurada.

Jake seguiu atrás do médico. Suas botas estavam cobertas de lama e folhas. Eu o peguei balançando a cabeça para Ryan, não que Ryan prestasse muita atenção. E eu o ouvi murmurar baixinho: — Tudo resolvido.

Ryan pareceu relaxar naquele momento, permitindo que o médico cuidasse dele. Eu? Eu não podia nem começar a compreender o quanto Ryan se esforçou para me proteger. Ele bebeu meia garrafa de uísque enquanto a bala era removida, dada a ele por Jake. Então ele dormiu por doze horas seguidas. E o tempo todo que ele dormiu, eu o observei, tentando processar tudo o que havia acontecido. Havia muito, e eu me desprezava por me dar ao trabalho de tentar. E quando Ryan apareceu, viu a preocupação que eu não conseguia esconder. Ele disse que tudo ficaria bem. Ele me prometeu.

Eu acreditei nele.

Agora ele está mal-humorado, constantemente se irritando consigo mesmo. Em uma carranca épica, não para mim, mas

para si mesmo, ele empurra as mãos no sofá e começa a se levantar. — Estou indo, — ele repete, lutando para ficar de pé.

Eu levanto, muito mais rápido que ele. — Ryan, você...

Seu movimento é rápido, mas não sem desconforto, e ele agarra meu queixo, nivelando-me com o tipo de aparência de Ryan que eu sei que significa negócios. — Eu. Estou. Indo. — Ele é tão determinado. E realmente, eu quero que ele venha. Eu acho que vou precisar do apoio.

— Ok, — eu concordo. — O táxi estará aqui em um minuto. — Olho para o torso nu e o suor que cobre sua perna enfaixada. — Prometa-me que você terá cuidado.

Ele pega minha mão e a beija, sem dizer nada. Ele apenas sorri, se afastando lentamente para trocar.

Espero até que ele esteja no quarto antes de passar pela janela, procurando pelo táxi. Estendo a mão e ajeito cegamente meu cabelo, vendo o táxi emergir entre as árvores. Meu estômago vira de cabeça para baixo. — O táxi está aqui! — Eu chamo.

Meu joelho balança para cima e para baixo em um ritmo rápido até Ryan ser forçado a colocar a mão lá e aplicar pressão para empurrar minha adrenalina para trás. — Eu sinto muito. — Eu puxo minha blusa, olhando para baixo na minha frente,

me perguntando se os enormes girassóis espalhados por toda parte são demais. Muito brilhoso? Muito alto? Muito... vivo?

Eu me repreendo. Minha esperança diminuindo. E rezo novamente, rezo para que a semana passada tenha sido apenas um pontinho, que minha mãe esteja bem e que eu a verei hoje. Quando o táxi estaciona no parque, levanto o pescoço, tentando enxergar além dos portões, apesar de ser um pouco cedo. Ryan paga a tarifa e eu pulo, deixando-o sem pensar, lutando atrás de mim. Perco o juízo quando ouço um forte — *merda* — e giro ao redor, correndo de volta para ele.

— Eu estou bem, — ele chia, o rosto vermelho brilhante, a dor gravada em cada centímetro.

— Você não está bem! — Eu falo, sem querer parecer tão severa, mas, me dê força, ele é tão teimoso porra. — Por que você não faz o que eu digo uma vez em sua *maldita* vida, Ryan Willis?

Ele recua, seu rosto é o epítome de *Quem diabos é essa mulher?* — O que exatamente você me disse para fazer? — Ele pergunta, fechando a porta do táxi e dobrando seu corpo um pouco cautelosamente.

Eu vacilo por um instante, pensando. O que...? Ah, sim. — Eu disse para você ficar em casa.

— Sim, bem, eu não queria ficar longe de você. Então aqui estou. Cada centímetro quebrado de mim. — Ele faz uma careta e coloca a mão sobre o ferimento.

— Isso dói? — Eu pergunto, fazendo beicinho culpado.

— Como um filho da puta. — Soltando sua coxa, ele pega minha mão e beija meus dedos. — Mas eu vou viver.

E graças a Deus por isso. — Você ficará mal-humorado para sempre também? — Eu pergunto, deixando-o me levar até os portões. Ele é carinhoso quando está mal-humorado. Quase... sexy.

— Só quando estamos separados, baby, — ele diz melancolicamente.

Quando nos sentamos juntos, ele me puxa para o lado dele e descansa a boca no meu cabelo. E esperamos minha irmã, o mundo passando. Eu sei que ele sente meu crescente desânimo a cada minuto que passa e minha mãe e minha irmã não aparecem, porque seu abraço se torna cada vez mais firme, a ponto de ele estar sofrendo. Mas ele me sustenta, não que eu esteja em posição de detê-lo. Estou ficando mais desanimada a cada segundo.

— Elas não estão vindo, — murmuro tristemente, desejando manter tudo junto. Eu vi o rosto da minha mãe semana passada. Foi devastador, sua pele pálida e os olhos sem

vida. Eu alcanço meu coração quando ele aperta com a dor, olhando para o céu. Ela já está aí? Eu estremeço, sabendo que esse é o melhor lugar que ela poderia estar, livre da dor, mas esse lado minúsculo e egoísta de mim espera que ela aguente apenas mais uma semana.

Ryan me abraça enquanto observamos todos cuidando de seus negócios. Toda vez que vejo alguém entrar no parque, minhas costas se endireitam, esperando que sejam elas. E meu coração se despedaça um pouco mais quando, a cada vez, registro que não é.

— Hannah, — Ryan diz eventualmente, sentindo minha bochecha, mas mantendo o queixo apoiado no topo da minha cabeça, onde está deitado contra seu peito. — Baby, estamos aqui há mais de uma hora.

Uma hora? Para onde foi esse tempo? Concordo com ele, silenciosamente aceitando que é hora de sair. Aceitando que não a verei. Mas e agora? O que eu devo fazer. Ler todos os obituários até encontrá-la?

— Vamos tomar um café, — Ryan sugere, dando o primeiro passo para se levantar. Estou tão perdida na minha névoa de tristeza que mal ouço seus sons de dor agora, meu foco está rígido na minha devastação. Ele nos leva a um café próximo, me guiando o caminho inteiro, sendo meus olhos e

ouvidos. Tenho certeza que se ele pudesse, ele teria me apanhado e me carregado até aqui.

Eu me encontro em uma mesa e olho fixamente para a cadeira na minha frente, ouvindo vagamente Ryan falando ao fundo. Ele não perguntou o que eu queria beber. Provavelmente concluiu que não havia sentido.

Um tempo depois, não sei quanto tempo, Ryan está de volta. Mas ele não toma café. — Venha, — diz ele, apontando para eu ficar de pé.

— Eu pensei que estávamos tomando café.

— Vamos tomar café em outro lugar.

Ele aplica uma leve pressão nas minhas costas e me empurra até que eu esteja na rua e ele esteja me levando para o lado errado. — Ryan? — Eu pergunto, mas ele continua andando, verificando a estrada quanto ao tráfego antes de atravessar. — Ryan, por favor.

Ele não diz nada, seu silêncio é irritante, até eu ser arrastada por algumas esquinas e por algumas ruas.

Finalmente, não aguento mais. — Por favor, me diga onde diabos estamos indo?

Ele para, vira para mim e aponta para cima. — Aqui.

Eu olho para cima. E perco o fôlego. — O que? — Eu atiro meu olhar de volta para ele, procurando a confirmação de que preciso que ele esteja louco.

— Eu não conseguia sentar e não fazer nada.

— O que você fez? — Eu pergunto, aterrorizada por sua resposta. Eu sei que minha família está segura agora, mas eles não precisam ser arrastados para a minha bagunça. Se a polícia alguma vez fizer perguntas, não as quero envolvidas, em nenhum nível. Eu também não quero acender a dor deles. Ou ter que explicar tudo o que eu passei. Estou melhor morta para eles.

— Liguei para casa, — diz ele, seus olhos como raios laser nos meus. Eu me inclino para trás, cautelosa com o que vem a seguir. — E pedi para que sua irmã me ligasse.

— Oh meu Deus, Ryan. — Eu me afasto, em pânico. — Eu disse que não podia colocá-los em risco. Eu disse que era melhor não saberem. — Ele não me ouviu. Ele não respeitou meus desejos.

— Você precisa confiar em mim, Hannah. Sua família não corre riscos. Mas *você* corre. Se você não tiver esse fechamento, nunca poderá seguir em frente. Não de verdade. Você sempre se perguntará: e *se*? Não posso deixar você fazer isso consigo mesma. — Ele me vira para encará-lo. — É a paz final que você

precisa, Hannah. Deixe-me dar a você, eu imploro. Você precisa disso.

— Você falou com minha irmã, — murmuro. — Ela sabe que eu estou viva?

Ele assente, e minha mente sopra ainda mais. Afasto-me dele, incapaz de pensar direito, e fico cara a cara... — Oh meu Deus. — Minhas mãos cobrem minha boca, minhas pernas cederam, forçando Ryan a correr para me salvar do colapso.

— Katrina. — Os olhos da minha irmã se enchem de lágrimas, o queixo tremendo, o corpo inteiro tremendo.

Eu tusso por causa da minha emoção, apenas olhando para ela, espantada por estar tão perto. — Sim, — eu soluço.

E, exatamente ao mesmo tempo, avançamos e colidimos nos braços uma da outra, chorando uma contra a outra incontrolavelmente. — Sinto muito, — eu choro. — Sinto muito. — Eu sinto sua cabeça balançar dentro de mim, seu corpo empurrando contra o meu.

Ela afasta, suas mãos me sentindo em todos os lugares, seus olhos seguindo, como se ela não pudesse acreditar que eu estou aqui e ela tem que continuar me tocando para se convencer. Eu sinto o mesmo. Ela chega no meu rosto, passando o dedo pelos pontos na minha bochecha. — Tudo o que você passou.

Afasto a mão dela. — Estou bem. Por favor, — imploro, não querendo manchar esse momento com tudo feio. — Eu tenho observado você, — digo a ela, precisando que ela saiba que eu estive tanto com ela. — Todo sábado de manhã, quando você levava mamãe para passear, eu estava lá com você.

Mais lágrimas caem por suas bochechas, sua descrença evidente. — Você parece tão diferente. Como quando você era adolescente, toda bagunçada e caótica. — Ela diz isso rindo, segurando meus braços para os lados para que ela tenha a melhor vista da minha roupa. — Oh Deus. — Nos reunimos novamente, abraçando-nos ferozmente, compensando anos de abraços perdidos.

Ela olha para mim e eu sigo, encontrando Ryan de volta na parede, apenas assistindo nossa reunião silenciosamente, deixando-nos ter nosso momento. Eu não acho que poderia amá-lo mais do que eu faço. — Você deve ser o Ryan. — Pippa me solta e dá um passo à frente, estendendo a mão. — Eu te reconheço. Você esteve aqui na semana passada.

Ryan assente, sacudindo os olhos para mim quando ele começa a se levantar.

— Por favor, não se levante, — diz Pippa.

É claro que ele a ignora, e minha irmã se encolhe comigo quando vê a luta de Ryan. — Ele? — Ela sussurra, com os olhos na mão dele sobre a coxa.

— Ele se saiu muito pior, — Ryan diz a ela, firme e forte e com aquele toque de loucura em seu tom. — Confie em mim.

— Bom, — diz ela, soltando a mão e se aproximando de Ryan, envolvendo cuidadosamente os braços em volta dele. — Obrigada.

— Não me agradeça. — Ele a segura com uma mão livre, os olhos escurecendo.

Eu me mudo, apenas para distrair Ryan da raiva que posso ver acendendo novamente. — Como está mamãe? — Eu pergunto, esperando não ter lido errado. Se minha irmã está aqui, certamente mamãe ainda está aqui também?

— Aguentando firme, — ela me diz, soltando Ryan e apontando para a porta. — Você está pronta para vê-la?

Eu olho para as portas da clínica, pegando minha garganta para massagear o caroço. E eu aceno, respirando. — Sim.

— Vamos lá, — diz Pippa, iniciando o caminho.

Eu me concentro em colocar um pé na frente do outro, seguindo-a com pernas instáveis. Eu não preciso olhar para trás para Ryan. Eu posso sentí-lo por perto.

Pippa assina o registro e a recepcionista sorri brilhantemente para mim, embora eu seja amaldiçoada se puder devolvê-lo. Somos deixados passar pelas portas

automáticas. Sou conduzida por um corredor e consigo atravessar minha névoa para recordar a decoração aconchegante. Ainda é aconchegante.

Chegamos a uma porta. Minha irmã pega a maçaneta, olhando para mim com um leve sorriso. Ela abre caminho, enquanto eu permaneço no limiar, com medo de ir mais longe. Eu vejo uma enfermeira perto da pia no canto. Flores em um vaso na mesa de cabeceira. E então minha mãe em sua cama, dobrada com força, os olhos fechados. Ela parece tão pacífica, e isso me oferece um alívio da minha dor.

— Como ela está? — Pippa pergunta à enfermeira, colocando sua bolsa na cadeira no canto.

A enfermeira sorri tristemente. — Eu ia ligar para você. Acho que ela não passará a noite toda.

Fico surpresa quando minha irmã ri levemente. — Você disse isso há mais de uma semana. — Puxando uma cadeira, ela se senta. — E você ainda está se recusando a deixar ir, não é, mãe? — Levando a mão da mãe aos lábios, Pippa beija a aliança que ela ainda usa, embora esteja solta agora.

Observo como minha irmã enche o travesseiro de nossa mãe, troca seu copo de água, reorganiza suas flores. Ela dobra os lençóis, arruma o quarto e penteia os cabelos de mamãe. Ela faz todas as coisas que eu gostaria de ter feito. De pé aqui, me sinto inútil. Quase desnecessária. Mas não me sinto

decepcionada. Pippa não teve escolha senão continuar sem mim. Para lidar com as coisas. Eu não sou a única que sofreu. Ela gostaria de receber minha ajuda? Não quero pisar na ponta dos pés, não quero me meter onde não sou necessária.

— Você vai ficar aí o dia todo ou vem me ajudar a trocá-la?

Minha cabeça se levanta e minha irmã me dá um sorriso com o qual estou familiarizada demais. É o que ela costumava me dar quando sabia o que eu estava pensando e queria que eu soubesse que ela sabia. Devolvo, agradecida, e vou ajudar, seguindo as instruções dela enquanto lavamos nossa mãe, despimos e a colocamos em uma camisola limpa.

É só quando a colocamos de volta no travesseiro que olho para a porta, vendo que está fechada, sem Ryan à vista. Mas ele está lá fora. Esperando por mim.

— Puxe uma cadeira. — Pippa aponta para uma no canto e eu a arrasto pelo quarto para o outro lado da cama de mamãe. E nos sentamos. Eu de um lado, minha irmã do outro.

Mamãe no meio das meninas.

Não acredito que estou aqui.

— Verdade ou mentira? — Pippa pergunta, apoiando os cotovelos no lado da cama e pegando a mão de mamãe.

— O que? — Olho para mamãe.

— Ela não pode ouví-la, — diz ela rindo, e percebo rapidamente o que está fazendo. Não se falará do que aconteceu no passado, embora eu tenha certeza de que Ryan lhe deu informações suficientes durante a ligação. Não haverá perguntas ou sondagens. Ela está nos levando de volta ao tempo antes de tudo dar errado.

— Ok, — eu concordo, espelhando sua pose, pegando a outra mão de mamãe, mas tomando cuidado para evitar a entrada da seringa que está em seu braço. Analgésicos. Eles a deixaram o mais confortável possível nos seus últimos dias. Eu respiro trêmula. — Manda brasa.

Pippa olha para o teto, pensativa. — Em uma noite com algumas amigas, há alguns anos, eu bebi muitos vinhos e assobiei quando um cara gostoso atravessou a rua. Algumas semanas depois, tivemos uma visita em casa do professor da pré-escola que Bella estava começando. Adivinha quem era o professor?

— Não, — eu suspiro. — Oh meu Deus, isso é verdade. Isso só poderia acontecer com você.

— E aconteceu! Eu quase morri. Eu tive que sair da sala para me recompor.

Eu rio e Pippa se junta a mim. É como se nunca estivéssemos separadas.

Passamos a próxima hora contando nossas histórias e adivinhando se são verdade ou mentira. Aprendi há muito tempo, quanto mais ultrajantes as histórias de minha irmã, maior a probabilidade de serem verdadeiras. Ela apenas tinha o hábito de se meter em terríveis encrencas, e parece que ela ainda tem esse talento.

— Mais uma, — diz ela, enxugando as lágrimas de riso em seus olhos.

— Manda.

— Eu gosto do seu namorado.

Eu bufo. — Definitivamente verdade.

— Onde você o encontrou, Katrina? — Ela olha para a porta onde Ryan está. — Onde eu o encontrei? Eu não fiz. Ele me encontrou.

— Verdade ou mentira, — digo, e ela assente, com um sorriso no rosto. — Ele me atropelou, — digo a ela. — Então continuamos nos vendo pela cidade e toda vez eu perdia toda a funcionalidade da boca.

— Espero que nem *toda a* funcionalidade da boca, — ela diz com um sorriso.

— Pippa!

— Dane-se, — ela brinca, revirando os olhos. — Continue.

Eu sorrio, no meu elemento. — Quase nos beijamos algumas vezes. Foi estranho. Então eu decidi que bastava e apareci em sua cabana na floresta. Estava chovendo. Ele estava sem camisa.

— Oh meu Deus, é como um romance.

Eu rio, meus olhos caindo nos lençóis, mantendo mamãe quente. — E então fizemos amor, logo depois que ele me levantou e me carregou para dentro. Eu me apaixonei por ele e sua filha. Então o bandido apareceu e tentou destruir a nossa felicidade. Ele pagou com a vida.

— Verdade, — ela sussurra, os olhos brilhando com uma mistura de felicidade e tristeza. — Não me diga que é mentira, porque *vou* morrer de decepção.

— Verdade, — respondo baixinho, olhando para a porta.

— E agora eu gosto mais dele, — diz Pippa em um sussurro ofegante. Eu rio levemente. — Você é casada e todas as coisas terríveis.

— Eu tenho olhos. — Ela me dá um sorriso diabólico, e então nós duas pulamos de nossas cadeiras ao mesmo tempo, cada um de nós em uma maldição alta. Eu olho para minha mãe, rapidamente pegando sua mão novamente, que eu perdi no meio do salto. Vejo minha irmã fazer o mesmo no limite da minha visão.

— Você sentiu isso? — Eu pergunto com meu coração batendo loucamente.

— Eu não sei.

Eu desço de volta para a cadeira, exatamente quando Ryan entra pela porta. — Tudo certo? — Ele pergunta.

— Ela se mexeu, — digo a ele. — Ela definitivamente se mexeu.

— Chame a enfermeira, — ordena Pippa gentilmente, e Ryan obedece imediatamente, movendo-se o mais rápido que pode. — Ela não se mexe há quase uma semana, — diz ela, sentando-se também, mas se movendo para a beira da cadeira, chegando o mais perto possível da cama de mamãe como eu. — Nem mesmo acordou.

Oh meu Deus, ela ouviu nossa conversa terrível? Eu sorrio, esperando que ela tenha. Ela teria rido conosco se pudesse.

Então eu sinto isso de novo. Um aperto muito leve na minha mão e quase saio da minha pele. — Pronto, — digo em voz alta. — Ela fez de novo.

— Oh meu Deus. — Pippa envolve a mão de mamãe nas duas mãos e eu me inclino um pouco mais, descansando meu queixo no braço dela. — Estou aqui, mãe, — digo a ela. — Eu e Pippa. Nós duas estamos aqui.

— Novamente! — Pippa deixa escapar, me fazendo pular. — Eu senti de novo.

Minha garganta está entupida, e encontro minha irmã, vendo o rosto dela em uma bagunça vermelha e manchada, como eu tenho certeza que o meu está. Eu sorrio através das minhas lágrimas, sentindo a mão de mamãe flexionar de leve novamente.

— Ela sabe que você está aqui. — Os olhos de Pippa transbordam, a cabeça tremendo. — Ela estava esperando por você.

Soluço, esperando que minha irmã esteja certa, enquanto espero com tanta paciência por outro sinal de vida dela.

A enfermeira entra no quarto e eu olho para minha mãe, observando-a, sabendo que outro movimento não virá. Ela estava esperando para saber que eu estava bem? Apenas esperando que eu chegasse aqui para me despedir?

Eu olho para minha irmã enquanto ela olha para mim, nós duas sorrindo através das lágrimas.

Ela estava. Ela estava esperando suas meninas voltarem a ficar juntas. E agora ela está em paz.

35

Ryan

Eu sou realista. Sempre fui. Eu sei que vai levar tempo para Hannah se recuperar completamente, e eu a ajudarei. A cada passo do caminho, eu estarei aqui por ela. Sólido. Dedicado. Loucamente e totalmente apaixonado por ela.

Enquanto as duas irmãs se abraçam, espero pacientemente, apesar de estar em condições de cair. Mas apenas ver seu rosto, vê-la segurar a mão de sua mãe, valeu cada punção implacável de dor.

Os olhos de Hannah estão inchados quando ela se aproxima de mim depois de se despedir de Pippa com a promessa de ligar para ela amanhã. Eu posso sentir a paz nela como se eu mesmo estivesse sentindo. Eu fiz a escolha certa. Estou tão feliz por ter apostado na ideia. Trazer Hannah aqui era o melhor.

Ela não diz nada quando para diante de mim. Ela apenas olha para mim com aqueles grandes olhos azuis lacrimejantes e

acena com a cabeça, tão suavemente que quase não consigo entender. Mas eu entendo.

Não são necessárias palavras. Eu não tenho que dizer a ela como sinto muito por sua perda. Ela sabe disso. Ela me lê. É a coisa mais linda do nosso relacionamento. Dizemos muito um ao outro sem dizer nada.

Eu a puxo para dentro de mim, beijo-a com todo o amor que tenho, demorando muito tempo, antes de levá-la até o táxi esperando do outro lado da estrada.

A viagem é tranquila. Deixei que ela tivesse tempo, contente por estar aqui. Somente... estar aqui. Eu sempre estarei.

Enquanto subimos a rua principal em Hampton, sento-me no banco, vendo Alex do lado de fora da loja do Sr. Chaps, arrastando seus Vans no meio-fio enquanto ela chupa um pirulito. Não a vejo há seis dias, e meu coração está doendo com a ausência dela. Darcy manteve nossa filha na casa de sua amiga, como ela disse que faria, deixando-a se aventurar nas pistas de obstáculos, ficando bagunçada além da conta. Meu pescoço se move para mantê-la na minha vista enquanto passamos, e sorrio, dizendo a mim mesmo que a verei em breve. Que eu compensarei o tempo perdido.

— Pare! — Hannah grita, me fazendo sacudir quando o táxi pisa no freio.

Eu gemo, caindo no meu lugar.

— Merda, me desculpe. — Hannah estende a mão e me dá um tapinha sem sentido. — Deveríamos ver Alex, — diz ela, e olho pela janela, vendo minha garota tirar o boné e colocá-lo de trás para a frente.

— Ela acha que nós sofremos um acidente de carro, Hannah, — eu admito. Foi tudo o que pude pensar. Darcy estava me pressionando. Eu não tinha escolha a não ser besteira, se quisesse fugir da mente afiada de Alex. Suas ligações foram implacáveis, pergunta após pergunta, — Quem, onde, como?

— Bem, parece mais como se você tivesse sido atropelado, mas tanto faz, — diz Hannah com total indiferença, alcançando através de mim e abrindo a porta. — Saia.

Eu não discuto com ela. Por que diabos eu discutiria? Afastando-me do carro, levanto-me para descobrir que Hannah já chegou a mim. Ela estende a mão. Eu pego. E nós seguimos pela rua principal em direção a minha filha, constantemente lançando olhares um para o outro enquanto avançamos. Eu posso ver a felicidade de Hannah. Ela também sentiu falta do meu Repolho fedido.

Paramos do lado de fora da loja, a alguns metros de Alex, que ainda não percebe nossa presença, e sinto Hannah apertar

minha mão. Mas ela não está olhando para Alex. Ela está olhando para a banca de jornais do lado de fora da loja.

GIGANTE DA TECNOLOGIA ENCONTRADO MORTO

EM SEU CASTELO ESCOCÊS

Não preciso ir para ver as letras pequenas. Jake me enviou ontem à noite. O pobre Jarrad Knight ficou contra algumas pessoas erradas. Eu li a coisa toda com um lábio enrolado e depois mandei uma mensagem à Lucinda, um simples *obrigado*. Não recebi resposta.

Eu me viro para Hannah, preocupado que isso possa desencadear algo. — Ha... — Me impeço de tentar tranquilizá-la quando a vejo sem expressão enquanto olha para a foto de seu ex-marido morto. Não há ansiedade. Nem medo. Nem raiva. Nada.

Ela respira, olha para mim, se inclina e beija meu queixo, e depois redireciona sua atenção no caminho para Alex. — Ei, Repolho fedido, — ela chama.

Alex sai com seus Vans desgastados e nos vê. — Papai! — Ela grita. — Oh meus Deus, pai! — Ela corre em nossa direção rapidamente, e eu largo a mão de Hannah, instintivamente me preparando para pegar minha garota. Mas ela para

abruptamente antes de pular em meus braços, me deixando pendurado. — Você parece uma porcaria, — diz ela, fazendo uma avaliação longa e prolongada de mim.

Eu me endireito, bastante chateado. — Obrigado.

— Muitos danos à caminhonete?

— Perda total.

— E você parece um inferno também, — diz ela, olhando para Hannah, que então olha para mim como se eu pudesse oferecer alguma orientação. Não posso. Não sei o que dizer ou fazer. Então eu dou de ombros. Eu só queria um abraço, pelo amor de Deus.

Hannah retorna meu encolher de ombros, e assistimos juntos o sorriso de Alex quebrar, sendo construído até que esteja dividindo seu rosto. — Eu senti tanto a falta de vocês! — Ela agarra a nós dois e nos puxa, um de seus braços em volta de cada um de nossos pescoços.

Engulo a dor e olho através do ombro dela, vendo os olhos de Hannah se fecharem, seu sorriso pequeno, mas pacífico. — Eu estoquei a geladeira com cerveja e o freezer com o Chunky Monkey, — declara Alex. — Vamos comer hambúrgueres hoje à noite.

— Onde você comprou cerveja? — Eu pergunto.

— Eu não fiz. Mamãe fez. — Ela nos libera e se coloca entre nossos corpos, dando uma mão em cada um dela. Darcy me comprou cervejas? — Eu vou cozinhar, — Alex continua. — Fica por minha conta. E eu também vou fazer café da manhã na cama para vocês. — Ela continua a planejar a noite, enquanto Hannah e eu permanecemos em silêncio, constantemente olhando um para o outro enquanto Alex nos guia.

— Alexandra!

Paramos e nos viramos, e vejo Darcy do lado de fora da loja com uma sacola de compras. Ela me olha, de cima para baixo, uma pequena carranca no rosto. — Ei, mãe, — Alex fala. — Vou sair com papai e Hannah hoje à noite.

Espero fogos de artifício. Não há nenhum. — Ok, querida. — Darcy continua a caminho do carro, olhando para mim antes de cair no banco. Ela me dá um grande sorriso, o sorriso mais genuíno e humano que eu já vi enfeitar seu rosto. Essa é outra parte da paz que preciso encaixar. Eu retribuo o sorriso dela, esperando que ela veja como estou agradecido.

Eu sei que ela faz quando assente levemente.

— Então, eu te contei meus planos, — diz Alex, voltando a andar, balançando as mãos enquanto avançamos. — Agora me diga os seus.

Por mim tudo bem. — Bem, depois que você nos alimentar e regar, vou perguntar a Hannah se podemos ir para a casa dela, arrumar todas as coisas dela e levá-las para a cabana.

Hannah olha para mim, não em choque, mas mais em um *Oh?* — Tudo bem, — ela diz com um sorriso.

— Parece bom para mim, — Alex concorda sem pensar duas vezes.

— Então eu vou pedir para ela se casar comigo, — declaro alto e orgulhoso. — E espero que ela diga sim.

A cabeça de Hannah se move, seus olhos azuis arregalados, mas definitivamente encantados. — Acho que você terá que perguntar e descobrir.

— Por favorzinho, — Alex zomba, seu passo se transformando em mais um pulo. — Você *precisa* dizer sim.

— Vamos ver, — Hannah reflete casualmente.

Eu deixei meu sorriso escapar, minha mente imediatamente correndo com todas as maneiras que eu poderia perguntar a ela. É obvio. O lago. Tem que ser o lago. — Sim, nós vamos, — eu concordo.

— Gosto muito desse plano, — canta Alex, completamente imperturbável. — Então o que?

— Então, — eu digo, me forçando a começar a pular com ela, desconsiderando facilmente a dor. Estou feliz demais para qualquer outra coisa se infiltrar nos meus nervos. — Espero que um dia possamos ter mais filhos e todos vamos viver felizes para sempre.

— Eu sabia! — Alex grita. — Um bebê irmão ou irmã! Eu esperava que você dissesse isso.

Hannah começa a rir, saltando também. — Vamos precisar de mais espaço.

Ponto justo. Eu não tinha pensado nisso. — Então eu vou estender a cabana.

Hannah para, puxando eu e Alex para uma parada com ela. — Talvez possamos usar isso para pagar as obras. — Ela tira algo do bolso e o segura. O anel de diamante amarelo em forma de coração.

— Oh meu Deus, essa é uma pedra enorme. — Alex tenta arrancá-lo entre os dedos, mas Hannah rapidamente retrai a mão. — Ei, eu quero ver, — Alex lamenta.

— Nós não precisamos disso, — digo baixinho enquanto olho para o anel, forçando meu lábio a não enrolar.

Hannah sorri, respira e caminha até a calçada. Olhando para o ralo, ela segura o anel acima dele e solta um pouco de ar.

Alex engasga e corre, olhando a lacuna. — Por que você faria isso?

— É apenas um pedaço de lixo, — diz Hannah, virando-se para mim. Nós olhamos um para o outro por alguns momentos, nossos sorrisos crescem até estarmos sorrindo um para o outro.

— Vocês dois precisam consultar outro tipo de médico. — Alex se arrasta, balançando a cabeça. — Seus malucos.

Hannah ri enquanto corre para mim, se jogando em meus braços à espera e envolvendo todos os membros ao meu redor. Não sinto absolutamente nenhuma dor. Tudo o que sinto é uma felicidade incalculável, contentamento e, o melhor de tudo, a paz de Hannah irradiando de cada centímetro de sua forma perfeita.

Ela me aperta até a morte antes de se afastar e olhar para mim, seu sorriso vertiginoso. Então ela me dá o tipo de beijo que envergonha todos os nossos beijos anteriores. Porque esse aqui... este tem aceitação nele.

E como sempre, isso me deixa sem fôlego.

Fim

WICKED 1 ANO LADY

Leave me BREATHLESS JODI ELLEN MALPAS

Agradecimentos

Existem alguns marcos importantes que tenho ao escrever uma nova história. Há uma onda inicial de emoção, porque estou prestes a criar um mundo totalmente novo com novos personagens. Sempre há um ponto em que eu questiono se estou escrevendo um monte de merda de cachorro. Há um momento em que tenho um leve ataque de pânico, porque já tenho dezenas de milhares de palavras e nem sequer comecei. Há um momento em que eu bato meu punho na minha mesa com um grito, porque uma reviravolta não planejada surgiu do nada e é brilhante demais. E depois chega o fim quando me sento, sorrio e abro uma garrafa de vinho.

Certo, se você me conhece, sabe que provavelmente bebi algumas *caixas* de vinho no tempo que me levou a escrever um livro. Mas aquela garrafa final? Essa é a melhor.

Leave Me Breathless seguiu minha rotina de escrita habitual. Levou-me a todos os lugares que eu costumo ir e mais alguns. Isso se manifestou em minha mente por meses antes de chegar às páginas e, quando comecei, não consegui parar. Espero que, quando você começar a ler, não consiga parar.

Eu não posso te dizer o quanto eu adoro deixar minha imaginação aparecer nas páginas para vocês lerem. É a jornada mais incrível, de uma ideia a ouvir suas reações quando vocês leem minhas palavras. Muitas pessoas participam dessa jornada e todas merecem um novo agradecimento a cada romance meu que é publicado.

Em primeiro lugar, meu lindo agente, Andy, que é um rock absoluto. As pessoas incríveis nas minhas editoras, Grand Central e Orion. Meus editores fabulosos, Leah e Victoria, cuja contribuição é inestimável e torna minhas histórias as melhores possíveis. Minha assessora da Rockstar, Nina, que está lá para mim dia e noite. Literalmente. Minha equipe de mídia social da Rocket, especialmente Joe, que é um pacote adorável de felicidade e emoção. Te amo Joe! As garotas que cuidam das páginas de fãs, Lisa P, Bongo, Patty e Lisa S. Acho que vocês sabem mais sobre mim do que eu! E, finalmente, minhas duas garotas, Zoe e Ava, que fazem todas as coisas que eu não posso fazer quando estou perdida em minha imaginação.

Sem todos vocês, eu ainda escreveria minhas histórias, sim, mas tenho certeza absoluta de que ninguém jamais as leria. Obrigada a todos por tudo o que fazem para divulgar minhas histórias e manter o mundo do JEM vivo.

JEM x